

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**O Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém - Fontes para o
conhecimento da sua trajetória histórica**

Ana Pedro Custódio Almeida

Relatório de Estágio orientado pela Professora Doutora Maria João Neto
elaborado para a obtenção do grau de Mestre em História da Arte e
Património

2022

Índice

Resumo.....	7
Abstract	8
Agradecimentos.....	9
Introdução	10
Objetivos gerais do estágio	13
Metodologia utilizada na investigação.....	14
Capítulo I. As fontes visuais relativas ao Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém (séculos XVI - XX)	16
1. Definição de inventário.....	16
2. Técnicas e métodos de inventariação.....	17
3. A importância das bases de dados na partilha de informação e na construção de conhecimento.....	19
4. As fichas de inventário das fontes iconográficas visuais dos dois monumentos .	21
5. O Monumento enquanto espaço expositivo	24
6. Apresentação da exposição “Iconografias do Património: 500 anos do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém”, com curadoria da equipa MJ/TB.....	26
Capítulo II. As Comemorações Henriquinas na Torre de Belém: o contexto da aquisição de peças de mobiliário dos séculos XV-XVI	28
1. O contributo do Infante D. Henrique para os Descobrimentos	28
2. A figura do Infante através da bibliografia dos séculos XV-XX	29
3. A iconografia henriquina na escultura dos séculos XV-XX	43
4. <i>A Exposição do Mundo Português</i> de 1940, bases para as Comemorações Henriquinas de 1960	48
5. Âmbito histórico-cultural das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.....	53
6. <i>A Exposição Histórica</i> de 1960 na Torre de Belém.....	59

7. As peças de mobiliário e o seu trajeto até aos dias de hoje – Contributo para o núcleo expositivo que reunirá as peças de mobiliário da Torre de Belém	65
Considerações finais.....	87
Fontes e Bibliografia	90
Fontes manuscritas.....	90
Fontes impressas	90
Bibliografia geral	92
Bibliografia específica	93
Anexos.....	96

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - As fichas de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém.....	22
Gráfico 2 – Trajeto sofrido pelas peças de mobiliário e castiçais (1960 – 2020).....	84

Índice de Anexos

Anexo 1 - Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos, organizada cronologicamente e por tipologia artística.	96
Anexo 2 - Ficha de inventário das fontes iconográficas da Torre de Belém, organizada cronologicamente e por tipologia artística.....	168
Anexo 3 - Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém, organizada cronologicamente e por tipologia artística	276
Anexo 4 - Ficha de inventário do Claustro do Mosteiro dos Jerónimos, organizada cronologicamente e por tipologia artística.....	295
Anexo 5 - Ofício enviado pelo Padre Manuel António Guerreiro do Rosário à direção dos Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém a 30 de setembro de 2020.	345
Anexo 6 - Relatório “Peças da Torre de Belém localizadas na Igreja Matriz de Santiago do Cacém (2020).	348
Anexo 7 - Resumo do processo: “Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém” (1954-1970)	353
Anexo 8 - Ofício de 1994 com a lista original das 21 peças incorporadas em 1958, que separa os bens adquiridos em Londres e os adquiridos em Madrid.....	360
Anexo 9 - Inventário de 1982 realizado na Torre de Belém pelo comissário técnico, Sebastião Formosinho Sanchez.....	365
Anexo 10 - Protocolo de 2005 celebrado entre a APL e o IPM (Instituto Português de Museus).....	368

Índice de Figuras

Figura 1 - Infante D. Henrique na iluminura do códice Crónica dos Feitos de Guiné, na edição de 1841 dada a conhecer pelo Visconde de Santarém. Retirada da Biblioteca Nacional de Portugal.	377
--	-----

Figura 2 - Painel do Infante, da autoria de Nuno Gonçalves, localizado atualmente no Museu Nacional de Arte Antiga.....	378
Figura 3 - Túmulo do Infante D. Henrique no Mosteiro da Batalha.	379
Figura 4 - Infante D. Henrique no portal sul do Mosteiro dos Jerónimos.....	379
Figura 5 - Infante D. Henrique no coruchéu da Igreja do Convento de Cristo.	380
Figura 6 - Infante D. Henrique na fachada do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.	381
Figura 7 - Estátua do Infante D. Henrique, na Praça do Infante D. Henrique, Porto. .	381
Figura 8 - Estátua do Infante na Exposição Colonial de Vincennes, em Paris, 1931.	382
Figura 9 - Estátua do Infante D. Henrique, da autoria do escultor Simões de Almeida (sobrinho) em Vila Franca do Campo, São Miguel, Açores.	382
Figura 10 - Pintura O Sonho do Infante (1905) de José Malhoa, no Museu Militar...	383
Figura 11 - Estátua do Infante D. Henrique, da autoria de Salvador Barata Foyo, na Praça Portugal, Brasília.....	383
Figura 12 - Pormenor do Infante D. Henrique, no Padrão dos Descobrimentos.....	384
Figura 13 - Estátua do Infante D. Henrique em Lagos, da autoria de Leopoldo de Almeida.....	385
Figura 14 - Estátua do Infante D. Henrique, em Viseu, da autoria de Joaquim Martins Correia.....	386
Figura 15 - Estátua do Infante D. Henrique, em Tomar, da autoria de Henrique Moreira.	386

Índice de Fotografias

Fotografia 1 - Aspeto da Exposição Histórica na Torre de Belém (sala do Governador - 1º piso), 1960.	387
Fotografia 2 – Interior da Torre de Belém - sala do 2º piso (sala Régia).....	387
Fotografia 3 - Interior da Torre de Belém - sala do 2º piso (sala Régia).	388
Fotografia 4 - Interior da Torre de Belém - sala das Audiências (3º piso).	388
Fotografia 5 - Interior da Torre de Belém - sala das Audiências (3º piso).	389
Fotografia 6 - Interior da Torre de Belém - sala do Oratório 4º piso.	389
Fotografia 7 - Interior da Torre de Belém - sala do Oratório 4º piso.	390

Fotografia 8 - Arca renascença com tampo abaulado, trabalho flamengo do século XVI.	391
Fotografia 9 - Possíveis arcas, sendo que duas destas poderão ser as mencionadas na “Relação das fotografias do Mobiliário da Torre de Belém” – 1958. ..	392
Fotografia 10 - Possíveis arcas, sendo que duas destas poderão ser as mencionadas na “Relação das fotografias do Mobiliário da Torre de Belém” – 1958. ..	392
Fotografia 11 - “Arca de estilo gótico, de nogueira, pintada de vermelho (a pintura foi tirada no processo de restauro), cinco painéis, com uma fechadura” - “Relação das fotografias do Mobiliário da Torre de Belém” – 1958. Mencionada como “escabelo” no relatório redigido pela Diretora Dalila Rodrigues.	393
Fotografia 12 - Genuflexório “com porta e estante em estilo gótico em madeira de carvalho” e banco Tudor de genuflexório.	393
Fotografia 13 - “Estante de leitura com rosca, estilo rústico gótico em carvalho”.....	394
Fotografia 14 - Tampo e pés duplos separados da mesa de refeitório.	394

Resumo

Este relatório narra e analisa todo o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio realizado no Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém de outubro de 2020 a janeiro de 2021, tendo como objetos de estudo principais as fontes iconográficas referentes aos dois monumentos e as peças de mobiliário de época localizadas na Igreja Matriz de Santiago do Cacém em 2020.

A tarefa de levantamento de fontes iconográficas já se encontrava iniciada quando comecei o estágio, contudo foi recolhido um número significativo de fontes dos séculos XVI ao XX, retiradas de livros, bases de dados e pesquisa livre na *web*. A inventariação e organização das mesmas possibilitaram uma análise mais aprofundada da história do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém através das transformações sofridas ao longo dos séculos. Todo este trabalho irá contribuir para a criação de uma base de dados e a conceção de uma exposição intitulada *Iconografias do Património: 500 anos do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém*.

O segundo objeto de estudo consiste em traçar o percurso das peças de mobiliário expostas em 1960 na Torre de Belém para as comemorações henriquinas, por via de investigação documental, com o objetivo de compreendermos o motivo do depósito das mesmas na Igreja Matriz de Santiago do Cacém e todo o contexto político e cultural que envolveu o V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

PALAVRAS-CHAVE: Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, fontes iconográficas, inventariação, V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, *Exposição Histórica*, peças de mobiliário dos séculos XV-XVI.

Abstract

This report narrates and analyzes all the work developed within the scope of the internship done at the Mosteiro dos Jerónimos and Torre de Belém from October 2020 to January 2021. The main research subjects are the iconographic sources referring to the two monuments and the pieces of furniture from that period, located in the Igreja Matriz de Santiago do Cacém in 2020.

The work of surveying iconographic sources had already begun when I started the internship, however a significant number of sources from the 16th to the 20th centuries were collected, taken from books, databases and free web research. The inventory and organization of the same allowed a deeper analysis of the Mosteiro dos Jerónimos and Torre de Belém history, through the transformations suffered over the centuries. All this work will contribute to the creation of a database and to an exhibition entitled *Iconografias do Património: 500 anos do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém*.

The second object of study is to trace the path of the pieces of furniture exhibited in 1960 in the Torre de Belém for the *Comemorações Henriquinas*, through documentary research, with the aim of understanding the reason for their deposit in the Igreja Matriz de Santiago do Cacém and the entire political and cultural context that involved the *V Centenário da Morte do Infante D. Henrique*.

KEYWORDS: Mosteiro dos Jerónimos, Torre de Belém, iconographic sources, inventory, V Centenary of the Death of Infant D. Henrique *Exposição Histórica*, furniture pieces from the 15th-16th centuries.

Agradecimentos

Este trabalho foi o culminar de um percurso académico que durou cerca de 3 anos. Foi, sem dúvida, um dos maiores desafios que enfrentei que não teria sido concretizável sem o contributo de algumas pessoas e por isso, queria manifestar os mais sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Professora Doutora Maria João Neto pela sua orientação e disponibilidade durante o processo de investigação e redação do presente relatório.

À Doutora Dalila Rodrigues e toda a equipa do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, por me terem acolhido tão bem na sua instituição e me terem proporcionado uma experiência tão enriquecedora e desafiante.

Aos meus amigos, pelas palavras de incentivo e paciência inesgotável durante o mestrado.

Por fim, o meu mais profundo agradecimento à minha família, sobretudo aos meus pais, pelo apoio incondicional e carinho demonstrados ao longo de todo o meu percurso académico.

Introdução

O presente relatório pretende apresentar o trabalho desenvolvido no âmbito do estágio curricular no Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém que tomou início a 6 de outubro de 2020 e terminou a 31 de janeiro de 2021. Finalizadas as atividades de estágio, iniciei a redação deste relatório, procedendo ao trabalho de investigação de outros tópicos interrelacionados com as mesmas, com vista à complementaridade e consolidação dos meus conhecimentos e capacidade crítica.

A escolha do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém para local de realização do estágio curricular deveu-se ao interesse, prestígio e riqueza histórico-artística dos dois monumentos. O Mosteiro dos Jerónimos a par da Torre de Belém foram classificados em 1907 como Monumento Nacional e em 1983, Património Mundial pela UNESCO.

Apesar dos dois edifícios serem arquitetonicamente distintos, ainda que obedecendo ao estilo manuelino, e terem sido concebidos com finalidades diferentes, o primeiro com funções religiosas e o segundo com funções militares e fiscais, ambos são produto do reinado de D. Manuel I (século XVI) e partilham de uma localização geográfica próxima, o que lhes confere uma correlação, revigorada pelas inúmeras referências escritas e visuais ao longo dos séculos.

Um exemplo fundamental e provavelmente o primeiro que sustenta a ligação entre os dois monumentos, encontra-se na obra *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, de Damião de Góis de 1566-67 que refere que “Defronte deste edifício mandou el Rei fazer ha torre de S. Vicente, que se chama de Belém fundada dentro na agua, para guarda deste Mosteiro, e do porto de Lisboa, edificio que ainda que em si não seja grande em quantidade, contudo a estrutura dele é magnifica”. Para além disso, a vinculação entre ambos fica oficializada segundo o Decreto-Lei nº 377/84 de 30 de novembro de 1984 que refere o seguinte: “a Torre de Belém e o Mosteiro dos Jerónimos pelas relações históricas, artísticas e estéticas que os unem, foram considerados pela UNESCO um todo único e integrados como um só imóvel na Lista do Património Mundial” (Ministérios das Finanças e do Plano, 1984). São, por isso, considerados, atualmente, pela Direção Geral do Património Cultural, responsável tutelar, como uma instituição só.

Aceite o estágio, foi definido o meu plano de trabalhos e definidos os objetivos a concretizar com a Diretora do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, a Professora

Dalila Rodrigues. Dada a necessidade da Direção dos dois monumentos de localizar o máximo de fontes iconográficas a eles associadas, foi-me sugerido dar continuidade ao espólio reunido anteriormente.

Considero, que o meu trabalho foi centrado, fundamentalmente, em dois objetos de estudo, correspondentes aos dois capítulos: a inventariação de fontes iconográficas dos dois monumentos e descobrir o trajeto das peças de mobiliário de época, localizadas na Igreja Matriz de Santiago do Cacém.

O documento divide-se em três partes estruturantes. Antes de expor o trabalho de investigação, apresento a primeira parte introdutória do relatório, composta pelos *Objetivos gerais do estágio* e a *Metodologia utilizada na investigação*, essenciais para percebermos em torno de que tarefas me debrucei durante o processo de estágio e de que modo ia atuar para atingir os objetivos delineados pela instituição de acolhimento.

A segunda parte diz respeito ao primeiro capítulo, *As fontes visuais relativas ao Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém (séculos XVI – XX)*, mais precisamente nos três primeiros refiro algumas obras que consultei, que refletem acerca do processo metodológico em que consiste a inventariação e as indicações teóricas seguidas em Portugal e, também, noutros países e acerca do desenvolvimento a que assistimos nos sistemas de bases de dados de algumas instituições museológicas e monumentos.

No quarto subcapítulo são mencionados os locais onde fiz pesquisa de fontes com iconografia do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém e de que forma organizei as fichas de inventário, acompanhado da análise de algumas fontes mais relevantes.

Relativamente ao subcapítulo 5 faço uma reflexão sobre a importância da conceção de uma exposição num monumento e no sexto e último deste capítulo faço uma introdução à exposição com lugar no Mosteiro dos Jerónimos que irá expor algumas das fontes iconográficas inventariadas.

A terceira parte corresponde ao segundo capítulo, *As Comemorações Henriquinas na Torre de Belém: o contexto da aquisição de peças de mobiliário dos séculos XV-XVI*, subdividido em sete subcapítulos. Ao longo dos subcapítulos é possível constatar que parto de um ponto de vista mais geral até a um mais específico e incisivo daquele que é o meu objeto de estudo: o trajeto das peças de mobiliário.

No primeiro subcapítulo apresento alguns dados biográficos do Infante D. Henrique e o seu contributo para a unificação dos povos. O subcapítulo 2 aborda a forma como a figura do Infante se foi construindo através dos autores da época até ao século XX. No terceiro subcapítulo faço uma análise iconográfica das principais representações do príncipe Navegador através da escultura desde a sua contemporaneidade até ao século XX, centúria onde se assiste à maior produção de estatuária com iconografia henriquina.

Já no quarto subcapítulo demonstro de que modo a *Exposição do Mundo Português* de 1940 influenciou e propulsionou, 20 anos mais tarde, as Comemorações Henriquinas, nomeadamente a reconstrução do Padrão dos Descobrimentos. No subcapítulo 5 procurou-se contextualizar politicamente, historicamente e culturalmente o âmbito em que se inseriam as Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique e no subcapítulo 6 trato, especificamente, a *Exposição Histórica* de 1960 que continha as peças de mobiliário descobertas.

Por último, no subcapítulo 7 exponho todo o trabalho de investigação documental com vista a traçar o percurso das peças em questão desde a sua exposição em 1960 na Torre de Belém até à sua localização em 2020 na Igreja Matriz de Santiago do Cacém.

Objetivos gerais do estágio

O estágio curricular no Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém desenvolveu-se em torno de duas atividades principais: a primeira ficou definida inicialmente e a segunda surgiu durante o processo de estágio.

O primeiro tema do meu relatório tem que ver com as fontes iconográficas com referência ao Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém. Os objetivos desta atividade foram:

1. Atualizar e expandir os inventários de fontes visuais (que já tinham sido iniciados);
2. Organizar e sistematizar as fontes visuais por tipologias artísticas, cronologia e localização;
3. Tratamento destes dados com vista a uma base de dados a disponibilizar online e a uma exposição, intitulada *Iconografias do Património: 500 anos do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém*, com curadoria da equipa MJ/TB.

Decorriam estes trabalhos, quando surgiu o segundo tema do meu relatório que está relacionado com uma exposição realizada na Torre de Belém, em 1960, no contexto V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, intitulada a *Exposição Histórica*. O tópico surgiu devido à descoberta de peças de mobiliário pertencentes à Torre de Belém, localizadas atualmente na Igreja Matriz de Santiago do Cacém. Este tema tem também uma vertente de pesquisa, pois exigiu o levantamento e a consulta de muita documentação dispersa por várias instituições. Os seus objetivos foram:

1. Estudar, contextualizar e caracterizar as Comemorações Henriquinas, no que diz respeito aos tipos de iniciativas realizadas, principalmente, à oferta cultural em termos de exposições e encomenda de estatuária, mas com principal atenção à Torre de Belém e à aquisição de peças de mobiliário da época;
2. Investigar o trajeto das peças de mobiliário desde 1982, data da sua retirada da Torre de Belém documentada pela Professora Dalila Rodrigues até à sua localização atual, na Igreja Matriz de Santiago do Cacém (2020);

3. Contribuir para a conceção de um núcleo de expositivo que reunirá as peças de mobiliário da Torre de Belém.

Metodologia utilizada na investigação

Numa primeira fase do meu estágio, com início a 6 de outubro de 2020, comecei a minha investigação acerca da história do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém através da leitura de várias obras disponíveis no Mosteiro dos Jerónimos para facilitar a primeira tarefa: a atualização e expansão das fichas de inventário de fontes visuais dos dois monumentos.

Nesta etapa, o trabalho foi de caráter inteiramente investigativo, uma vez que para dar continuidade ao trabalho de inventário já iniciado, foi necessário recolher mais fontes e, por isso, procedi à busca das mesmas em livros, na *web* e em bases de dados.

De seguida, reunidas todas as fontes, dei início à tarefa de organização das fichas de inventário cronologicamente e por tipologia artística com grande rigor para a leitura das mesmas ser a mais clara possível¹. Deste modo, tornar-se-á mais simples planear a exposição que exhibirá algumas destas fontes visuais referentes aos dois monumentos e, futuramente, no lançamento da base de dados.

Durante o meu processo de estágio, numa fase mais avançada, surgiu um novo desafio que ocupará o último capítulo deste relatório: contribuir para a conceção de um núcleo de exposição de mobiliário da Torre de Belém numa das salas do Coro-alto no Mosteiro dos Jerónimos. Para este tema, a instituição requer alguma reserva científica, pois o processo encontra-se em curso. Este projeto nasce da descoberta de peças de mobiliário (algumas delas em mau estado de conservação), outrora pertencentes à Torre de Belém (para a *Exposição Histórica* das Comemorações Henriquinas em 1960) localizadas na Igreja Matriz de Santiago do Cacém em outubro de 2020.

Numa primeira etapa, foi levada a cabo uma pesquisa documental pela Professora Dalila Rodrigues. Contudo, a informação recolhida na primeira fase revelava-

¹ A tarefa de organizar as fichas de inventário por localização não foi iniciada, passando para primeiro plano a investigação acerca das peças de mobiliário, a pedido da Direção da instituição acolhedora.

se insuficiente para concluir a pesquisa documental e passar à próxima etapa (a conceção da exposição). Nesta segunda fase, orientada pela Professora Dalila Rodrigues, procedi eu própria à investigação. Comecei por fazer pesquisas e consultas acerca das Comemorações Henriquinas (1960), em revistas da época localizadas no Gabinete de Estudos Olissiponenses e no *site* da Hemeroteca Digital e elaborei uma sinopse bastante sucinta que descrevia todos os acontecimentos (conferências, exposições, desfiles, festividades e, sobretudo, inauguração de estatuária referente à iconografia do Infante e da Expansão Marítima Portuguesa) que decorreram neste ciclo celebrativo de 9 meses, uma vez que para a direção do monumento é importante cumprir o seu objetivo de fazer uma exposição tão mais didática quanta mais informação lhe é associada.

Já durante o processo de redação do relatório de estágio, considerei fundamental recuar na pesquisa e perceber, em primeiro lugar: qual teria sido o contributo do Infante D. Henrique para os Descobrimentos; como se foi construindo a imagem do Infante desde as fontes ancestrais até ao século XX; quais foram os diferentes estilos iconográficos henriquinos a que se assistiu na escultura desde as fontes coevas do Infante até ao século XX; de que forma a *Exposição do Mundo Português* (1940) propulsionou as Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique (1960) e em que âmbito histórico-cultural se inseriram as celebrações henriquinas. A partir do desenvolvimento destes assuntos, tornou-se mais fácil inferir todo o contexto que antecede o segundo tema do relatório, as peças de mobiliário da *Exposição Histórica* da Torre de Belém.

Mas, faltava compreender mais detalhadamente todo o processo de aquisição das peças e a caracterização das mesmas e de que modo o mobiliário foi exposto aquando das Comemorações. Posto isto, continuei a investigação e identifiquei algumas fontes importantes, tais como: um documentário de 1974 da RTP Arquivos², um processo intitulado “Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém”, um protocolo de 2005 celebrado entre a APL (Administração-Geral do Porto de Lisboa) e o IPM (Instituto Português de Museus) e ainda uma fotografia datada de 1960 que nos mostra o interior da Sala do Governador, localizada no Centro de Arquivo e Documentação dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra. Mais recentemente, e no

² Este documentário insere-se no programa da RTP, “As Pedras e o Homem”, lançado em 1973, onde estão compilados uma série de episódios acerca de monumentos e lugares históricos nacionais.

mesmo arquivo, encontrei um conjunto de fotografias³, onde podemos visualizar o recheio das restantes salas do monumento.

Porém, havia ainda muita pesquisa a fazer para preencher a grande lacuna no trajeto destas peças e apurar como as mesmas são localizadas a outubro de 2020 na Igreja Matriz de Santiago do Cacém, identificadas com a menção “Depósito do Instituto Português de Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana” e sem qualquer informação adicional.

Capítulo I. As fontes visuais relativas ao Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém (séculos XVI - XX)

1. Definição de inventário

Segundo a primeira publicação das “Normas de inventário, volume de Normas Gerais de Inventário para Artes Plásticas e Artes Decorativas” da Direção de Serviços de Inventário / Instituto Português de Museus, 1999, inventário museológico define-se como a relação entre todos os objetos que constituem o acervo de uma instituição (Pinho & Freitas, 1999).

Ana Braga no seu blog “Gerir Coleções” apresenta-nos uma série de textos que abordam de uma forma mais refletida acerca da definição de inventário e outras questões associadas. Na sua redação intitulada “O que é o inventário?”, a autora equipara o conceito “inventário” às bases de dados e define-o como “uma ferramenta, um passo na gestão das coleções, que pode ter diversos objetivos, consoante a organização ou a coleção a que diz respeito e ter diversos graus de complexidade que variam conforme os objetivos a que se destina” (Braga, O que é o inventário?, 2013). De acordo com o conhecimento geral, inventário é uma listagem dos objetos que permite que saibamos num determinado momento o que existe num determinado local. Para Ana Braga, um inventário serve para muito mais do que isso: é “uma ferramenta de gestão, é uma fonte de produção de conhecimento que permite uma visão global e integrada sobre os objetos de uma coleção”. No entanto, a inventariação de uma instituição cultural pode ser mais

³ Estas fotografias apesar de não estarem datadas, aparentam ser da mesma data da primeira devido à qualidade da fotografia.

complexa, pois os objetos não se definem apenas pela sua materialidade, eles carregam em si “múltiplos significados” (Braga, O que é o inventário?, 2013).

Os registos de inventário são, em primeiro lugar, instrumentos importantes para a localização e reconhecimento do objeto e, em segundo lugar, ferramentas essenciais para a investigação, divulgação, gestão de acervo e segurança. O ato de inventariar deve ser uma prática integrada e regular no quotidiano de todas as entidades culturais. Neste sentido, “para o cumprimento dos objetivos do inventário é necessário que este esteja integrado num conjunto de regras e linhas de orientação que reflitam a missão e os objetivos institucionais, e que definam estratégias para a gestão das suas coleções” (Braga, O que é o inventário?, 2013).

2. Técnicas e métodos de inventariação

Na ótica de Ana Braga, a excelência de um registo de inventário prima pela qualidade e utilidade da informação e não pela quantidade. É importante que se opte sempre pela uniformização e padronização do vocabulário, porque, por vezes, o facto de se utilizar termos diferentes para dois objetos semelhantes impossibilita a relação e a leitura entre ambos (Braga, O que é o inventário?, 2013).

A publicação “Normas de Inventário, volume de Normas Gerais de Inventário para Artes Plásticas e Artes Decorativas” do IPM em 1999, já referida anteriormente, foi o ponto de viragem para a adoção de práticas homogéneas por parte da maioria das instituições culturais em Portugal. Este documento foi crucial para todos os museus tutelados pelo IPM e, a partir de 2012 pela Direção-Geral do Património Cultural se guiarem segundo as mesmas linhas orientadoras e conceitos internacionalmente certificados e disporem do mesmo programa de inventário informatizado: o Matriz (Pinho & Freitas, 1999).

No texto “Normalização e gestão de coleções. Que normas?” de Ana Braga, a importância da regularização e homogeneização do vocabulário volta a ser referida. Com o objetivo de facilitar este procedimento, “vários organismos internacionais desenvolveram normas para cada uma das fases do processo de documentação e inventário”. A principal organização internacional a ocupar-se desta problemática foi o ICOM (International Council of Museums), destacando-se o comité que trata

especificamente a questão da documentação museológica, no que diz respeito à estruturação de dados e a controlo da linguagem: o CIDOC - *International Committee for Documentation* (Braga, Normalização e Gestão de Coleções. Que normas?, 2014).

O CIDOC é um organismo de referência internacional e tem como função primordial “a investigação na área do registo e documentação de coleções museológicas e a criação e divulgação de orientações e boas práticas”. Estes procedimentos estão disponíveis no site do CIDOC e são, por isso, acessíveis a todos, salientando-se o *International Guidelines for Museum Object Information: The CIDOC Information Categories* e o *CIDOC Conceptual Reference Model* (Braga, Normalização e Gestão de Coleções. Que normas?, 2014).

A autora refere ainda os organismos responsáveis pelo estabelecimento de normas em alguns países. Nos Estados Unidos da América é de evidenciar o *Getty Research Institute*, mais precisamente a elaboração do *Categories for the Description of Works of Art* e do *Introduction to Controlled Vocabulaires: Terminology for Art, Architecture, and Other Cultural Works*, e ainda o *Introduction to Object ID: Guidelines for Making Records that Describe Art, Antiques and Antiquities*. No Canadá, a entidade principal é o *CHIN (Canadian Heritage Information Network)* que através do *CHIN Humanities Data Dictionary* ou o *CHIN Artefacts Canada Humanities Data Dictionary* é promovida a consistência documental dos inventários (Braga, Normalização e Gestão de Coleções. Que normas?, 2014).

Em Portugal, muitas instituições museológicas adotaram na sua gestão de coleções o *SPECTRUM – The UK Museum Management Standard*, criado pela *Collections Trust*, organismo britânico que está presente já em mais de 7000 instituições de diversos países devido à sua grande acessibilidade e fácil compreensão. Em 2007, no âmbito do doutoramento em Museologia, Alexandre Matos desenvolve um projeto de tradução deste documento normativo que deu origem ao *SPECTRUM.PT* (Braga, Normalização e Gestão de Coleções. Que normas?, 2014).

A DGPC, entidade do poder central que tutela museus e monumentos portugueses criou para estas instituições um software de documentação e inventário: o Matriz. Contudo, o facto de nem todos os museus e monumentos pertencerem à mesma tutela dificulta a uniformização das normas. Há, por isso, ainda no caso português um longo caminho a percorrer (Braga, Normalização e Gestão de Coleções. Que normas?, 2014).

3. A importância das bases de dados na partilha de informação e na construção de conhecimento

Nos últimos anos, temos assistido, de forma gradual, a uma evolução na informatização dos suportes de partilha de informação nas instituições museológicas e monumentos.

De acordo com o texto “Inventário online: porquê e para quem?” de Ana Braga, as instituições culturais aperceberam-se que o “caminho para o futuro” é feito com presença online através do cruzamento de informação em *sites* que funcionam como “catálogos coletivos” disponíveis para a consulta de todos e não apenas para uso interno, como acontecia anteriormente (Braga, Inventário online: porquê e para quem?, 2014).

Em Portugal, a plataforma *Matrizpix* é um dos exemplos de motor de busca de acesso online ao banco de imagens de coleções dos museus, monumentos e palácios tutelados pela DGPC. Já a nível europeu, existe a plataforma *Europeana*, que reúne e partilha o património cultural de milhares de museus, bibliotecas e arquivos europeus (Braga, Inventário online: porquê e para quem?, 2014).

A autora reflete, também, acerca da importância de um museu ou outra instituição responsável pela salvaguarda do património perceber previamente a que tipos de público pretende chegar através da disponibilização de registos de inventário online e qual a melhor forma de os disponibilizar. É, claramente, do interesse de todos chegar a um público cada vez mais alargado e heterogéneo e, por isso, é necessário descodificar a linguagem erudita dos inventários e torná-la mais simples e acessível. As instituições devem ter em conta que a informação será consultada por pessoas com variados níveis de conhecimentos e fins distintos (Braga, Inventário online: porquê e para quem?, 2014).

No entanto, é crucial que a informação nestas bases de dados seja sempre o mais rigorosa e científica possível para que a promoção do conhecimento esteja assegurada. Por exemplo, caso não seja possível ter por base uma linguagem clara para todos, as instituições devem ter disponível nas suas plataformas digitais auxiliares de linguagem, como glossários (Braga, Acessibilidade e Inventário: uma relação impossível?, 2014).

Nos últimos anos, as instituições museológicas têm optado pela criação de bases de dados para partilharem as suas coleções de forma mais detalhada e completa do que aquela que é possível em contexto físico. Estas plataformas online têm-se revelado muito

úteis, uma vez que permitem aos seus utilizadores obter, tratar, confrontar e partilhar a informação de forma imediata e a uma escala global (Braga, O mundo das bases de dados, 2013).

Em relação à temática da informatização de inventários, Pedro Pedreira na sua dissertação de mestrado, intitulada “Os Sistemas de Documentação dos Museus – a informatização dos sistemas de documentação”, refere que a “definição do sistema de inventário depende do tipo de museu, da vocação do museu e da dimensão e da diversidade das suas coleções” (Pereira P. d., 1996). Depois de analisados estes fatores, a instituição deve proceder à escolha do software mais indicado. Segundo o autor, o software escolhido deve ter em consideração o uso amigável, máximo comprimento dos campos e máximo número de registos por ficheiro, formação do pessoal que nele trabalha, sistema flexível com possibilidade de ampliação e de incorporar novos componentes, garantia de segurança de dados, mensagens de erro, proteção das cópias, facilitar correções e atualizações e melhorar a qualidade de resposta a investigadores, escolas e até mesmo ao público geral.

De acordo com a tese anterior, podemos concluir que o processo de exportação de dados para uma plataforma online é algo irreversível, mas não absoluto por dois motivos: o primeiro, porque novas informações estão constantemente a ser descobertas e o segundo, porque novos softwares mais completos e modernos são desenvolvidos todos os dias (Pereira P. d., 1996).

Maria Messias, na sua tese de doutoramento com o título “As tecnologias de informação e comunicação na democratização do museu: estratégias digitais participativas e inclusivas” também aborda o tema das bases de dados digitais. A autora expõe que as mesmas possibilitam a criação de múltiplas narrativas interativas, que resultam da soma das trajetórias tomadas por cada utilizador no seu processo de descoberta, seguindo o seu interesse pessoal. Contrariamente ao que acontece em espaço físico museológico, onde apenas é apresentada uma única narrativa que nem sempre pode satisfazer as necessidades do seu visitante. Deste modo, a evolução das tecnologias digitais facilita o acesso a estes sistemas e, conseqüentemente, dá a conhecer o significado cultural dos objetos universalmente e estabelece conexões personalizáveis com estes (Messias, 2018).

4. As fichas de inventário das fontes iconográficas visuais dos dois monumentos

O trabalho de inventariação de fontes iconográficas visuais do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém era um projeto já em avançado curso na instituição, porém ainda incompleto quando iniciei o estágio e, por isso, foi-me proposto dar continuidade ao mesmo.

Deste modo, fiz pesquisa em vários locais:

- Em livros - Mosteiro dos Jerónimos, Biblioteca Nacional de Portugal e Biblioteca Central da Marinha;
- Na *web* - pesquisa livre e *websites* de algumas leiloeiras, como por exemplo a Cabral Moncada Leilões, Palácio do Correio Velho, Veritas, entre outros, e em antiquários como o de Álvaro Roquette e Pedro Aguiar-Branco;
- Em bases de dados - Matriznet, coleção online do Museu de Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa Fotográfico, Direcção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas - Arquivo Nacional Torre do Tombo;
- No levantamento iconográfico de peças pertencentes a coleções particulares cedidas pelo Dr. Guilherme Abreu-Loureiro, consultor em História e Património e colaborador da instituição neste inventário.

O objetivo consistia em construir um conjunto de fichas de inventário o mais completo possível, não só em termos de quantidade, mas também, em termos de qualidade da informação. O modelo de inventário das fichas estava já criado e, por isso, limitei-me a segui-lo. Portanto, os campos a preencher são:

- Tema/designação, ou seja, *Mosteiro dos Jerónimos* (ou mais precisamente, Fachada Sul, Portal Sul, Portal Axial, Interior da Igreja), *Claustro do Mosteiro Torre de Belém* ou *Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém*;
- Identificação da fonte bibliográfica (caso a fonte seja retirada de um livro, indicando sempre que possível título, autor, editora e ano);
- Identificação da fonte iconográfica, ou seja, material/técnica (pintura: a óleo, a aguarela, a guache, a têmpera, mural; desenho: a aguarela, a guache; gravura: litografia, a aguarela, a água-forte, a água-tinta; azulejo; planta; projeto; fotografia);

- Localização (da fonte em questão, ou da imagem quando não é possível apurar a primeira) e respetivo número de inventário/cota na instituição;
- Informação de legenda;
- Data;
- Número da imagem;
- Imagem correspondente à ficha de inventário.

O facto desta tarefa já se encontrar em avançado estado de desenvolvimento tornou bastante difícil conseguir localizar novas fontes, pois as mais referenciadas já estavam inseridas. Ainda assim, até ao momento consegui inventariar cerca de 32 novas fichas de inventário referentes ao Mosteiro dos Jerónimos de um total de 134, 3 referentes ao Claustro de um total de 78, 76 são referentes à Torre de Belém de um total de 169 e 7 são referentes ao Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém de um total de 18, como podemos observar no gráfico seguinte.

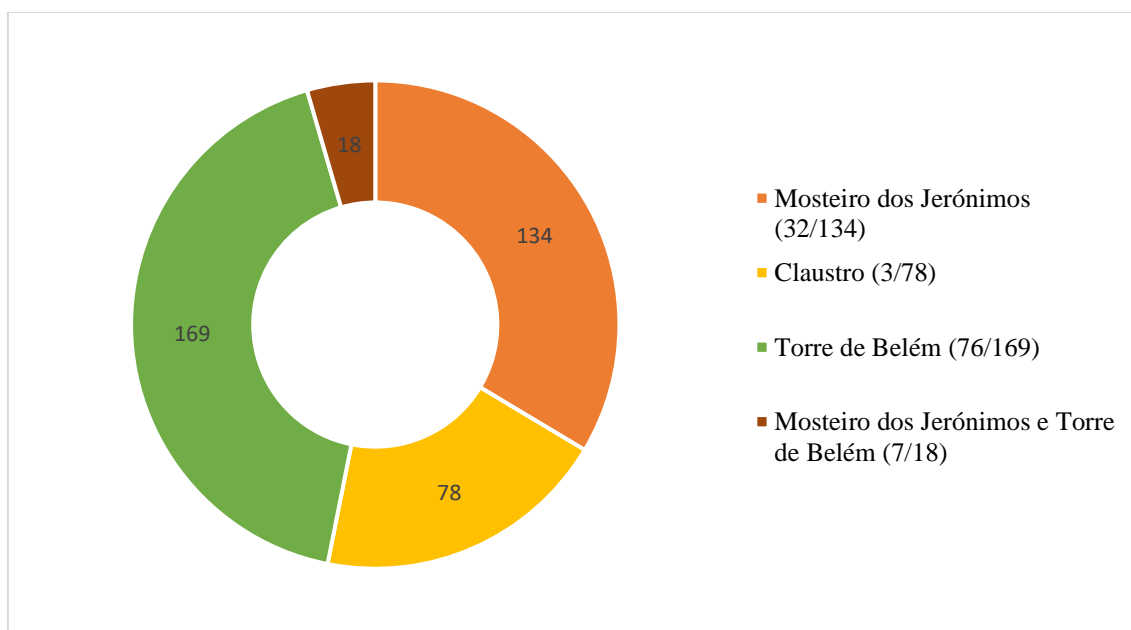


Gráfico 1 - As fichas de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém.

Quero com isto dizer que na *Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos*, as fichas introduzidas por mim começam a partir e inclusive da imagem 103, na *Ficha de inventário das fontes iconográficas do Claustro do Mosteiro*, a partir da imagem 76, na *Ficha de inventário das fontes iconográficas da Torre de Belém*, a partir da imagem 94 e, por último, na *Ficha de inventário das fontes iconográficas do*

Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém, não é possível dizer a partir de que imagem começa uma vez que foram retiradas das suas fichas de designação individual.

Depois de reunidas todas estas fontes iconográficas, avancei para o segundo objetivo: organizar e sistematizar as fontes visuais cronologicamente e por tipologias artísticas, que apresento anexadas ao relatório (Anexos 1-4). Esta tarefa, para além, de poder facilitar, no futuro, o cumprimento do terceiro objetivo (conceção da exposição *Iconografias do Património: 500 anos do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém* e criação de uma base de dados), permite-nos ter uma leitura das fontes completamente diferenciada e única,

O tema/designação referente ao *Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém* foi inserido por mim devido à constatação da existência de algumas fontes visuais que representam os dois monumentos em simultâneo, como por exemplo as pinturas a óleo de Filipe Lobo (imagem 1 - *Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém*) e Dirck Stoop (imagem 9 - *Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém*), com uma composição bastante semelhante (vista panorâmica para a fachada sul do Mosteiro, e para a praia de Belém e ao fundo a Torre de Belém) e a iluminura de António de Holanda (imagem 117 - *Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém*) no manuscrito *Genealogia dos Reis de Portugal, Tavoia Primeira dos Reys - Tronco do Conde Dom Anrique*, onde surge a Torre representada pela primeira vez num manuscrito e o Mosteiro um pouco mais abaixo.

Em relação às fontes que inventariei relativas ao Mosteiro dos Jerónimos, o século XX foi o século com maior produção, sendo a mais antiga um desenho dos finais do século XVI de autor desconhecido (imagem 116 - *Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos*), onde é retratada a *Batalha de Alcântara*.

Gostaria de destacar o desenho de Paul Orcel de 1839 (imagem 104 - *Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos*) dada a sua qualidade e rigor na representação da fachada sul do Mosteiro e realço ainda a possibilidade de observarmos a Sala dos Reis e a antiga torre com “coruchéu piramidal que coroava a pequena torre octogonal” (Alves J. d., 1989).

No que diz respeito à Torre de Belém, foi o monumento com o maior número de representações registadas. As fontes localizadas são na sua maioria provenientes do

século XIX e algumas representam momentos importantes da História de Portugal como é o caso da pintura a óleo de Nicolas-Louis-Albert Delerive (imagem 96 - *Ficha de inventário das fontes iconográficas da Torre de Belém*), que retrata o embarque da Família Real Portuguesa para o Brasil, no Cais de Belém, a 27 de novembro de 1807. Destaco, ainda, o artista João Pedroso, pintor de navios que retrata a Torre de Belém em sete obras diferentes (imagens 94, 102, 113, 135, 136, 144, 145 - *Ficha de inventário das fontes iconográficas da Torre de Belém*).

As fontes mais antigas que localizei são do século XVI, sendo elas: o desenho de Francisco de Holanda de 1571 (imagem 120 - *Ficha de inventário das fontes iconográficas da Torre de Belém*), retirado da obra *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*; a gravura de 1572 (imagem 121 - *Ficha de inventário das fontes iconográficas da Torre de Belém*), retirada da obra *Civitates orbis terrarum* de Georg Braun e Frans Hogenberg e a planta de Vicenzio Casale de 1589 (imagem 130 - *Ficha de inventário das fontes iconográficas da Torre de Belém*) incluída no Códice da Casa de Cadaval n° 29.

5. O Monumento enquanto espaço expositivo

Os monumentos à semelhança dos museus são locais de transmissão e aprendizagem de cultura (Mota, 2013). Enquanto o último preenche as suas salas e paredes com obras de arte, o primeiro não necessita de o fazer, pois as suas “paredes” são por si só arte.

No entanto, apesar dos museus serem institucionalmente conhecidos pela salvaguarda e exposição das suas coleções, os monumentos também têm a possibilidade de o concretizar, ao albergar peças que estão intimamente ligados à sua história, e partilhá-las através da criação de espaços museológicos, muitas das vezes em dependências anexas ao monumento⁴, ou também dentro do próprio espaço monumental de forma temporária⁵.

⁴ Veja-se o exemplo do Tesouro-Museu da Sé de Braga, fundado em 1930, que está inserido no conjunto monumental da Catedral da cidade de Braga, mais concretamente, na antiga casa do cabido, construção do século XVIII (Sé - Catedral de Braga, 2021).

⁵ Como é o caso da exposição *Almada Negreiros e o Mosteiro da Batalha, quinze pinturas primitivas num retábulo imaginado*, que decorre desde 20 de dezembro de 2020 até 21 de dezembro de 2021 na Capela do Fundador do Mosteiro da Batalha (Cultural, 2020)

A adaptação de edifícios históricos a espaços com funções museológicas é uma tarefa bastante complexa e, por isso, é fundamental ter em conta os seguintes princípios: “1.º) a reutilização de um edifício antigo para funções museais é um meio racional e louvável de assegurar a sua sobrevivência; 2.º) os métodos de conservação e restauro aplicados deverão respeitar a integridade histórica e artística do monumento; 3.º) o processo de adaptação a museu terá em conta as características externas do imóvel, sendo necessária uma medição prévia do grau de interesse patrimonial dos espaços interiores; 4.º) procura-se um desejado equilíbrio, no contexto expositivo, entre o “continente” e o “conteúdo”, apelando-se, igualmente, a uma concertação cronológica e artística das referidas variáveis; 5.º) no intuito de colmatar a falta de espaços, sobretudo os que acautelem as funções desempenhadas no backstage, a solução apontada passa pelo levantamento de uma estrutura anexa, próxima do edifício principal, primando pela sobriedade das características exteriores (de modo a não prejudicar a posição de destaque da construção antiga) e a aplicação dos requisitos mais actuais no seu interior; 6.º) a segurança e protecção do edifício adaptado implicam a criação de planos contra incêndios, roubos e colocação estratégica de condutas e caldeiras, sendo igualmente necessário proceder ao arejamento das salas de modo a prevenir deteriorações decorrentes do excesso de humidade; 7.º) a necessidade de dotar os espaços expositivos de uma iluminação natural adequada sem, no entanto, colocar em risco as mais-valias patrimoniais do imóvel” (Freitas, 2014).

A transmissão de conhecimento através do monumento enquanto espaço expositivo é fundamental. O facto de o público ser inserido num contexto semelhante ao original, permitirá que capacidade comunicativa seja potenciada e a aproximação entre as peças e o monumento e o seu público seja imediata, contribuindo para o enriquecimento da visita e para uma experiência imersiva (Monteiro, 2011).

Contudo, deve ter-se em atenção a forma como a exposição é feita e a duração da mesma para não afetar a preservação destes edifícios históricos que não apresentam a flexibilidade, nem a resistência de um espaço museológico criado de raiz (David, 2015).

6. Apresentação da exposição “Iconografias do Património: 500 anos do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém”, com curadoria da equipa MJ/TB

A tarefa de inventariação de fontes iconográficas referentes aos dois monumentos, seguida do trabalho de organização das mesmas por ordem cronológica e tipologia artística visava a simplificação do planeamento da exposição de carácter temporário “Iconografias do Património: 500 anos do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém” e, no futuro, a criação de uma base de dados.

A exposição tinha agendada a sua inauguração para o dia 13 de dezembro de 2021⁶ (data em que se assinalam os 500 anos da morte do rei D. Manuel), com a curadoria da equipa dos dois monumentos e com a colaboração de historiadores de arte, que tratarão as fontes visuais selecionadas, individualmente, num âmbito cultural, histórico e artístico. O local escolhido para a montagem da exposição é no espaço do antigo Refeitório, que por ser o sítio mais amplo em todo o Mosteiro é, por isso, o que apresenta condições expositivas mais favoráveis.

O objetivo principal desta exposição é criar-se através de um fio condutor, uma viagem no tempo concedida pelas imagens, que nos permitem perceber a História dos dois edifícios através das alterações que sofreram ao longo dos séculos.

Quanto ao planeamento da exposição, pretende-se colocar um painel com cerca de 3/4 metros, centrado e ao longo do comprimento do Refeitório e com cerca de 2 metros de altura. O layout do painel terá distribuídas cronologicamente (da data mais antiga para a mais recente, tendo início no painel junto à entrada do refeitório) imagens das fontes iconográficas, na face, referentes ao Mosteiro dos Jerónimos e, no reverso, referentes à Torre Belém (expondo-se a data mais antiga a partir do lado oposto da entrada). Desta forma, a exposição terá um percurso simples contínuo, que permitirá a facilidade de circulação por parte dos seus visitantes.

As fontes irão estar expostas de forma irregular no painel e irão ser identificadas através de um esquema-espelho no rodapé. Há ainda a intenção por parte da Direção dos dois monumentos de expor no topo junto à entrada em vitrines algumas obras originais

⁶ Contudo, acabou por não se concretizar nessa data.

pertencentes a outras instituições, tendo sempre em atenção o controlo ambiental do espaço.

Capítulo II. As Comemorações Henriquinas na Torre de Belém: o contexto da aquisição de peças de mobiliário dos séculos XV-XVI

1. O contributo do Infante D. Henrique para os Descobrimentos

A 4 de março de 1394, D. João I e da rainha D. Filipa de Lencastre, fundadores da Dinastia de Avis e pais da “Ínclita Geração”⁷ trouxeram ao mundo o seu quinto filho⁸, o Infante D. Henrique, que mais tarde se tornaria numa das figuras mais emblemáticas da história de Portugal.

Quando o Infante D. Henrique nasceu pensava-se que o Mundo era pequeno e tudo era distante e assustador, resultado de todos os rumores de viagens marítimas esotéricas que ao longo do tempo se foram transformando em lendas (SNI, 1960). Algumas décadas depois, seria ele o responsável por tornar Portugal a nação marítima por excelência, relevadora de novos mundos ao encurtar distâncias entre povos e contribuindo para a unificação do mundo através da Evangelização dos novos continentes que tão importante foi para o futuro Ocidente (Cristovão, 1960).

Ao Infante D. Henrique foi dado o cognome de o Navegador, ainda que a maioria das viagens tenham sido realizadas com o mesmo em terra firme - à exceção das expedições de conquista africana -, o seu êxito e o dos seus tripulantes em alto-mar devia-se aos seus estudos, métodos e capacidade genial do Infante no domínio de instrumentos navais, como o astrolábio, e todas as noções científicas e matemáticas a eles relacionados, como as cartas planas, de sua invenção (Soares, 1962).

A partir da primeira campanha militar com direção a Ceuta, os portugueses foram percorrendo a costa africana, guiados por D. Henrique e impelidos de uma coragem tal que rapidamente chegariam ao Cabo Bojador e o dobrariam com sucesso, algo que nenhuma outra nação europeia se atreveu a tentar. Desta forma, iniciava-se o processo de fundação e expansão de um novo Império - o Ultramarino -, disseminado por todos os cantos do Mundo ligados pela Fé em Cristo e no amor à Pátria Mãe.

⁷ Termo utilizado por Luís de Camões, na sua obra “Os Lusíadas”, canto IV para se referir aos infantes descendentes de D. João I e Filipa de Lencastre.

⁸ Terceiro sem contar com os dois Infantes que morreram ainda em crianças (João, M. I., Mito e Memória do Infante D. Henrique, 2004).

Foi a bordo das caravelas que “partindo do extremo ocidental da costa algarvia conseguem romper a cadeia que algemava o velho continente” (Soares, 1962), o Infante e os navegadores portugueses venceram os mistérios do Mar Tenebroso, alargaram horizontes e criaram novos destinos. Desta forma, põe-se fim à Idade Média e inicia-se uma nova época, a Idade Moderna, onde surge um “novo humanismo universalista que nos nossos dias caminha” (Cristovão, 1960).

A face do globo e o espírito dos povos modificaram-se totalmente devido à iniciativa portuguesa que ainda nos dias de hoje muitos cientistas, navegadores e historiadores recordam com respeito e admiração. Todos estes feitos se deveram ao Infante D. Henrique que contribuiu na sua época para a construção do orgulho e grandiosidade de Portugal ao serviço de uma causa que em termos de complexidade jamais foi igualada e nos colocou num lugar de destaque em todo o mundo, inclusive na história da Civilização (Soares, 1962).

O Infante D. Henrique foi o eleito pelo imaginário nacional como o fundador do império entre todos os filhos de D. João I e Filipa de Lencastre. As sucessivas celebrações em seu nome contribuíram fortemente para a sua mitificação, amplificada pela situação de ameaça ao império português e pelo destaque que esta figura histórica recebeu dos historiadores britânicos desde o século XIX (João, M. I., 1999).

2. A figura do Infante através da bibliografia dos séculos XV-XX

A vasta bibliografia que foi surgindo ao longo dos séculos acerca do Infante torna complexa a tarefa de saber quem ele era ou qual foi o seu papel na história. Ainda que um grande número de obras apresente ideias repetitivas e análises já feitas por outrem é interessante perceber como se foi construindo a memória deste vulto histórico. É notório que alguns textos acabam por ser fundamentais, porque funcionaram como matriz e inspiração para muitos relatos posteriores, que se influenciam sucessivamente de acordo com os valores de cada época, como irei demonstrar a seguir. A primeira e principal fonte da memória foi a obra de Zurara, divulgada também numa versão feita por João de Barros, de seguida a biografia de Cândido Lusitano e por último a obra “Os Filhos de D. João I” de Oliveira Martins já no final do século XIX (João, M. I., Mito e Memória do Infante D. Henrique, 2004).

A “lenda infantista” e o uso da figura do Infante em busca de poder político surgiram logo em 1410/20 quando D. Afonso V manda Gomes Eanes de Zurara escrever a crónica dos seus feitos e virtudes, como forma de agradecimento pelo apoio militar na Batalha de Alfarrobeira, em 1449. A crónica denominada *Crónica de Guiné*, pensa-se que foi começada alguns anos após a mesma batalha onde morreu o regente D. Pedro. (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994). Zurara apresentou D. Henrique como “o herói típico da sociedade cavaleiresca e senhorial, nobre, corajoso, devoto, magnânimo, virginal e virtuoso que fez do combate aos infiéis o principal fim da sua vida” (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999), com o objetivo recuperar a reputação do Infante após o desfecho do seu irmão e enaltecer a “política nobiliárquica de conquistas que marcou aquele reinado”. Contrariamente à perspectiva de Zurara, existia a do cronista oficial de D. João II e de D. Manuel I, Rui de Pina que nos divulga “uma visão bem menos lisonjeira da actuação de D. Henrique”, mais especificamente na expedição de Tânger, que gerou inúmeras consequências para o país e no “desenlace fatal de Alfarrobeira”. Também D. Duarte, na sua carta redigida ao seu irmão, o Infante D. Henrique, permite-nos deduzir alguns dos defeitos do último (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Tanto Zurara como Rui de Pina são cronistas contemporâneos do Infante D. Henrique e por isso, as suas crónicas são fontes de extrema importância para percebermos o papel sobre esta figura na sua época (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994)

Gomes Eanes de Zurara na sua obra *Crónica de Guiné* refere a nação portuguesa como a predestinada a ser “instrumento de Deus na luta contra os infiéis”, ou seja, uma cruzada contra o islamismo, que já tinha sido iniciada com a reconquista de Espanha”. Esta convicção tornar-se-á séculos mais tarde na “ideologia imperialista nacional, presente em várias épocas e regimes que viram a expansão como missão cristã e civilizacional dos portugueses” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

No período renascentista, mais precisamente, durante o reinado de D. Manuel I⁹, assistiu-se a um verdadeiro culto do impulsionador dos descobrimentos. No local onde

⁹ É importante realçar que D. Manuel é o sobrinho-neto e herdeiro universal do Infante D. Henrique depois da morte do seu pai D. Fernando, Duque de Viseu e que após a morte do herdeiro real D. Afonso, filho D. João II, D. Manuel é aclamado pelo seu primo e cunhado como o novo sucessor

hoje está situado o Mosteiro dos Jerónimos, junto à antiga praia de Belém que funcionava como ancoradouro para barcos e navegadores, existia originalmente uma ermida sob invocação de Nossa Senhora da Estrela, santa protetora e guia dos navegantes. Foi esta a ermida mandada ampliar pelo Infante D. Henrique, em 1452, desta vez dedicada a Santa Maria de Belém, gerida pelos freires da Ordem de Cristo e com o propósito de apoiar os navegantes. Em 1495, D. Manuel requer à Santa Sé a autorização para fundar no lugar da velha ermida do Infante, um mosteiro que iria doar à Ordem dos Frades de São Jerónimo, recebendo a permissão no ano seguinte emitida em Bula Papal por Alexandre VI (Pereira P. , 2002).

Como seria expetável, era desejo de D. Manuel homenagear, de forma perpétua, a figura do Infante D. Henrique no Mosteiro de Santa Maria de Belém, monumento que é um hino à epopeia dos descobrimentos, e, por isso, representou-o numa estátua como guerreiro medieval numa posição de destaque do portal sul simbolicamente virado para o tio Tejo. Para além disso, o rei ordenou ainda celebrações de liturgias regulares em nome do Infante. Neste ambiente marcado pela “espiritualidade hieronimita e messiânico, o Infante D. Henrique foi exaltado como o iniciador dos descobrimentos por inspiração divina, movido pela Fé e pelo espírito de cruzada com o fim grandioso de atingir a Índia e aniquilar o poderio dos turcos.” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Nesta época, evidenciam-se os escritores Duarte Pacheco Pereira, na sua obra *Esmeraldo de Situ Orbis*, e na época joanina João de Barros e a sua obra *Ásia, Dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente, Primeira Década* e Damião de Góis e a sua obra *Crónica do Príncipe D. João*. À semelhança de Zurara e Rui de Pina, para Duarte Pacheco Pereira, os grandes feitos alcançados deveram-se a inspiração divina, como é referido na sua obra “alumiado da graça do espírito santo e movido por divinal misterio”. Contudo João de Barros e Damião de Góis mencionam “as suas capacidades e empenho do próprio indivíduo de acordo com a conceção humanista” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Ainda que baseado nos relatos de Zurara, João de Barros optou por uma descrição mais humana da personagem, associando os seus sucessos a “muita indústria e prudência”

ao trono. Tornando-se, em 1445, rei de Portugal, governador e regedor da Ordem de Cristo (Cristo, s.d.).

por parte do Infante de Sagres que se rodeou de sábios e mestres com conhecimentos em várias artes, como as letras humanas, mas em particular na ciência da cosmografia. Segundo o cronista, o Infante era “favorecido de Deus” e encontrava-se entre os “eleitos de Deus”, no entanto os seus feitos deveram-se sobretudo “à sua ação como homem” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994)

Na segunda metade do século XVI, a imagem sábia de D. Henrique junta-se aos humanistas do Renascimento. O historiador Damião de Góis caracterizou o Infante como um verdadeiro príncipe do Renascimento, estudioso nas áreas da astrologia e cosmografia e empenhado “nas navegações e nos descobrimentos movido pela dúvida e a vontade de saber”. Também Luís de Camões faz referência ao Infante na sua obra épica *Os Lusíadas* lançada em 1572, da seguinte forma: “Assim fomos abrindo aqueles mares, / Que geração alguma não abriu, / As novas Ilhas vendo e os novos ares / Que o generoso Henrique descobriu”¹⁰. Nestes versos, o poeta atribui a responsabilidade dos descobrimentos ao Infante D. Henrique (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Durante o período seiscentista, foram muitas as narrativas que se dedicaram aos acontecimentos passados no Oriente, deixando-nos “testemunhos imprescindíveis sobre a presença dos portugueses e o olhar europeu em relação aos vários povos e culturas daquelas paragens”. Contudo, a corrente historiográfica da época demonstrou maior interesse pelo trágico sucedido no Norte de África, mais especificamente em Marrocos, aquando da Batalha de Alcácer-Quibir, que conduziu aos vários problemas de governação devido ao problema de falta de sucessor para o reinado português após a morte de D. Sebastião. Ainda assim, os cronistas elogiaram estadistas como D. João II e após 1640 temas como a Casa de Bragança e a Restauração foram os mais usuais nas crónicas seiscentistas (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Por estes motivos, as referências ao Infante D. Henrique foram escassas e repetitivas, como é o caso do autor Duarte Nunes do Leão, na obra *Crónica e vida del Rey D. Duarte* que apenas se limitou a retificar as crónicas dos reis de Portugal já escritas. Teceu ainda críticas à personalidade do Infante como “austero”, “pouco amoroso” e “áspero”.

Pedro de Mariz, autor de *Dialogos de Varia Historia*, onde dedicou um capítulo ao Infante e o superiorizou perante os restantes filhos de D. João I. Baseou-se na obra de

¹⁰ Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto IV, Est. IV.

João de Barros para traçar o retrato psicológico do mesmo e enalteceu-o afirmando que “sua vida parecia huma perfeita religião”, de “profunda erudição, e diligencia” e que a ele se devia o “principio do felice descubrimento do riquíssimo Oriente, de cujas navegaçoens elle foy autor, e principal demonstrador, e cujas riquezas a elle só se devem”. Destacou o papel do Duque de Viseu como protetor e reformador da Universidade e conferiu-lhe ainda a “glória e honra de primeiro descobridor, e conquistador de gente idólatra”, cujo destino foi traçado por Deus que o elegeu por ser “hum Varaõ taõ puro, taõ limpo, e de coração taõ virginal” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Já Manuel de Faria e Sousa, na obra *Epitome de las Historias Portuguesas*, publicada em 1628, em Madrid caracterizou o Infante como “valeroso Príncipe i sábio e santo, i digno de su orige~” e declarou que os seus largos conhecimentos na área das matemáticas permitiu o desenvolvimento da “rara industria (...) las navegaciones de toda España” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Concluindo, o século XVII destacou sobretudo a sabedoria e santidade do Infante D. Henrique que a “tradição e a memória fixaram como o iniciador e responsável pelos descobrimentos” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994)

No século das Luzes, mais especificamente em 1720, quando é criada a Academia Real de História Portuguesa, desenvolve-se também a historiografia e a erudição. D. António Caetano de Sousa é um dos membros da Academia e o que produz o documento mais fundamentado em termos de consulta de outras fontes sobre o Infante D. Henrique, incluído na *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Surgem ainda outros dois escritos importantes: o de José Soares da Silva e o de Cândido Lusitano¹¹ (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

O primeiro, na sua obra *Memorias para a Historia de Portugal que comprehendem o governo dei Rey D. João I do anno de mil trezentos e oitente e tres até ao anno de mil quatrocentos e trinta e três*, atribuiu a D. Henrique qualidade nobríssimas, como podemos ver no excerto “prototypo das mayores virtudes: eraõ nelle iguaes a piedade, e a religião, a prudência e a constância, a clemência, e a affabilidade, a magnificência, e a magnanimidade”. Para além de todas estas virtudes, Soares da Silva

¹¹ Cândido Lusitano foi o primeiro biógrafo português. Sendo o seu nome verdadeiro Francisco José Freire, Cândido Lusitano era o seu pseudónimo.

ainda acrescentou a castidade. Neste século reforçou-se a grande erudição e conhecimento do Infante nas artes e ciências (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

O segundo, na sua obra biográfica *Vida do Infante D. Henrique* de 1758, refere que o “Infante teria nascido com uma cruz esculpida no peito e sido enviado pelo céu ao mundo como instrumento de propagação da fé”. Francisco José Freire demonstra maior interesse pela santidade do Infante D. Henrique do que pelo engenho e coragem de soldado e descobridor (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994)

O século XIX vai de encontro à concepção racionalista e voluntarista da História. Escritores como António Ribeiro dos Santos e Garção Stockler amplificam a evolução da matemática através da figura do Infante. Ribeiro dos Santos fantasia com um observatório no promontório de Sagres e com uma escola fundada pelo Infante, inventada por escritores ingleses no século XVII, não havendo qualquer prova da sua existência. Para além dele, também Duarte Leite, na obra *História dos Descobrimentos, Colectânea de Esparsos* menciona que a Escola de Sagres surge pela primeira vez em 1625 num documento de Samuel Purchas que, por sua vez, se baseou em João de Barros e narra a vinda para Portugal do mestre Jaime de Maiorca – cartógrafo célebre e pertencente ao círculo erudito do Infante – para fundar uma escola de marinharia (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

A partir daí a ideia que teria existido uma escola de marinha na época do Infante foi ganhando expressão, chegando ao “ponto de se tornar numa academia dedicada a múltiplas actividades e saberes e engalanada pela presença de sábios de toda a Europa”. A situação foi de tal forma excessiva que em 1877, numa conferência intitulada *A Escola de Sagres e as Tradições do Infante D. Henrique* na Academia Real das Ciências de Lisboa, o marquês de Souza e Holstein tenta pôr fim à lenda e mostrar uma visão mais realista dos acontecimentos daquela época, expondo o seguinte: "(...) alguns dos nossos historiadores quizeram phantasiar a existência na villa do Infante de uma verdadeira escola de nautica, no sentido restricto da palavra, e não uma escola como me parece que ella deva aqui entender-se, no sentido lato que também admite o vocábulo, de centro de acção, de principio inspirador, de norma e começo de uma tradição que se prolonga por largo tempo, mesmo depois de cessar a causa que primeiro lhe deu vida" (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

No início do reinado de D. Maria II, ficava assinado pelo Visconde de Sá da Bandeira na portaria *Collecção de Leis e outros documentos oficiais publicados desde o 1º de Janeiro de até 9 de Setembro de 1836* que a Rainha estava “solicita em conservar e promover tudo o que interessa à Glória Nacional”. Desta forma, enquanto não fosse erigido no Promontório de Sagres “um Monumento digno de recordar à mais remota posteridade a memória de grande Príncipe, e de tão grande feito”, todas as construções em Sagres relacionadas com o Infante D. Henrique e a empresa das descobertas seriam preservadas e devidamente identificadas (Neto, D. Maria II, princesa do Brasil, rainha de Portugal, 2019).

No campo da literatura e indo de encontro a este tema, em 1826, Almeida Garret em *D. Branca ou a Conquista do Algarve*, lamentava o estado de abandono em que estava a fortaleza de Sagres, edificação que representava “tão gloriosamente a nação portuguesa no mundo”. Alexandre Herculano, nas suas obras *O Panorama* (1838) e *Brado* (1839) e o Provedor António Maria Couceira na obra *Memória* denunciavam a incompetência do governo em constituir “um organismo estatal capaz de empreender uma ação tutelar de proteção ao património edificado”. o estado de conservação deplorável do património edificado em Portugal. Também Almeida Garret defendia que a “marcha do progresso social do país e a consolidação dos princípios de liberdade passavam por respeitar os monumentos, sentir orgulho na História pátria e nos heróis nacionais” (Neto, D. Maria II, princesa do Brasil, rainha de Portugal, 2019)

Em 1841, o segundo visconde de Santarém, Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, aclamado estudioso de cartografia, trouxe a público a *Crónica do Descobrimento* e a *Conquista de Guiné* de Zurara e a partir daí a figura do Infante tornou a vir à tona e permitiu a confirmação “dos descobrimentos portugueses na costa ocidental de Africa, contra as pretensões dos franceses”. É neste seguimento que surge um debate nacionalista acerca da prioridade dos descobrimentos e que D. Henrique volta a ser estabelecido como o principal responsável pelo “processo e cérebro do genial plano que iria levar os portugueses até à Índia asiática”. Para além da expansão a par dos descobrimentos foram vistos como “um processo contínuo e racionalmente encadeado, mas também como o resultado da vontade e do pensamento de um homem” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Em termos historiográficos, esta visão racionalista e voluntarista que valorizava o papel de um indivíduo na história deve-se tanto ao miguelista, ou seja, apoiante do partido

absolutista de D. Miguel de Bragança, visconde de Santarém, como ao liberal, isto é, defensor do partido constitucionalista e progressista liderado por D. Maria II e pelo seu pai D. Pedro IV de Portugal, Cardeal Saraiva. Nesta linha de pensamento surge também a obra *The Life of Prince Henry the Navigator*, de Henry Major publicada em 1868. O geógrafo inglês também afirma que os descobrimentos são um processo global e que devido à iniciativa do Infante D. Henrique se abriu um novo mundo que conduziu ao conhecimento de todas as regiões do planeta (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Assim, o nobre guerreiro medieval que Zurara nos apresentou baseando-se nos romances de cavalaria da época e na imagem idealizada de luta eterna contra os infiéis transforma-se num príncipe renascentista, dotado de grandes conhecimentos científicos e “pela vontade de abrir novos mundos ao mundo”. Contudo, somente no século XIX é que o tema da cientificidade e da capacidade visionária de todo o processo de expansão é associado a uma empresa já considerada bastante modernizada dada a época em que se inseria e a partir daqui, “tomaram-se ideias-chave na interpretação daquele período e, por conseguinte, características da figura do Infante D. Henrique” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Também a Inglaterra da era vitoriana, com o objetivo de exaltar as glórias passadas do seu Império, realça o Infante português, filho de uma senhora inglesa, de onde herdou as virtudes necessárias que o levaram ao início dos descobrimentos marítimos. A obra com mais destaque e que mais contribuiu para a atribuição do cognome de “o Navegador” a D. Henrique foi *Prince Henry the Navigator*, do autor Raymond Beazley em 1895 (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Já em Portugal, a obra sobre o Infante que mais destaque teve foi *Os Filhos de D. João I*, de Oliveira Martins. Este escrito sobre a inclítica geração publicado entre 1889-90 na *Revista Portugal* obteve um grande êxito, sofrendo várias reedições e “tornando-se a obra de referência sobre a geração de Avis e, em particular, sobre o Infante D. Henrique”. Nele Oliveira Martins traça o retrato psicológico de todos os Infantes, referindo que D. Henrique era “o homem de acção, obcecado por uma Ideia” e ainda o descreveu como um homem “duro para as afeições, desapiedado e esquivo”. Contudo o autor através da admiração pela audácia, persistência e coragem do Infante D. Henrique, demonstra que só assim foi possível realizar a expansão e os descobrimentos marítimos.

Oliveira Martins afirma que “a memória de D. Henrique não é feita de humanidade, mas de génio” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Oliveira Martins expõe o seguinte acerca do Infante: “encarnou o génio latente de um povo inteiro, tomou-se o intérprete do destino de uma nação”, isto é, a iniciativa de expansão marítima partiu não só de um indivíduo, mas também do peso da expressão da identidade coletiva do povo português. O tema “Escola de Sagres” volta a ser mencionado também por Oliveira Martins de forma entusiasta e exagerada, apresentando o Infante como “um dos primeiros exemplares do asceta da ciência”, que “consumia os dias, velava as noites, estudando, indagando, meditando; e não nas vagas congeminções mais ou menos fantásticas do teósofo ou do metafísico, mas em volta da realidade positiva e prática do mundo, esboçado diante de seus olhos nos mapas rudos do tempo” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Para além deste, outro tema abordado é o da vila do Infante: a vila de Sagres. Oliveira Martins contribui significativamente para reforçar o mito do Sagrado Promontório, que é visto como o lugar ideal pela carga mística que lhe foi atribuída ao longo dos séculos e que pela imponência do lugar é o “berço da nossa epopeia histórica”. Por fim, o autor expõe-nos um Infante com mais postura de príncipe renascentista e movido pela “razão de Estado” do que propriamente de cavaleiro medieval, seguidor dos mandamentos da igreja (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Foram vários os autores, como é o exemplo de Pinheiro Chagas, que contribuíram para realçar a imagem do Infante do século XIX através da apresentação das principais concepções daquela época, sendo elas: “a importância das ciências e do conhecimento científico como factor de progresso (por isso, tão elevada figura só podia ser um sábio ou alguém devotado à protecção da ciência); o culto dos dirigentes de grande craveira política e intelectual, autênticos heróis, capazes de redimir o país da pequenez e da fraqueza atávicas; o respeito pela modernidade e pelo progresso, cuja genealogia faziam remontar aos Descobrimientos e ao Renascimento para se ir entroncar no Iluminismo e nas grandes conquistas científicas e técnicas daquele século” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Contrariamente a esta posição de idolatraria dominante pelo Infante D. Henrique, surge uma outra conhecida por corrente “anti-infatista”, da qual eram seguidores Teófilo Braga e João Teixeira Soares. Ambos dirigiram fortes críticas ao Infante D. Henrique,

inclusive que do mesmo não teria partido a iniciativa dos descobrimentos, tendo apenas tirado proveito da atividade marítima dos portugueses com o objetivo de “estabelecer colónias onde introduzia a escravidão e um duro systema de contribuição”¹² (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Para Teófilo Braga, os cronistas Gomes Eanes de Zurara e João de Barros, o rei D. Manuel, que queria apagar do povo as lembranças dos desastres passados e os escritores ingleses, “dominados pelo atavismo saxónico que viram no génio do Infante D. Henrique a influência da filha de João de Gant, D. Filipa de Lencastre” foram os principais responsáveis pela criação do mito/lenda em torno do Infante. Para além disso, o republicano negou a existência da Escola de Sagres e reduziu a importância científica que outrora tinham atribuído ao Infante, retirando a importância do mesmo como protetor da Universidade (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

O desenvolvimento mais acentuado da historiografia acerca da expansão e dos descobrimentos surgiu devido ao *Ultimatum* britânico e à participação de Portugal na I Guerra Mundial com o intuito de defenderem as colónias ultramarinas, pois originaram um ambiente de exaltação patriótica. Deste modo os anos 20 e 30 do século XX foram riquíssimos em termos de produção científica e intelectual no que diz respeito à História. Nesta época foram publicadas verdadeiras referências sobre a história nacional, a expansão e a colonização. Contudo, emergiram também notáveis historiadores que aprofundaram fontes e questionaram interpretações tradicionais e ultrapassadas, entre eles destacaram-se Duarte Leite e Jaime Cortesão, mesmo que defendendo opiniões opostas (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

O primeiro realizou basicamente uma revisão dos mitos, isto é, Duarte Leite só admitia na “história cujos factos estão absolutamente comprovados”¹³ e, por isso, começou a sua análise pelo “plano da Índia” e depois como evoluiu a figura e a sabedoria do Infante D. Henrique. Rapidamente contestou, ainda que contra a opinião corrente, que D. Henrique tenha planeado chegar à Índia asiática e comprovou-o através de fontes da época. Discordou da elevada sabedoria que as crónicas do Renascimento e os escritores dos séculos XVIII e XIX lhe atribuíram, analisando todos os documentos coevos e

¹² Teófilo Braga, *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*, vol. II, Porto, Lugan & Genalioux Sucés., 1892.

¹³ Duarte Leite, *História dos Descobrimientos, Colectânea de Esparsos*, Organização, notas e estudo final de Vitorino Magalhães Godinho, vol. 1, Lisboa, Edições Cosmos, 1958.

questionou o mito da escola náutica de Sagres, onde mestres nacionais e estrangeiros se reuniam. Refutou ainda que os “marítimos portugueses da era henriquina em nada se adiantavam aos doutras nações” e não se guiavam pelos astros durante a navegação¹⁴ (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Por fim, em relação à personalidade do Infante, Duarte Leite contrapôs-se à visão de “cruzado ascético e heróico” e “desinteressado dos fins materiais”, realçando a sua “pertinácia e sagacidade política, aliada a um singular tino administrativo e intuição comercial”¹⁵ e reforçou o facto de o Infante ter um “espírito eminentemente prático”, em que “as compensações materiais se sobrepunham às motivações religiosas”. Ainda assim, Duarte Leite assume a “figura notável” que foi o Infante D. Henrique, “de larga visão, com senso prático, a quem de seve o grande impulso das colonizações das ilhas atlânticas e das descobertas africanas, pondo grande interesse nas empresas de navegação, porfiando, principalmente, em fazer derivar para Portugal os ricos produtos, o ouro, o marfim, a malagueta, que existiam nas terras misteriosas de Além-Mar. Simultaneamente, foi um guerreiro e um homem de Estado”¹⁶ (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Relativamente ao segundo (Jaime Cortesão), “médico de formação, escritor e historiador dos descobrimentos”, era notória a sua admiração pelo Infante de Sagres e, por isso contribuiu bastante para o seu engrandecimento, de tal forma que em 1916 era apresentado um drama épico da autoria de Cortesão. Contudo, é em 1926 que as suas perspetivas acerca de D. Henrique começam a ser fundamentadas através da publicação na revista *Lusitânia* do artigo intitulado *O âmbito da obra do Infante D. Henrique* e em 1931 quando colabora na extensa obra dirigida por Damião Peres *História de Portugal* (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Jaime Cortesão retoma a ideia de o Infante ser o principal impulsionador do projeto expansionista dos descobrimentos que tinha como objetivo alcançar a Ásia pelas suas especiarias em detrimento do ouro e dos escravos e também combater a superioridade dos muçulmanos nessa zona. Na sua obra *Expansão dos Portugueses no*

¹⁴ *Idem, Ibid.*

¹⁵ *Idem, Ibid.*

¹⁶ Vitorino Magalhães Godinho, "Duarte Leite e a evolução dos Estudos de História dos Descobrimientos", in Duarte Leite, *História dos Descobrimientos, Colectânea de Eparcos*, Organização, notas e estudo final de Vitorino Magalhães Godinho, vol. 11, Lisboa, Edições Cosmos, 1960.

Período Henriquino (1975), o autor considera D. Henrique um “comissário da Nação, e até certo ponto da cristandade, para os Descobrimentos” (João, M. I., *O Infante D. Henrique na Historiografia*, 1994).

Para obter o retrato físico e moral do Infante, Cortesão apoiou-se nos cronistas e nos documentos coevos. Concluiu que, sendo D. Henrique “um homem situado entre duas Idades e, por isso, imbuído da fé ingénua e anacrónica de um cruzado, possuía, todavia, a inquietação, o apetite de saber, a sede experimental e a segurança metódica, enfim uma excelência humana, que o tornavam principalmente um homem do Renascimento”, como podemos ver no escrito do mesmo *Expansão dos Portugueses no Período Henriquino* (João, M. I., *O Infante D. Henrique na Historiografia*, 1994).

No texto *A Fé e a Dívida nos “Grandes Corações” dos Portugueses de Quinhentos*, Cortesão refere o Infante D. Henrique como um dos “mais típicos representantes do espírito de cruzada em Portugal” e define a cruzada como um “movimento de catolicismo militante, essencialmente anti-islâmico, baseado na intolerância religiosa e na negação humana” (João, M. I., *O Infante D. Henrique na Historiografia*, 1994).

Segundo Jaime Cortesão, a modernidade da figura do Infante D. Henrique comprova-se pela importância que o mesmo atribuiu logo na sua época à ciência e ao planeamento do processo expansionista. Os planos foram rigorosamente seguidos pelos navegadores portugueses e incrivelmente fundamentados tanto em estudos clássicos, como também foram utilizados saberes contemporâneos, práticos e experimentais tão característicos do Renascimento. Desta forma, o historiador, na sua obra *Os Descobrimentos Portugueses* caracteriza o Infante “como um homem de estudo e de ciência, conhecedor de astronomia e com uma vastíssima cultura geográfica, rodeado de sábios, na sua casa de Lagos”. Repare-se que Jaime Cortesão já não faz referência à mítica escola náutica de Sagres, mas não nega a existência de um “foco de estudo e investigações científicas, animado por sábios e viajantes estrangeiros e o desejo ardente de saber” (João, M. I., *O Infante D. Henrique na Historiografia*, 1994).

Concluindo, Cortesão vê o Infante D. Henrique como um génio “com a genialidade peculiar dos homens de acção, e um herói, tanto mais representativo quanto melhor sabe exprimir os anseios colectivos da nação portuguesa e da sua época”¹⁷ e, por

¹⁷ Jaime Cortesão, *Os Descobrimentos Portugueses*, vol. II, Lisboa, Livros Horizonte, 1975.

isso, com bases nestas qualidades o Infante só podia aderir ao espírito progressivo do Renascimento e tornar-se no “criador do homem novo” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Na década de 40 surgiram ainda mais algumas obras acerca do Infante D. Henrique. Em Portugal, a principal foi a de Damião Peres, que aproveitou as questões deixadas em aberto pelos historiadores anteriores. Deste modo, lançou em 1943 a obra *História dos Descobrimentos Portugueses*, onde apresenta o Infante com uma “personalidade forte”, cujas “virtudes e características descritas por Zurara se equilibram para moldar o arcaboço de um grande estadista” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Em 1942 saíram mais algumas obras acerca do Infante, mas importa apenas destacar a da inglesa Elaine Sanceau, *D. Henrique, o Navegador*, onde a autora considera que a escola de Sagres, de acordo com as correntes da época era como “um congresso permanente de técnicos, matemáticos, cosmógrafos e físicos, criado e presidido pelo Infante”. A escritora também inseriu o Infante no período de transição entre duas épocas, inclusive sugeriu que se alterasse o término da Idade Média no ano da queda de Constantinopla para a data em que partiram as primeiras caravelas enviadas por D. Henrique. Só desta forma ficava assinalado irreversivelmente na História Universal a importância dos descobrimentos e do seu impulsionador para a fundação do mundo moderno (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

Ainda em 1943 foram reeditados alguns textos de Joaquim Bensaúde, notável investigador sobre os descobrimentos portugueses e a história da ciência náutica e da astronomia dessa época. Estes textos ficaram compilados na obra *A Cruzada do Infante D. Henrique*, onde Bensaúde demonstra a sua visão do Infante como um “cruzado ascético, empenhado na luta contra o Islame e em realizar o grandioso plano das Índias”. Na época, esta perspectiva teve grande influência e sucesso nos meios intelectuais e políticos do regime salazarista, principalmente para fins propagandísticos. A obra de Joaquim Bensaúde assumiu uma importância de tal forma que a mesma foi utilizada em opúsculos para educar e moralizar a juventude sobre a história da pátria e inclusive foi muitas vezes mencionada nos discursos das comemorações henriquinas de 1960 (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

A Cruzada do Infante D. Henrique foi uma obra muito aliciante para a política do Estado Novo, não só pelas motivações religiosas do Infante, como também “no significado transcendente que atribuiu à cruzada do Infante para a civilização ocidental: a dominação dos mares, a ruína da preponderância do Islamismo e a revolução económica do mundo, isto é, uma época de superioridade da Cristandade sobre o Islame”. Para Bensaúde, as vantagens foram para Portugal “transitórios e passageiros”, mas de um valor imensurável para a história da humanidade. Esta ideia foi de encontro “com os pressupostos ideológicos do salazarismo que sempre pôs a tónica na missão civilizadora e cristã dos portugueses, dando-lhe amplitude e justificação de carácter histórico” (João, M. I., *O Infante D. Henrique na Historiografia*, 1994).

Já no panorama comemorativo do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique em 1960 surgiram muitas edições desenvolvidas pela comunidade científica, entre elas destaco a coletânea *Monumenta Henricina* do Padre Dias Dinis, a *Bibliografia Henriquina* que reúne imensos textos sobre o Infante e a *Colecção Henriquina*, compilação de doze obras sobre a história da expansão e dos descobrimentos (João, M. I., *O Infante D. Henrique na Historiografia*, 1994).

Destacou-se, também, a revista *Brotéria* de carácter católico e conservador à semelhança do regime da época. Nesta revista foram publicados vários textos que apresentam D. Henrique como “herói e asceta, exclusivamente movido pela fé e pelo desejo de combater o Islão”. Num dos artigos intitulado *A expansão Portuguesa segundo o pensamento do Infante D. Henrique*, de António Domingues de Sousa Costa o Infante foi caracterizado como “exemplo moral e modelo crente para todos os católicos, realçando a castidade do Infante, a austeridade, a perseverança, a humildade, o espírito magnânimo e bom, a vida severa e os princípios rígidos, a dedicação ao culto religioso e à Igreja” (João, M. I., *O Infante D. Henrique na Historiografia*, 1994).

Na revista *Seara Nova*, da qual faziam parte opositores ao regime salazarista como é o caso de Duarte Leite, manifestou-se a refutação da “visão hagiográfica do Infante D. Henrique”. Algumas vozes, incluindo da própria Igreja procuraram refletir acerca da personalidade do Infante de forma objetiva e realista e, por isso, viam-no apenas como ser humano. Num artigo da revista *Ultramaria*, intitulado *A Personalidade do Infante D. Henrique*, o padre Silva Rego, através dos conselhos e instruções do seu irmão D. Duarte acerca da expedição a Tânger, analisou a personalidade e deduziu possíveis defeitos de D. Henrique (João, M. I., *O Infante D. Henrique na Historiografia*, 1994).

Ainda no que diz respeito às obras lançadas para as comemorações henriquinas, surge a reconhecidíssima *Vida e Obra do Infante D. Henrique*, de Vitorino Nemésio, encomendada pela Comissão Executiva do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. Nemésio, na sua obra elaborou “uma narrativa sumária da empresa histórica portuguesa desenrolada na contemporaneidade do Infante e seus tempos mais próximos”, recapitulando, essencialmente, testemunhos de alguns cronistas como Fernão Lopes, Zurara, Fr. João Álvares, Rui de Pina e documentos de Pedro Azevedo e Silva Marques e Damião Peres. Dado o contexto celebrativo, a obra de Vitorino Nemésio demonstra uma visão equilibrada e positiva do Infante, realçando a sua importância na empresa dos descobrimentos (João, M. I., *O Infante D. Henrique na Historiografia*, 1994).

3. A iconografia henriquina na escultura dos séculos XV-XX

Desde o século XV até ao século XX a produção de obras com iconografia henriquina é vastíssima, maioritariamente nos períodos relativos às comemorações de centenários. De forma geral, as representações do Infante D. Henrique expressaram-se, em maior número sobretudo no século XX, no âmbito das comemorações henriquinas de 1960, onde se assistiu a uma vultuosa campanha estatuária, dada a sua exposição de carácter permanente e acessível à população, tornando a propagandística altamente eficaz e a consequente facilidade na transmissão de valores ideológicos. As principais representações em escultura do Infante de Sagres e coevas do próprio vão assumir uma posição destaque para os artistas posteriores que se vão inspirar nas mesmas para a criação das suas obras.

A primeira representação surge em 1453, num retrato iluminado na obra pertencente à Biblioteca Nacional de Paris, a *Crónica dos Feitos de Guiné*, de Gomes Eanes de Zurara. Contudo, o códice seria descoberto e dado a conhecer aos portugueses apenas em 1841 pelo visconde de Santarém, diplomata português residente em Paris. Nesta iluminura, presente no fólio 5 verso, é-nos apresentado um retrato de “um homem de meia idade de traços meridionais, com um corte de cabelo arredondo, largo chapeirão à moda da corte borgonhesa na cabeça e um bigode” e em baixo a divisa do Infante – *talant de bien faire*, enquadrada com folhagens e ramos de sobreiro/azinheira e bolotas, elementos característicos da heráldica de D. Henrique (Figura 1). No fólio seguinte, o autor

inicia a sua crónica com um preâmbulo e afirma o seguinte: “Aqui se começa a crónica na qual são escritos todos os feitos notáveis que se passaram na conquista de Guiné por mandado do muito alto e muito honrado príncipe e muito virtuoso senhor o infante D. Henrique duque de Viseu e senhor de Covilhã regedor e governador da cavalaria da ordem de Jesus Cristo. A qual crónica foi juntada neste volume por mandado do muito alto e muito excelente príncipe e muito poderoso el-rei D. Afonso o quinto de Portugal” (Almeida, 2020)

A segunda representação de iconografia henriquina e, igualmente, contemporânea do respetivo são os *Painéis de São Vicente*, conjunto de 6 pinturas atribuídas ao pintor régio de D. Afonso V, Nuno Gonçalves. Esta obra datada de c. 1470, redescoberta em 1882¹⁸ numa das salas do Paço Patriarcal de S. Vicente de Fora terá pertencido originalmente à capela da Sé de Lisboa. Num dos painéis centrais, nomeadamente no Painel do Infante podemos identificar D. Henrique rapidamente devido ao seu chapeirão, traje borgonhês e traços muito semelhantes ao retrato presente na crónica de Zurara¹⁹ (Figura 2) (Carvalho) (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Também em Quatrocentos surgiu outra representação coeva de D. Henrique e a primeira que não seguiu as características do Infante a nível de fisionomia e indumentária, como nos foi apresentado no Códice de 1453 e nos *Painéis*. Esta estátua jacente no seu túmulo situado no Mosteiro da Batalha pode ser descrita da seguinte forma: “O príncipe jaz numa posição convencional, com a cabeça repousada sobre larga almofada e as mãos postas sobre o peito, ostentando um traje com fivela da Ordem da Jarreteira e a cota esmaltada com emblemas heráldicos” (Figura 3) (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Nesta linha iconográfica do Infante enquanto guerreiro medieval, inserem-se, igualmente outras duas estátuas, embora não sejam consideradas contemporâneas de D. Henrique. O primeiro trabalho é da autoria da oficina do mestre João de Castilho, datada de cerca de 1518, na coluna que divide a entrada no Portal Sul do Mosteiro dos Jerónimos.

¹⁸ No entanto, só em 1895 através de uma publicação de Joaquim Vasconcelos no jornal *O Comércio do Porto*, os Painéis recebem, pela primeira vez, um olhar mais atento, interpretativo e crítico (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

¹⁹ Alguns historiadores de arte não concordam com esta tese. Dagoberto Markl foi um dos inconformados com maior evidência ao lançar o livro *O retábulo de S. Vicente da Sé de Lisboa e os Documentos* (1988) (Carvalho).

Segundo José da Felicidade Alves, “a estátua do Infante Dom Henrique no Portal Sul virada para o mar representa a ligação do Mosteiro manuelino com a Igreja fundada pelo primeiro: *guardião do templo*” (Alves J. d., 1989). Esta representação de tamanho natural expõe o Infante de barbas e cabelos mais longos, de espada na mão, cota de armas e a perna direita ligeiramente fletida (Figura 4) (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999). A segunda, também do primeiro terço do século XVI encontra-se na parte exterior do coruchéu da igreja do Convento de Cristo, em Tomar. Aqui, o Navegador é representado de pé, com barbas, capacete, arnez, cota de armas e na mão esquerda um escudo da Cruz de Cristo (Figura 5) (Reis-Santos, 1960).

Foi com base nesta figura que, em 1885, o escultor Simões de Almeida se inspirou para a projeção de uma estátua para a fachada do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, embora se apresente com o cabelo mais curto e um bigode apenas e pose com uma das mãos sobre uma esfera armilar (Figura 6) (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Cinco séculos após o nascimento do Infante D. Henrique, foi celebrado o centenário em sua honra e, por isso, a comissão organizadora do mesmo abriu um concurso para erguer uma estátua em homenagem ao Infante, na Praça Infante D. Henrique, no Porto. No total, foram apresentados sete projetos, sendo que dois foram excluídos por não seguirem o regulamento. Após votação atribuíram o primeiro prémio ao projeto de Tomás Costa, que sofreu várias alterações, nomeadamente quanto à orientação do monumento, altura e a representação do Infante sugeridas pela comissão e, por isso, a inauguração só se realizou em 1900 (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Deste modo, Tomás Costa criou um Infante com base na fisionomia do retrato da iluminura do códice de Zurara e no vestuário da estátua do Mosteiro dos Jerónimos, “por considerar que o hábito militar estaria mais de acordo com o carácter nobre e guerreiro da personagem”. O homenageado apresenta-se de pé junto de cruces e uma esfera, um escudo, o seu lema e as respetivas datas de nascimento e morte (Figura 7). Na base, podemos encontrar “a figura alegórica da Glória sustenta na mão direita a bandeira de Portugal e uma coroa para distinguir os navegadores. Em pose desenvolta, avança sobre o castelo da proa de uma embarcação puxada por cavalos-marinhos, guiados por um Tritão e uma Nereida”. O escultor simbolizava, assim, o triunfo dos navegadores portugueses perante o desconhecido. Em relação à parte de trás, é possível observar “a

figura simbólica da Religião, representada por uma jovem que segura na mão direita a cruz cingida ao peito” (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Em 1931, Francisco Franco apresentou uma estátua do Infante na Exposição Colonial de Vincennes, em Paris, que se destacou pela qualidade do artista criador. Francisco Franco foi fiel ao protótipo de Nuno Gonçalves e, por isso, apresentou-nos um Infante de pé com o ilustre chapeirão, traje borgonhês e octante, numa pose vigorosa e determinada, digna de um verdadeiro líder (Figura 8) (Reis-Santos, 1960).

Aquando da comemoração do descobrimento do arquipélago dos Açores, em 1932, foi inaugurada uma estátua do Infante D. Henrique, da autoria do escultor Simões de Almeida (sobrinho). Nesta representação, o Navegador está sentado num rochedo em pose contemplativa através do “queixo apoiado na mão direita e o braço esquerdo estendido sobre a rocha, segurando nesta mão um conjunto de folhas um pouco enroladas”. Para o rosto e indumentária, Simões de Almeida inspirou-se na representação dos *Painéis de S. Vicente de Fora* e procurou transmitir na expressão do Infante “saudade contemplativa com que dizem que meditava no promontório de Sagres” (Figura 9). É importante referir que esta obra escultórica se assemelha bastante à pintura *O Sonho do Infante* (1905) de José Malhoa para o Museu Militar (Figura 10) (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Em 1933, foi gerado um movimento de opinião a favor de se erguer um monumento em homenagem ao Infante D. Henrique e aos navegadores portugueses no Promontório de Sagres, iniciado por personalidades como o poeta João de Barros, o almirante Gago Coutinho, o presidente da Academia de Belas Artes, José de Figueiredo, o historiador Rocha Martins e o pintor Almada Negreiros. Nesse mesmo ano, constituiu-se uma comissão que ficaria encarregue do regulamento do concurso, presidida por Júlio Dantas. Os candidatos tinham de apresentar um projeto em que o monumento fosse “de tal modo grandioso que fosse visível para a navegação e que conseguisse ser, simultaneamente, uma síntese do período histórico que evocava e um projecto criador que reflectisse o espírito da época em que ia ser realizado”. Ou seja, as propostas deveriam incluir uma “visão do passado que estivesse de acordo com os parâmetros ideológicos dominantes, mas de linhas modernas” (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Entretanto já tinham decorrido três concursos, sendo que o último, o de 1954 no âmbito da preparação do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique foi o que esteve mais próximo de apurar um projeto vencedor, contudo tal não se concretizou e viria a ser anulado por despacho no ano de 1957 (Alves & Mariz, 2016). O projeto quase vencedor foi o de Barato Feyo concluído em 1955, que se destacou de todos os outros pela sua beleza e inovação, apresentando o Príncipe que parece saído de um rochedo, sentado, com o seu largo chapéu e numa das mãos segura o globo encimado com uma cruz sobre o seu joelho. Ainda assim, a obra de Barata Feyo marcou presença na Feira de Bruxelas, em 1958 e dois anos mais tarde foi oferecida à cidade de Brasília, mas já fundida em bronze numa cerimónia que assinalava a data da morte do Infante (Figura 11) (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

O projeto do monumento para o Promontório de Sagres ficava, indiscutivelmente, arquivado e o facto de a decisão ter sido tão próxima do centenário henriquino facilitou a escolha da capital como o local ideal para a construção definitiva do monumento ao Infante, o Padrão dos Descobrimentos, projetado pelo arquiteto Cottinelli Telmo e do escultor Leopoldo de Almeida. É importante considerarmos que no projeto de Cristino da Silva que visava à recuperação da zona marginal de Belém, já era visível a reconstrução do antigo edifício em estafe da exposição de 1940 (Alves & Mariz, 2016). A figura do Infante no Padrão demonstra uma postura destemida e firme e é representada segundo a iconografia do códice e dos *Painéis*, mas também segura numa das mãos uma caravela e na outra suspende um mapa, símbolos associados ao mito do Navegador (Figura 12) (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Em Lagos, também foi inaugurada uma estátua do Infante do escultor Leopoldo de Almeida. A figura apresenta-se com o seu traje e chapéu borgonheses, sentado, “numa pose determinada e segura com um quadrante pousado no colo” (Figura 13). Em Viseu, Martins Correia executou uma estátua que representa D. Henrique de pé, vestido com os seus trajes típicos, com uma espada numa das mãos e na outra um globo com a cruz de Cristo em cima e com as pontas ligadas (Figura 14). Em Tomar, foi inaugurada uma estátua de Henrique Moreira que também nos revela o Infante com uma pose decidida e simultaneamente com um gesto de quem reflete sobre algo (Figura 15).

Concluindo, a partir desta breve análise de alguns exemplos de uma lista extensa de representações do Infante, foi possível assistir a três momentos distintos da iconografia henriquina. O primeiro momento é constituído pelos originais do século XV e são aqueles

que representam o Infante numa idade mais avançada e com indumentária e acessórios de guerreiro medieval. O segundo momento, com início em 1841 (quando a *Crónica dos Feitos da Guiné* é divulgada) até 1960, período temporal que inclui a redescoberta dos *Painéis de São Vicente*, em 1882, fica marcado pela figura que irá originar mais representações, sendo ela D. Henrique de bigode, com as suas vestes e chapéu borgonheses e muitas vezes em poses refletivas e naturais. O terceiro momento coincide com as Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique (1960) e fica marcado, uma vez mais, pela força da obra de Nuno Gonçalves, mas com a diferença na postura do Navegador, agora retratado numa pose alinhada, determinada e rígida, própria da iconografia do Estado Novo.

4. A *Exposição do Mundo Português* de 1940, bases para as Comemorações Henriquinas de 1960

Vinte anos antes das comemorações henriquinas decorreu uma outra importantíssima celebração - a *Exposição do Mundo Português* -, também sobre a alçada do regime ditatorial. A zona estratégica escolhida pelo governo do Estado Novo seria Belém, devido à simbologia do local associada à época dos Descobrimentos, isto é, de onde partiram as caravelas portuguesas para explorar mares desconhecidos, novos territórios e riquezas. Tendo como cenário o rio Tejo, o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém e a Praça Afonso Albuquerque seria como retornar ao passado e reviver as conquistas gloriosas do mesmo.

A ideia de realizar a *Exposição do Mundo Português* surge em 1929 da “necessidade de comemorar o duplo centenário da Fundação (1140) e da Restauração (1640) da independência portuguesa” e na sequência da participação portuguesa em três grandes exposições internacionais: Paris (1937), Nova Iorque e São Francisco (1939). Ficava, então, decidido por escrito numa nota oficial da Presidência do Conselho dirigida por António de Oliveira Salazar que o programa das comemorações se realizaria em junho de 1940 (Gulbenkian). Coincidente com o início da II Guerra Mundial, o que motivou ainda mais o presidente do Conselho e a comissão organizadora da exposição para a realização da mesma. José-Augusto França comprovou isso mesma na sua obra *Os anos 40 na Arte Portuguesa*, de 1982, onde refere o seguinte “tratava-se, em suma, de

comemorar, num magna exposição histórica, «grande documentário de civilização», a própria força do regime e as suas realizações – e, quando, já em fase adiantada dos preparativos, rebentou a guerra, a iniciativa passou a celebrar a paz que o próprio regime assegurava (...)” (Gulbenkian).

A *Exposição do Mundo Português* pode ser considerada um dos acontecimentos político-culturais mais importante do Estado Novo, uma vez que através dos seus pavilhões na zona de Belém conseguiu transmitir uma visão da memória portuguesa, exaltando o passado nacional de Portugal como potência ultramarina. A exposição tinha como objetivo final o sonho imperial (Gulbenkian). A iniciativa para a realização da mesma “assumiu em termos de recursos materiais e humanos uma dimensão inédita. O empenho político nas comemorações resulta da compreensão do que estava em jogo: passar ao acto (em forma de comemoração) a consagração pública de uma legitimidade representativa própria, desta feita, eminentemente ideológica e histórica” (Hemeroteca, 2005).

Para a concretização da exposição, o Estado Novo procurou auxílio de artistas e historiadores, pois estes tinham a capacidade de “difundir com clareza as linhas invisíveis da continuidade, que uniam a grandeza do passado, do presente e do futuro de Portugal”. Assistia-se, então, a uma harmonização inédita da arte com a política salazarista. A propaganda ganhou, desta forma, valores incontornáveis, como o próprio António Ferro, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional, referiu “1140 [...] explica 1640, como 1640 prepara 1940”, conseguida através da utilização de imagens, símbolos, frases e palavras, visando “a evocação histórico-ideológico dos acontecimentos mais marcantes e recheados de heróis e lições exemplares” (Hemeroteca, 2005).

Segundo Salazar, a ideia era dividir a exposição em dois contextos espaciais: o primeiro correspondente a Lisboa, como capital do Império e, por isso, devia afirmar-se como uma imagem de modernidade e o segundo correspondente ao contexto regional que deveria “mostrar o compromisso do interior rural tradicional com os ideias do regime” (Gulbenkian).

No que diz respeito à disposição da exposição, a mesma foi “distribuída em torno da Praça do Império, espaço articulador dos pavilhões e das secções especiais” e de frente ao Mosteiro dos Jerónimos. A praça que tinha como centro a Fonte Monumental era “delimitada pelos principais pavilhões exposição: a oeste pelo *Pavilhão dos Portugueses*

no Mundo, de Cottinelli Telmo e a este pelo *Pavilhão da Honra e de Lisboa*, de Cristino da Silva, perpendiculares ao rio e separados do mesmo pela Avenida da Índia e via férrea” (EGEAC).

Para além destes, entre o primeiro pavilhão e a praça Afonso Albuquerque, distribuía-se outros pavilhões pertencentes à secção histórica, como o do Brasil e o Bairro Comercial. Do outro lado, por trás do segundo pavilhão encontravam-se as Aldeias Portuguesas e na Avenida estavam as duas entradas principais: do lado da cidade, a Porta da Fundação e do outro, a Porta da Restauração. Havia ainda pontes suspensas sobre a linha do comboio para estabelecer a ligação entre as duas áreas da exposição. Por último, no Jardim Agrícola-Colonial erguia-se a secção dedicada às colónias (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

A sul da Praça, encontrava-se o Espelho de Água, de António Lino, na doca de Belém a Nau de Portugal, “recriação fantasiosa de um galeão português do século XVII-XVIII”, a Esfera dos Descobrimentos e a obra mais emblemática do Estado Novo, - na medida em que foi o projeto que melhor soube responder às ambições do regime - o Padrão dos Descobrimentos, da autoria do arquiteto Cottinelli Telmo em colaboração com Leopoldo de Almeida (EGEAC) (Teixeira, 2008).

Sendo que a maioria destes pavilhões foram somente construídos para a *Exposição do Mundo Português* que decorreu de 23 de junho a 2 de dezembro e, por isso, foram utilizados materiais mais perecíveis na sua edificação, muitos deles foram demolidos após o fim do evento, com exceção daqueles construídos com estruturas mais sólidas, mesmo não havendo ainda para eles um fim lógico pós-exposição (Gulbenkian).

Em 1941, a zona de Belém sofreu uma tempestade que acabou por causar inúmeros estragos neste local, levando à demolição dos mesmos pela Comissão Administrativa do Plano de Obras da Praça do Império, entidade responsável pela gestão e reabilitação urbanística do espaço. Porém, mesmo não correspondendo fielmente ao que existia em 1940, ainda subsistiram alguns pavilhões, como é o caso do Pavilhão dos Descobrimentos que foi adaptado para instalar a Associação Naval, o Pavilhão da Etnografia Metropolitana que é integrado no Museu de Arte Popular, o Pavilhão de Honra foi planeado para acolher o Museu de Arte Contemporânea, plano esse que não se concretizou e acabou por ficar destinado a outros propósitos, o Pavilhão dos Portugueses no Mundo pertence à Sociedade Geral de Superintendência e à Comissão Suíça da

Navegação. Outros elementos que perduraram após a exposição foi o edifício do Espelho de Água, o farol que pertencia ao Pavilhão da Terra e do Mar, a Nau Portugal, que depois foi vendida à Companhia Colonial de Navegação e ainda vários elementos escultóricos (Gulbenkian).

É importante destacar o Padrão dos Descobrimentos, que mesmo tendo sido a obra mais emblemática da *Exposição do Mundo Português* e inclusive do Estado Novo, construída em tempo record para as celebrações, teve de ser demolido após o temporal que acima mencionei devido ao material de caráter efémero que foi utilizado na sua construção: o estafe (Gulbenkian).

No entanto, com base na vontade de muitos, particularmente do regime, em torná-la numa obra definitiva, passando do gesso ao cimento e pedra, viria a acontecer em 1958 no âmbito da preparação para as Comemorações do Quinto Centenário do Infante D. Henrique, após o Decreto-lei nº 41 157 da mesma data ²⁰, no qual se solicitava que o monumento “além de constituir particular homenagem ao Infante, represente a consagração do primeiro ciclo dos descobrimentos dos Portugueses e do movimento que abriu o mar à civilização do Ocidente” (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999)

A réplica caracteriza-se pela imponência traduzida nos seus 50 metros de altura e desta vez construída “com uma estrutura em betão armado assente por intermédio de uma sapata nervurada num sistema de estacaria no mesmo material. O revestimento exterior é de pedra rosal de Leiria e as esculturas em calcário de Sintra” (Alves & Mariz, 2016). Na reedificação da réplica foi tido em conta a construção de espaços internos, como um ascensor, salas e acessos (Gulbenkian).

Relativamente à simbologia do monumento, as linhas do padrão representam uma caravela estilizada que carrega trinta e três figuras e uma proa que dá a sensação que avança na direção do rio Tejo com o responsável e grande impulsionador dos Descobrimentos, o Infante D. Henrique, na frente como comandante daquela embarcação. Analisando o conjunto de personagens escolhidas pelos autores do projeto para figurarem no monumento, é notório que tiveram em atenção que o mesmo fosse representativo de todos os setores que direta ou indiretamente estiveram ligados à epopeia nacional tanto de gesta ultramarina como da cultura da época, como por exemplo figuras régias,

²⁰ Decreto-lei 41 157, n.º 21, I Série, 3 de fevereiro de 1958, p. 51.

navegadores, guerreiros, cartógrafos, evangelizadores, cronistas e artistas, cada um acompanhado de um símbolo que os caracterize (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999) (EGEAC).

Para além disso, ainda no que diz respeito à simbologia do padrão, a ideia de cruzada está fortemente representada no monumento. Na sua retaguarda, ou seja, na parte voltada para o Jardim do Império está retratada uma cruz, de onde se destaca uma espada. A cruz e a espada são os símbolos mais utilizados em todo o conjunto escultórico, desde a cruz das ordens militares de Cristo e de Santiago, a cruz da bandeira atribuída à figura de D. Afonso Henriques e ainda a espada que é usada por várias personagens como símbolo da condição da nobreza e da conquista (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

No terreiro de acesso ao padrão foi colocada uma enorme rosa dos ventos executada em cantaria de calcário lioz negro e vermelho, extremamente “decorada com elementos vegetalistas, cinco rosas dos ventos mais pequenas, três bufões, uma sereia, um peixe fantástico e Neptuno com tridente e trombeta montado num ser marinho” e ainda “datas, naus e caravelas que marcam as principais rotas da expansão portuguesa, entre os séculos XV e XVI. A rosa dos ventos foi oferecida pela União da África do Sul e inaugurada em 1960, também no âmbito das comemorações henriquinas (EGEAC).

Concluindo, o Padrão dos Descobrimentos é, indubitavelmente, um dos monumentos que melhor representa a ideologia do Estado Novo, na tentativa de relembrar e trazer ao imaginário dos portugueses, e não só, aquela que terá sido a época de ouro da história de Portugal, demonstrando que o povo lusitano não perdeu a sua capacidade realizadora de proezas e feitos históricos. A reconstrução do monumento iconograficamente fiel ao original passados 20 anos, mas da última vez com materiais duradouros manifesta, para além da não evolução mental do regime, a vontade de, igualmente, perdurar no tempo (Alves & Mariz, 2016).

5. Âmbito histórico-cultural das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique

Ainda que as comemorações centenárias possuam raízes antigas nos países ocidentais, estes tipos de celebrações foram raros até ao século XVIII. No entanto, foi a partir da segunda metade do século das Luzes que as mesmas começaram a ganhar expressão e apenas a meados do século XIX é que os centenários que assinalavam datas referentes à vida ou morte²¹ de grandes personalidades se tornaram mais frequentes e acessíveis à população em geral. Nas décadas seguintes o número de cerimónias festivas promovidas pelo Estado disparou (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

O Estado está na base de todas as comemorações nacionais, com o objetivo de assinalar a identidade de um povo. Partindo de uma perspetiva interna, os centenários têm a finalidade de unir os cidadãos em torno de uma figura, símbolo, referências e valores a eles associados, contribuindo para a “unidade e coesão nacional”. Relativamente ao exterior, as celebrações têm o intuito de projetar para o exterior o que caracteriza a singularidade de um país e lhe confere estatuto e prestígio, não esquecendo as intenções de marketing económico e político (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

No caso de Portugal, desde os finais do século XIX que se tem vivido a “era da comemoração”, registando-se um significativo número de celebrações. Sendo Portugal um país bastante ligado e amarrado aos signos e feitos do passado associados à expansão marítima, tem-se procurado através das comemorações “afirmar a imagem de um país de nautas e descobridores, de um povo que abriu novos mundos ao mundo” (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

São 80 o número de décadas que separam o tricentenário da morte de Luís de Camões (1880) até às comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique (1960). Neste espaço tempo foram muitas as alterações que o regime político português sofreu, desde a Monarquia, à I República e, por último, à Ditadura, algo que influenciou

²¹ Segundo Maria Isabel João, no seu I volume de *Memória e Império – Comemorações em Portugal (1880-1960)*, tradicionalmente, os centenários da morte de uma personalidade são celebrados em maior número do que os do nascimento.

o planeamento dos centenários do ponto de vista político-ideológico, de acordo com a época em que se inseriam (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

É importante mencionar que em todas as ideologias políticas se procurava um verdadeiro líder, que fosse capaz de reinstaurar o esplendor de Portugal. Essa missão foi atribuída a António de Oliveira Salazar e rapidamente o povo projetou nele as virtudes dos heróis antigos (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

No período do Estado Novo, o “comemoracionismo” manifestou-se por via de grandes encenações para o consumo de um público que poderia ser mais ou menos reverente em relação ao passado e tradição. Apelar à memória tornou-se um objetivo e uma ferramenta essencial para a conservação do poder. O serviço de propaganda para o culto do chefe era feito através da manipulação da história, associando a figura do Infante D. Henrique ao Chefe de Estado (João, M. I., Procesos de nacionalización e identidades en la península ibérica, 2017). O escritor e jornalista António Ferro refere a obra de Oliveira Martins²²: o génio solitário e ascético, dominado por um grande pensamento, que sabia onde queria chegar e foi capaz de levar a cabo a sua obra. Na opinião de António Ferro, Salazar assemelha-se ao Infante de Sagres e compara-os “na sua tenacidade, no seu misticismo objectivo, tocando as realidades essenciais, na sua fé em si próprio, no seu sonho que parece absurdo, mas que ele sabe possível, porque a certeza está com ele, porque a certeza já está lá dentro”²³ (João, M. I., Procesos de nacionalización e identidades en la península ibérica, 2017).

As Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique decorreram durante o regime ditatorial e, por isso, a organização geral das celebrações foi centralizada pela Presidência do Conselho, nomeando comissões nacionais do mesmo círculo político. Através das solenidades festivas, o Governo enalteceu e exaltou o passado como forma de legitimação do poder e da sua ideologia repressiva. O regime salazarista, evidentemente, reinterpretou o passado mitificado da forma mais conveniente para difundir a sua fórmula “Deus, Pátria, Autoridade, Família e Trabalho”. Em relação à organização das comemorações, a iniciativa dos cidadãos ou projetos das associações

²² *Os Filhos de D. João I*, 1891.

²³ *Salazar o homem e a sua obra*, de António Ferro, 1982.

culturais foi substituída por projetos de caráter oficioso e obrigatório. Todos os propósitos pedagógicos e cívicos abertos de forma livre e disseminada e incitantes ao diálogo e contraposição de ideias foram anulados pela uniformização ideológica de todas as atividades imposta pelo presidente do conselho de ministros por via da censura e polícia política (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

O sistema nacionalista e autoritário procurou através da propaganda e encenações de poder - estratégias onde demonstrou especial dedicação - aliciar as populações, sobretudo os mais jovens e difundir os seus valores morais. Contrariamente, à posição liberal e evolucionista que acreditava na possível futura emancipação das colónias, o regime de Salazar via como opositores e até mesmo “antiportugueses” todos aqueles que partilhassem da mesma opinião (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Neste sentido, o Governo salazarista apoiava-se no argumento da “nação pluricontinental e multirracial”, retirando a autonomia a todos os povos colonizados. Acrescentava-se ainda outro argumento, o de que grandes potências estrangeiras cobiçavam as riquezas provenientes das colónias portuguesas, fomentando a ideia de conspiração internacional com o objetivo de retirar a soberania portuguesa das Províncias Ultramarinas (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Segundo o decreto de 9 de fevereiro de 1960 (Conselho, 1960), a grande finalidade das celebrações centrava-se em “evocar a figura, a vida e obra do Navegador e através dessa evocação lembrar os grandes passos da gesta dos Descobrimientos e da ação civilizadora dos Portugueses”²⁴. Também era importante que os principais eventos comemorativos resultassem em “lições plenamente actuais, geradoras de confiança no esforço criador e na capacidade de ação do povo português” para se conseguir enfrentar as adversidades do presente (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

O caráter antiliberal do regime tornou-se ainda mais expressivo aquando do discurso de abertura das Comemorações de José Caeiro da Mata. O presidente da Comissão Nacional lançou uma forte crítica aos países europeus, incapazes de se unirem

²⁴ Decreto-lei n.º 42 837 de 9 de fevereiro de 1960 “Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique”, I vol., Lisboa, 1961.

e lutarem pela preservação do domínio que tiverem sob o mundo, pois já tinham iniciado o processo de descolonização, afirmando que se vivia numa época de “liquidação de uma civilização”²⁵. Na opinião do ex-ministro dos Negócios Estrangeiros os países ocidentais deviam fazer frente à falsa doutrina de “coexistência pacífica” para se dar continuidade ao modelo de sociedade por excelência, a Civilização, que se destruída entraria em ruína e, conseqüentemente, levaria ao caos. Por fim, reforçou “os pilares tradicionais da política externa portuguesa: os laços fraternos com o Brasil, a estreita amizade com Espanha e a secular aliança com a Grã-Bretanha”. Deste modo, o governo português demonstrava o apoio que necessitava destes países para manter a política colonial e conseguir preservar o modelo civilizacional, herança deixada pelo Infante D. Henrique (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Caeiro da Mata manteve a mesma linha de ideias em todos os discursos, sendo que no de encerramento do ciclo comemorativo a sua mensagem ainda se tornou mais radical, afirmando que os “agentes da conspiração anti-ocidental” queriam impedir Portugal de cumprir a sua missão colonizadora²⁶. Depois deste discurso não restavam dúvidas que a posição de soberania portuguesa nas colónias estava para durar (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

A verdade é que o Estado Novo dos inícios dos anos quarenta, em 1960 já se aproximava do fim. Na tentativa de defender o regime salazarista, a evocação do Infante e das glórias do passado através das celebrações deveriam ter “um efeito apaziguador” no povo português e contribuir para o fortalecimento do poder vigente, conferindo “uma certa legitimidade histórica para a sua atuação, sobretudo no plano externo” (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Para além disso, o regime começava a indiciar cada vez mais sinais de rutura devido às lutas anticoloniais e à contenda com a União Indiana, fruto do pedido de retirada de Portugal de territórios como Goa, Damão e Diu. Deste modo, as comemorações “decorreram sob o signo da unidade do Império e da missão civilizadora do Estado português, cujas origens remontavam ao Infante e ao seu plano para impor a superioridade da Cristandade no mundo” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

²⁵ *Idem*, vol. II, Lisboa, 1962.

²⁶ *Idem*, vol. III, Lisboa, 1963.

Portanto, em 1960, começou a crescer uma onda de exaltação nacionalista resultante das comemorações nacionais do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique. Os nacionalistas, por norma, “revêem-se numa idade e ouro da nação e num conjunto de valores legados pela história dos quais se consideram herdeiros”. Todas as ideologias nacionalistas acreditam verdadeiramente que são “portadores de uma riqueza moral, intelectual, social ou religiosa” e que está “destinada a expandir-se além das fronteiras do Estado-Nação” (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

No caso português, agregado a este sentimento patriótico estava o facto de existir uma história de expansão nacional e um império, contribuindo não só para a exaltação dos feitos heroicos do passado, mas também “a ideia de transcendência da cultura e da nação portuguesa” (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Concluindo, as celebrações henriquinas surgiram então com o intuito de “redimir, o presente de apagada e vil tristeza, exaltar o passado e as glórias nacionais, lembrando aos portugueses e ao mundo os tempos áureos em que tínhamos construído um vasto Império, e trazer para o convívio das novas gerações figuras que servissem de proveito e exemplo” (João, M. I., O Infante D. Henrique na Historiografia, 1994).

No que diz respeito à encomenda de estatuária, as Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique foram menos pródigas do que em 1940, na *Exposição do Mundo Português*. Ainda assim, em 1960 foram inaugurados em vários sítios do país monumentos de iconografia henriquina, como referi anteriormente (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999) (Teixeira, 2008).

Esta repetição iconográfica presente na estatuária deve-se ao domínio da retórica nacionalista que impôs aos artistas da época limites à sua criação e originalidade e modelos padronizados, principalmente quando se tratava de edificações comemorativas e oficiais. Assim, prevaleceu ao longo do século XX o gosto romântico, representado através de monumentos invocativos de figuras alegóricas e também referências literárias. Alguns autores de monumentos comemorativos edificadas no período do Estado Novo procuraram incluir conceções modernistas nas suas obras, contudo não de forma excessiva, pois era-lhes exigido contenção dentro dos limites traçados pelo quadro

ideológico conservador e nacionalista (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Contudo, para as Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, o Estado Novo não se dedicou apenas à construção de novos elementos arquitetónicos, mas também em restaurar os já erguidos. Na década de 50, por ocasião dos preparativos para as celebrações, a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, organismo responsável pela valorização e salvaguarda do património arquitetónico desde 1929²⁷, é convocada para planear ações interventivas nos monumentos que faziam parte do programa cerimonial e que preenchiam as exigências ideológicas do regime (Neto, Memória, Propaganda e Poder: O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960), 2001).

Desta forma, os monumentos onde a DGMEN interveio foram na “Casa do Infante”, no Porto; no Convento de Cristo, em Tomar; no Algarve, mais precisamente em Castro Marim e com maior dimensão em Lagos e Sagres, “cenário imponente e mítico do extremo do barlavento algarvio, onde o Infante se entregou à missão náutica do Atlântico”. Tanto em Sagres como em Lagos se optou por “intervenções acompanhadas de soluções urbanísticas”, como foi o caso do restauro das muralhas de Lagos e a ampliação da avenida marginal (Neto, Memória, Propaganda e Poder: O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960), 2001).

Já em março de 1938, em *Nota Oficial da Presidência do Conselho*, tinha ficado decretado o programa minucioso e completo de operação e recuperação de alguns monumentos nacionais, sendo uma das diretrizes remover os “elementos que afrontavam a Torre de Belém e o tratamento adequado do envolvimento do imóvel” (Neto, Memória, Propaganda e Poder: O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960), 2001).

Para o regime do Estado Novo, os monumentos eleitos para restauro e salvaguarda eram aqueles que melhor representam as épocas de glória passadas. Ao proferir o seguinte “Restauração material, restauração moral, restauração nacional”, num discurso em 1936, Salazar pretendia que, por via da intervenção no património arquitetónico, se renovasse a Nação, recuperando os valores histórico-ideológicos. Sendo os monumentos testemunhos

²⁷ O Decreto-Lei 223/2007, de 30 de maio, procedeu à extinção da Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) e à sua fusão com o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (Ministério do Ambiente, 2007).

desses mesmo valores, os critérios interventivos remetiam para a “reintegração estilística dos mesmos, na sua conceção primitiva”, apresentando apenas uma *unidade de estilo*. Através da conservação dos monumentos nacionais, documentos vivos da “prova de heroísmo, do génio e do vigor irreverente e sagaz da Nação ancestral de oito séculos”, o Poder fazia propaganda ao seu regime (Neto, Memória, Propaganda e Poder: O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960), 2001).

6. A *Exposição Histórica* de 1960 na Torre de Belém

No dia 1 de julho de 1954 ficavam oficialmente decretadas as Comemorações do Quinto Centenário da Morte do Infante D. Henrique. O programa comemorativo decorreu no ano de 1960, entre 4 de março a 13 de novembro, datas correspondentes às do nascimento e falecimento do propulsor dos Descobrimentos. As solenidades estenderam-se de norte a sul do país, ilhas e Ultramar inclusive (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999) .

Porém, passados 20 anos da *Exposição do Mundo Português*, as celebrações do V Centenário da Morte do Infante iriam concentrar-se em maior número, igualmente na zona de Belém e por isso, era tempo de repensar num espaço que outrora servira à primeira.

As celebrações mobilizaram um grande conjunto de pessoas a nível central e regional, sendo que a Presidência do Conselho nomeou a sua comissão nacional seis anos antes em relação à data do centenário henriquino. O Presidente escolhido para essa comissão foi José Caeiro da Mata²⁸ que ficava encarregado de estabelecer o programa geral e de proceder à escolha de comissões locais para que, ainda separadas geograficamente, trabalhassem em conjunto, estabelecendo diretrizes genéricas e simultaneamente que cada núcleo honrasse a memória do Infante dentro das suas possibilidades (Anacleto, 1960).

Ainda em novembro de 1959 já Caeiro da Mata anunciava publicamente na sede do Secretariado Nacional da Informação, o programa geral das comemorações, como por

²⁸ José Caeiro da Mata apesar de não ter obtido grande reconhecimento enquanto historiador, ocupou a presidência da Academia Portuguesa de História durante quase duas décadas (1945-1963).

exemplo os grandes acontecimentos previstos, as realizações locais e a participação do Ultramar, a colaboração da juventude, os concursos literários e artísticos, as publicações, a visita do presidente do Brasil e de embaixadas de outros países.

Nos meses que se seguiram as iniciativas multiplicavam-se nos locais que tinham ligação estreita com a vida do Infante. A grande maioria delas estavam integradas no programa oficial da comissão executiva e atingiram uma dimensão nacional devido à presença de altos membros do governo, sendo os locais com maior relevo, à exceção de Lisboa, Porto, Coimbra, Viseu, Tomar, Batalha, Algarve e ilhas. Como seria de esperar, Lisboa enquanto capital e centro dominante da História da obra do filho de D. João II foi-lhe atribuído um papel especial nas comemorações henriquinas e é esse o motivo pelo qual se elegeu uma comissão de Lisboa para a organização das cerimónias em parceria com vários organismos citadinos. O responsável por esta comissão seria Aníbal David, vice-presidente da Câmara e tinha a seu cargo a promoção das mais significativas cerimónias do ciclo henriquino a nível cultural, histórico e popular (Anacleto, 1960).

Foram vários os setores que trabalharam para dar uma grande projeção aos atos inaugurais, desde o poder civil, religioso e o militar, sendo que o último promoveu a comemoração do Dia da Marinha. Uma projeção em massa só teria o sucesso pretendido com a presença dos media e por isso, a imprensa, rádio e televisão fizeram toda a cobertura jornalística das cerimónias e desta forma “procuravam criar uma atmosfera de elegia coletiva da Nação em memória do fundador do Império”. A Igreja também se preocupou com a mobilização de todos aqueles que trabalham em seu prol e a seguem, ao emitir exortações, provisões e notas oficiosas solicitando a colaboração dos seus sacerdotes de todas as paróquias do país e dos católicos na preparação e realização das cerimónias (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

A inauguração do programa teve o seu início através de dois atos comemorativos marcados pela sua dignidade e imponência: o primeiro teve lugar no Mosteiro dos Jerónimos através do evento solene, o *Te-Deum*, - local com grande simbologia em termos históricos e religiosos associada ao evento -, que reuniu as mais ilustres personalidades do Estado e da Igreja, à qual se seguiu mais uma sessão solene na Assembleia Nacional e o segundo teve lugar junto ao Tejo, na cerimónia inaugural da réplica do padrão dos Descobrimentos, a qual assinalou o começo das festividades públicas a cargo da Câmara Municipal (Anacleto, 1960). Como tal, o exemplo da capital deveria ser seguido por todas as Sés, Igrejas Matrizes e Câmaras Municipais não só de Portugal, como também das

províncias ultramarinas, onde o programa oficial permitisse a realização de sessões evocativas ao Infante, como era o caso das capitais dessas províncias, sedes de distritos e algumas sedes de concelho (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Desta forma, passaram pelos Paços do Concelho algumas das figuras mais intelectuais do país para participarem numa série de conferências que constituíram num acontecimento cultural de relevância sobre aspetos da vida e obra do Infante (Sequeira, Comemorações Henriquinas, 1960).

Como é referido no jornal *Revista Municipal*, nº 86, por Matos Sequeira foi “Digna de registo a acção da comissão de Lisboa no ciclo henriquino, vasta, completíssima, como a resultante das decorações nas ruas e praças da capital, feitas com largueza e notório bom gosto. Lisboa oferecia alacridades nunca vistas, mormente nas artérias principais, no centro da cidade e na parte ribeirinha, esta, então, ornamentada profusamente e em extensão apreciável”, tudo em honra do Príncipe dos Descobrimentos (Sequeira, Comemorações Henriquinas, 1960)

Contudo, as celebrações culminaram com a visita do presidente brasileiro Kubitschek de Oliveira que foi recebido com grande entusiasmo e admiração pelo povo de Lisboa nos Paços do Concelho, onde decorreria uma cerimónia bastante importante que demonstrou a forte ligação luso-brasileira. Para a sua chegada, o Tejo encheu-se de embarcações (Sequeira, O Presidente Kubitschek de Oliveira visita os Paços do Concelho, 1960).

Neste ciclo henriquino de 8 meses, o número de acontecimentos em Lisboa a partir de agosto foi de tal forma recorrente que se tornou extenuante, tal como toda a euforia festiva a que se assistiu. Tiveram ainda lugar acontecimentos como os jogos Desportivos Luso-Brasileiros; sucessivas refeições nos Paços do Concelho por França Borges, o mais conceituado representante da capital; a regata no Tejo de grandes veleiros das Escolas Náuticas de sete países diferentes desde Cascais até Lisboa; desfile na Avenida da Liberdade das marinhas de guerra de catorze nações; o Congresso Internacional de História dos Descobrimentos, onde participaram historiadores de todo o mundo; Colóquio Internacional de História do Navio e da Economia Marítima com ênfase para o génio do Infante e a época dos Descobrimentos. Em Sagres, decorreu o desfile das unidades navais

e atos evocativos da figura e vida do Infante (Sequeira, Comemorações Henriquinas, 1960).

Realizou-se, também, a exposição sobre motivos henriquinos realizada no Museu de Arte Popular, a *Exposição Henriquina*. Este museu foi criado em 1948 e nasceu no edifício que outrora pertenceu ao pavilhão da Secção da Vida Popular da *Exposição do Mundo Português*. A *Exposição Henriquina* surge da vontade de afirmação do regime num contexto de mudança, no qual a história e a cultura são usadas como instrumentos de diplomacia internacional (Baltazar, 2015).

Esta exposição delineou, essencialmente, uma retrospectiva histórica desde os antecedentes dos descobrimentos como a vida e ação do Infante D. Henrique até aos reinados de D. João II e D. Manuel (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999). É possível perceber como toda a exposição estava montada graças à excelente planta da mesma da autoria de Frederico George e Daciano da Costa, que traçaram uma “uma cenografia expositiva, que define planos, percursos e núcleos expositivos, pré-definido as condições de instalação, desenhando a iluminação, a integração espacial dos materiais expostos e as formas de interacção com o visitante” e pelas magníficas fotografias do Estúdio Mário Novais (Baltazar, 2015).

Assim que se entrava na exposição, na Sala da Introdução, o visitante deparava-se com um incrível painel do artista Manuel Lapa, que representava “O Génio Universalista do Povo Português e o Infante D. Henrique como seu símbolo” e ainda três âncoras retiradas do mar dos Açores que simbolicamente se encontravam na areia do Restelo, um painel da autoria de Júlio Resende alusivo à tomada de Ceuta, uma evocação da Batalha de Aljubarrota, uma espada da época, os brasões da nobreza portuguesa da época e das principais casas estrangeiras ligadas à família de Avis, um pequeno grupo escultórico, da autoria de Lagoa Henriques, onde se representava a cena em que o rei armou os filhos cavaleiros, um diorama para recordar o casamento dos pais do Infante e documentos relativos ao batismo e a árvore genealógica, num vitral da autoria do professor Augusto Gomes. Basicamente, nesta sala introdutória evocava-se o poder, a guerra, a nobreza e a genealogia do Infante (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999) (Baltazar, 2015).

De seguida, tínhamos a Sala da Iconografia que pretendia revelar as características físicas e psicológicas do Infante através dos painéis de Nuno Gonçalves, da máscara

mortuária e de diversos documentos. Conduzidos à Sala do Mar Tenebroso, os visitantes podiam encontrar elementos alusivos ao conhecimento geográfico e cosmográfico de Quatrocentos do mundo, na Europa, com a montagem de Roberto Araújo e as lendas que testemunhavam o medo dos marinheiros do final da Idade Média pelos mistérios dos Oceanos eram enfatizadas através de efeitos sonoros musicais e de uma récita de um poema de Fernando Pessoa (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999) (Baltazar, 2015).

Já na Sala dos Envolventes estava exposta a famosa tapeçaria de Pastrana com grandes dimensões, encomendadas por D. Afonso V à oficina de Passchier Grenier de Tournai, onde estão representados episódios da conquista da praças de Arzila pelas tropas afonsinas em 1471. Passando à Sala do Infante, destaca-se a pintura de Fred Kradolfer que representa as navegações atlânticas e celebra a vitória sobre as mesmas. A seguinte era a sala do Renascimento, onde se podia encontrar um mapa-síntese dos Descobrimentos Portugueses de Le Mettre de Carvalho. Por fim, a exposição terminava com uma secção de cartografia, onde estavam incluídos os recém-publicados quatro volumes da monumental *Portugaliae Monumenta Cartographica* de Armando Cortesão e Teixeira da Mota (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999) (Baltazar, 2015).

Para além das comissões criadas para a organização de eventos, havia várias entidades que também se juntaram às atividades nacionais e da cidade. A meu ver, é importante destacar *Exposição Histórica* na Torre de Belém, uma vez que é um dos temas no qual fiz investigação durante o meu estágio curricular. A Administração-Geral do Porto de Lisboa foi o organismo promotor desta exposição onde os principais tópicos abordados são a construção do *Castelo de Sam Vicente da Par de Belém*, a Torre no quadro defensivo do porto de Lisboa e os Descobrimentos (Lisboa, Exposição Histórica na Torre de Belém promovida pela Administração-Geral do Porto de Lisboa, 1960).

A junho de 1954, o Diretor-Geral da AGPL, José Bragança sugeriu que se instalasse na Torre de Belém, o Museu do Porto de Lisboa, pois acreditava que para muitos visitantes era desagradável visitar um monumento com salas vazias. O plano expositivo era o seguinte: piso inferior com peças de artilharia do século XVI; 1º piso com documentação do século XVI sobre a história da Torre; 2º piso com documentação do século XVII; 3º piso com documentação do século XVIII; 4º piso documentação do século XIX; no terraço o sextante de Gago Coutinho. Para além destes, todos os pisos

ainda seriam decorados com astrolábios, bússolas, cartas náuticas, desenhos e gravuras (Lisboa, Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém (1954-1970), 1955).

No entanto, só um mês depois eram decretadas as Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique e, por isso, o planeamento da exposição avançava para ocasião das celebrações, sendo que o projeto do Museu do Porto de Lisboa não se concretizou. Na altura, o Chefe de Serviço de Publicidade e Turismo, António Cyrne, concorda apenas com a decoração do piso inferior, porque todo o resto “ficaria apagado, submerso, sob a pressão de tantos materiais acumulados” (Lisboa, Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém (1954-1970), 1955).

Ficava, então, decidido um ano mais tarde após discussão por “qualificadas personalidades entre as quais os Senhores Dr. António Luís Gomes, Diretor Geral da Fazenda Pública, Dr. João de Almeida, Diretor Geral do Ensino Superior e de Belas Artes, Dr. João Couto, Diretor do Museu de Arte Antiga, D. Julieta Ferrão, Conservadora do Museu Municipal de Lisboa e Dr. Guilherme Possolo, Diretor da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva” que a decoração nos pisos superiores seria feita com mobiliário “de adequado estilo e perfeita execução, disposta com tão escrupulosa sobriedade que de modo algum posso afetar o ambiente e o valor arquitetónico do histórico monumento” (Lisboa, Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém (1954-1970), 1955).

A exposição ocupou o edifício por completo desde o baluarte às quatro salas da Torre, sendo a do primeiro piso a do Governador, a do segundo a dos Reis, a terceira a das Audiências e a quarta e última a da Capela. Entre as peças de elevado interesse que figuraram nesta exposição, para além das peças de mobiliário de época, é de destacar: “uma reprodução em talha dourada da estátua do Mosteiro dos Jerónimos com D. Manuel I e S. Jerónimo; um mapa em relevo da praia e surgidouro do Restelo no fim do século XV; uma fotomontagem do Tratado de Tordesilhas²⁹; algumas gravuras alusivas à Torre de Belém ao porto de Lisboa; a carta de nomeação de Gaspar de Paiva, primeiro governador da Torre; painéis com inscrições da época” (Lisboa, Exposição Histórica na Torre de Belém promovida pela Administração-Geral do Porto de Lisboa, 1960).

²⁹ Cedida pelo Arquivo Geral das Índias, de Sevilha (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

Quanto às cerimónias de encerramento, as mesmas foram realizadas por via de uma missa solene num local bastante simbólico da memória da nação: o Mosteiro da Batalha, mais precisamente na Capela do Fundador, onde repousam os restos mortais da família de Avis. A deslocação dos membros da mais alta hierarquia do governo desde presidente da República, ministros e respetivas comitivas oficiais demonstrou a “ideia de unidade da nação em torno dos heróis e valores do seu passado”, isto é, o facto das comemorações terem um carácter centralizado e hierárquico, estas não excluíam a participação de províncias, mas sim procuravam integrá-las no programa comemorativo de mobilização nacional, ou até mesmo imperial. No dia 13 de novembro também noutras cidades do país e inclusive províncias ultramarinas se realizaram sessões solenes invocando a figura do Infante D. Henrique, representativas do encerramento do ciclo comemorativo (João, Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960), 1999).

7. As peças de mobiliário e o seu trajeto até aos dias de hoje – Contributo para o núcleo expositivo que reunirá as peças de mobiliário da Torre de Belém

Durante o estágio e já próximo da etapa final, a direção do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém solicitou-me auxílio no processo de investigação documental, com o objetivo de traçar o trajeto que as peças de mobiliário, referidas no subcapítulo anterior, sofreram desde a sua exposição em 1960 na Torre de Belém até à sua localização em setembro de 2020, na Igreja Matriz de Santiago do Cacém.

O processo de investigação por parte da direção da instituição acolhedora teve início após a mesma ter recebido a informação por parte do Dr. Rui Santos, Subdiretor Geral da Direção-Geral do Património Cultural e da Dr. Maria de Jesus Monge, Diretora do ICOM Portugal e ainda do Senhor Padre Dr. Manuel António Guerreiro do Rosário, Presidente da Comissão Diocesana de Arte Sacra de Beja que na mesma Igreja existia “um grupo de peças descritas como provenientes de Depósito do Instituto Português de Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana”³⁰. Contudo, no ofício (Anexo 5)

³⁰ Informação retirada de um relatório não datado e não assinado localizado na Igreja Matriz de Santiago do Cacém (Rodrigues, 2020).

enviado pelo Padre Manuel António Guerreiro do Rosário à direção dos Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém a 30 de setembro de 2020, devo salientar que algumas peças surgem apenas identificadas como “Depósito da Real Sociedade Arqueológica Lusitana” (Rosário, 2020).

De seguida, com o objetivo de identificar as peças, a Diretora Dalila Rodrigues deslocou-se à Igreja de Santiago do Cacém, no dia 16 de outubro de 2020. Após a observação das peças, com base no critério do estado de conservação das mesmas, dividiu-as em dois grupos, sendo o primeiro: “Peças em bom estado de conservação, denunciando uma intervenção de conservação e restauro recente, localizadas em dependências anexas da Igreja Matriz, sala 2, sala 3 e sala 4, do núcleo museológico:

- 1- Atril ou estante de rosca (sala 2), século XV - TB
- 1- Arca comprida – escabelo (sala 3), século XVI - TB
- 1- Arca com tampa abaulada (sala 4), século XVI - TB
- 1- Banco de genuflexório (sala 4), século XV - TB
- 1- Genuflexório (sala 4), século XV - TB
- 5- Castiçais em bronze (sala 4), século XVI - TB
- 1- Pintura, Calvário (sala 3), século XVI - Proveniência desconhecida”

E o segundo, “Peças em mau estado de conservação, armazenadas no coro alto da Igreja Matriz:

- 1- Arca, século XV - TB
- 1- Arca, século XV - TB
- 1- Arca, século XV - TB
- 1- Arca, século XV - TB
- 1- Mesa (2 pernas duplas e tampo de mesa separados), século XV - TB
- 1- banco, século XX – (?)” (Rodrigues, 2020)

No total foram identificadas 11 peças de mobiliário, 5 castiçais e 1 pintura. Por vontade da Direção do Mosteiro e da Torre, as 17 obras serão reincorporadas no Mosteiro dos Jerónimos, com vista à conceção de uma exposição numa das salas do coro alto. Não se optou pela montagem da exposição no seu local original (Torre de Belém), dado que o

monumento não apresenta condições ambientais, designadamente valores estáveis de temperatura e humidade relativa para o efeito.

Depois de identificadas as peças, a Diretora Dalila Rodrigues levou a cabo uma pesquisa documental durante os meses de setembro e outubro de 2020 com o intuito de descobrir a proveniência deste conjunto de peças de mobiliário e de tocheiros. No relatório redigido pela própria, que anexo (Anexo 6) a este trabalho, confirma-se o seguinte: “trata-se de peças de mobiliário originais, dos séculos XV e XVI, adquiridas em 1958 pela Fundação Ricardo Espírito Santo e Silva (Dr. Guilherme Possolo), entidade responsável pela decoração da Torre de Belém para as Comemorações Henriquinas (1960), a expensas da Administração Geral do Porto de Lisboa, entidade que tutelava a Torre de Belém, em antiquários de Madrid e Londres (eventualmente, foi adquirida uma mesa em Paris)” e ainda “A Administração-Geral do Porto de Lisboa pagou, em Fevereiro de 1958, a quantia de 294.477\$40 por mobiliário e acessórios, descritos numa lista com valores discriminados por peças e conjuntos de peças. Nesta lista, constituída por 21 peças, correspondendo uma ao conjunto de 5 pares de castiçais (de que restam atualmente apenas, 5 exemplares), faz-se menção a peças entretanto desaparecidas, tais como “cadeira de braços” e “cadeira de espaldar alto” (Rodrigues, 2020).

No entanto, a informação obtida na primeira fase de investigação por parte da Diretora dos dois monumentos acerca das peças de mobiliário, ainda se revelava insuficiente e, por isso, em meados de novembro de 2020 iniciei a minha pesquisa documental que se prolongou até janeiro do ano seguinte. Nesta etapa da pesquisa tinha como objetivo responder a questões que tinham sido levantadas pela direção dos monumentos acerca das peças de mobiliário, tais como: “de que forma as peças foram expostas na *Exposição Histórica*? e “Qual foi o trajeto das mesmas desde 1994 até à sua localização na Igreja de Santiago do Cacém em 2020?”. Estas foram as duas grandes questões à volta das quais se baseou a minha investigação.

Desta forma, com o intuito de esclarecer a primeira questão, dei início a uma pesquisa profunda em arquivos e centros de documentação. Finalmente, nos finais de novembro (2020) consegui localizar, primeiro, no Centro de Documentação e Arquivo do Porto de Lisboa, uma fotografia datada de 1960 intitulada *Aspetto da Exposição Histórica*

na *Torre de Belém*, que nos mostra uma parte da Sala do Governador³¹, decorada nas paredes com mapas e outros desenhos da época emoldurados e com duas peças de mobiliário (Fotografia 1). A qualidade e o ângulo da fotografia não me permitem identificar com certezas o que está retratado nos documentos emoldurados, nem o mobiliário, mas em relação ao último apenas posso dizer que se trata de duas arcas, a de primeiro plano com pés mais rasos e a segunda mais altos. Podemos constatar que a comissão organizadora da exposição não fez qualquer tipo de contextualização/legendagem junto das peças.

Em segundo, encontrei um documentário de 1974 da RTP Arquivos³², onde é possível visualizar as peças de mobiliário que nesse ano ainda se encontravam na Torre de Belém. Fazendo uma análise do documentário, sala por sala, identifiquei o seguinte:

- Sala do Governador/1º piso

Minuto 9.25: Arca renascença alta em carvalho, tampo abaulado, painéis esculpidos com motivos adequados ao estilo: no painel central folhagem, volutas e uma corça, nos laterais folhagem, volutas e um grotesco. Trabalho flamengo, século XVI, proveniente de Lisboa, Casa Antiquália.

- Sala dos Reis/2º piso

Minutos 9.58 até 10.24: duas arcas góticas em carvalho, com quatro painéis esculpidos, representando pergaminhos. Trabalhos de princípios do século XVI e provenientes da *Casa Los Toledanos*, em Madrid; Uma arca não identificável.

- Sala das Audiências/3º piso

Minutos 10.25 até 11.11: Arca pequena em carvalho rústico com tampo em pança; Mesa rústica de refeição; Dois bancos *Tudor* de finais do século XV; Banco entalhado; Escabelo rústico em carvalho com ilhargas e pés recortados e um/a outro/a escabelo/arca não identificável. São todos trabalhos de finais do século XV, inícios do século XVI e provenientes da Casa W. Wolsey, de Londres.

- Capela/4º piso

Minutos 11.21 até 11.25: À entrada da sala observamos a lateral de uma arca que volta a aparecer de frente, mas parcialmente no minuto 11.41 e, por isso, não é possível

³¹ Identificável pelo bocal oitavado de um poço com ligação à cisterna de serviço à torre, que fazia um reaproveitamento das águas da chuva, recolhendo-as e armazenando-as. Este é um trabalho de Francisco de Arruda do século XVI (Noé & Marques, 2002).

³² (Arquivos, 1974).

identificar; Atril/estante de rosca, de estilo gótico em carvalho, século XV, da Casa W. Wolsey;

Minutos 11.41 até 12.09: Genuflexório com porta e estante, de estilo gótico em carvalho e respetivo banco, ambos do século XV; Cadeira pequena de braços em carvalho, de estilo gótico de finais do século XV, começo do século XVI, com baixos relevos nos capiteis e nervurados nos pés e ilhargas, faltando parte do espaldar, sendo todos provenientes da Casa W. Wolsey, de Londres; Arca/escabelo de nogueira, de estilo gótico, cinco painéis decorados com uma fechadura do século XVI, da *Casa Los Toledanos*; Por cima da última encontramos um cofre com ferragem, da Casa W. Wolsey; Mesa gótica/renascentista, em carvalho com gaveta esculpida em nervurados e quatro pés com capiteis em talha baixa, proveniente da coleção do Barão de Cassel e comprada na Casa F F. J. Peters de Tilburg, Países Baixos (século XVI).

Este trabalho de identificação tornou-se possível graças à descoberta de um processo intitulado “Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém” e cedido pelo CDAPL a 15 de dezembro de 2020. Este processo agrega uma série de documentos das entidades FRESS, AGPL e DGMEN entre 1954-1970 ao longo de 122 páginas e permite-nos perceber toda a evolução desde o planeamento da exposição, a compra, descrição e importâncias de cada peça, de forma bastante pormenorizada. De forma a facilitar a análise deste vasto processo, elaborei um resumo do mesmo, contendo os documentos chave e mais relevantes acerca da *Exposição Histórica* (Anexo 7), sendo que alguns deles irei abordar de seguida.

A sete de janeiro de 1956, o Chefe de Serviço de Publicidade e Turismo, António Cyrne, escreve ao Presidente do Conselho de Administração do Porto de Lisboa, José Bragança, acerca dos “estudos para se fixar o plano a adotar na decoração dos outros pisos”. O plano foi discutido por “qualificadas personalidades entre as quais os Senhores Dr. António Luís Gomes, Diretor Geral da Fazenda Pública, Dr. João de Almeida, Diretor Geral do Ensino Superior e de Belas Artes, Dr. João Couto, Diretor do Museu de Arte Antiga, D. Julieta Ferrão, Conservadora do Museu Municipal de Lisboa e Dr. Guilherme Possolo, Diretor da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva”. Ficou, então, decidido que a decoração dos pisos superiores seria feita com a instalação de mobiliário “de adequado estilo e perfeita execução, disposta com tão escrupulosa sobriedade que de modo algum posso afetar o ambiente e o valor arquitetónico do histórico monumento”. O estudo e execução do referido mobiliário fica ao cargo da FRESS.

Quatro meses depois, a FRESS comunica à AGPL que as peças deverão ser autênticas e contemporâneas ao edifício e que já iniciaram as pesquisas em antiquários estrangeiros, sobretudo holandeses pedindo a indicação de mobiliário do século XVI e respetivos preços.

No final desse mesmo ano, António Cyrne informa o Ministério das Comunicações e a AGPL, que se reuniu a Comissão constituída pelo primeiro e pelo Arquiteto Chefe do Serviço de Arquitetura, na presença do Sr. Dr. Guilherme Possolo (Diretor-Delegado da FRESS) para a vistoria e receção das peças fornecidas e já adquiridas pela FRESS, que são as seguintes:

- “Mesa de carvalho proveniente da coleção do Barão de Cassel (século XVI). Nas gavetas motivo decorativo representando pergaminho desenrolado. Mede 1,13 x 0,79 x 0,725 (Casa Fa. F. J. Peters de Tilburg);

- Armário baixo, estilo gótico, de carvalho, com duas portas e o painel central vasado – recortando-se em cada uma daquelas uma janela ogival e no painel do centro uma rosácea. Possivelmente de fabrico inglês. Fins do século XV. Mede 1,24 x 0,88 x 0,46 (Casa Fa. F. J. Peters de Tilburg);

- Arca renascença, de carvalho, com fechadura (trabalho flamengo), tampo abaulado, painéis esculpidos com motivos adequados ao estilo: no painel central folhagem, volutas e uma corça, nos laterais folhagem, volutas e um grotesco. Século XVI. Mede 1,30 x 1,00 x 0,70 (Casa Antiquália, Lisboa);

- Arca de carvalho, estilo gótico, com 4 painéis esculpidos, representando pergaminho desenrolado, três fechaduras, existindo apenas uma e medindo 1,69 x 0,68 x 0,59. Princípios do século XVI (Casa Los Toledanos, Ribera de Curtidores, 29, Madrid);

- Arca de estilo gótico, de noqueira, pintada de vermelho (a pintura foi tirada no processo de restauro), cinco painéis, com uma fechadura. Nos painéis, decoração representando pergaminho desenrolado. Frente, constituída de uma só peça em que se modelam os painéis, sendo o do centro mais pequeno. Assenta sobre duas travessas moldadas que lhe servem de base. Mede 1,46 x 0,67 x 0,57 (Casa Los Toledanos, Ribera de Curtidores, 29, Madrid);

- Arca de carvalho, estilo gótico, com quatro painéis e fechadura. Nos painéis, decoração representando pergaminho desenrolado. Princípio do século XVI. Mede 1,88 x 0,69 x 0,62.” (Casa Los Toledanos, Ribera de Curtidores, 29, Madrid)”

No início do ano seguinte (1957), já era Eduardo Frias o Chefe de Publicidade e Turismo e sugere à AGPL que as peças deveriam ser submetidas a uma ação de restauro feita pela FRESS.

A oito de março do mesmo ano, o Dr. Guilherme Possolo envia à AGPL os custos das peças e o respetivo transporte (fretes, embalagens e seguros), que deu um total de 67.000\$00. É ainda solicitado à DGEMN que se sejam feitos alguns arranjos no interior da Torre de Belém, de forma a dar-lhe um aspeto mais próximo do primitivo possível. Sugere-se que se substituam as janelas, portas e portadas por outras que sejam do estilo da Torre.

De seguida, Eduardo Frias informa a AGPL que a FRESS já conclui os trabalhos de beneficiação das peças de mobiliário e que ainda continua em curso a aquisição de mais mobiliário. As peças vão permanecer na FRESS e não nos armazéns da AGPL devido à falta de condições de conservação da segunda. A entrega de todo o mobiliário será feita quando o mesmo estiver em condições para tal e os trabalhos no interior da Torre estiverem concluídos.

Em julho, o Dr. Guilherme Possolo informa a AGPL que gastou apenas 67 contos da verba recebida de 150 para a aquisição de mobiliário. É mencionado que a Casa W. Wolsey de Londres ofereceu 3 arcas, 1 cadeira de braços, uma banquetta, dois bancos, um pequeno cofre e um tocheiro de parede de ferro forjado (finais do século XV, inícios do século XVI) pelo preço aproximado de 126 contos. O Dr. Possolo refere que com mais 400 contos “se poderá concluir o pretendido arranjo da Torre” e que com mais 300 pagariam as peças acima referidas e outras que se encontrem.

A Direção-Geral da Fazenda Pública escreve, em novembro, à AGPL, dando o seu parecer para que se adquiram os móveis da Casa W. Wolsey, pois são de muito boa qualidade e muito necessários ao país.

Já no ano seguinte (1958), A AGPL comunica que o processo de autorizar a segunda aquisição de mobiliário já não foi rececionado a tempo de receber o “visto” do Tribunal. É feita uma listagem dos móveis adquiridos e respetivos preços:

- Pequena arca: 8.901\$00
- Arca com motivos góticos: 10.924\$20
- Pequeno cofre com ferragem: 9.710\$00
- Pequena arca: 6.878\$20

- Banqueta Tudor: 30.749\$60
- Banco Tudor: 20.230\$00
- Banco Tudor: 10.924\$20
- Cadeira de braços: 19.420\$80
- Braço de ferro forjado para 3 velas: 2.670\$40
- Armário sobre o comprido: 44.506\$00
- Cadeira de espaldar alto com braços: 23.062\$20
- Genuflexório: 17.802\$40

A transportar: 205.779\$60

- Estante rotativa para livros: 21.443\$80
- Banco entalhado: 18.207\$80
- Pequena arca: 6.069\$00
- Mesa de refeitório: 10.519\$60
- Castiçais góticos (5 pares): 22.657\$60

Impostos, embalagens, seguro, transporte e despacho: 14.421\$20

Comissão do agente Dr. George Duff: 5.265\$00

Perito da Alfândega, Professor Armando Lucena 569\$50

Abertura de crédito pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e juros correspondentes: 4.758\$10

Encargo total: 309.690\$40

Desconto da firma fornecedora Wolsey, Ltd, Buckingham gate, London: 15\$21300

Encargo líquido total: 294.477\$40

Em 1959, O Ministério das Comunicações e a AGLP fazem o “Auto de recepção do mobiliário artístico da Torre de Belém, a seguir indicado, cedido por empréstimo da Administração-Geral do Porto de Lisboa ao Secretariado Nacional de Informação”. Através do Auto ficou confirmado o estado das seguintes peças:

- “- Da **1ª sala** mobilada (2.º piso da Torre)
 - a) Baú alto que se encontra colocado na parede Norte
 - b) Arca da parede poente
 - c) Arca da parede nascente
- Da **2ª sala** mobilada (3.º piso da Torre)

d) Móvel da casa de jantar que se encontra numa das paredes do lado nascente

e) Quatro bancos

- Da 3.^a sala mobilada (4.º piso da Torre)

f) Móvel de casa de jantar que se encontra na parede sul

g) Estante

h) Arca que se encontra na parede do lado Norte

i) Cofre que se encontra sobre esta última arca

j) Cadeira grande (num dos remates, falta um bocado)

l) *Prie-Dieu*

m) Banco pequeno” (Lisboa, Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém (1954-1970), 1955).

Em relação à segunda questão em que se fundamentou a minha investigação, o objetivo era perceber trajeto que as peças sofreram desde 1994, última data em que o mobiliário é localizado na AGPL. Esta afirmação é comprovada através do ofício enviado pelo Presidente do Conselho de Administração do Porto de Lisboa, Albano Figueiredo de Sousa, à Diretora-Delegada da FRESS, Maria João Espírito Santo Bustorf Silva, em que é solicitado a colaboração da Fundação para o processo de identificação, “com o objetivo de se estudar o interesse sobre a eventual beneficiação geral das peças em causa”, anexando o ofício da lista original das 21 peças incorporadas em 1958, onde separa os bens adquiridos em Londres e os adquiridos em Madrid (Anexo 8).

No entanto, após a deslocação ao armazém da APL da Diretora Maria João Espírito Santo Bustorf Silva, que se fez acompanhar da consultora de mobiliário, Dr^a Fernanda Castro Freire e do encarregado geral das oficinas e do restauro, Sr. Manuel Abrantes Nunes (ambos da FRESS), apenas constatarem que “os móveis são todos originais, na sua maioria de proveniência inglesa, (final do séc. XV e princípio do XVI) góticos, alguns já apresentando indícios Renascentistas”, não referindo quais as peças de mobiliário ainda existentes.

Foi necessário então recuar até 1982, data do último inventário realizado na Torre de Belém pelo comissário técnico, Sebastião Formosinho Sanchez, onde revela alguma preocupação pelo estado das peças ao afirmar que as mesmas “devem ser retiradas com a maior brevidade possível” (Anexo 9). Importa citar do inventário o seguinte:

“1.^a SALA

1 – Banco comprido rústico.

1 – Banco comprido com pés e ilhargas recortadas.

1 – Arca pequena e estreita com frente esculpida faltando a fechadura.

1 – Arca alta em carvalho com painéis esculpidos com flores e animais, tampo abaulado. Falta parte da fechadura

2.ª SALA

1 – Arcaz em madeira de carvalho. Faltam as portas e a grelha do painel central.

1 – Arca pequena muito danificada, e carvalho rústico com tampo em pança.

3.ª SALA

1 – Escabelo rústico em carvalho, ilhargas e pés recortados.

1 – Escabelo com ilhargas esculpidas ao gosto da renascença. Madeira de carvalho.

1 – Arca apainelada com nervurados, fechando com 3 fechaduras, faltando 2.

1 – Mesa rústica.

1 – Arca com frente apainelada, com fechadura, madeira de carvalho, faltando um dos 4 pés.

1 – Escabelo com pés e ilhargas recortadas e perfuradas.

4.ª SALA – CAPELA

1 – Cadeira de espaldar alto estilo gótico em madeira de carvalho.

1 – Arcaz em estilo gótico faltando uma régua do tampo, esculpida nas três faces.

1 – Genuflectório com porta e estante em estilo gótico em madeira de carvalho.

1 – Estante de leitura com rosca, estilo rústico gótico em carvalho.

1 – Arca com frente esculpida em apainelado, respetivas ferragens, repousando sobre pés transversais, madeira de carvalho. Tampo muito danificado.

1 – Mesa gótico / renascentista com gaveta esculpida em nervurados. 4 pés com capiteis em talha baixa.

1 – Grande arcaz estilo gótico com 3 portas e painéis esculpidos. Madeira de carvalho.








1 – Cadeira pequena em estilo gótico com baixos relevos nos capiteis e nervurados nos pés e ilhargas, faltando parte do espaldar. Madeira de carvalho.

CAVE

9 – Castiçais em latão

(...)"

De forma a facilitar a análise dos três momentos-chave (Documentário de 1974 – RTP Arquivos, Inventário de 1982 e Relatório das peças da Torre de Belém localizadas na Igreja Matriz de Santiago do Cacém de 2020), primeiro com base na Listagem “Relação das fotografias do Mobiliário da Torre de Belém” (1958) e, depois, “Movimento de Entradas na Torre de Belém” (1958) e procedendo à tentativa de conseguir identificar as peças ao longo do tempo nos vários documentos, elaborei as seguintes tabelas:

Listagem “Relação das fotografias do Mobiliário da Torre de Belém” - 1958	Documentário 1974 – RTP Arquivos	Inventário 1982	Igreja Matriz de Santiago do Cacém - 2020
“Mesa de carvalho proveniente da coleção do Barão de Cassel (século XVI). Nas gavetas motivo decorativo representando pergaminho desenrolado. Mede 1,13 x 0,79 x 0,725”		“Mesa gótico / renascentista com gaveta esculpida em nervurados. 4 pés com capiteis em talha baixa.”	
“Armário baixo, estilo gótico, de carvalho, com duas portas e o painel central vasado – recortando-se em cada uma daquelas uma janela ogival e no painel do centro uma rosácea. Possivelmente de fabrico inglês. Fins do século XV. Mede 1,24 x 0,88 x 0,46”			
“Arca renascença, de carvalho, com fechadura (trabalho flamengo), tampo abaulado, painéis esculpidos com motivos adequados ao estilo: no painel central folhagem, volutas e		“Arca alta em carvalho com painéis esculpidos com flores e animais, tampo abaulado. Falta parte da fechadura”	


uma corça, nos laterais folhagem, volutas e um grotesco. Século XVI. Mede 1,30 x 1,00 x 0,70”			
“Arca de carvalho, estilo gótico, com 4 painéis esculpidos, representando pergaminho desenrolado, três fechaduras, existindo apenas uma e medindo 1,69 x 0,68 x 0,59. Princípios do século XVI”			
“Arca de estilo gótico, de noqueira, pintada de vermelho (a pintura foi tirada no processo de restauro), cinco painéis, com uma fechadura. Nos painéis, decoração representado pergaminho desenrolado. Frente, constituída de uma só peça em que se modelam os painéis, sendo o do centro mais pequeno. Assenta sobre duas travessas moldadas que lhe servem de base. Mede 1,46 x 0,67 x 0,57”			
“Arca de carvalho, estilo gótico, com quatro painéis e fechadura. Nos painéis, decoração representando pergaminho desenrolado. Princípio do século XVI. Mede 1,88 x 0,69 x 0,62”			

Tabla 1 – Análise do trajeto das peças de mobiliário adquiridas em antiquários de Madrid, Tilburg e Lisboa.

“Movimento de Entradas na Torre de Belém” – 1958	Documentário 1974 – RTP Arquivos	Inventário 1982	Igreja Matriz de Santiago do Cacém - 2020
“Pequena arca”	✓	“Arca pequena muito danificada, em carvalho rústico com tampo em pança” (?)	✗
“Arca com motivos góticos”	✓	“Escabelo rústico em carvalho, ilhargas e pés recortados” (?)	✗
“Pequeno cofre com ferragem”	✓	✗	✗
“Pequena arca”	✓	“Arca pequena muito danificada, em carvalho rústico com tampo em pança” (?)	✗
“Banqueta <i>Tudor</i> ”	✗	✗	✗
“Banco <i>Tudor</i> ”	✓	“Banco de genuflexório” (?)	✓
“Banco <i>Tudor</i> ”	✓	“Banco de genuflexório” (?)	✓
“Cadeira de braços”	✓	“Cadeira pequena em estilo gótico com baixos relevos nos capiteis e nervurados nos pés e ilhargas, faltando parte do espaldar. Madeira de carvalho”	✗
“Braço de ferro forjado para 3 velas”	✗	✗	✗
“Armário sobre o comprido”	✓	“Escabelo com pés e ilhargas recortadas e perfuradas” (?)	✗
“Cadeira de espaldar alto com braços”	✗	✗	✗
“Genuflexório”	✓	“Genuflexório com porta e estante em estilo gótico em madeira de carvalho”	✓
“Estante rotativa para livros”	✓	“Estante de leitura com rosca, estilo rústico gótico em carvalho”	✓
“Banco entalhado”	✓	“Banco comprido com pés e ilhargas recortadas” (?)	✗
“Pequena arca”	✓	“Arca pequena muito danificada, em carvalho rústico com tampo em pança” (?)	✗
“Mesa de refeitório”	✓	“Mesa rústica”	✓

“Castiçais góticos (5 pares)”			
-------------------------------	---	---	---

Tabela 2 – Análise do trajeto das peças adquiridas pela Casa W. Wolsey, de Londres.

Relativamente à **Tabela 1**, podemos aferir que a “mesa de carvalho proveniente da coleção do Barão de Cassel”, após o inventário de 1982 se perdeu e o “armário baixo, estilo gótico, de carvalho, com duas portas” apenas é mencionado no momento da sua aquisição, ou seja, em 1958. A “arca renascença com tampo abaulado” é a única peça de mobiliário deste conjunto que se identificou nos três momentos (Fotografia 8). As 2 arcas em carvalho (Fotografias 9 e 10) e arca em noqueira³³ (Fotografia 11), apesar de não serem mencionadas no inventário de 1982 foram localizadas nas dependências anexas da Igreja Matriz de Santiago do Cacém

Em relação à **Tabela 2**, podemos concluir que foram 4 as peças de mobiliário que resistiram até hoje, sendo elas um dos bancos *Tudor*, que no inventário de 1982 já é denominado como “banco de genuflexório” (Fotografia 12); o “genuflexório” (Fotografia 12); a “estante rotativa para livros” (Fotografia 13) e a “mesa de refeitório” encontrada com o tampo separado das duas pernas duplas e em mau estado de conservação (Fotografia 14).

Os “castiçais góticos” não aparecem no documentário (talvez por estarem na cave como nos indica o inventário de 1982), no entanto em 1982 ainda são inventariados 9 e em 2020, na Igreja apenas 5 exemplares. Na listagem de 1958 são mencionadas três pequenas arcas, havendo a possibilidade de uma delas ser a “arca pequena com tampo em pança” como é referido em 1982. Já a “arca com motivos góticos” ou o “armário sobre o comprido” poderão ser as duas arcas que aparecem, de forma parcial, no documentário na Sala das Audiências/3.^a Sala, onde se identifica, numa das laterais, uma ilharga e pé recortado e identificadas em 1982, uma como “escabelo rústico em carvalho, ilhargas e pés recortados” e outra “escabelo com pés e ilhargas recortadas e perfuradas”. O “pequeno cofre com ferragem” que aparece no documentário de 1974 acabou por se perder, já não sendo referido nem em 1982, nem localizado em 2020. A “banqueta *Tudor*”, o “braço de ferro forjado para 3 velas” e a “cadeira de espaldar alto com braços” são apenas referidos no documento de 1958. A “cadeira de braços” ainda pode ser

³³ Mencionada por Dalila Rodrigues no seu relatório como “arca comprida – escabelo, século XVI”.











observada no documentário e surge no inventário de 1982. O “banco entalhado” poderá ser aquele que observamos na Sala das Audiências/3.^a Sala junto da mesa rústica de refeitório, mencionado no inventário de 1982 como “banco comprido com pés e ilhargas recortadas”.

De seguida, com vista a preencher a lacuna no trajeto das peças pós-1994, prossegui com a investigação documental e em janeiro de 2021, localizei, também, no Centro de Documentação e Arquivo um protocolo de 2005 celebrado entre a APL e o IPM (Instituto Português de Museus), onde a primeira transmite à segunda “a propriedade de 12 peças de mobiliário gótico (...), que entregou em 1994 ao IPM em avançado estado de degradação e que estiveram anteriormente em exposição permanente na Torre de Belém” e “providencia a publicação no Diário da República da transferência da propriedade de quatro peças classificadas, adquiridas à FRESS” (Anexo 10).

As 12 peças doadas ao IPM seriam: “Arca de carvalho, estilo renascença com fechadura (trabalho flamengo), mede 1,30x1x0,70; “arca de carvalho, estilo gótico, três fechaduras, existindo apenas uma, mede 1,69x0,68x0,59; arca de noqueira, estilo gótico, cinco painéis, mede 1,46x0,67x0,57; arca de carvalho, estilo gótico, com quatro painéis e fechadura, mede 1,88x0,69x0,62; uma mesa em carvalho; duas pequenas arcas; um cofre com ferragens; um banco Tudor; um genuflexório; uma estante rotativa para livros; um banco entalhado; cinco pares de castiçais góticos”.

A lista de peças classificadas e propriedade da APL seriam: “uma arca pequena abaulada; uma cadeira de braços, tipo estadela; um banco corrido, com trabalho de talha; um armário sobre o comprimento.”

Este documento permitiu-me perceber afinal quais eram as peças que estavam no armazém da APL aquando da deslocação da Diretora-Delegada da FRESS em 1994 e completar a minha análise do trajeto do mobiliário. Desta forma, acrescentando mais um momento-chave, as tabelas ficam atualizadas da seguinte forma:

Listagem “Relação das fotografias do Mobiliário da Torre de Belém” – 1958	Documentário 1974 – RTP Arquivos	Inventário 1982	Identificação das peças por parte da FRESS - 1994	Igreja Matriz de Santiago do Cacém - 2020
“Mesa de carvalho proveniente da coleção do Barão de Cassel (século XVI). Nas gavetas motivo decorativo representando pergaminho desenrolado. Mede 1,13 x 0,79 x 0,725”		“Mesa gótico / renascentista com gaveta esculpida em nervurados. 4 pés com capiteis em talha baixa.”		
“Armário baixo, estilo gótico, de carvalho, com duas portas e o painel central vasado – recortando-se em cada uma daquelas uma janela ogival e no painel do centro uma rosácea. Possivelmente de fabrico inglês. Fins do século XV. Mede 1,24 x 0,88 x 0,46”				
“Arca renascença, de carvalho, com fechadura (trabalho flamengo), tampo abaulado, painéis esculpidos com motivos adequados ao estilo: no painel central folhagem, volutas e uma corça, nos laterais folhagem, volutas e um grotesco. Século XVI. Mede 1,30 x 1,00 x 0,70”		“Arca alta em carvalho com painéis esculpidos com flores e animais, tampo abaulado. Falta parte da fechadura”		


<p>“Arca de carvalho, estilo gótico, com 4 painéis esculpidos, representando pergaminho desenrolado, três fechaduras, existindo apenas uma e medindo 1,69 x 0,68 x 0,59. Princípios do século XVI”</p>				
<p>“Arca de estilo gótico, de nogueira, pintada de vermelho (a pintura foi tirada no processo de restauro), cinco painéis, com uma fechadura. Nos painéis, decoração representado pergaminho desenrolado. Frente, constituída de uma só peça em que se modelam os painéis, sendo o do centro mais pequeno. Assenta sobre duas travessas moldadas que lhe servem de base. Mede 1,46 x 0,67 x 0,57”</p>				
<p>“Arca de carvalho, estilo gótico, com quatro painéis e fechadura. Nos painéis, decoração representando pergaminho desenrolado. Princípio do século XVI. Mede 1,88 x 0,69 x 0,62”</p>				

Tabela 3 - Análise do trajeto das peças de mobiliário adquiridas em antiquários de Madrid, Tilburg e Lisboa atualizada.

“Movimento de Entradas na Torre de Belém” – 1958	Documentário 1974 – RTP Arquivos	Inventário 1982	Identificação das peças por parte da FRESS - 1994	Igreja Matriz de Santiago do Cacém - 2020
“Pequena arca”	✓	“Arca pequena muito danificada, em carvalho rústico com tampo em pança” (?)	✓	✗
“Arca com motivos góticos”	✓	“Escabelo rústico em carvalho, ilhargas e pés recortados” (?)	✗	✗
“Pequeno cofre com ferragem”	✓	✗	✓	✗
“Pequena arca”	✓	“Arca pequena muito danificada, em carvalho rústico com tampo em pança” (?)	✓	✗
“Banqueta <i>Tudor</i> ”	✗	✗	✗	✗
“Banco <i>Tudor</i> ”	✓	“Banco de genuflexório” (?)	✓	✓
“Banco <i>Tudor</i> ”	✓	“Banco de genuflexório” (?)	✓	✓
“Cadeira de braços”	✓	“Cadeira pequena em estilo gótico com baixos relevos nos capiteis e nervurados nos pés e ilhargas, faltando parte do espaldar. Madeira de carvalho”	✗	✗
“Braço de ferro forjado para 3 velas”	✗	✗	✗	✗
“Armário sobre o comprido”	✓	“Escabelo com pés e ilhargas recortadas e perfuradas” (?)	✓	✗





“Cadeira de espaldar alto com braços”			“Uma cadeira de braços, tipo estadela”	
“Genuflexório”		“Genuflexório com porta e estante em estilo gótico em madeira de carvalho”		
“Estante rotativa para livros”		“Estante de leitura com rosca, estilo rústico gótico em carvalho”		
“Banco entalhado”		“Banco comprido com pés e ilhargas recortadas” (?)	“Um banco corrido, com trabalho de talha”	
“Pequena arca”		“Arca pequena muito danificada, em carvalho rústico com tampo em pança” (?)		
“Mesa de refeitório”		“Mesa rústica”	“Uma mesa em carvalho”	
“Castiçais góticos (5 pares)”				

Tabela 4 - Análise do trajeto das peças adquiridas pela Casa W. Wolsey, de Londres atualizada.

Com base na análise das tabelas atualizadas, podemos concluir que entre 1994 e 2020 foram muitas as peças de mobiliário que se perderam, ou que não consegui proceder à correta identificação das mesmas, como é o caso das seguintes: “duas pequenas arcas”; “pequeno cofre com ferragem”; “armário sobre o comprido”; “cadeira de braços, tipo estadela”; “banco entalhado”. Realço, também, o facto de em 1994, os cinco pares de castiçais góticos estarem novamente juntos e algumas dúvidas que pairam acerca de “uma arca pequena abaulada” que poderá ser a “arca com tampo em pança” (1982) que após 1994 se perde o rasto da mesma e o “banco entalhado” poderá ser um dos bancos *Tudor* (1958) e caracterizado como “banco de genuflexório” em 2020.

Foi possível, também, constatar que foram quatro os fatores que dificultaram a identificação das peças em causa: o primeiro deveu-se ao ângulo de filmagem do documentário de 1974 que nem sempre foi o melhor, o segundo à utilização de diferentes termos técnicos dos originais para a denominação das peças no inventário de 1982, o

terceiro, a escassa descrição das mesmas, como acontece no “Movimento de Entradas na Torre de belém – 1958” e o quarto, devido à ausência de imagens anexas aos inventários.

Ainda no que diz respeito a registos fotográficos do interior da Torre de Belém aquando da *Exposição Histórica*, localizei, mais recentemente, 6 fotografias, que se encontram anexadas no final deste relatório. Nas Fotografias 2 e 3, podemos observar o 2º piso da Torre, correspondente à Sala dos Reis e peças como três arcas de carvalho com quatro painéis esculpidos; três pares de castiçais e uma figura/estatueta de Nossa Senhora com o Menino Jesus³⁴. As Fotografias 4 e 5 mostram-nos o 3.º piso da Torre, ou seja, a Sala das Audiências e duas arcas (uma delas com o painel do centro com uma rosácea); uma mesa rústica; dois bancos; uma banquetta e três pares de castiçais. Por último, nas Fotografias 6 e 7, vemos a Sala do Oratório/ 4.º piso decorada com uma estante de rosca/atril; uma arca; um banco de genuflexório; uma mesa proveniente da coleção do Barão de Cassel; um cofre pequeno com ferragem; uma cadeira pequena de braços; uma cadeira de espaldar alto com braços; uma arca de nogueira com cinco painéis; três pares de castiçais e duas estatuetas de Nossa Senhora com o Menino.

Este conjunto fotográfico revelou-se fundamental para percebermos de que forma as peças de mobiliário e castiçais foram expostos em 1960 na Torre de Belém e qual era o seu aspeto original.

Por fim e com o objetivo de clarificar o trajeto que as peças sofreram desde o momento da sua aquisição até à sua localização na Igreja Matriz de Santiago do Cacém, elaborei uma linha temporal através dos documentos considerados como “momentos-chave”, que nos permite saber o número de peças existentes em cada momento.

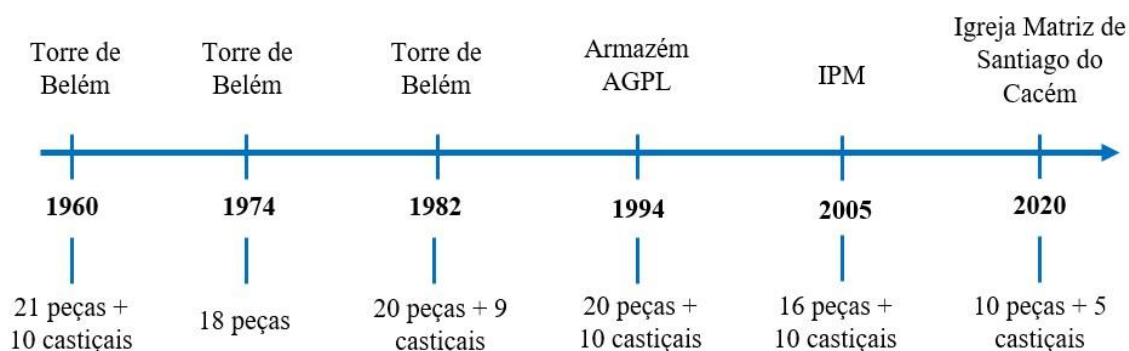


Gráfico 2 – Trajeto sofrido pelas peças de mobiliário e castiçais (1960 – 2020).

³⁴ A figura de Nossa Senhora com o Menino Jesus não é mencionada em nenhum documento.

No entanto, ainda não foi possível apurar como as peças de mobiliário, propriedade do IPM desde 2005, são localizadas a outubro de 2020 nas dependências anexas da Igreja Matriz de Santiago do Cacém, nem, como referi no início deste capítulo, um grupo de peças são identificadas com a menção “Depósito do Instituto Português de Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana” e sem qualquer informação adicional.

No que diz respeito à Real Sociedade Arqueológica Lusitana, não há muita informação disponível sobre a mesma, apenas que foi a primeira associação arqueológica de Portugal, foi criada em Setúbal sobre a influência do Reverendo Manuel da Gama Xaro, em 1849, com o nome “Sociedade Arqueológica Lusitana”, sob o patrocínio de El-rei D. Fernando e do Duque de Palmela e que realizou durante sete anos uma notável campanha de escavação em Tróia (Machado, 1962) (Dos Santos & Neto, 2012).

Como podemos ver no Relatório de Governo de Societário de 2014 da Opart - Organismo de Produção Artística, EPE, que integra o Teatro Nacional de São Carlos, a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Companhia Nacional de Bailado³⁵, José António Falcão foi o Presidente da Direção da Real Sociedade Arqueológica Lusitana entre 1984 e 1994 e o último de que se tem conhecimento.

Simultaneamente à criação desta Sociedade era fundado em 1984, o Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja por decreto do bispo D. Manuel Falcão e dirigido por José Falcão até 2017, data da sua extinção. Este departamento tinha o intuito de salvaguardar, estudar e valorizar o património cultural religioso do Baixo Alentejo. O bispo diocesano atual, D. João Marcos, extinguiu, o DPHA “devido à necessidade de “reajustar” as estruturas da diocese e por não ser *o meio mais adequado para atingir os objectivos que levaram à sua criação* (Alentejo, 2020)

Segundo o *Diário do Alentejo*, o Departamento promoveu várias exposições com peças de arte sacra cedidas por várias paróquias, mas que nunca voltaram à sua proveniência, mesmo após a extinção do DPHADB. Em 2020, a Comissão Diocesana de Arte Sacra, presidida pelo padre Manuel António do Rosário³⁶, recuperou uma boa

³⁵ Disponível em <https://tnsc.pt/wp-content/uploads/2019/02/Relatorio-Governo-Societario-2014.pdf> (páginas 17-19).

³⁶ Realço que foi, também, o padre Manuel António do Rosário a notificar a Direção do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém para a localização das peças de mobiliário nas dependências anexas da Igreja Matriz de Santiago do Cacém a 30 de setembro de 2020.

parte do espólio dessas peças, que se encontravam guardadas na Igreja de Santiago do Cacém. Contudo, ainda há peças cujo paradeiro se desconhece, mas Manuel Rosário garante que “a orientação de todo o trabalho de reconhecimento e devolução das peças já está a acontecer” (Alentejo, 2020).

Em relação às peças de arte perdidas, o ex-diretor do DPHA, afirma que “os empréstimos eram autorizados pela diocese, pelos senhores párocos ou, no caso dos museus paroquiais, pelos seus responsáveis” e que “o DPHA não tinha autonomia, dependia inteiramente da diocese, e quando terminava uma exposição as peças eram devolvidas na primeira ocasião, exceto se os responsáveis locais considerassem que não havia condições de segurança ou de conservação nos locais de origem e solicitassem que ficassem temporariamente em instalações da diocese; por estarem em conservação e restauro; ou por se tratarem de peças muito pesadas, particularmente sensíveis ou de dimensões invulgares, que aguardavam agrupamento para o seu transporte e recolocação” (Alentejo, 2020).

José António Falcão assegurou ainda que “quando deixou de exercer funções as peças nessas condições estavam no Museu Episcopal de Beja; no Museu de Arte Sacra de Santiago do Cacém; no Museu de Arte Sacra de Moura; na Igreja de Nossa Senhora ao Pé da Cruz; no Seminário Diocesano; e na Casa Episcopal de Beja. Todas elas referenciadas pela diocese” e “que quando deixou o cargo já haveria peças recolhidas para exposições que estavam a ser preparadas para a sua apresentação em 2016-2017 em três exposições, duas em Beja e uma em Santiago do Cacém” (Alentejo, 2020).

Por fim, ficou por apurar se terá sido José António Falcão o responsável pelo depósito das peças de mobiliário em 1994, na Igreja Matriz de Santiago do Cacém, quando terminara as suas funções enquanto Presidente da Real Sociedade Arqueológica Lusitana e trabalhando apenas na qualidade de diretor do Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja.

Considerações finais

As tarefas realizadas em estágio e a posterior redação deste relatório permitiram alcançar uma perspetiva mais aprofundada acerca das temáticas envolventes. No que diz respeito ao cumprimento dos objetivos delineados pela instituição acolhedora, relativamente ao tema de trabalho das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, cumpri os dois primeiros objetivos (1. *Atualizar e expandir os inventários de fontes visuais (que já tinham sido iniciados)*; 2. *Organizar e sistematizar as fontes visuais por tipologias artísticas, cronologia e localização*).

Já o terceiro objetivo do primeiro tema (3. *Tratamento destes dados com vista a uma base de dados a disponibilizar online e a uma exposição, intitulada Iconografias do Património: 500 anos do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, com curadoria da equipa MJ/TB*) não chegou a ser concluído durante o período de estágio, dada a sua curta duração.

Da recolha de fontes iconográficas, aferimos a grande representatividade artística que os dois monumentos potenciaram ao longo dos séculos e a possibilidade de, cronologicamente, visualizarmos com rigor e precisão a história dos dois edifícios através das alterações sofridas e a evolução de estilos artísticos. Após a análise das fichas de inventário, podemos constatar o número vasto de fontes que representam o Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém simultaneamente, fruto da sua ligação histórica e estilística. Quanto à localização das fontes em questão, verifica-se a existência de muitas obras em diversas instituições não só em Portugal, mas também noutros países, revelando a sua importância e prestígio internacional.

O trabalho de inventariação, organização e sistematização das fontes irá ser fundamental para a conceção da exposição *Iconografias do Património: 500 anos do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém* e para a criação da base de dados online que incluirá todo este espólio iconográfico, de forma acessível a todos os tipos de público. O maior contributo deste trabalho será certamente sentido no círculo de investigadores, que terão a possibilidade de aceder a todas as fontes numa só plataforma, que antes se encontravam dispersas por várias bases de dados/instituições.

Na segunda fase do estágio correspondente ao segundo tema deste relatório de estágio, *As Comemorações Henriquinas na Torre de Belém: o contexto da aquisição de*

peças de mobiliário dos séculos XV-XVI, cumpri todos os objetivos traçados (1. Estudar, contextualizar e caracterizar as Comemorações Henriquinas, no que diz respeito aos tipos de iniciativas realizadas, principalmente, à oferta cultural em termos de exposições e encomenda de estatuária, mas com principal atenção à Torre de Belém e à aquisição de peças de mobiliário da época; 2. Investigar o trajeto das peças de mobiliário desde 1982, data da sua retirada da Torre de Belém documentada pela Professora Dalila Rodrigues até à sua localização atual, na Igreja Matriz de Santiago do Cacém (2020); 3. Contribuir para a conceção de um núcleo de expositivo que reunirá as peças de mobiliário da Torre de Belém).

Para o cumprimento do primeiro objetivo era importante perceber todo o contexto que antecedeu as Comemorações Henriquinas, mais precisamente a *Exposição Histórica*. Deste modo, a pesquisa biográfica acerca do Infante D. Henrique e acerca da Exposição do Mundo Português em 1940 foram fundamentais para caracterizar o ambiente histórico, político e cultural vivido no V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

A partir da investigação bibliográfica em obras dos séculos XV ao XX acerca do Navegador, observa-se, no geral, uma visão mais positiva do que negativa, realçando a sua coragem, engenho, mestria e genialidade, qualidades mencionadas com mais frequência pelos autores. Contudo, é notório o surgimento de uma corrente “anti-infantista”, que é completamente anulada pelo regime do Estado Novo.

Por via da análise iconográfica da escultura henriquina, pode concluir-se que se assistiu a uma produção escultórica em maior escala nos períodos comemorativos de centenários, nomeadamente, no V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, devido à intenção propagandística do governo que associava a figura do Infante ao Chefe de Estado.

A *Exposição do Mundo Português* (1940) revelou-se um dos acontecimentos político-culturais mais marcantes do Estado Novo, pois através do auxílio de artistas e historiadores difundiu-se com clareza o orgulho no passado glorioso dos heróis nacionais. Da Exposição resultou o monumento que melhor representa a ideologia do regime salazarista, o Padrão dos Descobrimentos. Assim, 20 anos depois, as Comemorações Henriquinas (1960) serviram de pretexto para a reconstrução do monumento em material permanente, como forma de revogação do sentimento patriótico e nacionalista, fortalecendo o poder e a ideia de unidade de Império ultramarino. Com o mesmo fim, a

mandato do governo, a DGEMN procedeu ao restauro e salvaguarda dos monumentos nacionais que melhor representavam e lembravam as épocas de glória passadas, vistos como testemunhos do heroísmo e resiliência da Nação.

Quanto à investigação documental relacionada com as peças de mobiliário de época que figuraram na *Exposição Histórica* e com vista ao cumprimento do segundo e terceiro objetivos, encontrei três documentos fundamentais (o processo intitulado *Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém*, o documentário de 1974 da RTP e o protocolo de 2005) que permitiram criar os quatro “momentos-chave” para mais facilmente se traçar o percurso das peças e perceber qual teria sido o plano expositivo das mesmas, sendo eles: *Listagem “Relação das fotografias do Mobiliário da Torre de Belém” – 1958/“Movimento de Entradas na Torre de Belém” - 1958; Documentário 1974 – RTP Arquivos; Inventário 1982; Identificação das peças por parte da FRESS – 1994 e Igreja Matriz de Santiago do Cacém - 2020*. Com base na análise destes documentos podemos concluir, que a maioria das peças expostas em 1960 se perderam ao longo dos anos, o que poderá dever-se à falta de controlo e organização das diversas entidades que tutelaram o Monumento.

Concluindo, apesar de se ter realizado um trabalho notável na localização de documentos que contribuiu significativamente para traçar o percurso que as peças de mobiliário sofreram, fica um sentimento de objetivo não totalmente cumprido, que se deveu, também, à dificuldade de entrar em contacto com algumas instituições.

Fontes e Bibliografia

Fontes manuscritas

Góis, D. d. (1566-1567). *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*. Lisboa. Obtido de https://purl.pt/14704/4/res-22-a_PDF/res-22-a_PDF_24-C-R0150/res-22-a_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf

Zurara, G. E. (1841). *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*. (J. P. Aillaud, Ed.) Officina Typographica de Fain e Thunot. Obtido de https://purl.pt/216/5/hg-12674-v_PDF/hg-12674-v_PDF_24-C-R0150/hg-12674-v_0000_capa-guardas2_t24-C-R0150.pdf

Fontes impressas

Lisboa, A.-G. d. (1955). *Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém (1954-1970)*. Lisboa.

Ministro, M. d.-G. (3 de fevereiro de 1958). Decreto-Lei n.º 41 517, Diário do Governo n.º 21/1958, Série I. Obtido de <https://files.dre.pt/gratuitos/1s/1958/02/02100.pdf>

Conselho, P. d. (9 de fevereiro de 1960). Decreto-Lei n.º 42 837, Diário do Governo n.º 32/1960, Série I. Obtido de <https://dre.pt/dre/detalhe/diario-republica/32-1960-61703>

Lisboa, A.-G. d. (agosto de 1960). Exposição Histórica na Torre de Belém promovida pela Administração-Geral do Porto de Lisboa. *Boletim do Porto de Lisboa*(115), 5-6.

Anacleto, P. G. (1960). Comemorações Henriquinas. *Revista Municipal*(85), 9-11. Obtido de http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/N85/N85_item1/P11.html

Reis-Santos, L. (1960). *Iconografia Henriquina - Comissão Executiva*. Coimbra: Imprensa de Coimbra - Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

- SNI. (1960). *A obra do Infante D. Henrique*. Lisboa: Neogravura.
- Sequeira, M. (1960). Comemorações Henriquinas. *Revista Municipal*(86), 15-18. Obtido de http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/N86/N86_item1/P2.html
- Sequeira, M. (1960). O Presidente Kubitschek de Oliveira visita os Paços do Concelho. *Revista Municipal*, 19-22. Obtido de http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/RevMunicipal/N86/N86_item1/P2.html
- Machado, J. T. (1962). Como Surgiu em Portugal a Primeira Sociedade de Arqueologia. *Arqueologia e História - Associação dos Arqueólogos Portugueses*, IX, 77;119. Obtido de http://museuarqueologicodocarmo.pt/publicacoes/arqueologia_historia/serie_8/AH_serie8_Vol_IX.pdf
- Ministérios das Finanças e do Plano, d. C. (30 de novembro de 1984). Decreto-Lei n.º 377/84. *Diário da República n.º 278/1984, Série I de 1984-11-30*. Obtido de <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/377-1984-401048>
- Hemeroteca. (2005). *Efeméridas - Exposição do Mundo Português (1940)*. Obtido de Hemeroteca Digital Câmara Municipal de Lisboa: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/Restauracao/Exposicaodomundoportugues.htm>
- Ministério do Ambiente, d. O. (30 de maio de 2007). *Decreto-Lei n.º 223/2007, Diário da República, Série I, N.º 104*. Obtido de <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/223-2007-638731>
- Renascença. (2017). Bispo extingue Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese de Beja. *Renascença*. Obtido de <https://rr.sapo.pt/2017/04/24/religiao/bispo-extingue-departamento-do-patrimonio-historico-e-artistico-da-diocese-de-beja/noticia/81941/>
- Alentejo, D. d. (2020). Diocese de Beja recupera peças de arte sacra. *Diário do Alentejo*. Obtido de <https://diariodoalentejo.pt/pt/10436/diocese-de-beja-recupera-pecas-de-arte-sacra.aspx>
- Almeida, J. F. (4 de junho de 2020). O Infante D. Henrique. O rosto esclarecedor do ‘Homem de Chapeirão’ (2). *Nascer do Sol*. Obtido de

<https://sol.sapo.pt/artigo/699024/o-infante-d-henrique-o-rostos-esclarecedor-do-homem-de-chapeirao-2->

Rodrigues, D. (24 de outubro de 2020). Relatório - Peças da Torre de Belém localizadas na Igreja Matriz de Santiago do Cacém. Lisboa.

Rosário, P. M. (30 de setembro de 2020). Ofício. Beja.

Abreu-Loureiro, G. (2020). Fichas de inventário iconográfico da Torre de Belém. *Coleções Particulares (Pessoais e Institucionais)*.

Abreu-Loureiro, G. (2020). Fichas de inventário iconográfico do Mosteiro dos Jerónimos (Exterior-Fachada/Claustro/Igreja). *Coleções Particulares (Pessoais e Institucionais)*.

Carvalho, J. A. (s.d.). Quem é quem nos Painéis? *Público*. Obtido de <https://www.publico.pt/culturaipsilon/paineis-sao-vicente/quem-e-quem-nos-paineis>

Bibliografia geral

Cristovão, P. F. (1960). O Infante D. Henrique e a Expansão Portuguesa. Almada.

Soares, T. d. (1962). O Infante D. Henrique - O Arauto da Idade Nova. Coimbra.

Dias, P. (1994). *O Rosto do Infante*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Alves, J. d. (1989). *O Mosteiro dos Jerónimos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Pereira, P. (2002). *Mosteiro dos Jerónimos*. Scala.

Cristo, C. d. (s.d.). *D. Manuel I (1469 - 1521)*. Obtido de Convento de Cristo: http://www.conventocriso.gov.pt/pt/index.php?s=white&pid=217&identificador=ct146_pt

Bibliografia específica

- Arquivos, R. (16 de novembro de 1974). *Torre de Belém*. Obtido de <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/torre-de-belem/>
- João, M. I. (1994). *O Infante D. Henrique na Historiografia*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Pereira, P. d. (1996). *Os Sistemas de Documentação dos Museus – a informatização dos sistemas de documentação*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Antropologia, Mestrado em Museologia e Património. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Pinho, E. G., & Freitas, I. d. (1999). Normas de Inventário. *Normas Gerais - Artes Plásticas e Artes Decorativas*.
- João, M. I. (1999). *Memória e Império - Comemorações em Portugal (1880-1960)*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Aberta, História, Lisboa.
- Neto, M. J. (2001). *Memória, Propaganda e Poder: O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)*. FAUP - Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Noé, P., & Marques, L. (2002). *Torre de São Vicente/Torre de Belém*. Obtido de SIPA - Sistema de Informação para o Património Arquitetónico: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=4065
- João, M. I. (2004). *Mito e Memória do Infante D. Henrique*. Lagos: Descobrimentos.
- Teixeira, J. (2008). Arte Teoria. *A Imagem do Infante*(11), p. 179.
- Monteiro, J. d. (2011). A função expositiva no quadro do binómio museologia e património: o caso da Galeria de Exposições Temporárias do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça. *Museologia e Patrimônio*, 4(2), 75-95.
- Dos Santos, D., & Neto, J. L. (2012). Museu da Misericórdia, Museu da Cidade? *Series de Investigación Iberoamericana en Museología, Volumen 6. Historia de las colecciones e historia de los museos*, 127.

- Mota, C. (2013). *Museu e Monumento em projeto de Educação Visual*. Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro, Departamento de Educação.
- Braga, A. (1 de dezembro de 2013). *O mundo das bases de dados*. Obtido de Gerir Coleções: <http://gerircolecoes.blogspot.com/2013/12/o-mundo-das-bases-de-dados.html>
- Braga, A. (9 de dezembro de 2013). *O que é o inventário?* Obtido de Gerir Coleções: <http://gerircolecoes.blogspot.com/2013/12/o-que-e-o-inventario.html>
- Braga, A. (27 de janeiro de 2014). *Acessibilidade e Inventário: uma relação impossível?* Obtido de Gerir Coleções: http://gerircolecoes.blogspot.com/2014/01/acessibilidade-e-inventario-uma-relacao_27.html
- Braga, A. (31 de janeiro de 2014). *Inventário online: porquê e para quem?* Obtido de Gerir Coleções: <http://gerircolecoes.blogspot.com/2014/01/inventario-online-porque-e-para-quem.html>
- Braga, A. (17 de fevereiro de 2014). *Normalização e Gestão de Coleções. Que normas?* Obtido de Gerir Coleções: <http://gerircolecoes.blogspot.com/2014/02/normalizacao-e-gestao-de-colecoes-que.html>
- Freitas, D. M. (2014). *Memorial de um complexo arquitectónico enquanto espaço museológico: Museu Machado de Castro (1911-1965)*. Dissertação de doutoramento, FLUC.
- Baltazar, M. J. (14 de janeiro de 2015). *Exposição Henriquina (1960)*. Obtido de Design Português: <https://www.designportugues.pt/pt/arquivo/exposicao-henriquina-1960>
- David, M. J. (2015). *Documentação fotográfica relativa ao Mosteiro dos Jerónimos - Inventariação e Investigação*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Alves, A. N., & Mariz, V. (2016). Genius Loci - Lugares e Significados, Breves Reflexões. *O Padrão dos Descobrimentos como «Imagem de Marca» do Estado Novo*, pp. 473-483.

- João, M. I. (2017). Procesos de nacionalización e identidades en la península ibérica. (C. R. Simón, Ed.) *Comemorações e identidade nacional: o caso português*.
- Messias, M. J. (2018). *As tecnologias de informação e comunicação na democratização do museu: estratégias digitais participativas e inclusivas*. Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração – Instituto da Educação. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Neto, M. J. (2019). D. Maria II, princesa do Brasil, rainha de Portugal. *A consciência do Património Nacional: Políticas de salvaguarda no reinado de D. Maria II* (pp. 192-202). Lisboa: Artis.
- Cultural, D.-G. d. (2020). *Almada Negreiros e o Mosteiro da Batalha, quinze pinturas primitivas num retábulo imaginado*. Obtido de Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/agenda/exhibitions/almada-negreiros-e-o-mosteiro-da-batalha-quinze-pinturas-primitivas-num-retabulo-imaginado/>
- Sé - Catedral de Braga. (07 de 06 de 2021). Obtido de O Tesouro-Museu da Sé de Braga: <https://se-braga.pt/o-tesouro-museu-da-se-de-braga/>
- EGEAC. (s.d.). *O Monumento Padrão dos Descobrimentos*. Obtido de Padrão dos Descobrimentos: <https://padraodosdescobrimentos.pt/padrao-dos-descobrimentos/>
- Gulbenkian, B. d. (s.d.). *Exposição do Mundo Português, Lisboa, 1940*. Obtido de Omeka: <https://mundopt40.omeka.net/exhibits/show/exposicaomundoportugues/origem/motivacoes>

Anexos

Anexo 1 - Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos, organizada cronologicamente e por tipologia artística.

Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos

Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC-ADF)

Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia (DGPC-MNA)

Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arte Antiga (DGPC-MNAA)

Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa (AHCPL)

Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (AHMOP)

Biblioteca da Ajuda (DGPC-BA)

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (FGC-BA)

Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (BAHOP)

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) – pedidos para bndigital@bnportugal.gov.pt quando está digitalizada a imagem.

Casa Pia de Lisboa - Centro Cultural Casapiano (CPL-CCC)

Casa-Estúdio Carlos Relvas (CMG-CECR)

Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)

Direcção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas - Arquivo Nacional Torre do Tombo (DGLAB-ANTT)

Gabinete de Estudos Olisiponenses (CML-GEO)

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (IHRU-SIPA)

Instituto de Investigação Científica Tropical - Arquivo Científico Tropical Digital (ICT-ACTD)

Ministério da Economia - Arquivo Histórico das Obras Públicas (ME-AHOP)

Museu de Lisboa (CML-ML)

Núcleo Fotográfico do Arquivo Municipal de Lisboa (CML-AMLF)

Palácio Nacional da Ajuda (DGPC-PNA)

Secretário de Estado da Cultura - Arquivo Fotográfico da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema (SEC-CPMC)

Technische Informationsbibliothek/Universitätsbibliothek Hannover (TIB/UB)

- Organização cronológica e por tipologia artística:

1. - Pintura

1.1 – Pintura a óleo

1.2 – Pintura a aguarela

2. – Desenho

2.1 – Desenho a aguarela

3. – Gravura

3.1 – Litografia

3.2 – Gravura a água-forte

4. – Planta

5. - Projeto

6. – Fotografia

1.1 – Pintura a óleo

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	Vista dos Jerónimos. Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva. Por Dirk Stoop.
Data	Cerca de 1618-1686
Imagem	96



Imagem 96

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Igreja
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 603 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Palais du Luxembourg. RMN-Grand Palais/Christian Jean
Informação de Legenda(s)	Adrien Dauzats, Intérieur de l'église de Belem à Lisbonne, 1838, 164x104cm, óleo sobre tela, Paris, Sénat - Palais du Luxembourg. RMN-Grand Palais/Christian Jean
Data	1838
Imagem	34

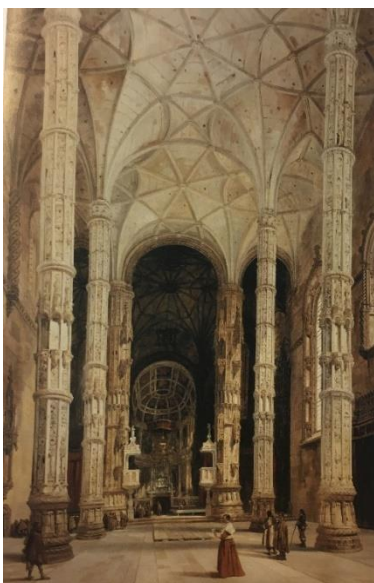


Imagem 34

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Igreja
Fonte Bibliográfica	CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. II</i> , IPPAR, p. 397 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Museu de Lisboa MC.PIN.0408
Informação de Legenda(s)	Tony de Bergue (1820-1890), <i>Igreja de Santa Maria de Belém</i> , aquando da extinção da ordem.
Data	Século XIX (c. 1854)
Imagem	61



Imagem 61

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Igreja
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Musée des Beaux-Arts et d'Archéologie
Informação de Legenda(s)	<i>Nef de l'église du monastère de Belem à Lisbonne</i>
Data	Séc. XIX
Imagem	80



Imagem 80

1.2 – Pintura a aguarela

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Portal axial
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	Museu Nacional de Arte Contemporânea- Museu do Chiado. 1316 DGPC-ADF. 59294 DIG
Informação de Legenda (s)	Porta principal dos Jerónimos. De João Pedro Monteiro

Data	Século XIX
Imagem	115



Imagem 115

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Portal sul
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	??
Informação de Legenda (s)	Porta lateral dos Jerónimos. Incluída na série de aguarelas <i>Costumes do século XVIII</i> . De Alfredo Roque Gameiro
Data	1908
Imagem	112



Imagem 112

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – portal sul
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado. 2284 DGPC-ADF. 01184 TC
Informação de Legenda (s)	Porta dos Jerónimos. De Alfredo Roque Gameiro
Data	Século XX (c. 1908)
Imagem	111



Imagem 111

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	??
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos (Fachada sul). Aguarela incluída na obra <i>Quadros da História de Portugal</i> , da autoria de Chagas Franco e João Soares, em 1917, capítulo XVIII, <i>Depois da Viagem do Gama</i> , página 53. De Alfredo Roque Gameiro
Data	1917 (primeira edição)
Imagem	110



Imagem 110

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	CML-AMLF. Arquivo Municipal de Lisboa. A43127 N40600 MNV001328
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos. Aguarela do pintor inglês David Ponsonby.
Data	1968
Imagem	93

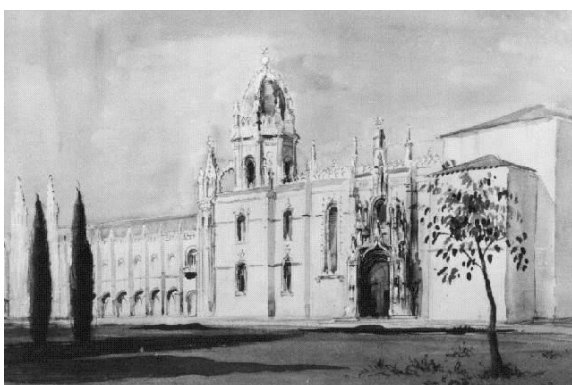


Imagem 93

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela

Localização	Museu de Lisboa MC.DES.0175
Informação de Legenda (s)	Belém nos finais do século XVII. Por José Rodrigo Dias Sanches.
Data	Final do século XVII
Imagem	95

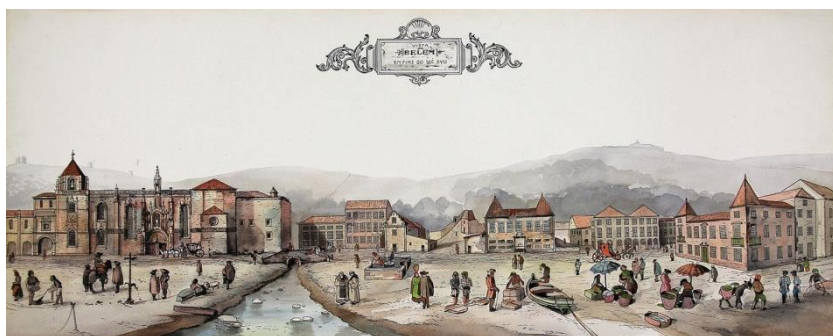


Imagem 95

2. – Desenho

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 298 MOREIRA, Rafael (1995). <i>Jerónimos</i> , IPPAR, p. 6 MUCHAGATO, Jorge (1997). <i>Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro</i> , Edições Inapa, p. 143 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, figura 1 (apêndice) Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga 2544/6 Des DGPC-ADF. 15497.05.02 TC
Informação de Legenda(s)	O Mosteiro dos Jerónimos em 1780. Desenho de Noel. Fachada do mosteiro no século XVIII, segundo desenho do francês Noell. (...) o Mosteiro dos Jerónimos no final do século XVIII, em desenhos de Noël. Lisboa, MNAA.

	Alexandre Jean Noel, « <i>Fachada do Mosteiro de Belém, Lisbonne</i> »
Data	1780
Imagem	10



Imagem 10

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 301 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda(s)	O Mosteiro dos Jerónimos. Desenho de Charles Landseer de cerca de 1825-1826.
Data	Cerca de 1825-1826
Imagem	12

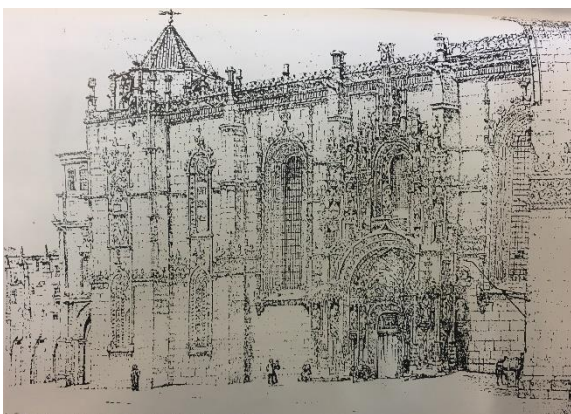


Imagem 12

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu de Lisboa (CML-ML). MC.DES.1631.021
Informação de Legenda(s)	Igreja de S. Maria de Belem, e S. Jeronimo. Por Luiz Gonzaga Pereira.
Data	1835 - 1837
Imagem	103

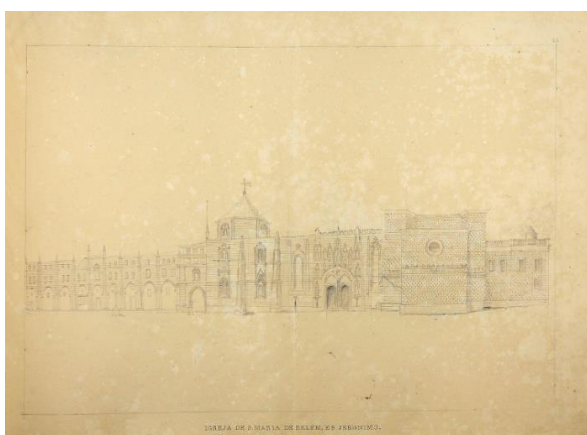


Imagem 103

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu de Lisboa (CML-ML). MC.DES.1809
Informação de Legenda (s)	Le Convent de Belem – Lisbonne. De Paul Orcel
Data	1839
Imagem	104

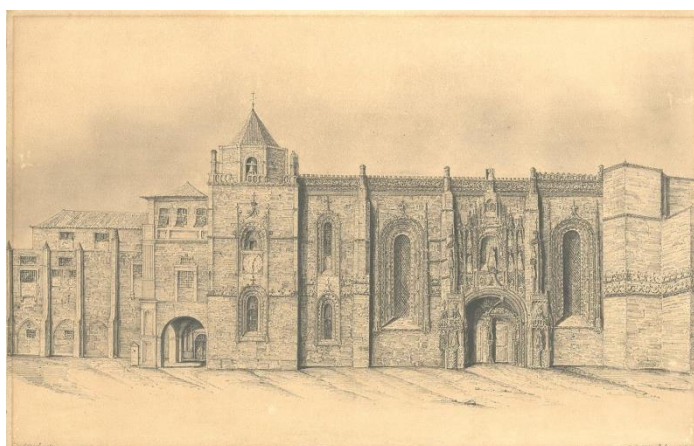


Imagem 104

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada (Sala dos Reis)
Fonte Bibliográfica	CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. II</i> , IPPAR, p. 318 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, pp. 174 e 175 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	AHCPL, 65P1
Informação de Legenda(s)	Raphael da Silva Castro. Antes de se começar a intervenção de reconstrução do dormitório, o provedor da Casa Pia, José Maria Eugénio, mandou que se fizesse um levantamento dos alçados e plantas de todo o mosteiro. Este que aqui se reproduz é uma cópia de uma parte desses alçados, feitos em 1860. Nele podemos observar com rigor a parte exterior da Sala dos Reis. Domingos Parente da Silva, Alçada sul do Mosteiro dos Jerónimos, 1868, Cópia do desenho de Rafael da Silva Castro executado em 1860, AHCPL, 65P1.
Data	1860
Imagem	60

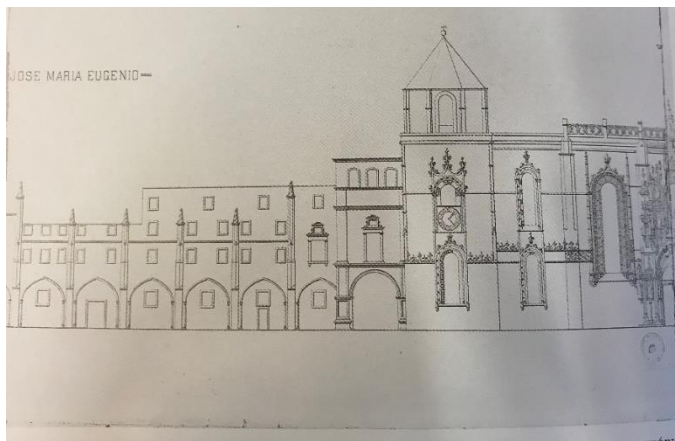


Imagem 60

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Igreja
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 166 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Biblioteca da Ajuda

Informação de Legenda(s)	Possidónio da Silva, maqueta da igreja de Santa Maria de Belém, 1867, <i>Boletim da RAACAP</i> , 2ª série, nº4, 1875.
Data	1867
Imagem	67



Imagem 67

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 587 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 179 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Biblioteca Luz Soriano
Informação de Legenda(s)	A. Rambois e G. Cinatti, projeto para o alçado sul do mosteiro de Belém, 1873, Biblioteca Luz Soriano.
Data	1873
Imagem	26

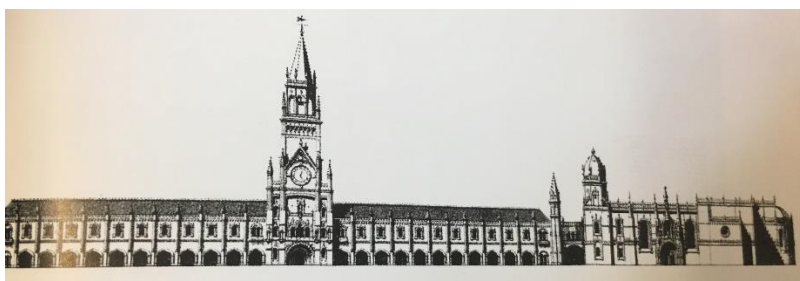


Imagem 26

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Porta Axial
------------------------	--------------------------------------

Fonte Bibliográfica	DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 307 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Desenho de A. Haupt feito antes de 1890 e incluído na sua obra <i>A arquitectura da renascença em Portugal</i> (ed. De Frankfurt de 1890, e de Lisboa s/data).
Data	Antes de 1890
Imagem	17

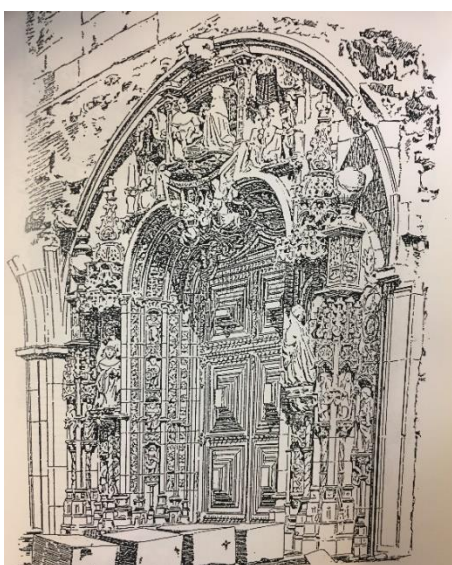


Imagem 17

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 308 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Desenho de A. Haupt feito antes de 1890 e incluído na sua obra <i>A arquitectura da renascença em Portugal</i> (ed. De Frankfurt de 1890, e de Lisboa s/data).
Data	Antes de 1890
Imagem	18



Imagem 18

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, pp. 580 e 581 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	AHCPL, 65P1 (Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa)
Informação de Legenda(s)	Domingos Parente da Silva, alçado sul do mosteiro dos Jerónimos, 1898, Cópia do desenho de Rafael da Silva Castro executado em 1860, AHCPL, 65P1.
Data	1898
Imagem	25

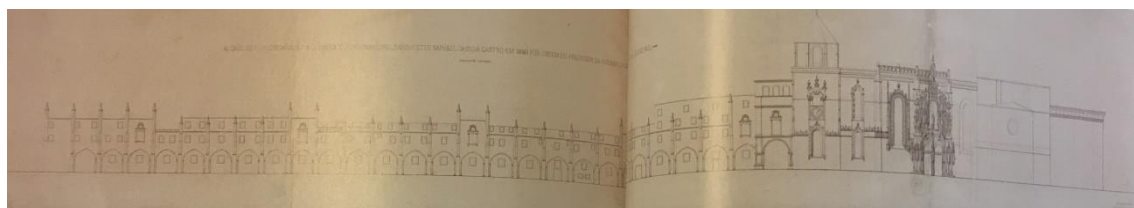


Imagem 25

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	CML-ML. MC.DES.1818.084
Informação de Legenda (s)	Convento dos Jeronymos, em Belem.
Data	1903
Imagem	120



Imagem 120

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Igreja
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	CML-ML. MC.DES.1818.089
Informação de Legenda (s)	Interior da Igreja dos Jeronymos, vista tirada do coro
Data	1903
Imagem	121



Imagem 121

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Refeitório
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	CML-ML. MC.DES.1818.091
Informação de Legenda (s)	Interior do refeitório dos Jeronymos, hoje da Casa Pia
Data	1903
Imagem	122

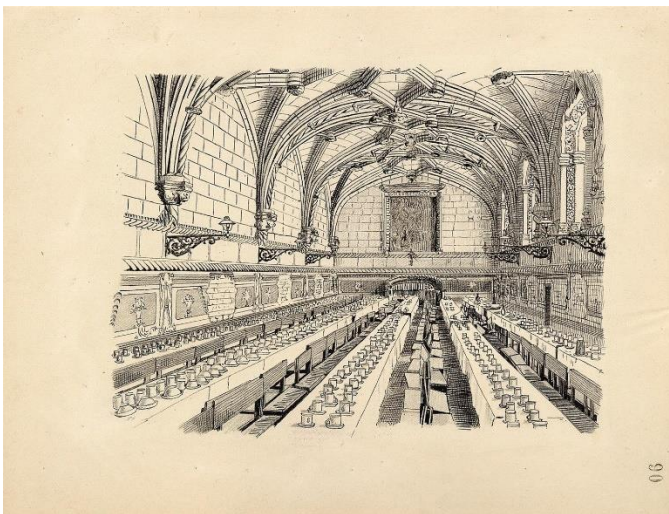


Imagem 122

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 305 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda(s)	O Mosteiro dos Jerónimos. Desenho de Bernardino Coelho.
Data	??
Imagem	16



Imagem 16

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	MUCHAGATO, Jorge (1997). <i>Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro</i> , Edições Inapa, pp. 52 e 53 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Iconografia (Desenho)
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Mosteiro de Santa Maria de Belém – Iconografia do Portal Sul. De Jorge Muchagato
Data	??
Imagem	19



Imagem 19

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	MUCHAGATO, Jorge (1997). <i>Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro</i> , Edições Inapa, p. 90
	Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Convento dos Jerónimos nos fins do séc. XVII.
Data	??
Imagem	20



Imagem 20

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 607

	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, pp. 192 e 193 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	TIB/UB, 32REPO-021
Informação de Legenda(s)	Albrecht Haupt, alçado sul da igreja de Santa Maria de Belém, Hannover, TIB/UB, 32REPO-021.
Data	??
Imagem	37



Imagem 37

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 95 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	46

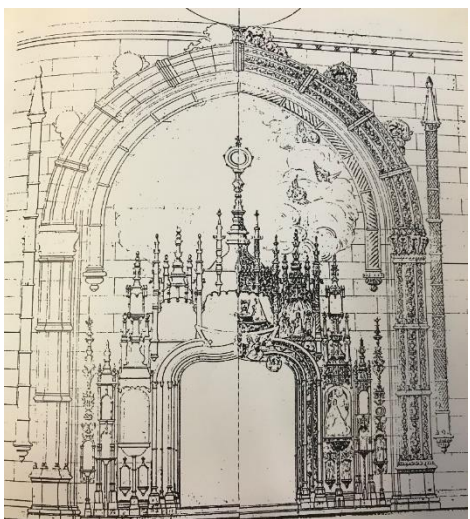


Imagem 46

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 198 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	A. H. do MOP
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	47

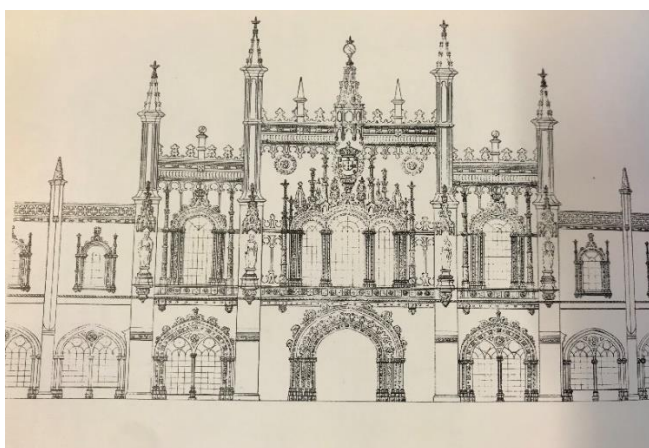


Imagem 47

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 202 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	A. H. do MOP
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	48

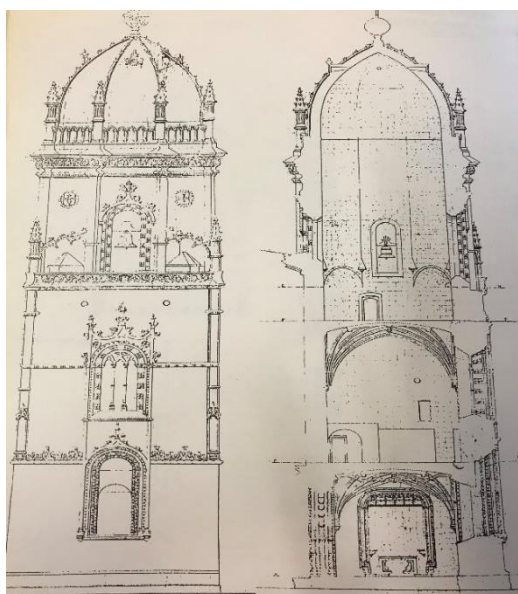


Imagem 48

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 205 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	A. H. do MOP
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	49

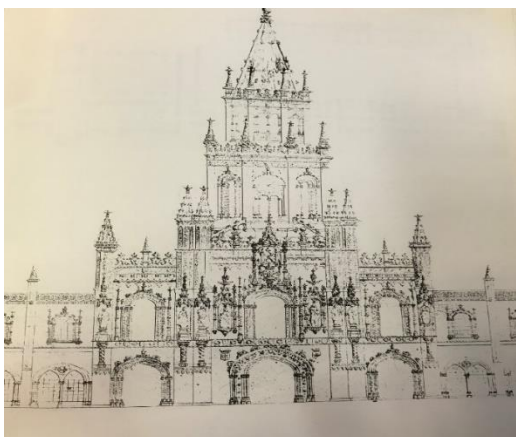


Imagem 49

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 212 e 213 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	A. H. do MOP
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	50



Imagem 50

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 219 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	A. H. do MOP

Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	51

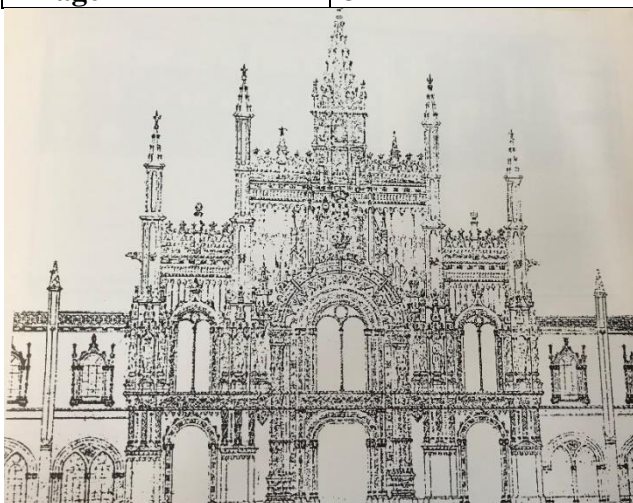


Imagem 51

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 228 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	A. H. do MOP
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	53

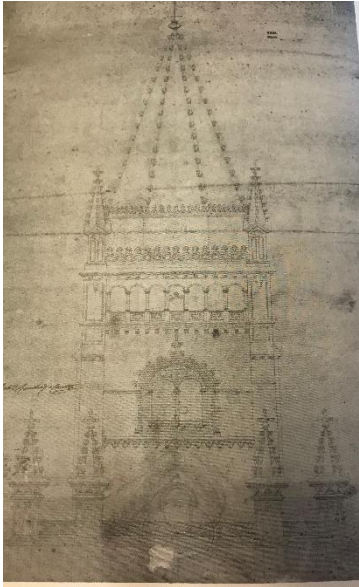


Imagem 53

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada (Sala dos Reis)
Fonte Bibliográfica	CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. II</i> , IPPAR, p. 316 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Este desenho, algo incipiente, tem o mérito de captar todos os pormenores decorativos da Sala dos Reis.
Data	??
Imagem	59



Imagem 59

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SILVA, Cesar da (1925). <i>Mosteiro dos Jeronimos – História e Descrição do Monumento</i> , Henrique Torres Editor Localização: Casa Pia de Lisboa
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Aspecto do dormitório.
Data	??
Imagem	72

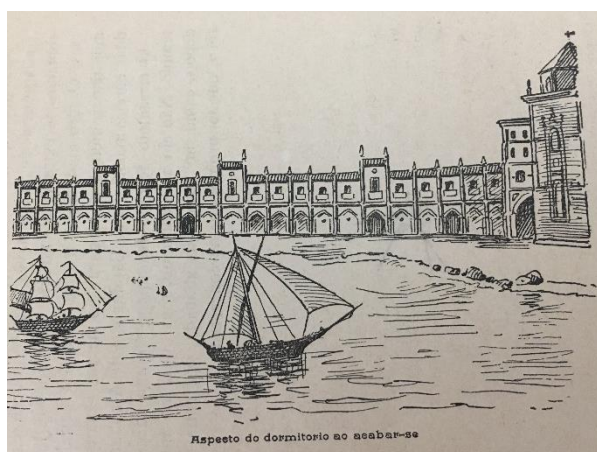


Imagem 72

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SILVA, Cesar da (1925). <i>Mosteiro dos Jeronimos – História e Descrição do Monumento</i> , Henrique Torres Editor Localização: Casa Pia de Lisboa
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Aspecto do dormitório em 1859 (Copia duma gravura inglesa).
Data	??
Imagem	73

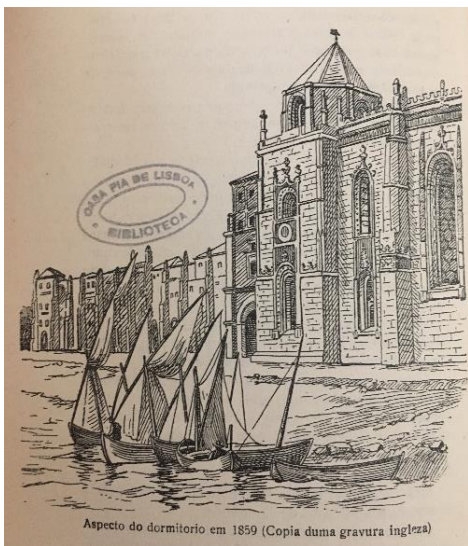


Imagem 73

2.1 – Desenho a aguarela

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	<p>PEREIRA, Paulo (2019). <i>Mosteiro dos Jerónimos</i>, Scala, p. 17</p> <p>MUCHAGATO, Jorge (1997). <i>Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro</i>, Edições Inapa, p. 101</p> <p>CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. II</i>, IPPAR, p. 312</p> <p>NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i>, Caleidoscópio, pp. 176 e 177</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho Aguarelado
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga. 2964 Des DGPC-ADF. 20864 TC
Informação de Legenda(s)	<i>Mosteiro dos Jerónimos</i> , desenho aguarelado, anterior a 1868 (Museu Nacional de Arte Antiga). Desenho aguarelado da fachada sul do Mosteiro, anterior a 1868, ano da demolição da Sala dos Reis, sobre a galilé da entrada principal e que ainda aqui vemos representada. Lisboa, MNAA. Vista do

	Mosteiro de Belém. É talvez neste desenho que melhor se define a sala dos reis. J. da Costa Sequeira, Vista da fachada sul do mosteiro de Belém, lápis realçado a aguada cinza e guache branco, anterior a 1868, MNAA, 21,1x32,6cm, DGPC/ADF, José Pessoa, 1999.
Data	Anterior a 1868
Imagem	3



Imagem 3

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 179 e figura 22 do apêndice da mesma obra Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho a aguarela
Localização	BAHOP, D92-6C
Informação de Legenda(s)	Rafael da Silva Castro; Domingos Parente da Silva; Manuel Raymundo Valadas, Projeto nº7 (a) do corpo central, [1879], aguarela sobre papel, BAHOP, D92-6C.
Data	1879
Imagem	68



Imagem 68

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho a aguarela
Localização	CML-ML. ML.DES.4547
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos. De José Adjuto Marques Ferreira da Silva
Data	1986
Imagem	123



Imagem 123

3. – Gravura

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Antiquário AR-PAB
Informação de Legenda (s)	
Data	Século XVIII
Imagem	109



Imagem 109

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada e jardim
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	CML-ML. MC.GRA.0663
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jeronimos – Lisboa. De João Ribeiro Cristino da Silva
Data	c. 1910
Imagem	113



Imagem 113

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Portal axial
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	BNP. 94 (81) HIS
Informação de Legenda (s)	Detalhe do pórtico axial dos Jerónimos, estátua orante de D. Manuel. Gravura incluída no volume I da <i>História da Colonização Portuguesa do Brasil</i> , Porto, 1921, obra publicada no âmbito das comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. De Alfredo Roque Gameiro
Data	1921
Imagem	117



Imagem 117

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Igreja
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	BNP. 94 (81) HIS
Informação de Legenda (s)	Interior dos Jerónimos – nave central. Gravura incluída no volume I da <i>História da Colonização Portuguesa do Brasil</i> , Porto, 1921, obra publicada no âmbito das comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. De Alfredo Roque Gameiro
Data	1921
Imagem	118



Imagem 118

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Portal axial
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	BNP. 94 (81) HIS
Informação de Legenda (s)	Pórtico axial dos Jerónimos. Gravura incluída no volume I da <i>História da Colonização Portuguesa do Brasil</i> , Porto, 1921, obra publicada no âmbito das comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. De Alfredo Roque Gameiro
Data	1921
Imagem	119

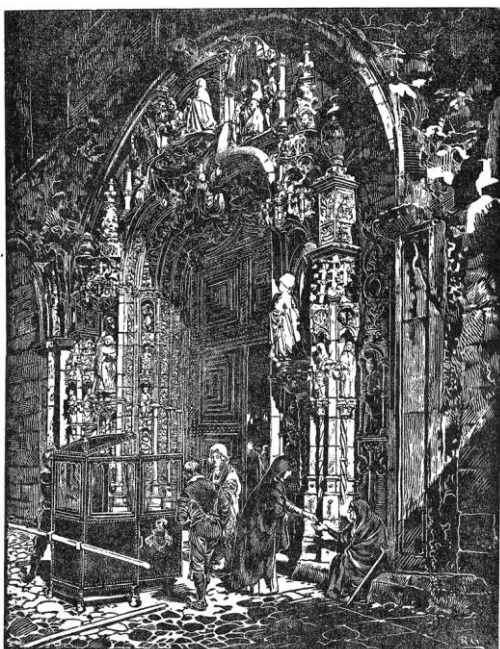


Imagem 119

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 300
	Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	??
Informação de Legenda(s)	O Mosteiro dos Jerónimos no começo do séc. XVIII.
Data	??
Imagem	11

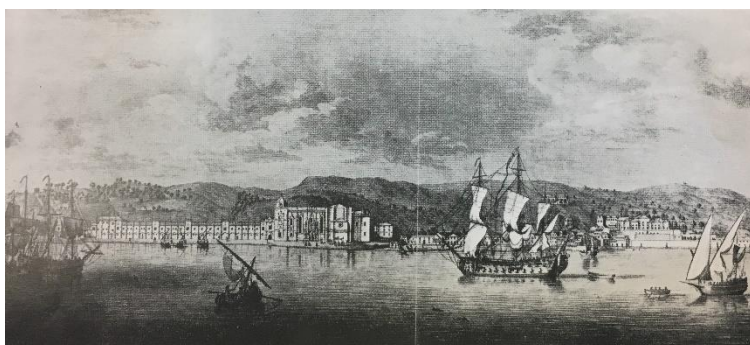


Imagem 11

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Porta da Igreja
------------------------	--

Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	BNP E. 1557 V.
Informação de Legenda(s)	1 gravura: ponta-seca, p&b; 20,5x14,4 cm (matriz).
Data	??
Imagem	78



Imagem 78

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa. POR060136 B096103 N
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos.
Data	??
Imagem	91



Imagem 91

3.1 – Litografia

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 304 SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 589 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	AHCPL, s/cota Arquivo Municipal de Lisboa POR060135 B096102 N
Informação de Legenda(s)	O Mosteiro dos Jerónimos. Litografia de meados do séc. XIX. Vista parcial da fachada sul do Mosteiro de Santa Maria de Belém, gravura, 1ª metade século XIX, AHCPL, s/cota.
Data	Meados do séc. XIX 1ª metade do século XIX
Imagem	15



Imagem 15

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 607 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 169 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	BNP E.2209V BNP E.A.94//2 A.
Informação de Legenda(s)	João Pedro Monteiro, <i>Fachada lateral da igreja do convento dos Jeronymos</i> , Offic. Lith. De M. L. da Costa
Data	c. 1845
Imagem	36

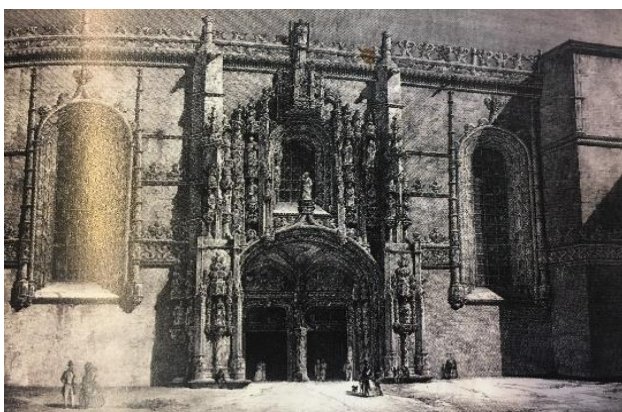


Imagem 36

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Porta Axial
Fonte Bibliográfica	CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. I</i> , IPPAR, p. 45 SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 606 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 170 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	BNP, E.993A

Informação de Legenda(s)	Porta Axial de Belém. João Pedro Monteiro, <i>Portal Principal do Mosteiro dos Jerónimos, em Belem</i>
Data	1847
Imagem	4

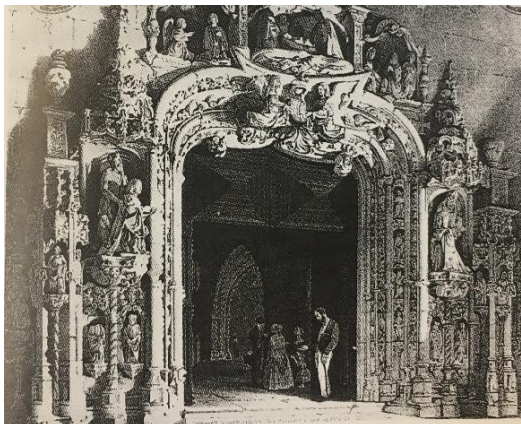


Imagem 4

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Igreja
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 159
	Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	BNP. E: 2330 V
Informação de Legenda(s)	<i>Eglise de Belem</i>
Data	c. 1850
Imagem	66



Imagem 66

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Igreja
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 158 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	BNP. E. 998 A.
Informação de Legenda(s)	João Pedro Monteiro, <i>Interior da igreja do antigo mosteiro de Santa Maria de Belém visto da capella-mor</i> , Diogo José de Oliveira da Cunha, Domingos Francisco Lopes
Data	c. 1854
Imagem	65



Imagem 65

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Sacristia
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 618 CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. II</i> , IPPAR, p. 280 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 171 Localização: Mosteiro dos Jerónimos

Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	BNP E.985 A
Informação de Legenda(s)	Sacristia, «Chapter House» - <i>Convent of St. Jeronimo</i> , Belem, William Barclay, Sacristia do Mosteiro de Santa Maria de Belém.
Data	??
Imagem	38



Imagem 38

3.2 – Gravura a água-forte

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura a água-forte
Localização	BNP E. 978 A.
Informação de Legenda(s)	1 gravura: água-forte, color; 31,6x42,1 cm (matriz). Vista ribeirinha como igreja de Santo Amaro em 1º plano e o Mosteiro dos Jerónimos ao fundo.
Data	17--
Imagem	79



Imagem 79

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	<p>DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i>, Instituto de História de Arte da FLUC, p. 303</p> <p>MUCHAGATO, Jorge (1997). <i>Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro</i>, Edições Inapa, pp. 144 e 145</p> <p>SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i>, Scribe, p. 621</p> <p>NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i>, Caleidoscópio, p. 64</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura a água-forte
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga. 11208 A Grav DGPC-ADF. 20664 TC BNP. E. 948 V.
Informação de Legenda(s)	O Mosteiro dos Jerónimos. Gravura inserta na edição de 1842 de <i>O Panorama</i> . A praia de Belém e a fachada sul do Mosteiro dos Jerónimos numa gravura inglesa de 1830. Lisboa, MNAA. Robert Batty, <i>St. Gernymo, Belem</i> , gravura: água-forte, London: Moon Boys & Graves, 1830,
Data	1830
Imagem	14



Imagem 14

4. – Planta

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos
Fonte Bibliográfica	CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. II</i> , IPPAR, p. 229
	Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Planta
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Planta do Mosteiro de Santa Maria de Belém, antes das obras de restauro, iniciadas em 1860.
Data	Ant. 1860
Imagem	58

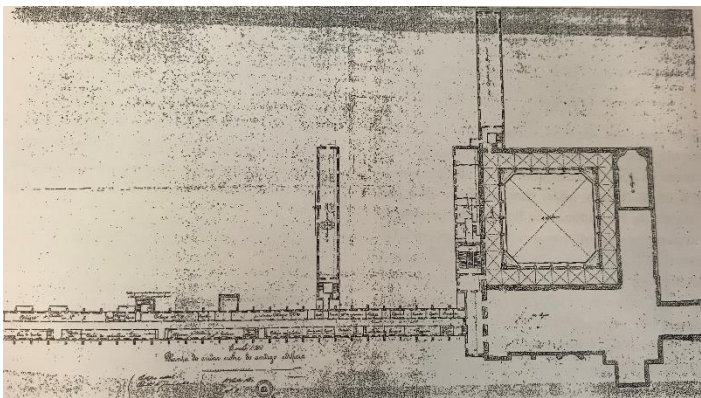


Imagem 58

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Planta do segundo andar
Identificação da Fonte Iconográfica	Planta
Localização	DGLAB-ANTT
Informação de Legenda (s)	Planta do andar nobre do Mosteiro dos Jerónimos de Belém. Assinado por João José Gonçalves, discípulo da Casa Pia, copiada por V. J. Correia e E. A. Bettencourt, desenhadores. Cota atual: Ministério do Reino, Colecção de Plantas do ex-A.H.M.F., cx. 5285, n.º 21
Data	18--
Imagem	114

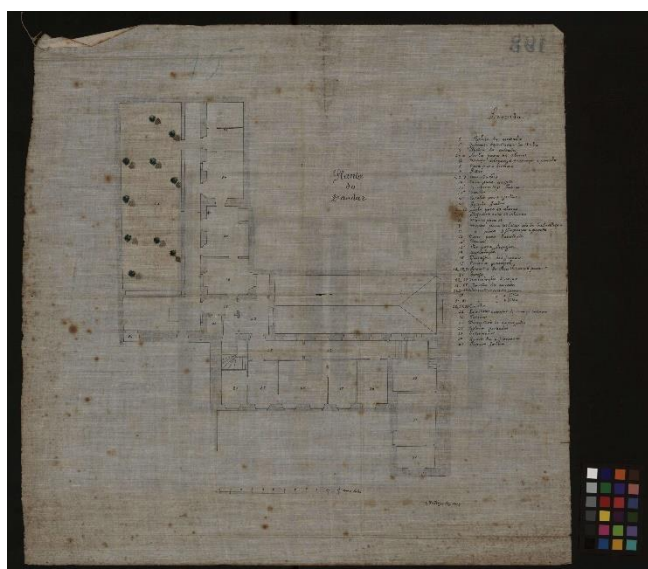


Imagem 114

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Igreja
Fonte Bibliográfica	CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. I</i> , IPPAR, p. 107 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Planta
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Planta da Igreja – Distribuição dos retábulos no século XVIII 1. Nossa Senhora de Belém 2. S. Jerónimo 3. Santa Paula 4. Nossa Senhora das Estrelas 5. Santa Eustochia 6. Santo

	António 7. Santo Eusébio Cremonense 8. S. Francisco Xavier 9. Senhor dos Passos 10. Leonardo
Data	??
Imagem	5

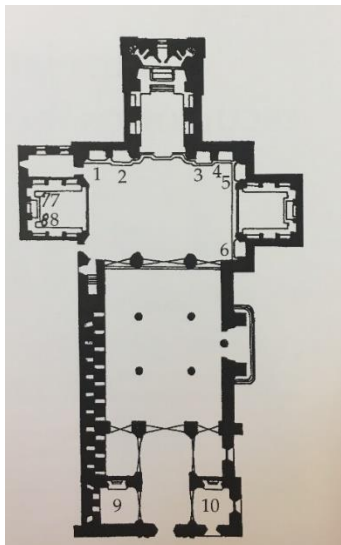


Imagem 5

5. – Projeto

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Projeto
Localização	IICT-ACTD (Arquivo Científico Tropical Digital)
Informação de Legenda (s)	Fotografia do projeto para a restauração da Igreja de Santa Maria de Belém, realizado pelo arquiteto Joaquim Possidónio Narciso da Silva no ano de 1867.
Data	1867
Imagem	99

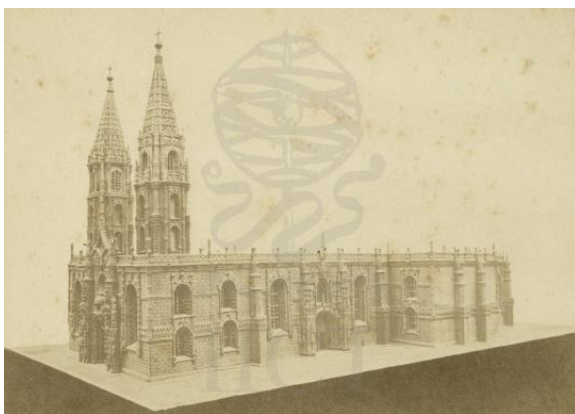


Imagem 99

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Projeto
Localização	CML-AMLF. Arquivo Municipal de Lisboa ROC000060 A8197 N7002
Informação de Legenda (s)	Projecto de Cinatte para o anexo da igreja dos Jerónimos.
Data	Anterior a 1893
Imagem	89

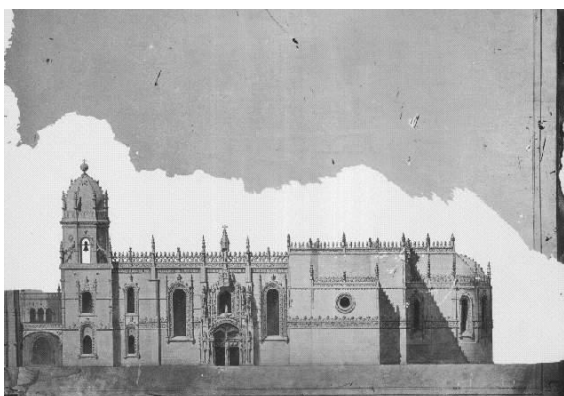


Imagem 89

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	<p>SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i>, Scribe, p. 594</p> <p>NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i>, Caleidoscópio, pp. 206 e 207</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>

Identificação da Fonte Iconográfica	Projeto
Localização	GEO, FT8512
Informação de Legenda(s)	Adães Bermudes (Projeto João de Belém), Alçado anterior da ala norte do mosteiro, concurso de 1895, GEO, FT8512.
Data	1895
Imagem	28



Imagem 28

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 594 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 196 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Projeto
Localização	GEO, FT8519
Informação de Legenda(s)	Adães Bermudes, projeto de restauro da fachada principal da igreja, concurso de 1895, GEO, FT8519.
Data	1895
Imagem	29

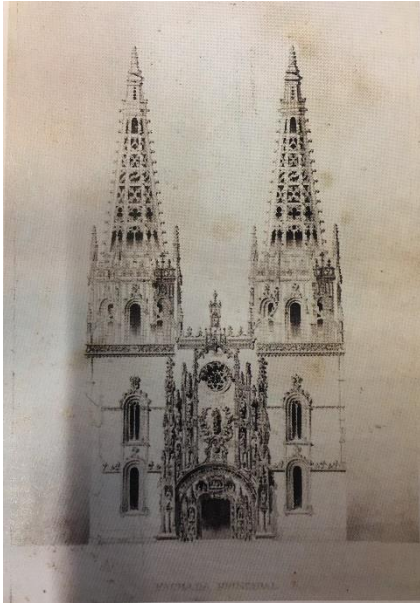


Imagem 29

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 595 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 197 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Projeto
Localização	GEO, FT8511
Informação de Legenda(s)	Adães Bermudes, alçado sul do templo, proposta de intervenção na portaria, nas torres da igreja e na capela-mor, concurso de 1895, GEO, FT8511.
Data	1895
Imagem	30



Imagem 30

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 595 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Projeto
Localização	GEO, FT8517
Informação de Legenda(s)	Adães Bermudes (Projeto João de Belém), corte transversal da capela-mor, transepto, sacristia e sala do capítulo, concurso de 1895, GEO, FT8517.
Data	1895
Imagem	31

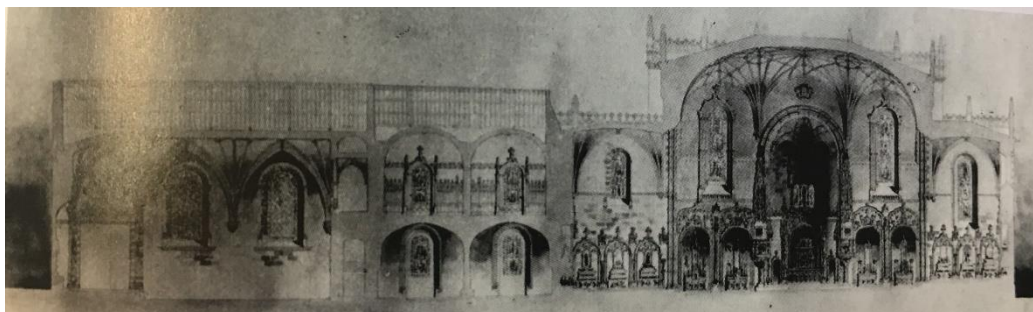


Imagem 31

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 596 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Projeto
Localização	AHCPL, Foto 865
Informação de Legenda(s)	Domingos Parente da Silva, Projeto do corpo central, 1896-1900 (?), AHCPL, Foto 865.
Data	1896-1900 (?)
Imagem	32



Imagem 32

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SILVA, Cesar da (1925). <i>Mosteiro dos Jeronimos – História e Descrição do Monumento</i> , Henrique Torres Editor Localização: Casa Pia de Lisboa
Identificação da Fonte Iconográfica	Projeto
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Projeto do corpo central.
Data	??
Imagem	74

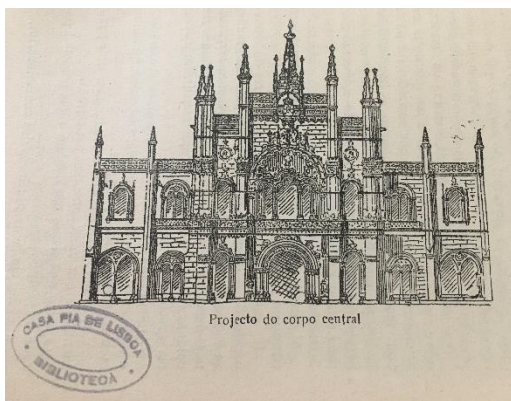


Imagem 74

6. – Fotografia

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Refeitório
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGPC-PNA
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista do interior da sala do refeitório durante a instalação da Casa Pia de Lisboa. Vista de mesas corridas com bancos de madeira. Vista das abóbadas.
Data	1862-1889
Imagem	101



Imagem 101

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGPC-ADF. 51574.14.01 DIG DGPC-BA. 233-V, reg.165
Informação de Legenda (s)	Revista Pittoresca e Descritiva nº 12: Belém, Igreja do antigo Convento dos Jerónimos. De Joaquim Possidónio Narciso da Silva
Data	1863
Imagem	124



Imagem 124

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	LOURO, João <i>et al.</i> (??). <i>Casa Pia Lisboa – Património Visual em 100 Imagens</i> , Casa Pia de Lisboa, p. 25 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa/Arquivo Fotográfico e de Imagem do Centro Cultural Casapiano
Informação de Legenda(s)	Derrocada dos Jerónimos e sua reconstrução no ano de 1865-1866.
Data	1865-1866
Imagem	70



Imagem 70

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 259 SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 602

	<p>CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i>, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 245</p> <p>CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. II</i>, IPPAR, p. 314</p> <p>NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i>, Caleidoscópio, p. 12</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU/SIPA, Foto 0503167
Informação de Legenda(s)	<p>Aspecto da igreja dos Jerónimos em 1868, ainda com o coro dos reis e a sineira primitiva. Vista parcial da fachada sul com a sala dos reis e torre cónica da igreja, anterior a 1868, IHRU/SIPA, Foto 0503167. Fotografia de Henrique Nunes. Nos primórdios da fotografia foi utilizada para captar a imagem da sala dos reis que já se previa ter de ser destruída. Vista parcial da fachada sul com a Sala dos Reis e torre cónica da igreja, anterior a 1868, IHRU/SIPA, Foto 0503167.</p>
Data	1868 Anterior a 1868
Imagem	6

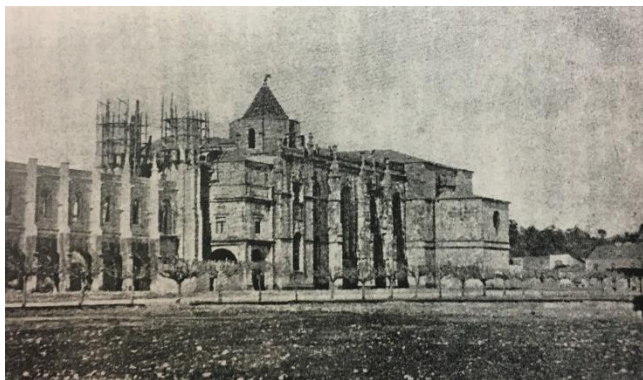


Imagem 6

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Refeitório
Fonte Bibliográfica	<p>LOURO, João <i>et al.</i> (??). <i>Casa Pia Lisboa – Património Visual em 100 Imagens</i>, Casa Pia de Lisboa, p. 62</p> <p>CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. II</i>, IPPAR, p. 135</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia

Localização	Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa/Arquivo Fotográfico e de Imagem do Centro Cultural Casapiano Arquivo Municipal de Lisboa
Informação de Legenda(s)	Real Casa Pia de Lisboa: “Refeitório”. Final do Século XIX. O refeitório de Belém no tempo em que a Casa Pia ocupava o cenóbio. Vê-se ao longo das paredes a série régia de Belém e ao fundo o falso fresco de Simão Rodrigues.
Data	Final do século XIX
Imagem	42

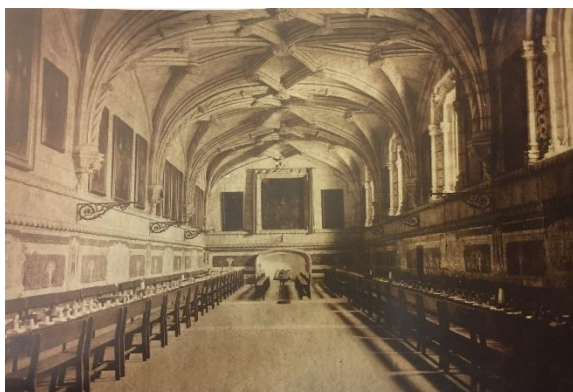


Imagem 42

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 587 CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 250 e 251 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, pp. 201 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU/SIPA, Foto 0503165 (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana/Sistema de Informação para o Património Arquitectónico) DGEMN
Informação de Legenda(s)	Fachada sul do mosteiro com o corpo central em construção, anterior a 1878, IHRU/SIPA, Foto 0503165.
Data	Anterior a 1878
Imagem	27



Imagem 27

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 91 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 167 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU/SIPA Foto 0503166.
Informação de Legenda(s)	Derrocada do corpo central da ala sul, 1878, IHRU/SIPA Foto 0503166.
Data	1878
Imagem	44



Imagem 44

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	LISBOA. Câmara Municipal. Pelouro da Cultura. Arquivo Municipal - Lisboa ribeirinha. Lisboa: Livros Horizonte, 1994. ISBN 972-24-0873-9. foto 181.

	LISBOA. Câmara Municipal, Arquivo Municipal - Bellem Belém: Reguengo da cidade .1ª ed. [Porto]: Asa, 1990. ISBN 972-41-0802-3. p. 87.
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF. Arquivo Municipal de Lisboa SEX000405 A12982 N1116
Informação de Legenda (s)	Alçado sudoeste do Mosteiro dos Jerónimos, entrada do Museu de Marinha.
Data	Cerca de 1878
Imagem	81

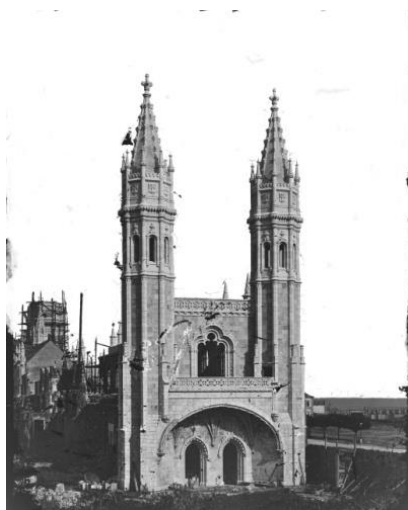


Imagem 81

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 167
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF. Arquivo Municipal de Lisboa ORI000749 Cat 52
Informação de Legenda (s)	Ruínas do mosteiro dos Jerónimos, causadas pelo desmoronamento da torre central.
Data	Cerca de 1878
Imagem	92



Imagem 92

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	Lisboa. Câmara Municipal, Arquivo Municipal - Bellem Belém: Reguengo da cidade. 1ª ed. [Porto]: Asa, 1990. ISBN 972-41-0802-3. p. 90-91.
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF. Arquivo Municipal de Lisboa SEX000411 A12988 N11172
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos.
Data	Cerca de 1880
Imagem	94



Imagem 94

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Igreja
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 604 CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. I</i> , IPPAR, p. 363

	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 165 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	GEO, Photographias de Lisboa, n.º 13 Museu da Cidade
Informação de Legenda(s)	Interior do templo de Santa Maria de Belém, anterior a 1885, foto de F. Rocchini, GEO, <i>Photographias de Lisboa</i> , n.º 13. O trono eucarístico. Colocado na capela-mor (fotografia antiga do Museu da Cidade).
Data	Anterior a 1885
Imagem	35



Imagem 35

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Cozinha da Casa Pia
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF. Cota(s): POR083067Cat 100
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos, cozinha da Real Casa Pia de Lisboa. Inscrição no original: F. Rocchini, Real Casa Pia de Lisboa, cozinha. Desenho de Francesco Rocchini
Data	1880-1910
Imagem	108



Imagem 108

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF. Arquivo Municipal de Lisboa ROC000019 A8156 N6961
Informação de Legenda (s)	Igreja dos Jerónimos, pórtico principal.
Data	Anterior a 1893
Imagem	88

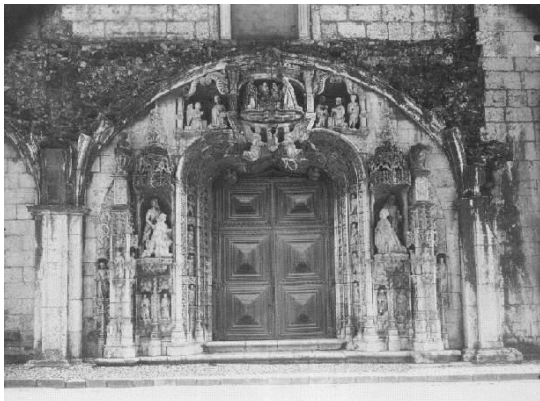


Imagem 88

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 265 (esquerda) Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Exterior do Mosteiro dos Jerónimos, pouco antes de 1930.
Data	Pouco antes de 1930

Imagem	7
---------------	---



Imagem 7

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 265 (direita) Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Exterior do Mosteiro dos Jerónimos, pouco antes de 1930.
Data	Pouco antes de 1930
Imagem	8

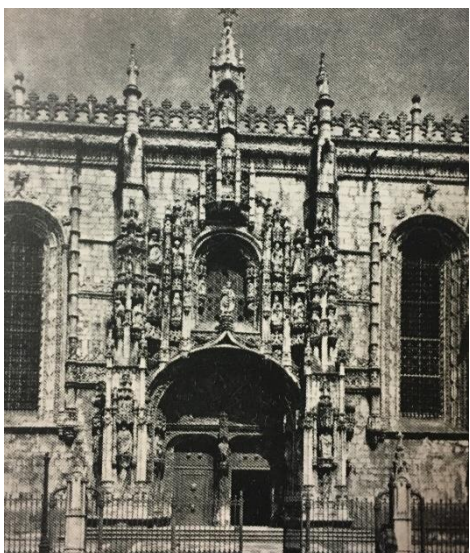


Imagem 8

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Vista aérea
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 268 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 66 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU/SIPA, Foto 00503579
Informação de Legenda(s)	Praça Vasco da Gama, anterior a 1940, IHRU/SIPA, Foto 00503579.
Data	Anterior a 1940
Imagem	62



Imagem 62

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 191 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Emílio Biel, Portal principal do templo de Santa Maria de Belém, anterior a 1940 in <i>A Arte e a Natureza em Portugal</i> , vol. III.
Data	Anterior a 1940
Imagem	69



Imagem 69

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 67 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	AMLF, A22350
Informação de Legenda(s)	Exposição do Mundo Português, 1940, foto de Kurt Pinto, AMLF, A22350
Data	1940
Imagem	63



Imagem 63

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF Colecção Amadeu Ferrari
Informação de Legenda (s)	Vista exterior do Mosteiro dos Jerónimos. Perspectiva a partir da zona de relvado em frente à fachada da Igreja de Santa Maria de Belém. Vista do Portal Sul, corpo e torre sineira da Igreja de Santa Maria de Belém. Vista da fachada do actual Museu Nacional de Arqueologia e dos torreões de entrada do actual Museu de Marinha. Em primeiro plano, alguns anónimos e um veículo estacionado.
Data	194-
Imagem	102



Imagem 102

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
------------------------	----------------------------------

Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	ME-AHOP (Arquivo Histórico das Obras Públicas)
Informação de Legenda (s)	Vista exterior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista do jardim interior que liga o Mosteiro dos Jerónimos, o actual Museu Nacional de Arqueologia e o actual Museu de Marinha. Aspecto de obra no mesmo sítio.
Data	1948
Imagem	98



Imagem 98

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	LOURO, João <i>et al.</i> (??). <i>Casa Pia Lisboa – Património Visual em 100 Imagens</i> , Casa Pia de Lisboa, p. 66 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa/Arquivo Fotográfico e de Imagem do Centro Cultural Casapiano
Informação de Legenda(s)	Comemorações do 3 de Julho. Aniversário da Casa pia de Lisboa no ano letivo de 1950-1951.
Data	1950-1951
Imagem	71



Imagem 71

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	LOURO, João <i>et al.</i> (??). <i>Casa Pia Lisboa – Património Visual em 100 Imagens</i> , Casa Pia de Lisboa, p. 60 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa/Arquivo Fotográfico e de Imagem do Centro Cultural Casapiano
Informação de Legenda(s)	Comemorações do 3 de Julho. Aniversário da Casa pia de Lisboa no ano letivo de 1950-1951.
Data	1950-1951
Imagem	76



Imagem 76

Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF. Cota(s): LIM002447 A15886 N14012
Informação de Legenda (s)	Casa Pia de Lisboa no Mosteiro dos Jerónimos, refeitório. Fotografia de Alberto Carlos Lima
Data	19--
Imagem	105



Imagem 105

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Refeitório
Fonte Bibliográfica	SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 623 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 167 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	AHCPL
Informação de Legenda(s)	Camarata dos alunos da Casa Pia no antigo dormitório do mosteiro de Belém, AHCPL.
Data	??
Imagem	41

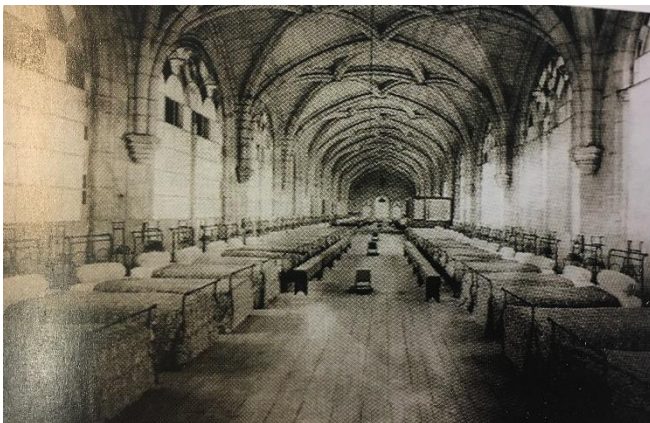


Imagem 41

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Igreja
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 76 e 77 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	43



Imagem 43

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 92 e 93 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	45

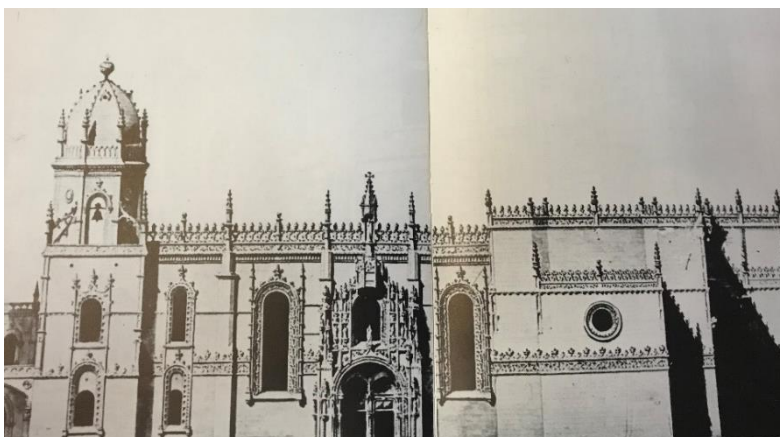


Imagem 45

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 226 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	A. H. do MOP
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	52



Imagem 52

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp. 232 e 233 Localização: Mosteiro dos Jerónimos

Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGEMN
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	54



Imagem 54

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 233 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGEMN
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	55



Imagem 55

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 238
	Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGEMN
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	56



Imagem 56

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
------------------------	----------------------------------

Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, p. 249 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGEMN
Informação de Legenda(s)	Sem legenda
Data	??
Imagem	57



Imagem 57

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Fonte Bibliográfica	SILVA, Cesar da (1903). <i>Mosteiro dos Jeronymos – Historia e Descrição do Monumento</i> , Ateliers Graphicos – Brito Nogueira Localização: Casa Pia de Lisboa
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Aspecto do templo na actualidade.
Data	??
Imagem	75



Imagem 75

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Brincando em um pátio. Casa Pia de Lisboa – em comemoração do centenário da independência do Brasil 1822-1922
Data	??
Imagem	77



Imagem 77

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos - Fachada
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGPC-PNA (Palácio Nacional da Ajuda)
Informação de Legenda (s)	Vista exterior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista da fachada da entrada do actual Museu de Marinha. No espaço defronte à entrada, aspectos de destruição no

	seguimento da fachada posterior do museu, e aspectos de obras.
Data	??
Imagem	100

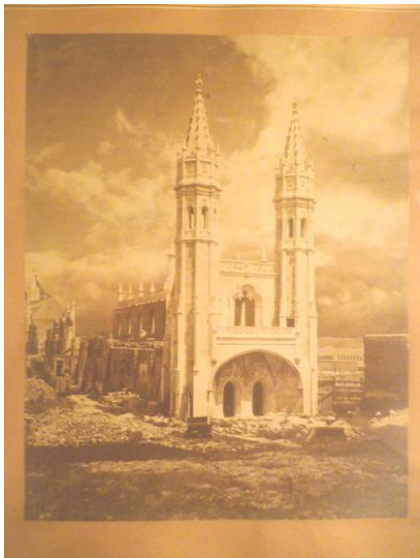


Imagem 100

Anexo 2 - Ficha de inventário das fontes iconográficas da Torre de Belém, organizada cronologicamente e por tipologia artística

Ficha de inventário das fontes iconográficas da Torre de Belém

Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC-ADF)

Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia (DGPC-MNA)

Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arte Antiga (DGPC-MNAA)

Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa (AHCPL)

Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (AHMOP)

Biblioteca da Ajuda (DGPC-BA)

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (FGC-BA)

Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (BAHOP)

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

Casa Pia de Lisboa - Centro Cultural Casapiano (CPL-CCC)

Casa-Estúdio Carlos Relvas (CMG-CECR)

Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)

Direção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas - Arquivo Nacional Torre do Tombo (DGLAB-ANTT)

Gabinete de Estudos Olisiponenses (CML-GEO)

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (IHRU-SIPA)

Instituto de Investigação Científica Tropical - Arquivo Científico Tropical Digital (ICT-ACTD)

Ministério da Economia - Arquivo Histórico das Obras Públicas (ME-AHOP)

Museu de Lisboa (CML-ML)

Núcleo Fotográfico do Arquivo Municipal de Lisboa (CML-AMLF)

Palácio Nacional da Ajuda (DGPC-PNA)

Secretário de Estado da Cultura - Arquivo Fotográfico da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema (SEC-CPMC)

[Technische Informationsbibliothek/Universitätsbibliothek Hannover \(TIB/UB\)](#)

- Organização cronológica e por tipologia artística

1. – Pintura

- 1.3 – Pintura a óleo
- 1.4 – Pintura a aguarela
- 1.5 – Pintura a guache
- 1.6 – Pintura a têmpera
- 1.7 – Pintura mural

2. – Desenho

- 2.1 – Desenho a aguarela
- 2.2 – Desenho a guache

3. – Gravura

- 3.1 – Litografia
- 3.2 - Gravura a aguarela
- 3.3 – Gravura a água-forte

3.4 – Gravura a água-tinta

4 – Azulejo

5 – Planta

6 – Carta ilustrada (brinquedo)

7 – Fotografia

8 – Traje/acessórios

1. - Pintura

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 76 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura
Localização	Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro.
Informação de Legenda (s)	Tower of Belem, num desenho de Charles Landseer, Coleção Highcliffe Album
Data	1825-1826
Imagem	81



Imagem 81

Tema/Designação	Torre de Belém
------------------------	----------------

Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 112 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura
Localização	Palácio Nacional da Ajuda 1333 Arquivo Municipal de Lisboa A10849 N9287 MNV000418
Informação de Legenda (s)	Chegada da Rainha D. Estefânia ao Tejo. Autoria de João Pedroso Gomes da Silva. A Torre de Belém representada na chegada ao Tejo em 1858 da rainha Dona Estefânia a bordo da corveta “Bartolomeu Dias”, pintura de João Pedroso, 1859. Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa.
Data	1859
Imagem	13



Imagem 13

1.1 – Pintura a óleo

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2000). <i>Torre de Belém – Intervenção de</i>

	<p><i>conservação exterior</i>, IPPAR e Ministério da Cultura, p. 43</p> <p>GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i>, Verso da História, p. 100</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga 795
Informação de Legenda (s)	<p>Nossa Senhora da Boa Viagem (pormenor). Manuel José Gonçalves (atribuído). C. 1730-1750, óleo sobre tela. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 795. Santarém, Igreja da Nossa Senhora da Piedade (em depósito). A Torre de Belém em detalhe de uma pintura atribuível a Manuel José Gonçalves representando Nossa Senhora da Boa Viagem, datável de entre 1730-1750. Igreja de Nossa Senhora da Piedade, Santarém.</p>
Data	Cerca de 1730-1750
Imagem	77



Imagem 77

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 100 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Museu de Lisboa. MC.PIN.0218
Informação de Legenda (s)	A Torre de Belém numa pintura de Évrard Chauveau, 1733
Data	1733
Imagem	86



Imagem 86

Tema/Designação	Torre de Belém e Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa A10818 N9256 MNV000388
Informação de Legenda (s)	Rio Tejo. Por Noel.
Data	1789
Imagem	26



Imagem 26

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“The wreck of H.M.S. Bombay Castle at the mouth of the Tagus, Lisbon on the 21st December 1796, with the Belem Tower seen beyond, 1796.” Por Thomas Buttersworth.
Data	1796
Imagem	71



Imagem 71

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo

Localização	??
Informação de Legenda (s)	<u>Belem Tower with Boats</u>
Data	Século XVIII
Imagem	56



Imagem 56

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	«A British 1st Rate ship-of-the-line off Belem Castle on the Tagus.» Por Thomas Buttersworth Jr.
Data	1807–1842
Imagem	53



Imagem 53

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	Lisboa. Câmara Municipal, Arquivo Municipal - Belém: Reguengo da cidade. 1ª ed. [Porto]: Asa, 1990. ISBN 972-41-0802-3. p. 109. PEREIRA, Paulo (2005). <i>Torre de Belém</i> , Scala, p. 15 GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 107 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Museu de Lisboa MC.PIN.0226 Arquivo Municipal de Lisboa A5778 N5326 MNV001861
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém. Autoria de John Thomas Serres. Torre de Belém no século XIX. Óleo sobre tela de J. Serres, (escola inglesa do século XIX). Museu da Cidade Torre de Belém numa pintura de John Thomas Serres, 1811. MC.
Data	1811
Imagem	6



Imagem 6

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa MNV001181 A30234 N27741
Informação de Legenda (s)	An armed naval cutter off Belem castle in the Tagus. T. Buttersworth, c. 1820.
Data	Cerca de 1820
Imagem	32



Imagem 32

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“An English frigate in choppy waters in the Tagus passing the Belem Tower.” Por John Thomas Serres.
Data	1823
Imagem	63



Imagem 63

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	CML-ML. MC.PIN.0319
Informação de Legenda (s)	Incêndio da fragata americana Corinthian no Tejo. De João Pedrozo
Data	1862
Imagem	102



Imagem 102

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo

Localização	Palácio Nacional da Ajuda 3857
Informação de Legenda (s)	A família real saindo do Tejo em 1865. Por João Pedroso Gomes da Silva.
Data	1866
Imagem	7



Imagem 7

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	View of the Belem tower in Lisbon.
Data	1868
Imagem	59



Imagem 59

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Catálogo FHC CSL
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém. Por Enrico Gamba
Data	1873
Imagem	142



Imagem 142

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	CML-ML. MC.PIN.0580
Informação de Legenda (s)	On the Tagus. De Eduardo de Martino
Data	1877
Imagem	110



Imagem 110

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo sobre madeira
Localização	Coleção PCV 329 (560)
Informação de Legenda (s)	De Tomasini
Data	1885
Imagem	159



Imagem 159

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Museu Nacional Grão Vasco. 2463 DGPC-ADF. 48901.01 DIG
Informação de Legenda (s)	Camões e as Tágides. De Columbano Bordalo Pinheiro
Data	c. 1894
Imagem	112



Imagem 112

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	An English frigate arriving in the Tagus off the Belem Tower, Joseph Schranz .
Data	Século XIX
Imagem	50



Imagem 50

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	CML-ML. MC.PIN.0317
Informação de Legenda (s)	Belém vista do Tejo. De João Pedrozo
Data	Século XIX
Imagem	94



Imagem 94

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	CML-ML. MC.PIN.0106

Informação de Legenda (s)	Torre de Belém. De Luis Ascêncio Tomasini
Data	Século XIX
Imagem	106



Imagem 106

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Museu de Lisboa. Arquivo Municipal de Lisboa A58764 N56248 Coleção
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém, pintura no Museu da Cidade. De João Vaz
Data	Século XIX
Imagem	37

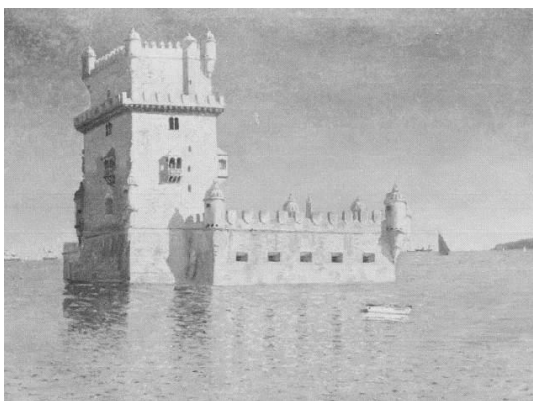


Imagem 37

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Catálogo Coleção CSL/ Palácio PC
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém. Por Enrico Gamba
Data	Século XIX
Imagem	141



Imagem 141

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo sobre cobre
Localização	Coleção Particular

Informação de Legenda (s)	Patacho junto a Belém, por João Pedroso
Data	Século XIX
Imagem	144



Imagem 144

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo sobre cobre
Localização	Coleção Particular
Informação de Legenda (s)	Fragata de Guerra em Belém, por João Pedroso
Data	Século XIX
Imagem	145



Imagem 145

Tema/Designação	Torre de Belém
------------------------	----------------

Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Coleção Particular (L&N13-12-2000, Lote 620)
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém, por Adolfo Giraldez y Peñalver
Data	Século XIX
Imagem	146



620 GIRALDEZ – Giraldez y Peñalver -
- Adolfo
VISTA DO TEJO COM A TORRE DE BELÉM,
VAPORES E VELEIROS
Importante pintura a óleo sobre tela, escola espanhola do
séc. XIX.
"Pintor espanhol, nascido em Cadiz, pintor sobretudo de
marinhas. Foi professor na Escola de Belas Artes em Galiza
e em 1882 estabeleceu-se em Madrid"
Benezit, vol. 5, pág. 33
Dim. 0,60 m x 1,00 m

Imagem 146

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Coleção Particular FHC
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém e Entrada de Armada Inglesa no Tejo. De Thomas Buttersworth
Data	Século XIX
Imagem	147



Imagem 147

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Coleção Particular FHC
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém e Entrada de Armada Inglesa no Tejo. De Thomas Buttersworth
Data	Século XIX
Imagem	148

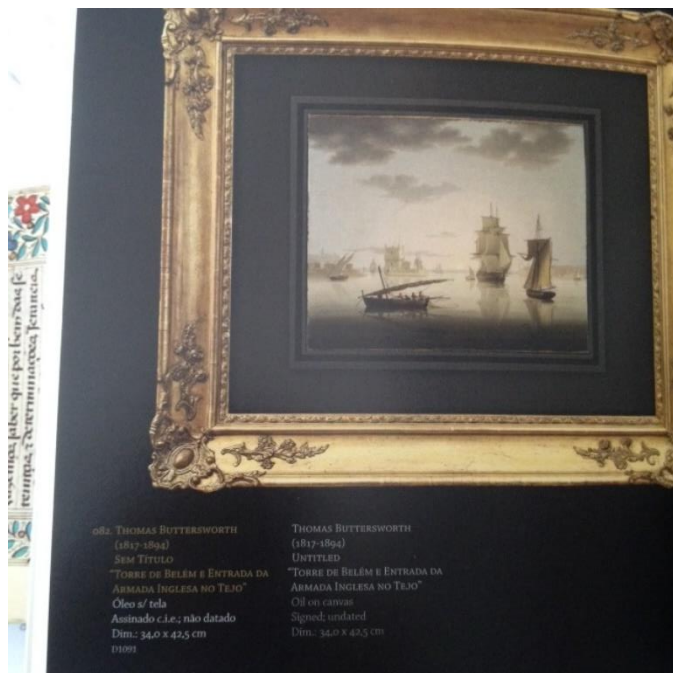


Imagem 148

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Coleção Buçaco
Informação de Legenda (s)	Tríptico de João Vaz
Data	Século XIX
Imagem	152

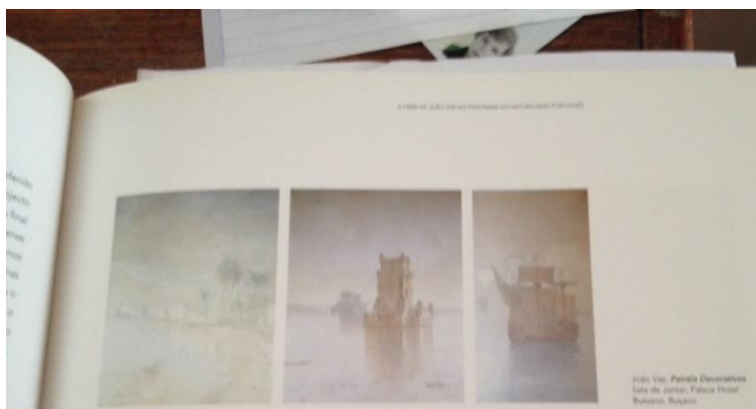


Imagem 152

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Coleção
Informação de Legenda (s)	Marinha com Torre de Belém. De João Vaz
Data	Século XIX
Imagem	155

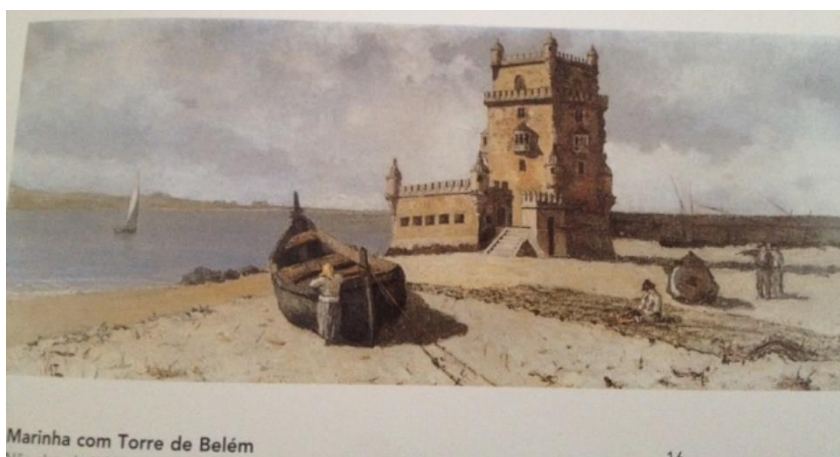


Imagem 155

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Coleção
Informação de Legenda (s)	Coisas do tempo antigo – medalhão decorativo. De João Vaz
Data	Século XIX
Imagem	156



Imagem 156

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Coleção PDV
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém. De D. Carlos
Data	Século XIX
Imagem	157

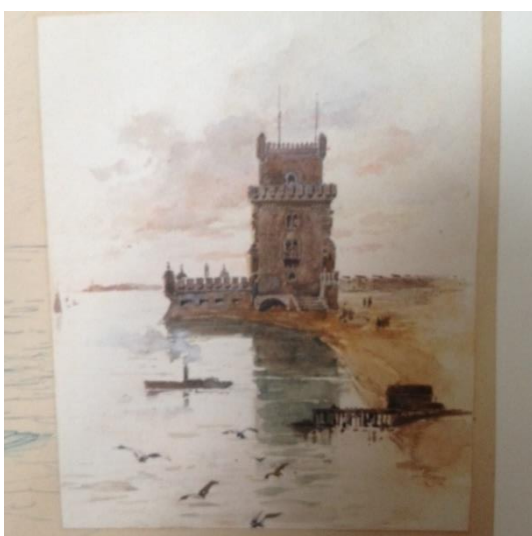


Imagem 157

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo sobre tela
Localização	CML 209 (271)
Informação de Legenda (s)	Vista do Tejo com Convento do Bom Sucesso e Torre de Belém em fundo. De Tony de Bergue – Gueber Nyto (anagrama)
Data	Século XIX
Imagem	160



Imagem 160

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Coleção Particular CML - ? -20-30/03/2010-Lote 388
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém (Pormenor) – Vistas de Lisboa. De Marques de Oliveira

Data	Século XIX-XX
Imagem	151



Imagem 151

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Catálogo Coleção CSL/ Palácio PC
Informação de Legenda (s)	Navio Escola Sagres, por Roger Chapelet 1903-1995-Pintor Oficial Marinha Francesa
Data	Século XX
Imagem	143 (detalhe)



Imagem 143

1.2 – Pintura a aguarela

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 101 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	Fundação Medeiros e Almeida
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém, pintura de John Cleveley, o Novo, 1778. Fundação Medeiros e Almeida, Lisboa.
Data	1778
Imagem	87



Imagem 87

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2000). <i>Torre de Belém – Intervenção de conservação exterior</i> , IPPAR e Ministério da Cultura, p. 36 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga. 3268 Des DGPC-ADF. 36603 TC
Informação de Legenda (s)	Vue de Lisbonne. Zacharie Félix Doumet, c. 1806
Data	Cerca de 1806
Imagem	75



Imagem 75

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). A <i>Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 105
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura – aguarela grisaille
Localização	CML-ML. MC.PIN.0283
Informação de Legenda (s)	Le Congé du Prince avant de l'embarquer le jour 27 Novembre 1807 [Embarque de D. João VI para o Brasil]. De Luis António Xavier
Data	1807
Imagem	107

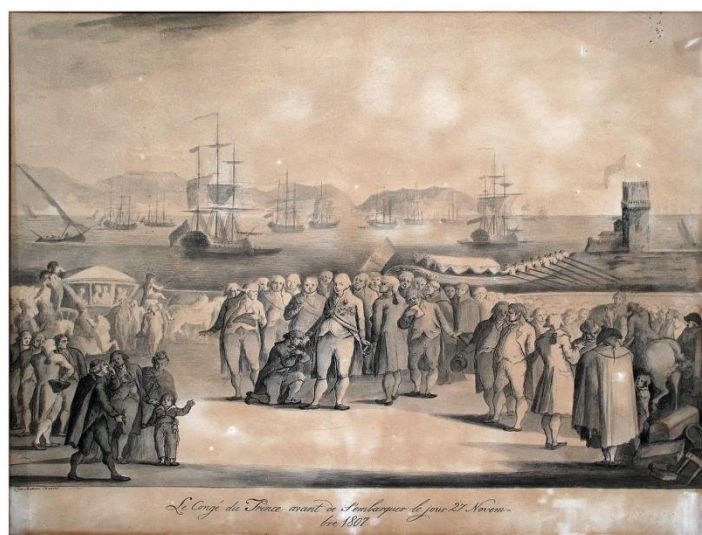


Imagem 107

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela

Localização	CML-ML. MC.PIN.0359
Informação de Legenda (s)	A view of Lisbon and the harbour, with the entrance of the British Fleet / on the 2d. of Sept ^o 1808. De Anna Sophia Wagner
Data	1808
Imagem	99



Imagem 99

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	CML-ML. MC.PIN.0358
Informação de Legenda (s)	Lisbon in 1811. De Paul Sandblay Lawrence
Data	1811
Imagem	109

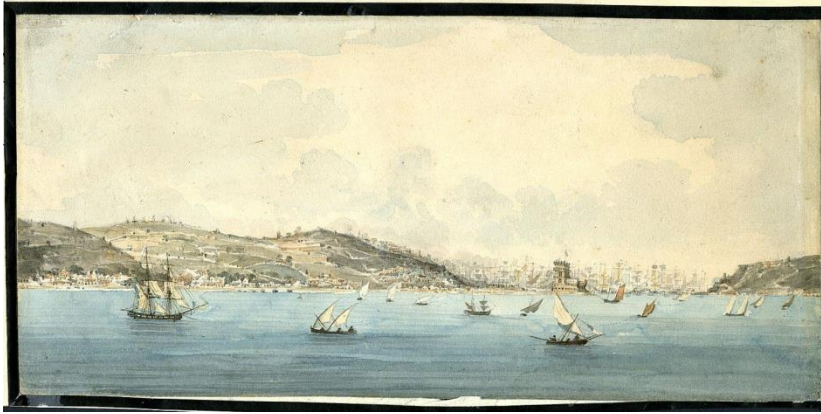


Imagem 109

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura: aguarela e guache
Localização	Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro
Informação de Legenda (s)	Tower of Belem. De Charles Landseer, Coleção Highcliffe Album
Data	1825-1826
Imagem	131



Imagem 131

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela

Localização	Coleção PCV 329 (559)
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém e Rua Vieira Portuense. L. Proust – Escola Europeia
Data	Século XIX – cerca de 1834/40
Imagem	158

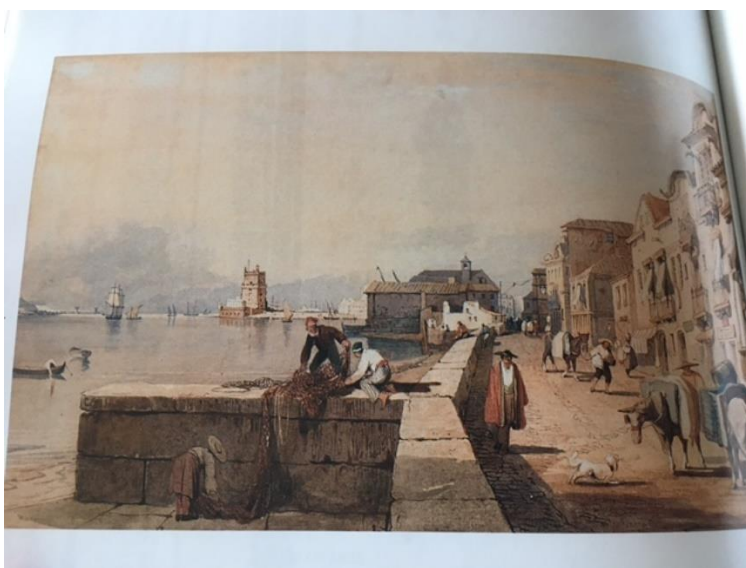


Imagem 158

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“Belém tower in Tajo River in Lisbon, 1852.” Por Vilhelm Melbye.
Data	1852
Imagem	58



Imagem 58

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização (da imagem)	Arquivo Municipal de Lisboa A24990 N23277 MAO000581
Informação de Legenda (s)	"View of Belem Castle taken from the Health Office", de T.W. Langton, século XIX.
Data	Século XIX
Imagem	27



Imagem 27

Tema/Designação	Torre de Belém
------------------------	----------------

Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	Museu de Lisboa MC.PIN.0105
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém. Por Roque Gameiro.
Data	Finais do séc. XIX – Início do séc. XX
Imagem	5



Imagem 5

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“The Belém Tower on the banks of the Tagus River, 1900.” Autoria de D. Carlos.
Data	1900
Imagem	62



Imagem 62

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	(Vendida pela Cabral Moncada Leilões – lote 342)
Informação de Legenda (s)	Fragata junto à Torre de Belém. De Comandante Pinto Basto
Data	1915
Imagem	124



Imagem 124

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, pp. 116-117
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela

Localização	BNP. 94 (81) HIS
Informação de Legenda (s)	Reconstituição da Torre de Belém na época dos Descobrimentos publicada no volume I da <i>História da Colonização Portuguesa do Brasil</i> , Porto, 1921, obra publicada no âmbito das comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. De Alfredo Roque Gameiro
Data	1921
Imagem	125

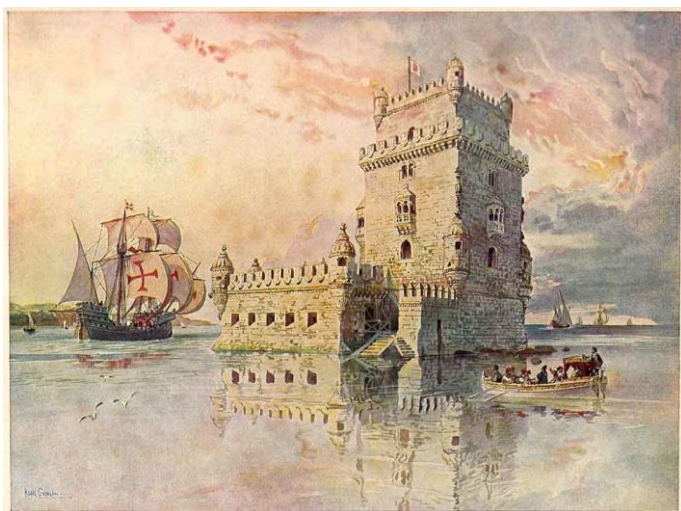


Imagem 125

1.3 – Pintura a guache

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a guache
Localização	??
Informação de Legenda (s)	«Vue de l'entrée d'un port anime.» Por Alexandre Jean Noel.
Data	1752-1834
Imagem	52



Imagem 52

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela e guache
Localização	Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro
Informação de Legenda (s)	Tower of Belem. De Charles Landseer, Coleção Highcliffe Album
Data	1825-1826
Imagem	131



Imagem 131

1.4 – Pintura a têmpera

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a têmpera

Localização	CML-ML. MC.PIN.0305
Informação de Legenda (s)	Lisboa vista a partir de Almada
Data	Século XIX
Imagem	103



Imagem 103

1.5 – Pintura mural

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura mural
Localização	William Cullen Library at the University of the Witwatersrand, Johannesburg. (Domínio público)
Informação de Legenda (s)	<i>Vasco da Gama Leaving Portugal.</i> De John Henry Amshechwitz
Data	1936
Imagem	122



Imagem 122

2. – Desenho

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 97
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Biblioteca da Ajuda. DGPC-ADF. 03856.26.02 DIG
Informação de Legenda (s)	"E ou se possível foi avendo pedra...", "Da fabrica que faleçe ha çidade de Lysboa". Torre de Belém e barra do Tejo num desenho <i>Da fábrica que falece à cidade de Lisboa</i> . De Francisco de Holanda
Data	1571
Imagem	120



Imagem 120

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 74 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	ANTT

Informação de Legenda (s)	Vista da Torre de Belém por João Vicenzio Casale no códice Casa de Cadaval, nº 29, 1589, ANTT.
Data	1589
Imagem	80



Imagem 80

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	BNP. D. 177 R.
Informação de Legenda (s)	Vista e perspectiva da Barra, Costa e Cidade de Lisboa. De Bernardo de Caula
Data	1763
Imagem	126



Imagem 126

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga 2544/5 Des
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém (Fl.5; des.5). Por Jean Noel Alexandre.
Data	1780
Imagem	16



Imagem 16

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga 2544/7 Des
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém (Fl.5; des.7). Por Jean Noel Alexandre.
Data	1780
Imagem	17

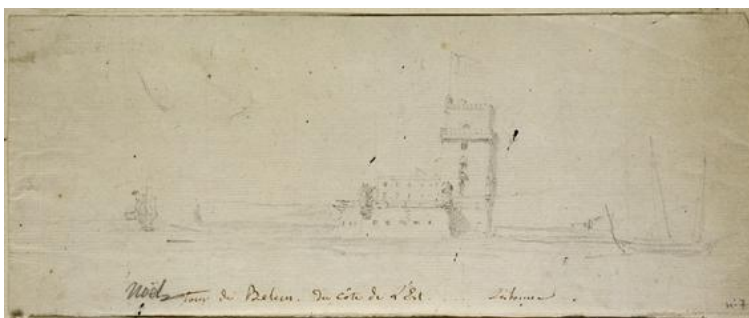


Imagem 17

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga. 2544/17 Des DGPC-ADF. 15497.11.01 TC
Informação de Legenda (s)	Paisagem – Barra de Lisboa. De Jean Noel Alexandre
Data	1780
Imagem	114



Imagem 114

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 102 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu de Lisboa

Informação de Legenda (s)	“Vue de la tour de Belem et de l’entré du port de Lisbonne.” 1789. Desenho de M. D’Hernand, 1789. MC.
Data	1789
Imagem	89



Imagem 89

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 77
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	BNP. H.G. 28493 P.
Informação de Legenda (s)	Belem Castle. Torre de Belém na capa do livro <i>Lisbon in the years 1821, 1822 and 1823</i> de Marianne Baillie, Londres, John Murray
Data	1824
Imagem	129

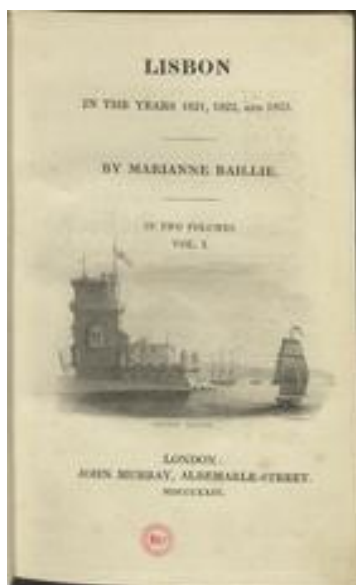


Imagem 129

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado DEP1615 (115)
Informação de Legenda (s)	Vista da minha janela, lado da Trafaria, Lisboa. Autoria de D. Carlos de Bragança.
Data	1885
Imagem	18



Imagem 18

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“Belém Tower, 1888.” Por Amélia de Orléans e Bragança.

Data	1888
Imagem	54



Imagem 54

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga. 2963
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém. A autoria de J. da Costa Sequeira.
Data	Século XIX
Imagem	19



Imagem 19

Tema/Designação	Torre de Belém
------------------------	----------------

Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Coleção
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém. De Alfred Keil
Data	Século XIX
Imagem	153



"Torre de Belém", Albi
in Álbum, n.º 7, fl. 40
Lápis sobre papel, 100
Foto Henrique Rues/IPP

Imagem 153

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Coleção
Informação de Legenda (s)	Marinha com barcos, figuras e Torre de Belém. De João Vaz
Data	Século XIX
Imagem	154



338
Marinha com barcos,
figuras e Torre de Belém
Não datada (c. 1886-1890)
Lápis sobre papel
Não assinada
Alt. 90 mm, larg. 170 mm
Coleção Família do pintor
Estudo para a obra realizada
para o Palácio de Belém (cat. 15)

Imagem 154

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	CML.ML. MC.DES.1818.095
Informação de Legenda (s)	Torre de S. Vicente de Belem
Data	1903
Imagem	132



Imagem 132

2.1 – Desenho a aguarela

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho a aguarela
Localização	CML-ML. MC.DES.1402.34
Informação de Legenda (s)	Entrada da Barra do Tejo, desde o Mar da Palha a Cascais. Desenho inserido no código <i>Descrição do Reino do Algarve</i> , fólios 79 e 80. De Alexandre Massai
Data	1617-1621
Imagem	118

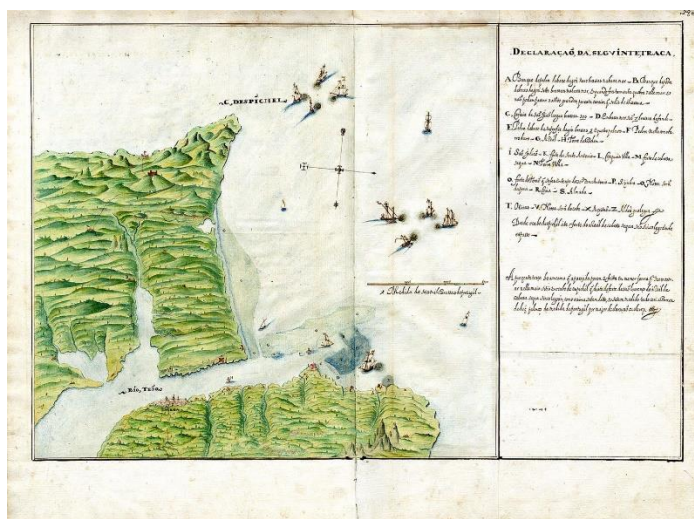


Imagem 118

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho a aguarela
Localização	CML-ML. MC.DES.1141
Informação de Legenda (s)	View of Lisbon
Data	Finais do séc. XVIII (?)
Imagem	95

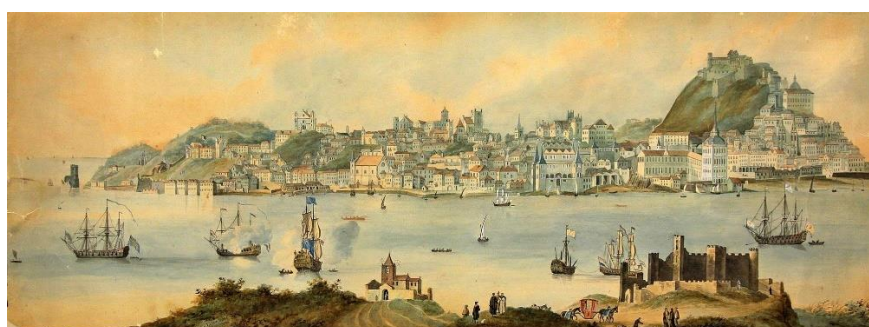


Imagem 95

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 107 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho a aguarela
Localização	Museu de Lisboa

Informação de Legenda (s)	«Torre de Belém» desenho de Luís Gonzaga Pereira, 1809. MC.
Data	1809
Imagem	92



Imagem 92

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho a aguarela
Localização	CML-ML. MC.DES.4403
Informação de Legenda (s)	Panorâmica de Lisboa antes do Terramoto de 1755. De José Rodrigues de Meneses
Data	1887
Imagem	104

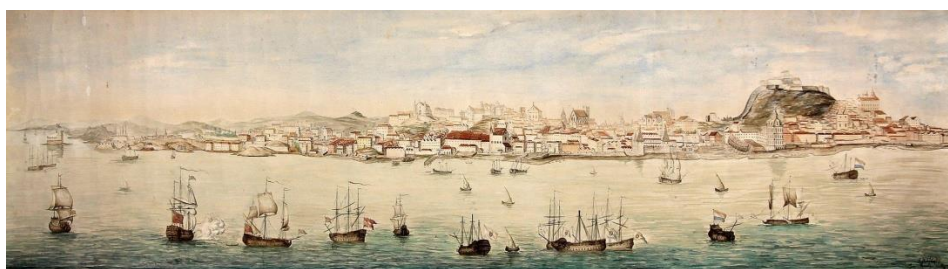


Imagem 104

3. – Gravura

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 97
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	
Informação de Legenda (s)	Representação da região entre Belém e Cascais em meados do século XVI na tarja inferior da gravura de Lisboa publicada em <i>Civitates orbis terrarum</i> , volume I, Colónia. De Georg Braun and Frans Hogenberg
Data	1572
Imagem	121



Imagem 121

Tema/Designação	Torre de Belém
------------------------	----------------

Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 98 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Museu de Lisboa
Informação de Legenda (s)	“A Torre e a entrada barra de Belém”, gravura de Dirck Stoop, 1662, MC.
Data	1662
Imagem	83



Imagem 83

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p.31
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	BNP. E. 28 V.
Informação de Legenda (s)	Don Emanuel, El Felice, primero destenombre, 14 Rey de Portugal. Gravura publicada na edição <i>Epitome de las historias portuguesas</i> de Manuel Faria e Sousa, Bruxelas. De François Foppens
Data	1677
Imagem	128



Imagem 128

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Museu de Lisboa MC.GRA.1701
Informação de Legenda (s)	Palácio Real, Torre de Belém e Nova Cerca de Lisboa. Por Antoine Coquard. Gravura publicada em Paris por Nicolas de Fer (1646-1720), em 1705, no <i>Atlas curieux ou le Monde dressé et dédié a nos seigneurs les enfants de France.</i>
Data	1703
Imagem	3

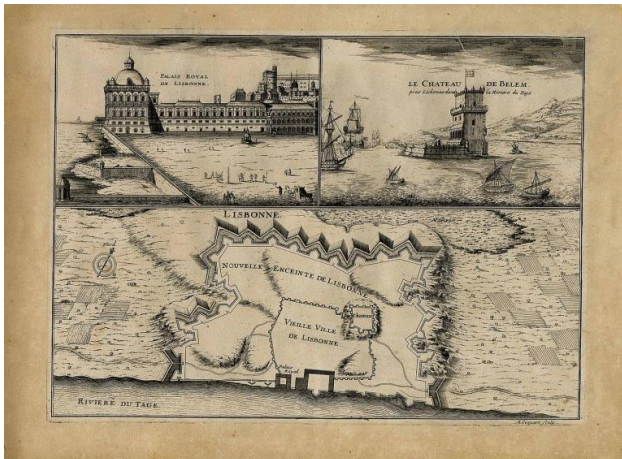


Imagem 3

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p.22 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	GEO
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém, Bugio, São Julião da Barra numa gravura do livro <i>Vida do Apostólico Padre António Vieira (...)</i> de André de Barros, Lisboa, 1746. GEO.
Data	1746
Imagem	78



Imagem 78

Tema/Designação	Torre de Belém e Mosteiro dos Jerónimos
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 101 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Museu de Lisboa. MC.GRA.1589
Informação de Legenda(s)	This view from Bellem to the Bay of Wares as before the late Earthquake. “View from Bellem to the bay of wares as before the late earthquake”, por Clement Lempriere e Richard Patton, gravura, 1756. MC.
Data	1756
Imagem	1

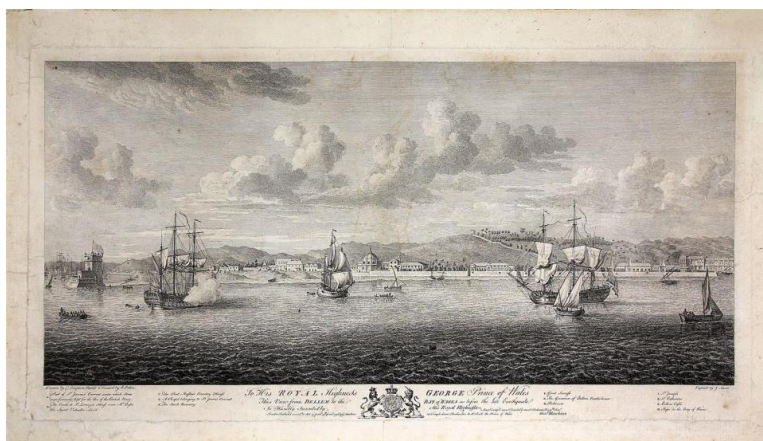


Imagem 1

Tema/Designação	Torre de Belém
------------------------	----------------

Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 103 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Museu de Lisboa
Informação de Legenda (s)	“Vista da Torre de Belém” por Alexandre Jean Noel, gravura, Lisboa, 1783. MC.
Data	1783
Imagem	90



Imagem 90

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 104 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	GEO
Informação de Legenda (s)	“Lisbon harbour”, desenhada por Nicholas Pocock e desenhada por Thomas Medland, gravura, 1799. GEO.
Data	1799
Imagem	91



Imagem 91

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	<p>PEREIRA, Paulo (2005). <i>Torre de Belém</i>, Scala, p. 14</p> <p>GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i>, Verso da História, p. 102</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Biblioteca da Ajuda Museu de Lisboa
Informação de Legenda (s)	Vedutta della Torre di Bellem. Gravura italiana do século XVIII. (Biblioteca da Ajuda) “Torre de S. Vicente vulgarmente chamada de Belém que el rei D. Manuel mandou edificar para maior segurança da barra de Lisboa em 1499”, gravura de António Debrie no <i>Almanach de Lisboa</i> para 1789.
Data	Século XVIII
Imagem	88

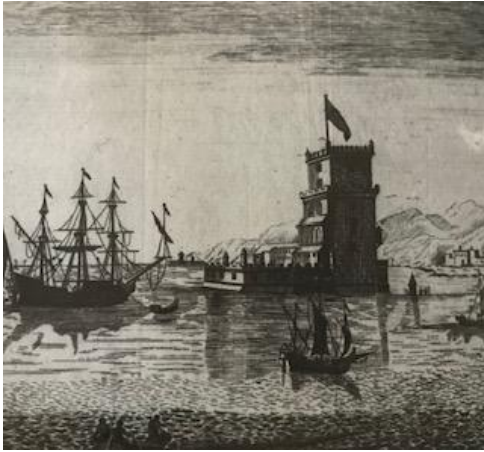


Imagem 88

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	CML.ML. MC.GRA.1672.22
Informação de Legenda (s)	Cascaes, e Bellem Torre di Bellem. De Vicenzo Coronelli
Data	Século XVIII
Imagem	133

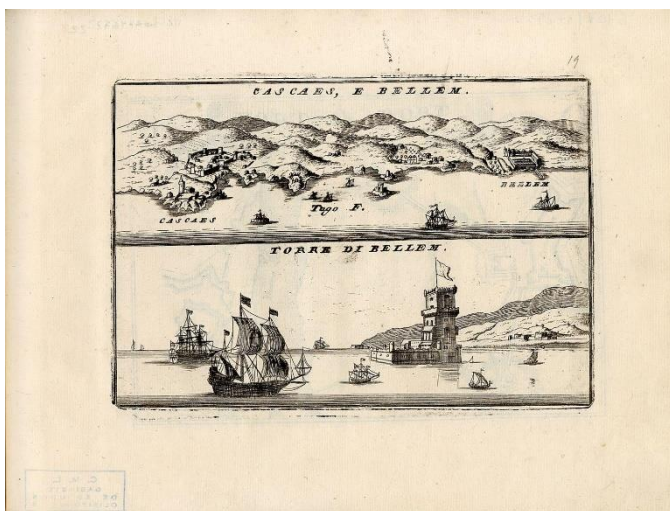


Imagem 133

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
------------------------	---

Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	CML-ML. MC.GRA.1672.19
Informação de Legenda (s)	Belem. De Vincenzo Coronelli
Data	Século XVIII
Imagem	127

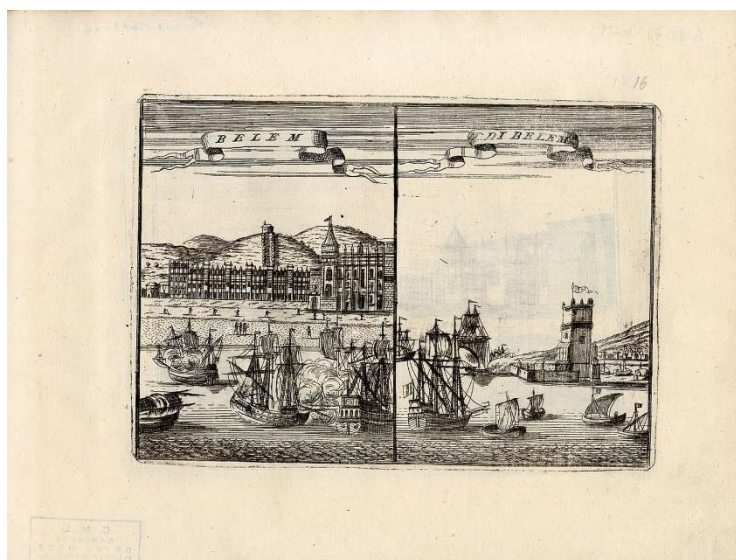


Imagem 127

Tema/Designação	Torre de Belém
	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 106 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Museu de Lisboa Arquivo Municipal de Lisboa A5777 N5325 MNV000043

Informação de Legenda (s)	A Torre de Belém vista do poente “Torre velha de Belém, from the West”, desenhada por J. Jeakes, gravura, Londres, 1814.
Data	1814
Imagem	21

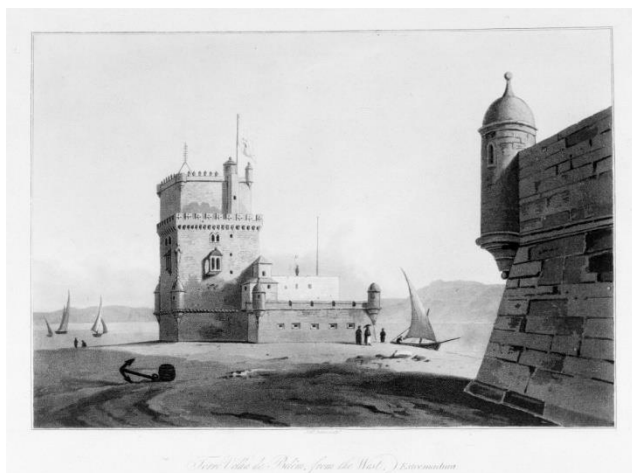


Imagem 21

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 31 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	??
Informação de Legenda (s)	D. Manuel associado à Torre de Belém na edição das <i>Obras do grande Luís de Camões</i> , Paris, Oficina de P. Didot Sénior, 1815.
Data	1815
Imagem	79



Imagem 79

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Museu de Lisboa MC.GRA.1550
Informação de Legenda (s)	Departure of his R. H. the Prince Regent of Portugal. De Francesco Bartolozzi e Henri L'Évêque.
Data	1815
Imagem	2



Imagem 2

Tema/Designação	Torre de Belém
------------------------	----------------

Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 105
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	CML-ML. MC.GRA.1536
Informação de Legenda (s)	Exegit monumentarum aere perenius [Erigi um monumento mais perene que o bronze]. Alegoria ao regresso de D. João VI do Brasil desenhada numa gravura publicada no livro de António José de Sá, <i>Defesa dos Direitos Nacionais</i> , Lisboa, 1816, BNP. De Domingos António Sequeira e Gregório Francisco Queirós
Data	1817
Imagem	111



Imagem 111

Tema/Designação	Torre de Belém
------------------------	----------------

Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 109 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Museu de Lisboa
Informação de Legenda (s)	Ataque à Torre de Belém em 11 de julho de 1831 pela armada francesa comandada pelo almirante Roussin, gravura de Auguste Mayer, 1831. MC.
Data	1831
Imagem	93



Imagem 93

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 81 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	??
Informação de Legenda (s)	A balastrada sobre o claustro construída em 1846, numa gravura publicada no <i>Arquivo pitoresco</i> , Lisboa, 1861.

Data	1861
Imagem	82

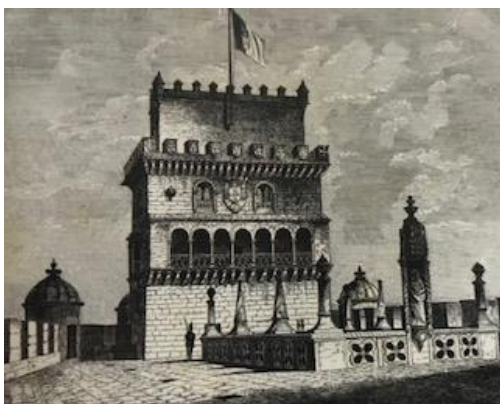


Imagem 82

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	CML-ML. MC.GRA.0862.06
Informação de Legenda (s)	Torre de S. Vicente em Belém. De João Pedrozo
Data	1865
Imagem	135



Imagem 135

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	CML-ML. MC.GRA.0862.04
Informação de Legenda (s)	Uma querena no Tejo. De João Pedrozo
Data	1867
Imagem	136



Imagem 136

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 113 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Museu de Lisboa MC.GRA.2170 - Confirmado
Informação de Legenda (s)	A chegada do Adamastor ao Tejo em 1897. A Torre de Belém representada na

	chegada ao Tejo em 1897 do cruzador “Adamastor”, gravura, 1897. MC.
Data	1897
Imagem	4



Imagem 4

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	??
Informação de Legenda (s)	Vintage engraving of Lisbon, Portugal, with the Belem Tower, 19th Century.
Data	Século XIX
Imagem	51

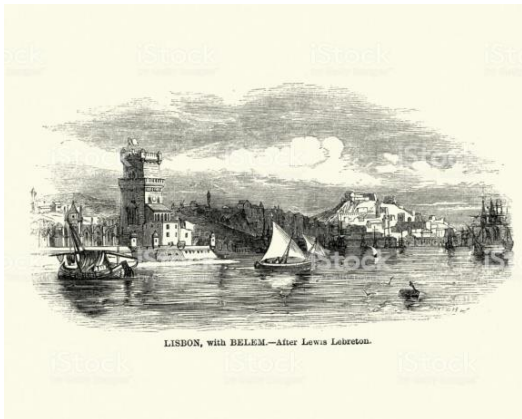


Imagem 51

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Palácio Nacional de Queluz. PNQ 249
Informação de Legenda (s)	Desembarque de D. Miguel em Belém. De Maurício José Sendim e António Patrício Pinto Rodrigues
Data	XIX
Imagem	123

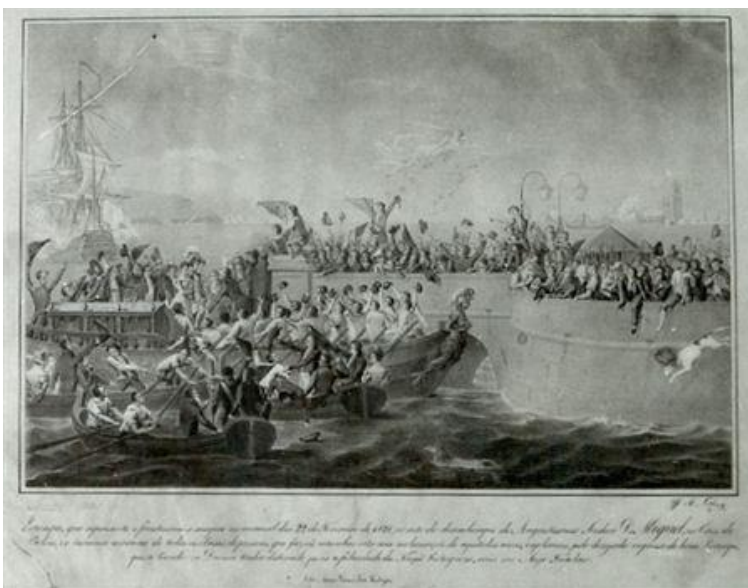


Imagem 123

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	CML-ML. MC.GRA.1485.16
Informação de Legenda (s)	Torre de Belem
Data	Século XIX
Imagem	140

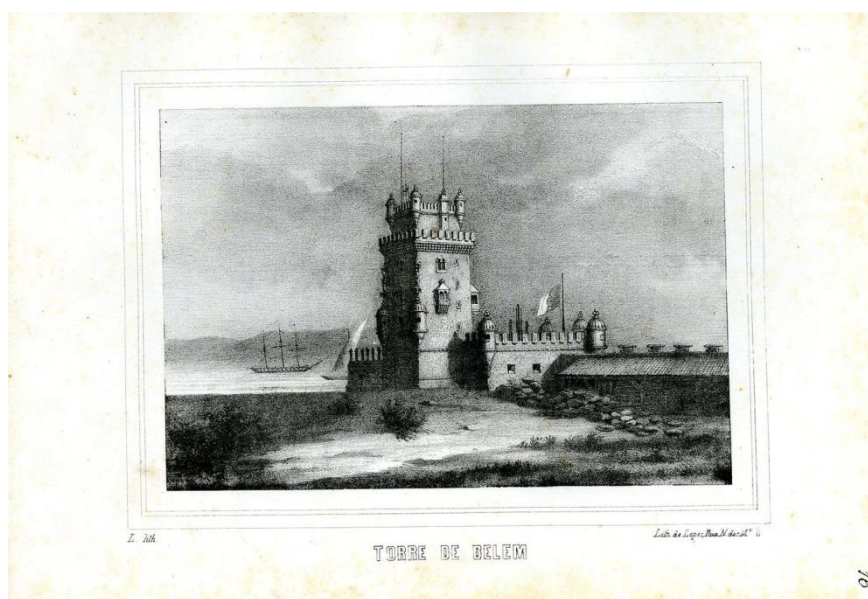


Imagem 140

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	BNP. 94 (81) HIS
Informação de Legenda (s)	A partida do «Lusitânia», do Tejo, na manhã de 30 de março de 1922. Gravura incluída no volume II da <i>História da Colonização Portuguesa do Brasil</i> , Porto, 1921, obra publicada no âmbito das comemorações do Primeiro Centenário da

	Independência do Brasil. De Alfredo Roque Gameiro
Data	1922
Imagem	127

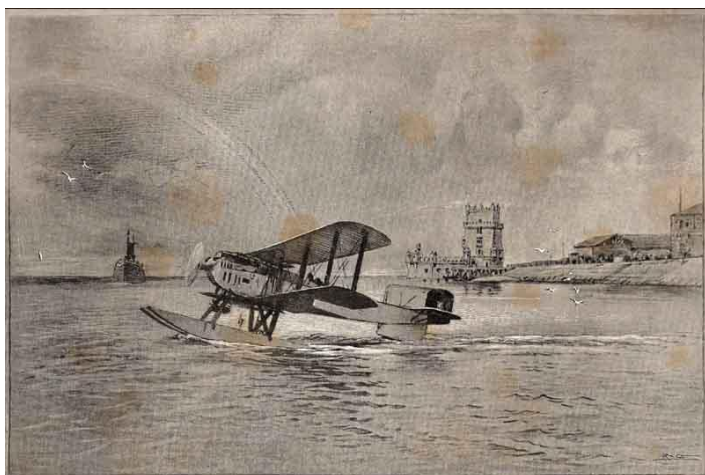


Imagem 127

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	CML-ML. MC.GRA.0861.06
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém. De Pedro Joyce Pinto
Data	1930
Imagem	137



Imagem 137

3.1 - Litografia

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	Palácio Nacional de Queluz. PNQ 3700
Informação de Legenda (s)	A View of the Bay of Lisbon. De James Murphy e James Blake
Data	1798
Imagem	97



Imagem 97

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	NÉU, João B. M. (1994). <i>Em Volta da Torre de Belém – Evolução da Zona Ocidental de Lisboa</i> , Livros Horizonte, capa AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2000). <i>Torre de Belém – Intervenção de conservação exterior</i> , IPPAR e Ministério da Cultura, p. 42 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia colorida
Localização	Gabinete de Estudos Olisiponenses Museu de Lisboa MC GRA 1396
Informação de Legenda (s)	A Torre de Belém no princípio do século XIX, Revista Municipal, nº 90, 1961. Torre de Belém (telégrafo), Desenho de W. Barclay, Litografia de Eng. Ciceri. Impresso por Lemercier, Paris, século XIX, litografia colorida. Lisboa, Museu da Cidade, MC GRA 1396.
Data	Princípio do século XIX
Imagem	73



Imagem 73

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 110
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia aguarelada
Localização	Biblioteca Nacional de Portugal. E.A. 117 A. CML-AMLF. A5450 N5177 MNV000166
Informação de Legenda (s)	Scenery of Portugal and Spain. De George Vivian
Data	1839
Imagem	98



Imagem 98

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 111 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	BNP E.A. 94//1 A. GEO
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém em 1845. Por Tomás José da Anunciação. “Torre de Belém em 1845”, desenhada por Tomás José da Anunciação, gravura, Lisboa, 1845. GEO.
Data	1845
Imagem	47



Imagem 47

3.2 – Gravura a aguarela

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2000). <i>Torre de Belém – Intervenção de conservação exterior</i> , IPPAR e Ministério da Cultura, p. 14 PEREIRA, Paulo (2005). <i>Torre de Belém</i> , Scala, p. 14 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura a aguarela
Localização	Biblioteca Nacional E. 4174 P. Arquivo Municipal de Lisboa BAR000831 A7306 N6112
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém Vue de la tour de Bellem. Leiden, Pierre Van der Aa (activo em Leiden, 1700-1750). Gravura aguarelada. Lisboa, Biblioteca Nacional, E. 4174 P. Vue de la Tour de Belém. Gravura francesa do século XVIII (Biblioteca da Ajuda).
Data	1700-1750
Imagem	20



Imagem 20

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 109 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura a aguarela
Localização	BNP E. 4639 P. CDU: 623.1(469.411Lisboa) Torre de Belém (084.1); Museu de Lisboa
Informação de Legenda (s)	Vista da Torre de Belém rodeada de barcos de pesca e em 1o plano pescadores a puxar as redes. Por William Clarkson Stanfield. «belem castle», desenhada por C. Stanfield e gravada por E. Finden, gravura, Londres, 1832. MC.
Data	1832
Imagem	49



Imagem 49

3.3 – Gravura a água-forte

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 108 Localização: Mosteiro dos Jerónimos

Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura a água-forte
Localização	BNP E. 3435 P. Museu de Lisboa
Informação de Legenda (s)	«Lisbon – Belem Castle». Por Robert Batty. «Lisbon: Belem castle» pintado por Coll Batty e gravado por R. Brandard, gravura, Londres, 1830. MC.
Data	1832
Imagem	42



Imagem 42

3. 4 – Gravura a água-tinta

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 103 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura a água-tinta
Localização	BNP E. 1501 A. Museu de Lisboa
Informação de Legenda (s)	“View of the castle of Belem at the entrance of the port of Lisbon.” Por Alexandre Jean Noel. “A view of the castle of Belem at the entrance of the port of Lisbon” por Alexandre Jean Noel, Londres, 1793. MC.
Data	1793
Imagem	48



Imagem 48

4. - Azulejo

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 99 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Painel azulejar
Localização	Museu Nacional do Azulejo. MNAz 1 Az DGPC-ADF. 02519.20 DIG
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém em detalhe do grande painel azulejar com uma vista de Lisboa atribuível à oficina de Gabriel del Barco.
Data	c. 1700
Imagem	85



Imagem 85

5. – Planta

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 75
Identificação da Fonte Iconográfica	Planta
Localização	DGLAB-ANTT. Cota atual: Casa de Cadaval, n.º 29
Informação de Legenda (s)	Planta da Torre de Belém incluída no Códice da Casa de Cadaval n.º 29. De João Vicenzio Casale
Data	1589
Imagem	130

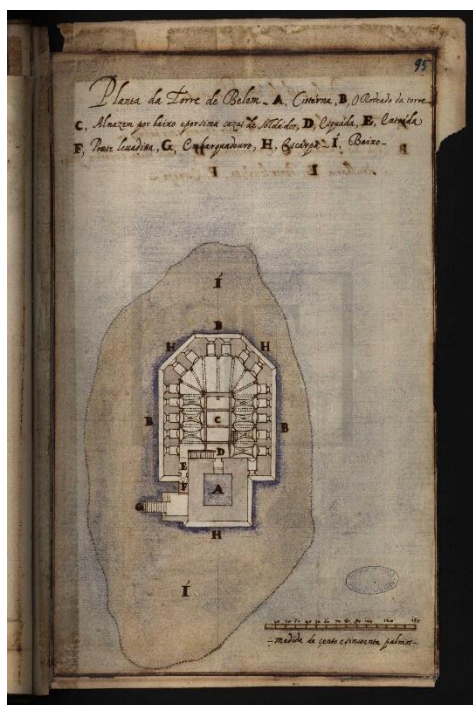


Imagem 130

6. – Carta ilustrada (brinquedo)

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p
Identificação da Fonte Iconográfica	Carta ilustrada/brinquedo
Localização	CML-ML. MC.BRI.0055
Informação de Legenda (s)	Ás de ouros, carta de jogar. Desenhada por Alfredo Morais
Data	Século XX
Imagem	119



Imagem 119

7. – Fotografia

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Biblioteca da Ajuda 233-VII, reg. 1446 (6)

Informação de Legenda (s)	Lisboa. Torre de Belém. Por H. Tisseron.
Data	1855-1865
Imagem	12



Imagem 12

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Biblioteca da Ajuda 233-VII, reg. 1118 A
Informação de Legenda (s)	Lisboa. Torre de Belém.
Data	1860-1870
Imagem	8



Imagem 8

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Biblioteca da Ajuda 233-VII, reg. 1118 B
Informação de Legenda (s)	Lisboa. Torre de Belém.
Data	1860-1870

Imagem	10
---------------	----



Imagem 10

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa ORI000730 Cat 215
Informação de Legenda (s)	Fragatas no rio Tejo perto da Torre de Belém.
Data	Entre 1860 e 1910
Imagem	39



Imagem 39

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Biblioteca da Ajuda 233-V, Reg.171
Informação de Legenda (s)	Revista Pittoresca e Descritiva nº 6: Lisboa, Torre de S. Vicente de Belém. Autoria de Joaquim Possidónio Narciso da Silva.

Data	1862
Imagem	9



Imagem 9

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Biblioteca da Ajuda 233-VII, reg 1118
Informação de Legenda (s)	Lisboa. Torre de Belém. A autoria de Wenceslau Cifka.
Data	1865-1875
Imagem	11



Imagem 11

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia

Localização	Arquivo de Documentação Fotográfica / DPIMI/DGPC ADF.00205.011
Informação de Legenda (s)	Lisboa. Torre de Belém. Por Francisco Rocchini.
Data	1873
Imagem	14



Imagem 14

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa A12820 N11004 SEX000480
Informação de Legenda (s)	Barcos ancorados perto da Torre de Belém.
Data	1890-1900
Imagem	41



Imagem 41

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia

Localização	Arquivo Municipal de Lisboa SEX000404 A12981 N11165
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém
Data	Anterior a 1895
Imagem	23



Imagem 23

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa SEX000403 A12980 N11164
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém.
Data	Anterior a 1895
Imagem	40



Imagem 40

Tema/Designação	Torre de Belém
------------------------	----------------

Fonte Bibliográfica	MATOS, José Sarmiento de - Lisboa à beira Tejo: 1860-2010. Lisboa: Câmara Municipal - EGEAC, EEM. 2010. ISBN 978-989-8167-07-1. Lisboa. Câmara Municipal. Pelouro da Cultura. Arquivo Municipal - Lisboa ribeirinha. Lisboa: Livros Horizonte, 1994. ISBN 972-24-0873-9.
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa ACU002517 A8341 N7146
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém
Data	Cerca de 1900
Imagem	72



Imagem 72

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF. POR057291 B094307 N
Informação de Legenda (s)	Fábrica de Gás de Belém. 1889-1949 / Torre de Belém. De Eduardo Portugal
Data	Ant. 1949
Imagem	115



Imagem 115

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF. FEC000450 A74001 N71630
Informação de Legenda (s)	Embarcação / Frente ribeirinha / Fábrica de Gás de Belém. 1889-1949 / Torre de Belém. De Ferreira da Cunha
Data	Ant. 1949
Imagem	116



Imagem 116

8. – Traje/acessórios

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Traje/acessório (lenço)
Localização	CML-ML. MC.TRA.0419
Informação de Legenda (s)	IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia
Data	1898
Imagem	118



Imagem 118

Nebulosas (sem data e sem identificação iconográfica):

1. - Pintura

1.1 – Pintura a óleo

1.2 – Pintura a aguarela

1.3 – Pintura a guache

2. – Desenho

2.1 - Desenho a guache

3.– Gravura

3.1 – Litografia

4. – Fotografia

1. – Pintura

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa A5866 N5414 MNV000078
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém
Data	??
Imagem	22

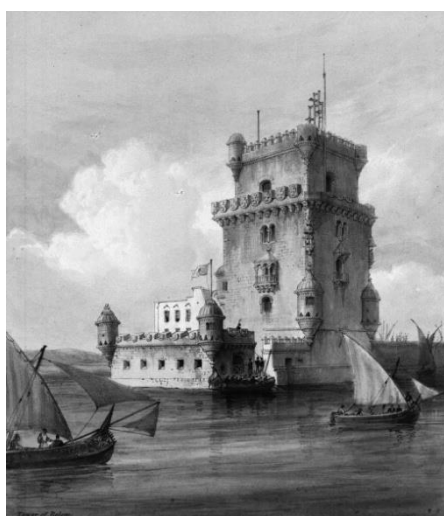


Imagem 22

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa A80562 N76980 MNV001834
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém: pintura.
Data	??
Imagem	38



Imagem 38

1.1 – Pintura a óleo

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa MNV001177 A30230 N27737
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém no século XVIII.
Data	??
Imagem	28

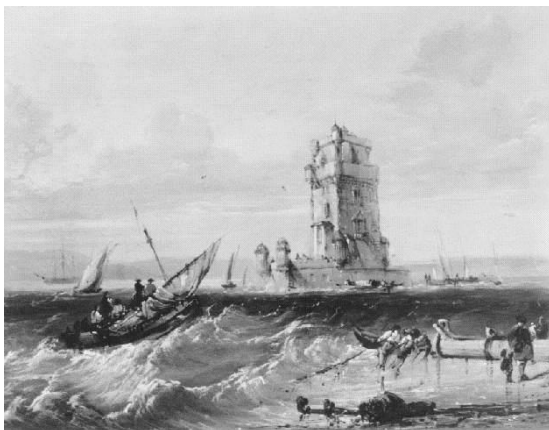


Imagem 28

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa MNV001178 A30231 N27738
Informação de Legenda (s)	Caravela.

Data	??
Imagem	29



Imagem 29

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa MNV001179 A30232 N27739
Informação de Legenda (s)	Embarcações à vela no rio Tejo próximo da Torre de Belém.
Data	??
Imagem	30



Imagem 30

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo

Localização	Arquivo Municipal de Lisboa MNV001180 A30233 N27740
Informação de Legenda (s)	Caravela no rio Tejo, próximo da Torre de Belém.
Data	??
Imagem	31

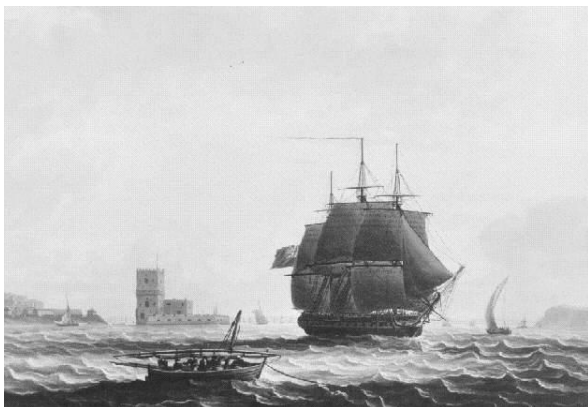


Imagem 31

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa MNV001182 A30235 N27742
Informação de Legenda (s)	Caravelas no rio Tejo, próximo da Torre de Belém.
Data	??
Imagem	33

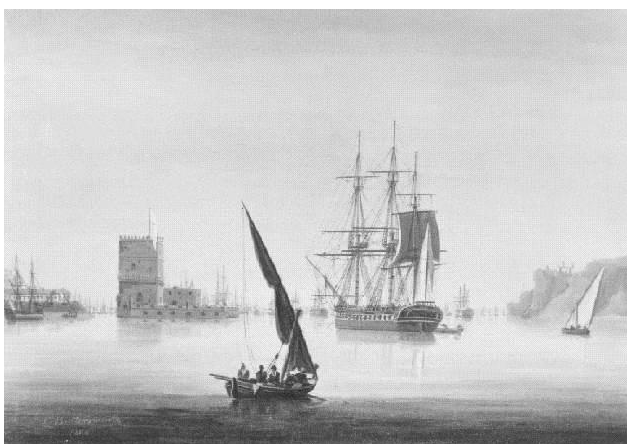


Imagem 33

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa MNV001183 A30236 N27743
Informação de Legenda (s)	Caravela e barco à vela inglês no rio Tejo próximo da Torre de Belém.
Data	??
Imagem	34



Imagem 34

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa MNV001184 A30237 N27744
Informação de Legenda (s)	Caravelas inglesas no rio Tejo próximo da Torre de Belém.
Data	??
Imagem	35



Imagem 35

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	<i>“Portuguese Fisherman Off Belem Tower.”</i> Por Frederick Calvert.
Data	??
Imagem	57



Imagem 57

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	<i>“American Ship in the Tagus River Off Belem Tower.”</i> Por James E. Buttersworth.
Data	??

Imagem	61
---------------	----



Imagem 61

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“An armed cutter and other shipping before the Belem Tower on the Tagus.” Por Thomas Buttersworth.
Data	??
Imagem	64



Imagem 64

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??

Informação de Legenda (s)	“A British man-o’war amongst local craft in the Tagus off the Belem Tower.” Por William Anderson.
Data	??
Imagem	65



Imagem 65

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“Frigate approaching the mouth of the Tagus with a paddle steamer passing the Belem Tower, Lisbon.” Por James E. Buttersworth.
Data	??
Imagem	66



Imagem 66

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“A cutter yacht, xebec and other Mediterranean craft in the Tagus, before the Belem Tower, Lisbon.” Por Thomas E. Buttersworth.
Data	??
Imagem	67



Imagem 67

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“A Royal Naval frigate towing a lugger past the Belem Tower with the fleet standing out to sea.” Por Thomas Buttersworth.
Data	??
Imagem	68



Imagem 68

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“Captain Lord Cochrane’s frigate Pallas leaving the Tagus under full sail, the city of Lisbon beyond and the Belem Tower receding astern.” Por Thomas Buttersworth.
Data	??
Imagem	69



Imagem 69

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“Lord Belfast’s yacht Emily hove-to for her owner to come aboard, off the Belem

	Tower, at the mouth of the Tagus, Lisbon.” Por John Christian Schetky.
Data	??
Imagem	70



Imagem 70

1.2 – Pintura a aguarela

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	Palácio Galveias Arquivo Municipal de Lisboa. A52726 N50194 SER008029
Informação de Legenda (s)	Palácio Galveias, Aguarela - Torre de Belém.
Data	??
Imagem	36



Imagem 36

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	??
Informação de Legenda (s)	“Shipping in the Tagus off Belém Tower, Portugal.” Por John Cleveley II.
Data	??
Imagem	60



Imagem 60

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	CML-ML. MC.PIN.1294
Informação de Legenda (s)	Iesuitae Vlisipone pulsi
Data	??
Imagem	108



Imagem 108

1.3 – Pintura a guache

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a guache
Localização	CML-ML. MC.PIN.0711
Informação de Legenda (s)	Embarcações no Tejo
Data	??
Imagem	100



Imagem 100

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a guache
Localização	CML-ML. MC.PIN.0712
Informação de Legenda (s)	Embarcações no Tejo
Data	??
Imagem	101



Imagem 101

2. – Desenho

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa A6923 MNV001884
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém
Data	??
Imagem	25

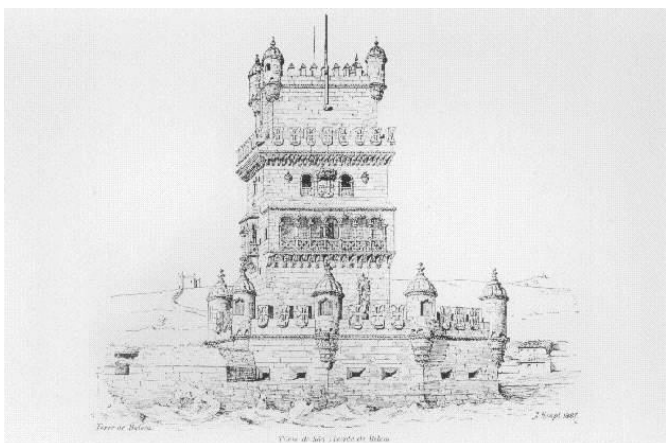


Imagem 25

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	BNP D. 368 P.
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém.
Data	??
Imagem	46



Imagem 46

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda (s)	" <i>The Belém Tower.</i> " Por Mily Possoz.
Data	??
Imagem	55

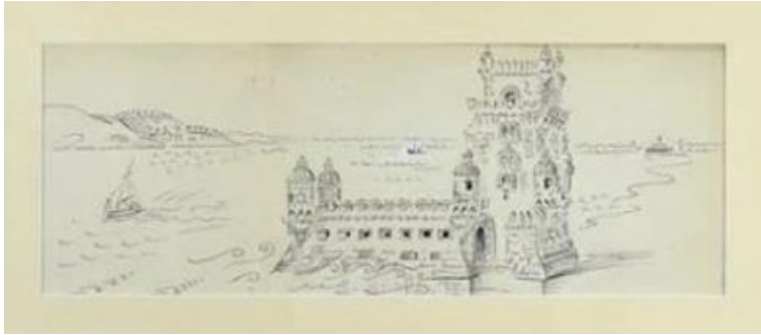


Imagem 55

2.1 – Desenho a guache

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho a guache
Localização	BNP. D. 369 V.
Informação de Legenda (s)	The Tower of Belem.
Data	??
Imagem	44



Imagem 44

3. – Gravura

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Museu de Lisboa

	Arquivo Municipal de Lisboa A5708 N5256 MNV000025
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém
Data	??
Imagem	24

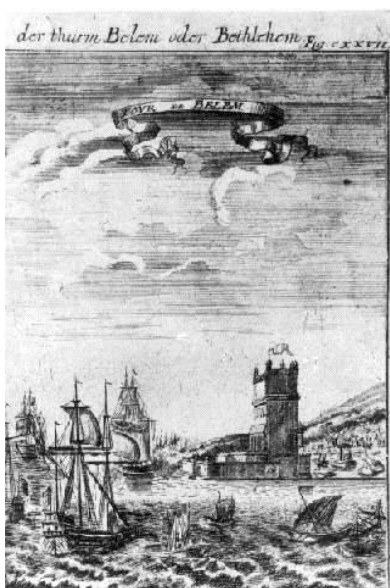


Imagem 24

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	BNP E. 4129 P.
Informação de Legenda (s)	Torre de S. Vicente de Belém.
Data	??
Imagem	43



Imagem 43

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 99 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	GEO
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém numa gravura publicada por Alain Manesson Mallet em <i>Les travaux de Mars</i> , Paris, 1685 (1ª edição, 1671). GEO.
Data	??
Imagem	84



Imagem 84

Tema/Designação	Torre de Belém
------------------------	----------------

Fonte Bibliográfica	COSTA RAMALHO, M. <i>et al.</i> (1939). <i>A Torre de Belém – Guia de Portugal Artístico</i> , p. 53 Localização: Biblioteca Central da Marinha
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	??
Informação de Legenda (s)	A Torre de Belém revela-se entre embarcações luzidas e pequenos barcos de remos, na chegada da rainha D. Maria Pia de Saboia à terra portuguesa. Retirada do <i>Archivo Pittoresco</i>
Data	??
Imagem	138

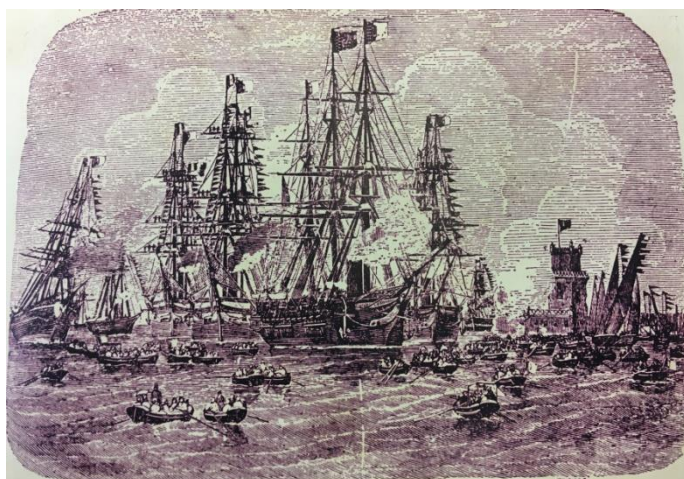


Imagem 138

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	COSTA RAMALHO, M. <i>et al.</i> (1939). <i>A Torre de Belém – Guia de Portugal Artístico</i> , p. 54 Localização: Biblioteca Central da Marinha
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	??
Informação de Legenda (s)	Retirada do <i>Archivo Pittoresco</i>
Data	??
Imagem	139

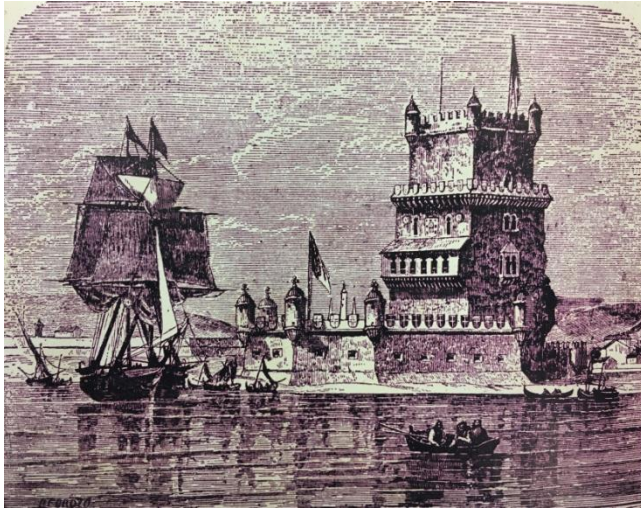


Imagem 139

3.1 – Litografia

Tema/Designação	Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2000). <i>Torre de Belém – Intervenção de conservação exterior</i> , IPPAR e Ministério da Cultura, p. 38 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	Biblioteca Nacional E. 3443 P
Informação de Legenda (s)	Reunida en Lisboa la soberba armada española que se llamó invencible. Sale de aquel puerto contra Inglaterra al mando del Duque de Medinasidonia, a fines de Mayo 1588. Desenho e litografia de Urrabieta Ortiz, Madrid, Oficina litográfica de J. Martinez. Lisboa, Biblioteca Nacional, E. 3443 P.
Data	??
Imagem	76



Imagem 76

4. – Fotografia

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	BNP E. 3753 P.
Informação de Legenda (s)	Torre de Belém, Lisboa.
Data	??
Imagem	45



Imagem 45

Tema/Designação	Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	??
Localização	Coleção Particular LIV GAL
Informação de Legenda (s)	

Data	??
Imagem	149



Imagem 149

Anexo 3 - Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém, organizada cronologicamente e por tipologia artística

Ficha de inventário das fontes iconográficas do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém

Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC-ADF)

Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia (DGPC-MNA)

Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arte Antiga (DGPC-MNAA)

Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa (AHCPL)

Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (AHMOP)

Biblioteca da Ajuda (DGPC-BA)

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (FGC-BA)

Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (BAHOP)

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) – pedido de cópias a reproducoes@bnportugal.pt

Casa Pia de Lisboa - Centro Cultural Casapiano (CPL-CCC)

Casa-Estúdio Carlos Relvas (CMG-CECR)

Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)

Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)

Direção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas - Arquivo Nacional Torre do Tombo (DGLAB-ANTT)

Gabinete de Estudos Olisiponenses (CML-GEO)

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (IHRU-SIPA)

Instituto de Investigação Científica Tropical - Arquivo Científico Tropical Digital (ICT-ACTD)

Ministério da Economia - Arquivo Histórico das Obras Públicas (ME-AHOP)

Museu de Lisboa (CML-ML)00

Núcleo Fotográfico do Arquivo Municipal de Lisboa (CML-AMLF)

Palácio Nacional da Ajuda (DGPC-PNA)

Secretário de Estado da Cultura - Arquivo Fotográfico da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema (SEC-CPMC)

[Technische Informationsbibliothek/Universitätsbibliothek Hannover \(TIB/UB\)](#)

- Organização cronológica e por tipologia artística:

1. – Pintura

- 1.1 – Pintura a óleo
- 1.2 – Pintura a aguarela

2. – Desenho

3. – Gravura

- 3.1 – Gravura a água-forte
- 3.2 - Litografia

4 – Iluminura

5 – Traje/acessórios

1.1 – Pintura a óleo

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	<p>ALVES, José da Felicidade (1991). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – II Das Origens à Actualidade</i>, Livros Horizonte, capa</p> <p>DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i>, Instituto de História de Arte da FLUC, p. 296</p> <p>SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i>, Scribe, p. 620</p> <p>RICCI, Franco Maria (2018). <i>Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Ciência e Descobrimientos</i>, Fundação Champalimaud, pp. 26 e 27</p> <p>NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i>, Caleidoscópio, p. 152</p> <p>PEREIRA, Paulo (2006). <i>Mosteiro dos Jerónimos – Guia Oficial</i>, Scala, pp. 6 e 7</p> <p>AIRES-BARROS, Luís (2000). <i>Torre de Belém – Intervenção de conservação exterior</i>, IPPAR e Ministério da Cultura, p. 12</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga. 1980 Pint DGPC-ADF. 54691 DIG
Informação de Legenda(s)	“O Mosteiro de Santa Maria de Belém” (pormenor), Filipe Lobo, 1609. Museu Nacional de Arte Antiga. O Mosteiro dos Jerónimos em 1680. Quadro de Filipe Lobo. Filipe Lobo, Vista panorâmica do Mosteiro e da praia de Belém, 1657, MNAA, 112,5x184,5 cm, óleo sobre tela, ©DGPC/ADF, Fotografia de José Pessoa, 1992. Filipe Lobo. Vista Panorâmica do Mosteiro e Praia de Belém,

	1657, óleo sobre tela. Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa. Inv, 1980 Pint. <i>Mosteiro dos Jerónimos</i> , óleo sobre tela de Filipe Lobo (Museu Nacional de Arte Antiga). Vista Panorâmica do Mosteiro e Praça de Belém. Filipe Lobo, 1657-1658, óleo sobre tela. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 1980.
Data	1657
Imagem	1



Imagem 1

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. II</i> , IPPAR, p. 312 DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 297 GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 89 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Museu Mauritshuis, Haia
Informação de Legenda(s)	O Mosteiro dos Jerónimos na segunda metade do século XVII. Quadro de Dirck Stoop - <i>View of Belem Monastery</i> . Mosteiro dos Jerónimos numa pintura de Dirck Stoop, s.d. (1651-1662?), Mauritshuis, Haia.
Data	Segunda metade do século XVII - 1662
Imagem	9



Imagem 9

Tema/Designação	Torre de Belém e Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa A10818 N9256 MNV000388
Informação de Legenda (s)	Rio Tejo. Por Noel.
Data	1789
Imagem	26



Imagem 26

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	Exposição de documentos e obras de arte relativos à história de Lisboa, Lisboa, 1947 - Catálogo da exposição de documentos e obras de arte relativos à história de Lisboa. Lisboa, 1947.

Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa A55592 N53060 MNV001348
Informação de Legenda (s)	O Mosteiro de Santa Maria de Belém. Óleo sobre tela, da autoria de Cyriaco, fim do século XVIII.
Data	Fim do século XVIII
Imagem	90



Imagem 90

1.2 – Pintura a aguarela

Tema/Designação	Torre de Belém e Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura: aguarela
Localização	Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado DEP1614 (50) – Confirmado
Informação de Legenda (s)	Sem Legenda
Data	1885
Imagem	15



Imagem 15

2. – Desenho

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, pp. 94-95
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	BNP. D. 319 A. DGPC-ADF. A10779 N9217 MNV000354
Informação de Legenda (s)	Vista panorâmica a partir de Monsanto, centrada na ribeira de Alcântara, desde o antigo convento de São Vicente de Fora (?) até à Torre de Belém, com a representação da «Batalha de Alcântara», entre Portugal (com tropas sob o comando de D. Antonio Prior do Crato, aclamado Rei de Portugal), e Espanha (com tropas sob o comando do Duque de Alba, em representação de Filipe II, Rei de Espanha), em 25 de Agosto de 1580
Data	Finais século XVI

Imagem	116
---------------	-----



Imagem 116

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	MUCHAGATO, Jorge (1997). <i>Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro</i> , Edições Inapa, pp. 106 e 107 AIRES-BARROS, Luís (2000). <i>Torre de Belém – Intervenção de conservação exterior</i> , IPPAR e Ministério da Cultura, p. 16 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga. 12272 Grav DGPC-ADF. 31696 TC
Informação de Legenda(s)	No cenário de um retrato dedicado ao marquês de Pombal por Daniel Purry e pelo célebre contratador do pau-brasil Gérard Devisme (o primeiro proprietário de Monserrate, em Sintra), a mítica praia de Belém e uma curiosa representação dos Jerónimos. Lisboa, MNAA. Retrato do

	primeiro marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello. Louis Michel Van Loo, 1767, óleo sobre tela. Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 2605.
Data	1772, data da gravura
Imagem	21



Imagem 21

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	MUCHAGATO, Jorge (1997). <i>Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro</i> , Edições Inapa, pp. 120 e 121 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga.
Informação de Legenda(s)	Vista do alto de Santo Amaro, coroado pela Ermida de Santo Amaro de Alcântara (traço provável de Diogo de Torralva), e do lugar de Belém (...) Gravura inserta no livro <i>Theatrum Hispana</i> , editado em Amesterdão no decénio de 1680. Lisboa, MNAA.
Data	??

Imagem	23
---------------	----

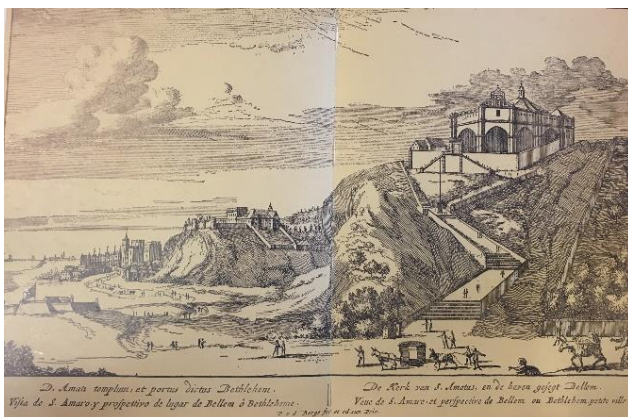


Imagem 23

3. – Gravura

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	MUCHAGATO, Jorge (1997). <i>Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro</i> , Edições Inapa, pp. 116 e 117 NÉU, João B. M. (1998). <i>Em Volta da Torre de Belém – Pedrouços e Bom Sucesso</i> , Livros Horizonte, pp. 164 e 165 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, 123, C 130 Bis Arquivo Municipal de Lisboa A5003 N4873 EDP001380 e A5002 N4872 EDP001379
Informação de Legenda(s)	Belém em 1669 (...) Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, 123, C 130 Bis. A Quinta da Praia no terceiro

	quartel do século XVII. Gravura de Baldi (fins do século XVII).
Data	Fins do século XVII
Imagem	22



Imagem 22

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	BNP E. 4169 P.
Informação de Legenda (s)	Vué du port & de l'église de Bellem & de celle de S. Amat. Gravura incluída no livro "Les Delices de l' Espagne et du Portugal" de Juan Álvarez de Colmenar e Pieter van der Aa, 1707.
Data	1707
Imagem	126



Imagem 126

Tema/Designação	Torre de Belém e Mosteiro dos Jerónimos
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, p. 101 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	Museu de Lisboa. MC.GRA.1589
Informação de Legenda(s)	This view from Bellem to the Bay of Wares as before the late Earthquake. “View from Bellem to the bay of wares as before the late earthquake”, por Clement Lempriere e Richard Patton, gravura, 1756.
Data	1756
Imagem	1

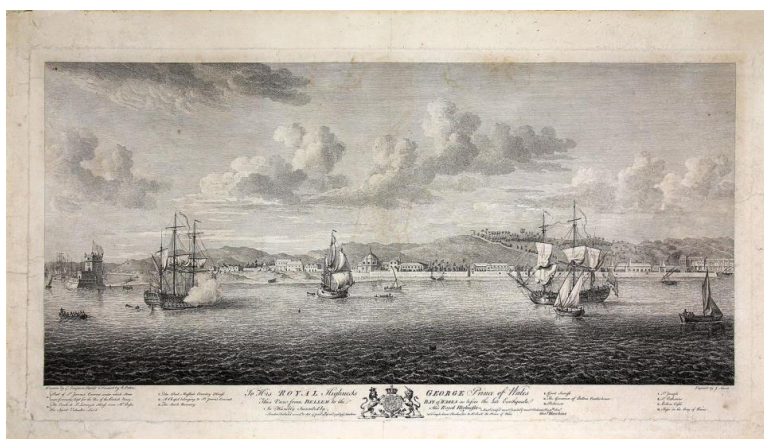
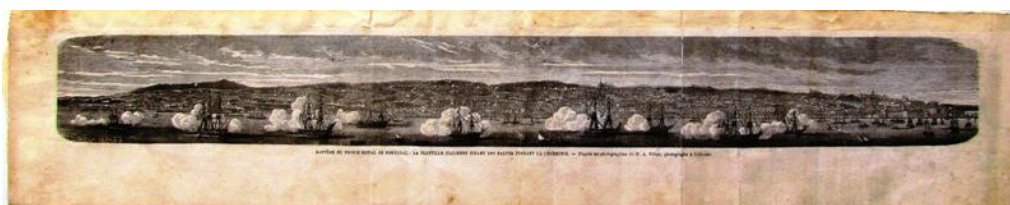


Imagem 1

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	DGPC-ADF. DGPC-PNA. 55288
Informação de Legenda (s)	Baptême du prince royal de Portugal: la Flottille italienne tirant des salves pendant la cérémonie. De Alfred Fillon
Data	Século XIX
Imagem	125



Imagem

125

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	CML-ML. MC.GRA.1672.19

Informação de Legenda (s)	Belem. De Vincenzo Coronelli
Data	Século XVIII
Imagem	127

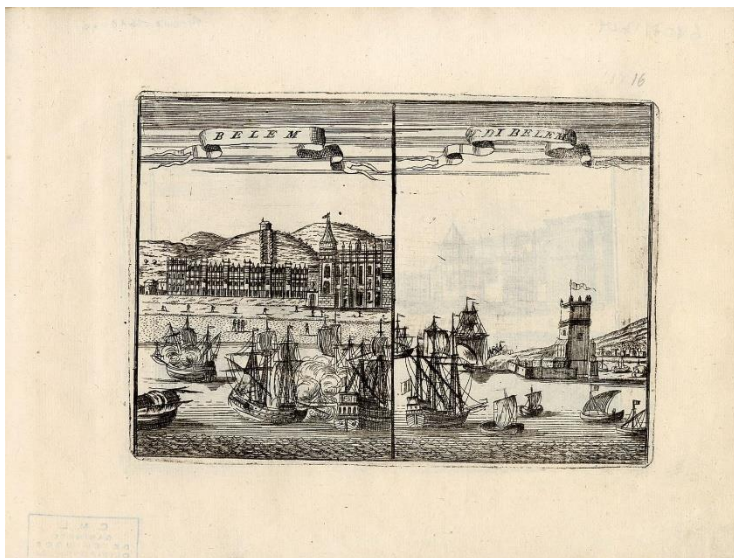


Imagem 127

3.1 – Gravura a água-forte

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Fonte Bibliográfica	<p>SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i>, Scribe, pp. 6, 7 e 567</p> <p>NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i>, Caleidoscópio, pp. 172 e 173</p> <p>GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i>, Verso da História, p. 89</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>

Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura a água-forte
Localização	Museu da Cidade MC.GRA.1455
Informação de Legenda(s)	Dirk Stoop, <i>O Convento de Stº Hieronimo de Bellem</i> , c. 1660-1670, água-forte, 159x235 cm, Paris, Museu do Louvre, coleção Rothschild. RMN-Grand Palais (Musée du Louvre) /Franck Raux. “O Convento de São Jerónimo em Belém”, gravura de Dirck Stoop, 1662, MC.
Data	1662
Imagem	24



Imagem 24

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos – Fachada e Torre de Belém ao fundo
Fonte Bibliográfica	PEREIRA, Paulo (2019). <i>Mosteiro dos Jerónimos</i> , Scala, p. 16 MOREIRA, Rafael (1995). <i>Jerónimos</i> , IPPAR, p. 8

	<p>MUCHAGATO, Jorge (1997). <i>Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro</i>, Edições Inapa, pp. 128 e 129</p> <p>DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i>, Instituto de História de Arte da FLUC, p. 299</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura a água-forte
Localização	Museu Nacional de Arte Antiga. 1279 Grav Museu de Lisboa MC.GRA.0262
Informação de Legenda(s)	<p><i>O Mosteiro nos finais do século XVIII</i>, gravura de l'Évêque. Vista do mosteiro e da barra de Lisboa nos fins do século XVIII. Água-forte de l'Eveque. Vista da praia de Belém, do Mosteiro dos Jerónimos e da barra de Lisboa (...)</p> <p>Gravura de L'Évêque, dedicada ao príncipe D. João (regente de Portugal entre 1792 e 1816). Lisboa, MNAA. O Mosteiro dos Jerónimos no início do séc. XIX. Gravura francesa. Vista do Convento de Stº Jerónimo de Belem e Da Barra de Lisboa... Gravura de L'Évêque, 1816.</p>
Data	1816
Imagem	2



Imagem 2

3.2 – Litografia

Tema/Designação	Torre de Belém e Mosteiro dos Jerónimos
Fonte Bibliográfica	AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2000). <i>Torre de Belém – Intervenção de conservação exterior</i> , IPPAR e Ministério da Cultura, p. 38 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	Biblioteca Nacional E. 3443 P
Informação de Legenda (s)	Reunida en Lisboa la soberba armada española que se llamó invencible. Sale de aquel puerto contra Inglaterra al mando del Duque de Medinasidonia, a fines de Mayo 1588. Desenho e litografia de Urrabieta Ortiz, Madrid, Oficina litográfica de J. Martinez. Lisboa, Biblioteca Nacional, E. 3443 P.

Data	??
Imagem	76



Imagem 76

4. – Iluminura

Tema/Designação	Torre de Belém e Mosteiro dos Jerónimos
Fonte Bibliográfica	GARCIA, José Manuel (2014). <i>A Magnífica Torre de Belém</i> , Verso da História, pp. 12-13
Identificação da Fonte Iconográfica	Iluminura
Localização	British Library, Londres
Informação de Legenda (s)	Primeira representação da Torre de Belém num manuscrito iluminado retratando Lisboa e a região de Sintra na <i>Genealogia dos Reis de Portugal, Tavoá Primeira dos Reys - Tronco do Conde Dom Anrique</i> , fólio 7r. De António de Holanda e Simão Bening
Data	1535
Imagem	117

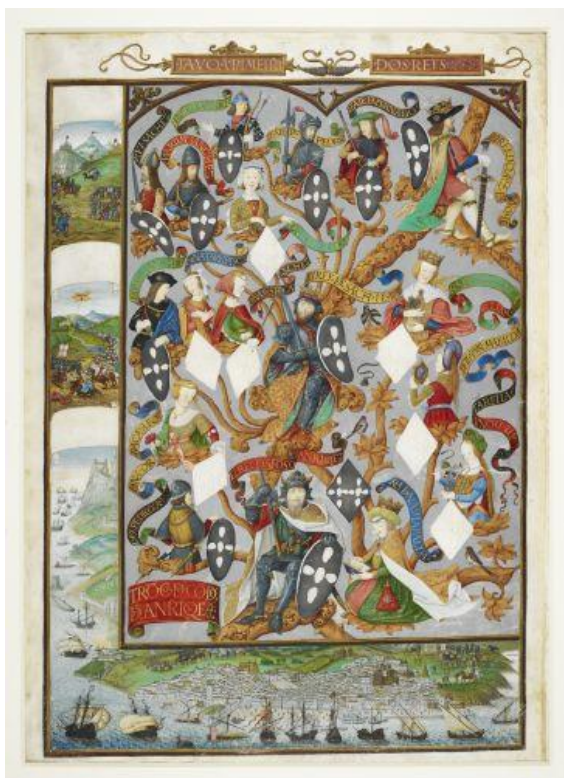


Imagem 117

5. – Traje/acessórios

Tema/Designação	Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém
Identificação da Fonte Iconográfica	Traje/acessório (lenço)
Localização	CML-ML. MC.TRA.0419
Informação de Legenda (s)	IV Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia
Data	1898
Imagem	118



Imagem 118

Anexo 4 - Ficha de inventário do Claustro do Mosteiro dos Jerónimos, organizada cronologicamente e por tipologia artística

Ficha de inventário do Claustro do Mosteiro dos Jerónimos

Arquivo de Documentação Fotográfica (DGPC-ADF)

Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia (DGPC-MNA)

Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arte Antiga (DGPC-MNAA)

Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa (AHCPL)

Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (AHMOP)

Biblioteca da Ajuda (DGPC-BA)

Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian (FGC-BA)

Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (BAHOP)

Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) – pedido de cópias a
reproducoes@bnportugal.pt

Casa Pia de Lisboa - Centro Cultural Casapiano (CPL-CCC)

Casa-Estúdio Carlos Relvas (CMG-CECR)

Direção-Geral do Património Cultural (DGPC)

Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)

Direcção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas - Arquivo Nacional Torre do Tombo (DGLAB-ANTT)

Gabinete de Estudos Olisiponenses (CML-GEO)

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana - Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (IHRU-SIPA)

Instituto de Investigação Científica Tropical - Arquivo Científico Tropical Digital (IICT-ACTD)

Ministério da Economia - Arquivo Histórico das Obras Públicas (ME-AHOP)

Museu de Lisboa (CML-ML)00

Núcleo Fotográfico do Arquivo Municipal de Lisboa (CML-AMLF)

Palácio Nacional da Ajuda (DGPC-PNA)

Secretário de Estado da Cultura - Arquivo Fotográfico da Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema (SEC-CPMC)

[Technische Informationsbibliothek/Universitätsbibliothek Hannover \(TIB/UB\)](#)

- Organização cronológica e por tipologia artística:

1. - Pintura

1.1 – Pintura a óleo

1.2 – Pintura a aguarela

2. – Desenho

3. – Gravura

3.1 – Litografia

4. – Planta

5. – Postal

6. - Fotografia

1.1 – Pintura a óleo

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a óleo
Localização	Museu de Lisboa ML.PIN.1585
Informação de Legenda (s)	Claustro do Mosteiro dos Jerónimos. Por Alexandre Raulin.
Data	1847
Imagem	40



Imagem 40

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Pintura a aguarela
Localização	??
Informação de Legenda (s)	View of the cloister of the Jeronimos monastery in Belem, 1888. Por Gustave Clause.
Data	1888
Imagem	41



Imagem 41

2. – Desenho

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 183 SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 591 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	BAHOP, DR-714-D. (Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas) AHMOP, DR-71-D (Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas)
Informação de Legenda(s)	Manuel Raymundo Valladas e Eduardo Augusto da Silva, <i>Projecto para o acabamento da Galeria superior do Claustro do convento dos Jeronymos</i> , maio de 1883, BAHOP, DR-714-D. AHMOP, DR-71-D.
Data	Maio de 1883
Imagem	15

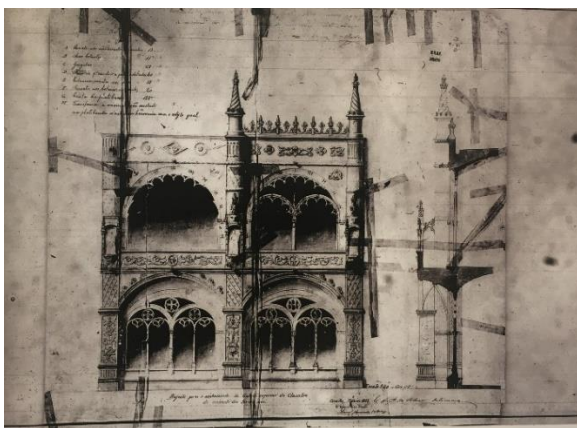


Imagem 15

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2006). <i>Mosteiro dos Jerónimos – A intervenção de conservação do claustro</i> , IPPAR, p. 71 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Biblioteca e Arquivo do Ministério das Obras Públicas
Informação de Legenda(s)	Manuel Raymundo Valladas, “Projecto para o acabamento da galeria superior do claustro do Convento dos Jeronymos”, Maio de 1883. Lisboa, Biblioteca e Arquivo do Ministério das Obras Públicas.
Data	Maio de 1883
Imagem	4

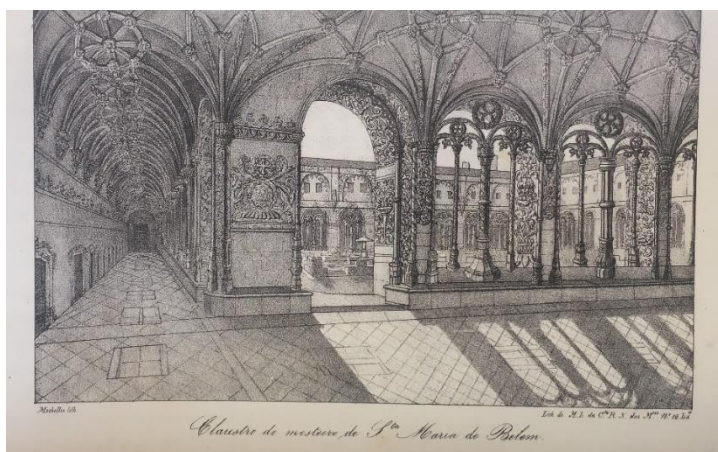


Imagem 4

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho, lápis realçado a aguada cinza

Localização	Museu Nacional de Arte Antiga – Cota da Imagem 20867 TC, Inv.º 2965, Museu Nacional de Arte Antiga
Informação de Legenda (s)	Claustro dos Jerónimos, José da Costa Sequeira (1800-1872)
Data	Século XIX
Imagem	36
Créditos da imagem	© DGPC/ADF Fotógrafo: José Pessoa, 2001



Imagem 36

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa cotas A5867 N5415 MNV000278
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos, assinado José Contente.
Data	Anterior a 1943
Imagem	28

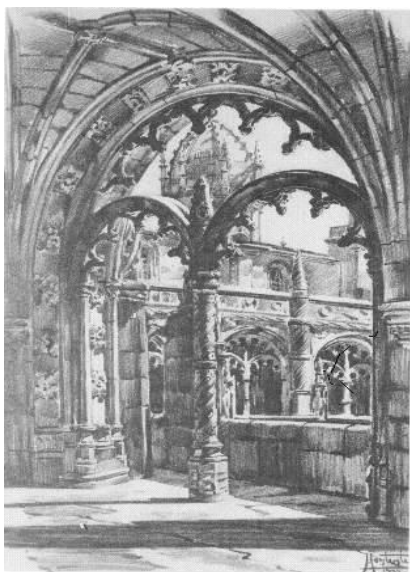


Imagem 28

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	BNP E. 914 V.
Informação de Legenda(s)	Claustro do Mosteiro dos Jerónimos. De Manuel Maria
Data	1946
Imagem	26

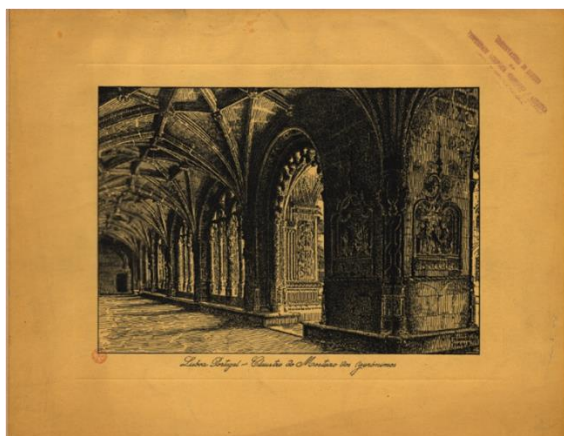


Imagem 26

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	BNP E. 916 V.
Informação de Legenda(s)	Claustro do Mosteiro dos Jerónimos. De Manuel Maria
Data	1946
Imagem	27

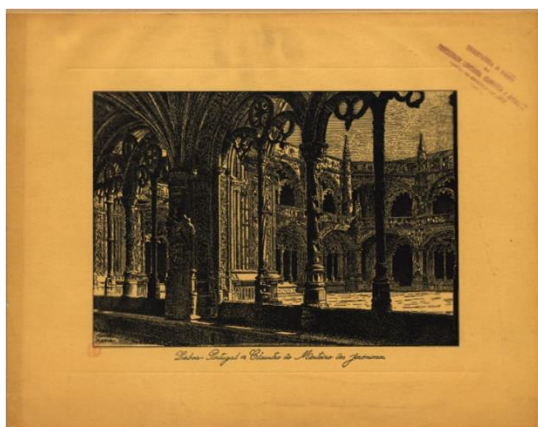


Imagem 27

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 92 e 93

	Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho preparatório
Localização	TIB/UB, 32REPO-027
Informação de Legenda(s)	Albrecht Haupt, corte transversal do Claustro, do Refeitório e da Sala do Capítulo do Mosteiro de Santa Maria de Belém (desenho preparatório), Hannover, TIB/UB, 32REPO-027.
Data	?
Imagem	11



Imagem

11

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 94 e 95 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho preparatório
Localização	TIB/UB, 32REPO-026
Informação de Legenda(s)	Albrecht Haupt, corte transversal do Claustro, do Refeitório e da Sala do Capítulo do Mosteiro de Santa Maria de Belém (desenho preparatório), Hannover, TIB/UB, 32REPO-026.
Data	??

Imagem	12
---------------	----



Imagem 12

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	MUCHAGATO, Jorge (1997). <i>Jerónimos – Memória e Lugar do Real Mosteiro</i> , Edições Inapa, p. 88 e 89 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Desenho
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Iconografia do claustro
Data	??
Imagem	17

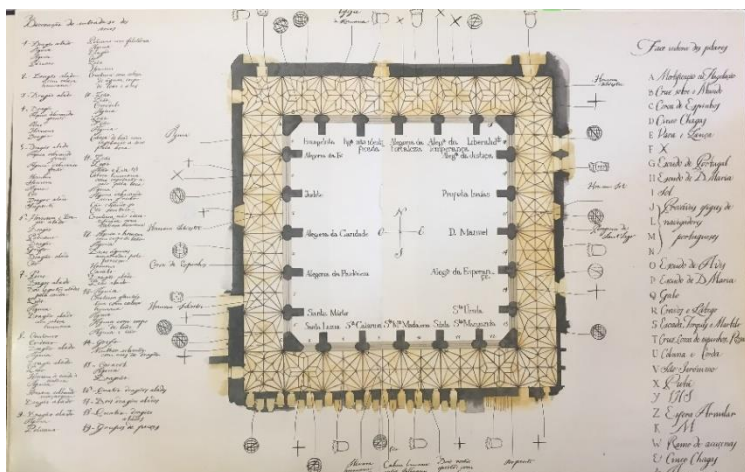


Imagem 17

3. – Gravura

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
------------------------	----------------------

Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	BNP E. 1497 P.
Informação de Legenda(s)	1 gravura: madeira, p&b; esquadria da imagem, sem a subscrição: 11x15,1 cm, em folha de 22x25 cm.
Data	1812-1891
Imagem	25



Imagem 25

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura
Localização	??
Informação de Legenda (s)	O claustro do Convento dos Jerónimos, concluído por D. João III. Gravura incluída no volume III da <i>História da Colonização Portuguesa do Brasil</i> , Porto, 1921, obra publicada no âmbito das comemorações do Primeiro Centenário da Independência do Brasil. De Alfredo Roque Gameiro
Data	1921
Imagem	76



Imagem 76

3.1 – Litografia

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	<p>AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2006). <i>Mosteiro dos Jerónimos – A intervenção de conservação do claustro</i>, IPPAR, p. 63</p> <p>NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i>, Caleidoscópio, p. 41</p> <p>SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i>, Scribe, p. 611 e capa</p> <p>PEREIRA, Paulo (2019). <i>Mosteiro dos Jerónimos</i>, Scala, p. 18</p> <p>MOREIRA, Rafael (1995). <i>Jerónimos</i>, IPPAR, p. 30</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>
Identificação da Fonte Iconográfica	Litografia
Localização	Museu de Lisboa, MC.GRA.1456.
Informação de Legenda(s)	William Barclay, Claustro de Belém com o lago maneirista, litografia, integrada na obra <i>Le Portugal Pittoresque et Architectural dessiné d'après nature</i> , Paris, 1846, Museu de Lisboa, MC.GRA.1456. “Claustro do Convento de Belém”, litografia de William Barclay, do álbum <i>Le Portugal Pittoresque et Architectural</i> , século XIX (Museu da Cidade, Lisboa).
Data	1846
Imagem	1
Créditos da Imagem	©Museu de Lisboa



Imagem 1

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	<p>AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2006). <i>Mosteiro dos Jerónimos – A intervenção de conservação do claustro</i>, IPPAR, p. 67</p> <p>NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i>, Caleidoscópio, p. 155</p> <p>SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i>, Scribe, p. 613</p> <p>Localização: Mosteiro dos Jerónimos</p>
Identificação da Fonte Iconográfica	Gravura: litografia, p&b
Localização	Cota BNL E.A. 94//3 A.
Informação de Legenda(s)	Lago quinhentista do claustro. Foto Mosteiro dos Jerónimos. <i>Vista d'uma parte do claustro do Mosteiro dos Jerónimos em Belém</i> , gravura: litografia, p&b, 34,4 x 42,8cm, [Lisboa], Lith. Rua Nova dos Martyres, c. 1850, BNL E.A. 94//3 A.
Data	Cerca de 1850
Imagem	2
Créditos da Imagem	Biblioteca Nacional de Portugal, cota n.º BNL E.A. 94//3 A

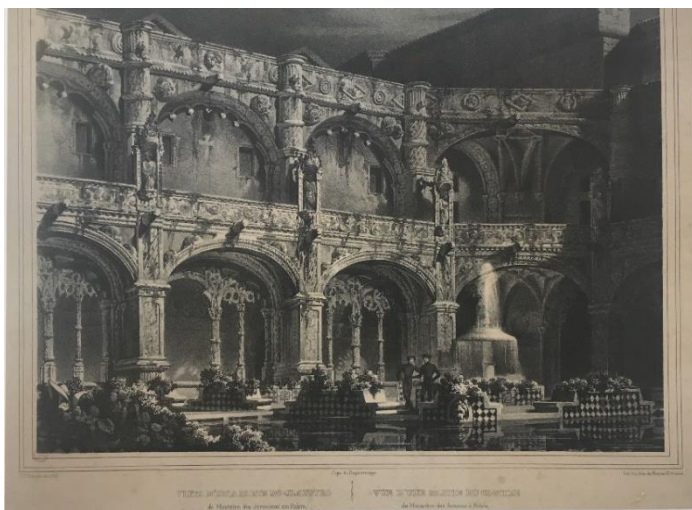


Imagem 2

4. – Planta

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 13 SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 580 PEREIRA, Paulo (2019). <i>Mosteiro dos Jerónimos</i> , Scala, p. 14 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Planta
Localização	AHCPL, 84P1 (Arquivo Histórico da Casa Pia de Lisboa)
Informação de Legenda(s)	Jean Colson, 1.º projecto, planta geral do piso térreo, 1860, AHCPL, 84P1.
Data	1860
Imagem	9

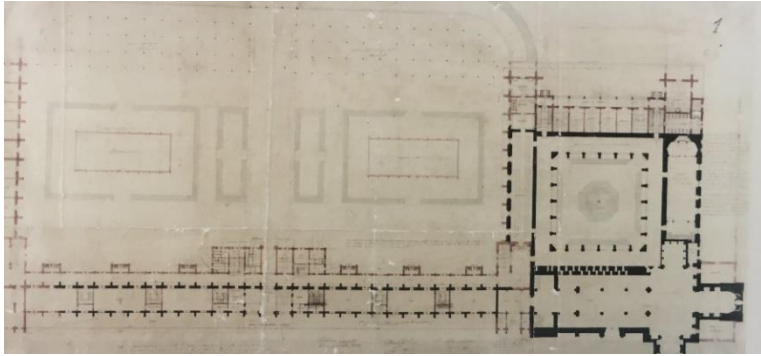


Imagem 9

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 16 e 17 SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 608 e 609 DIAS, Pedro (1993). <i>Os Portais Manuelinos do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Instituto de História de Arte da FLUC, p. 306 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Planta
Localização	TIB/UB, 32REPO-014
Informação de Legenda(s)	Albrecht Haupt, Planta geral do Mosteiro de Santa Maria de Belém, Hannover, 1886, TIB/UB, 32REPO-014. Planta da igreja e anexos do Mosteiro dos Jerónimos (A. Haupt).
Data	1886
Imagem	10

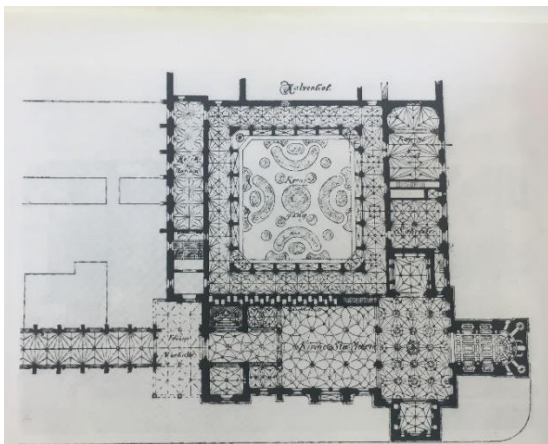


Imagem 10

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	MOREIRA, Rafael (1995). <i>Jerónimos</i> , IPPAR, p. 24

	Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Planta
Localização	??
Informação de Legenda(s)	1-Porta sul. 2-Porta axial. 3-Nave. 4-Transepto. 5-Capelas laterais. 6-Capela-mor. 7-Sacristia. 8-Claustro. 9-Refeitório. 10-Casa do Capítulo.
Data	??
Imagem	16

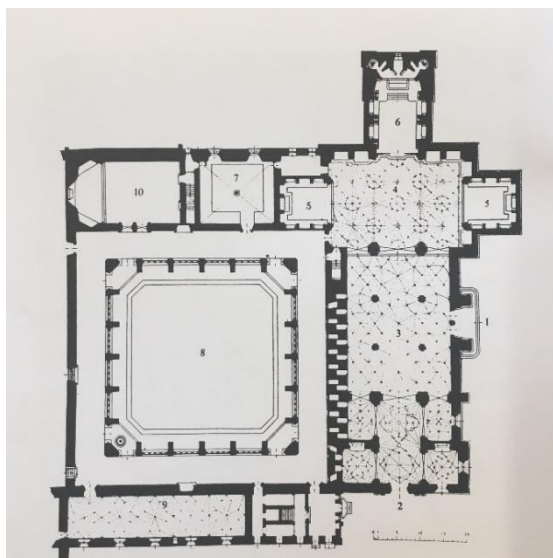


Imagem 16

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Localização: Mosteiro dos Jerónimos, p. 23
Identificação da Fonte Iconográfica	Planta
Localização	??
Informação de Legenda(s)	A Fundação Henriquina A- Capela Henriquina. B- Claustro da Portaria. C- Percurso do Cortejo Fúnebre de D. Manuel. 1 e 2- Arranques Fotografados.
Data	??
Imagem	18

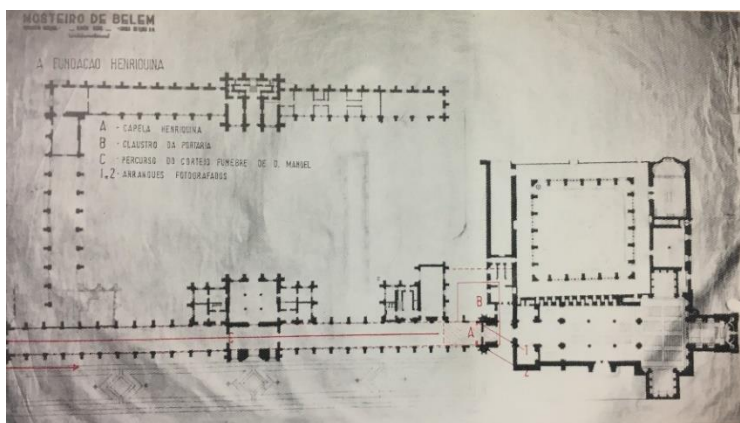


Imagem 18

5. – Postal

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2006). <i>Mosteiro dos Jerónimos – A intervenção de conservação do claustro</i> , IPPAR, p. 68 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Postal
Localização	Biblioteca Nacional P. I. 3998 P. P. I. 3999 P.
Informação de Legenda(s)	Claustro depois da demolição do lago. Biblioteca Nacional/ <i>Iconografia</i> ou <i>Mosteiro dos Jerónimos</i> .
Data	Cerca de 1901
Imagem	3
Créditos da Imagem	Biblioteca Nacional de Portugal, cota n.º P. I. 3998 P. P. I. 3999 P.

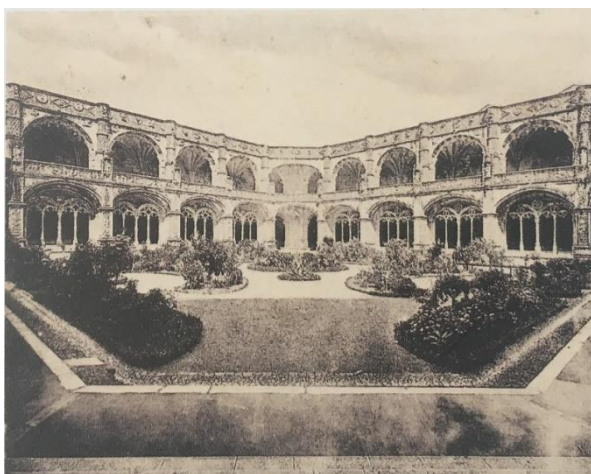


Imagem 3

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
------------------------	----------------------

Identificação da Fonte Iconográfica	Postal
Localização	IHRU-SIPA
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista ampla do claustro e do jardim. O jardim encontra-se muito decorado com várias formas e com pequenas árvores. Nota-se a sujidade da fachada do claustro. A fotografia está reproduzida em postal. O postal possui uma legenda "Belem. Pateo e gallerias do Claustro dos Jeronimos".
Data	??
Imagem	54

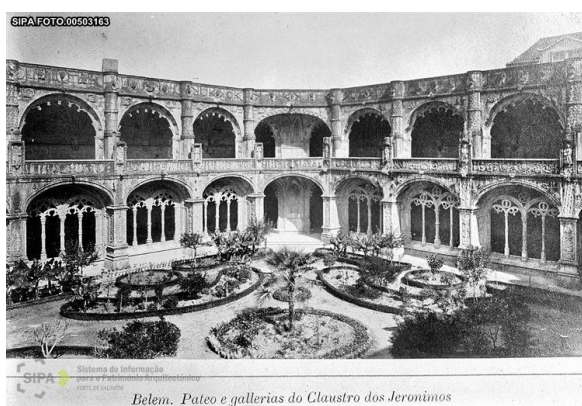


Imagem 54

6. – Fotografia

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. I</i> , IPPAR, p. 116 NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 162 SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 612 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia, n.º de inventário 233-VII, reg. 1460 Cota (imagem digital) n.º 49907 DIG
Localização	Biblioteca da Ajuda

Informação de Legenda(s)	Fotografia do século XIX, mostrando o claustro do Mosteiro dos Jerónimos antes da destruição do tanque e ilhas centrais. Claustro, anterior a 1860.
Data	1855-1860
Imagem	7
Créditos da Imagem	©DGPC/ADF

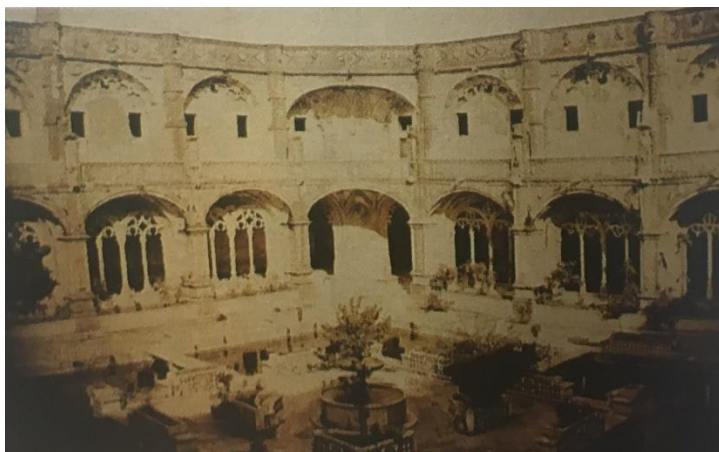


Imagem 7

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGPC-ADF. 47751.09 DIG Palácio Nacional da Ajuda. 56702/42
Informação de Legenda (s)	Álbum fotográfico – Claustro dos Jerónimos
Data	c. 1860
Imagem	77



Imagem 77

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGPC-ADF. 47751.07 DIG Palácio Nacional da Ajuda. 56702/5
Informação de Legenda (s)	Álbum fotográfico - Mosteiro dos Jerónimos, claustro. De Lucas de Almeida Marrão
Data	c. 1860
Imagem	78



Imagem 78

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Palácio Nacional da Ajuda
Informação de Legenda (s)	Mosteiro de Sta. Maria de Belém.
Data	1860-1870
Imagem	33



Imagem 33

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	Lisboa. Câmara Municipal, Arquivo Fotográfico - Provas Originais 1858-1910. Lisboa: Guide Artes Gráficas, 1993. p.63.
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa cotas ORI000610 Cat 88
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos, claustro.
Data	Entre 1860 e 1910
Imagem	32



Imagem 32

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Biblioteca da Ajuda – Cota 08382 TC
Informação de Legenda (s)	Lisboa. Claustro do Mosteiro dos Jerónimos.
Data	1865-1875
Imagem	37
Créditos da imagem	© DGPC/ADF



Imagem 37

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia – (cota 40385 TC) ADF.00205.015
Localização e Proprietário	Arquivo de Documentação Fotográfica / DPIMI/DGPC
Informação de Legenda (s)	Lisboa. Convento dos Jerónimos. Claustro. A autoria: Francisco Rocchini [1822- 1895] / Lisboa
Data	1873
Imagem	35
Créditos da imagem	©DGPC/ADF



Imagem 35

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa cotas ROC000058 A8195 N7000
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos, claustro.
Data	Cerca de 1878
Imagem	29

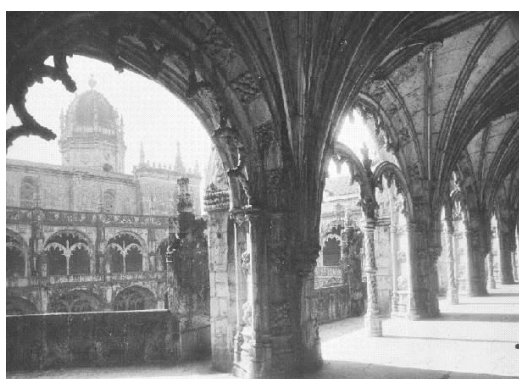


Imagem 29

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia estereoscópica
Localização	Casa-Estúdio Carlos Relvas
Informação de Legenda (s)	Fotografia estereoscópica. Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista do interior de uma ala do piso superior do claustro.
Data	Cerca de 1880

Imagem	42
---------------	----



Imagem 42

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia estereoscópica
Localização	Casa-Estúdio Carlos Relvas
Informação de Legenda (s)	Fotografia estereoscópica. Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista do interior de uma das alas do piso superior do claustro.
Data	Cerca de 1880
Imagem	43



Imagem 43

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Casa-Estúdio Carlos Relvas
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista interior de uma das alas do piso térreo do claustro.
Data	Cerca de 1880
Imagem	44



Imagem 44

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Casa-Estúdio Carlos Relvas

Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista de um dos ângulos do piso térreo do claustro.
Data	Cerca de 1880
Imagem	45



Imagem 45

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGPC-ADF
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista do interior de uma das alas do piso térreo do claustro e das suas abóbadas e arcadas. Junto à parede, vista de algumas cadeiras.
Data	1880
Imagem	49



Imagem 49

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
------------------------	----------------------

Fonte Bibliográfica	NETO, Maria João e SOARES, Clara Moura (2013). <i>O Mosteiro dos Jerónimos – Arte, Memória e Identidade</i> , Caleidoscópio, p. 180 SOARES, Clara Moura (2019). <i>O Culto a Camões e o Mosteiro dos Jerónimos – O restauro do monumento no século XIX</i> , Scribe, p. 612 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	BNP, EA 126-41
Informação de Legenda(s)	Claustro, anterior a 1885, BNP, EA 126-41.
Data	Anterior a 1885
Imagem	13



Imagem 13

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo de Documentação Fotográfica / DPIMI/DGPC
Informação de Legenda (s)	Lisboa, Belém. Mosteiro dos Jerónimos, claustro (jardim).
Data	1880-1900
Imagem	34



Imagem 34

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGPC-ADF
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista do interior de uma das alas do piso térreo do claustro e das suas abóbadas e arcadas, editada na "A Arte e Natureza em Portugal", vol VII.
Data	1880-1900
Imagem	50



Imagem 50

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa cotas ROC000091 A8228 N7033
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos, claustro.
Data	Anterior a 1893
Imagem	30

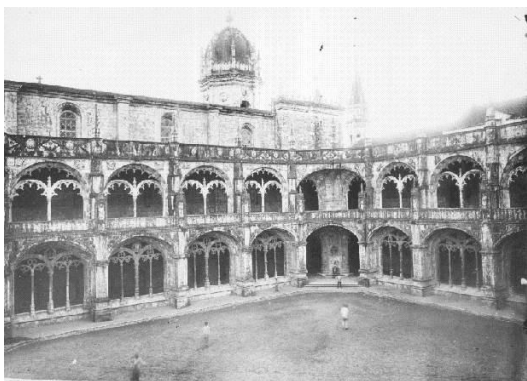


Imagem 30

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo Municipal de Lisboa cotas ROC000092 A8229 N7034
Informação de Legenda (s)	Mosteiro dos Jerónimos, claustro.
Data	Anterior a 1893
Imagem	31

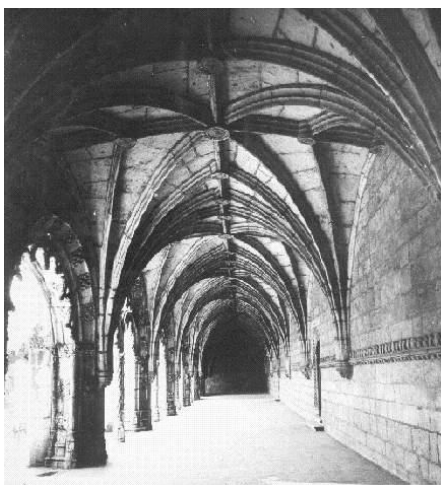


Imagem 31

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	CAETANO, Joaquim Oliveira <i>et al.</i> (1992). <i>Jerónimos – 4 Séculos de Pintura – Vol. I</i> , IPPAR, p. 116 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia

Localização	Biblioteca da Ajuda - Centro de Documentação do Mosteiro dos Jerónimos
Informação de Legenda(s)	Pormenor da fotografia anterior, mostrando a decoração dos bancos e cantoneiras da destruída ilha no centro do claustro.
Data	Século XIX
Imagem	8 – é uma ampliação de um pormenor da imagem precedente

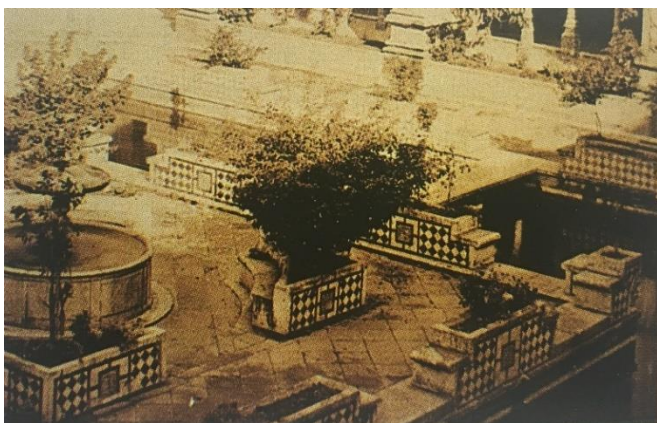


Imagem 8

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia estereoscópica
Localização	CML-ML
Informação de Legenda (s)	Fotografia estereoscópica. Vista do jardim e dos claustros do Mosteiro dos Jerónimos.
Data	Século XIX
Imagem	71



Imagem 71

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia estereoscópica

Localização	CML-ML
Informação de Legenda (s)	Fotografia estereoscópica. Vista dos claustros do Mosteiro dos Jerónimos.
Data	Século XIX
Imagem	73



Imagem 73

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia estereoscópica
Localização	CML-ML
Informação de Legenda (s)	Fotografia estereoscópica. Vista dos claustros do Mosteiro dos Jerónimos.
Data	Século XIX
Imagem	74

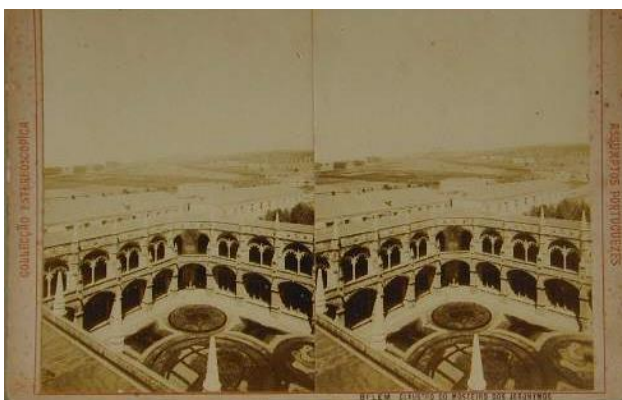


Imagem 74

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia estereoscópica
Localização	CML-ML

Informação de Legenda (s)	Fotografia estereoscópica. Vista dos claustros do Mosteiro dos Jerónimos.
Data	Século XIX
Imagem	73



Imagem 73

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia estereoscópica
Localização	CML-ML
Informação de Legenda (s)	Fotografia estereoscópica. Vista dos claustros do Mosteiro dos Jerónimos.
Data	Século XIX
Imagem	74

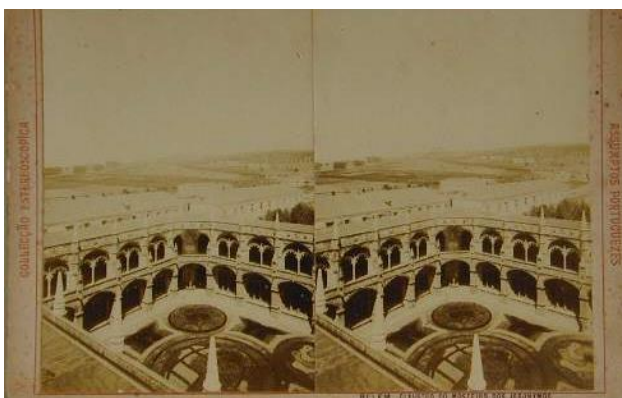


Imagem 74

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Biblioteca da Ajuda

Informação de Legenda (s)	Revista Pittoresca e Descritiva nº 12: Lisboa, Belém. Claustro do Mosteiro dos Jerónimos.
Data	1863
Imagem	39

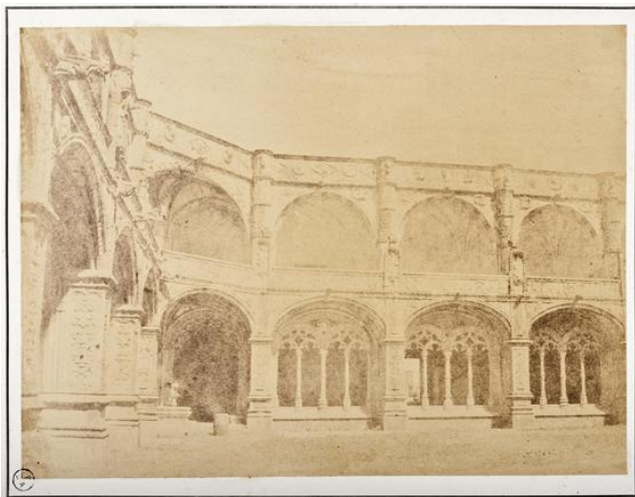


Imagem 39

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2006). <i>Mosteiro dos Jerónimos – A intervenção de conservação do claustro</i> , IPPAR, p. 72 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, Coleção Paulo Guedes
Informação de Legenda(s)	Torneio medieval no claustro do Mosteiro dos Jerónimos (1935). Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, Coleção Paulo Guedes.
Data	1935
Imagem	5



Imagem 5

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista de duas alas e de um ângulo do claustro do piso térreo. Perspectiva a partir de trás do ângulo.
Data	Anterior a 1940
Imagem	69



Imagem 69

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	AIRES-BARROS, Luís <i>et al.</i> (2006). <i>Mosteiro dos Jerónimos – A intervenção de conservação do claustro</i> , IPPAR, p. 73 Localização: Mosteiro dos Jerónimos
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IAN/TT (Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo)

Informação de Legenda(s)	“Noite com repuxo, Claustro dos Jerónimos” (fotografia da Exposição de Arte Sacra Colonial, 1954). Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (Direcção dos Serviços de Informação), Santos de Almeida. Lisboa, IAN/TT.
Data	1954
Imagem	6



Imagem 6

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	FCG-BA (Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian) -
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista de uma ala do claustro e do jardim decorado e com pequenas árvores. Vista, do lado esquerdo, da Fonte do Leão. Perspectiva a partir do ângulo do piso térreo entre a ala poente e a ala sul do claustro.
Data	1954
Imagem	51



Imagem 51

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF Colecção Artur Pastor
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista dos claustros. Vista de arcadas e de um dos ângulos dos claustros. Vista parcial do jardim que se encontra com muitas pequenas árvores e relvado.
Data	1955-1970
Imagem	61



Imagem 61

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGPC-ADF

Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista do interior de uma das alas do piso térreo do claustro e das suas arcadas
Data	19--
Imagem	48



Imagem 48

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	Arquivo de Documentação Fotográfica / DPIMI/DGPC
Informação de Legenda (s)	Lisboa. Mosteiro dos Jerónimos. Claustro.
Data	Século XX
Imagem	38



Imagem 38

Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF Colecção Chaves Cruz

	PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/CRU/000545
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista ampla dos claustros e do jardim muito decorado e com formas circulares.
Data	Século XX
Imagem	62

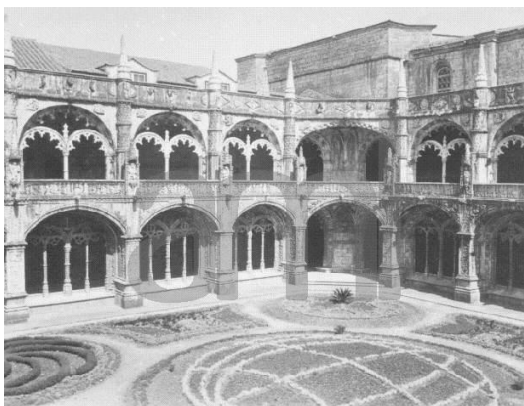


Imagem 62

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF Colecção Chaves Cruz
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista de uma das alas dos claustros. Perspectiva a partir do jardim do piso térreo que se encontra com relvado e muito decorado. Em segundo plano, vista parcial da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Belém.
Data	Século XX
Imagem	63

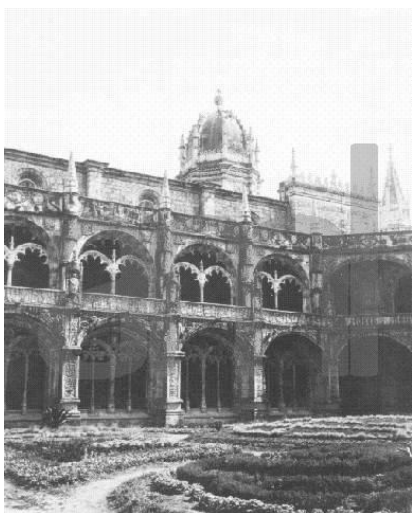


Imagem 63

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF Colecção Benoliel
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista de uma ala dos claustros e vista parcial do jardim que se encontra decorado.
Data	Século XX
Imagem	66



Imagem 66

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia

Localização	CML-AMLF Coleção Alberto Carlos Lima -
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista ampla dos claustros e do jardim com formas circulares e uma pequena árvore ao centro.
Data	Século XX
Imagem	67

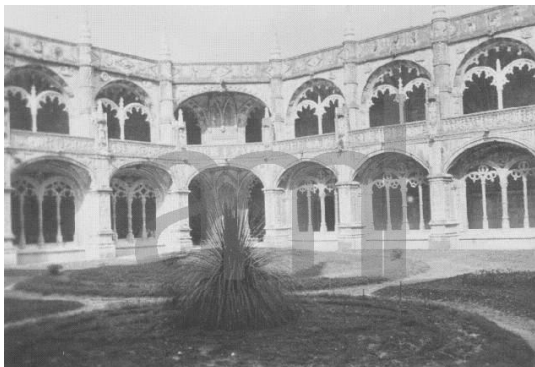


Imagem 67

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia estereoscópica
Localização	CML-ML (Museu de Lisboa)
Informação de Legenda (s)	Fotografia estereoscópica. Vista dos claustros do Mosteiro dos Jerónimos.
Data	Século XX
Imagem	72

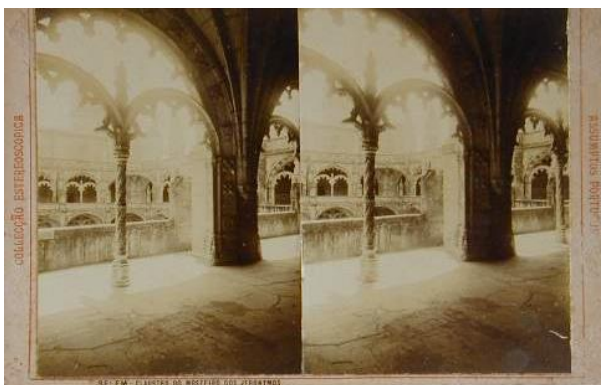


Imagem 72

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Localização: Mosteiro dos Jerónimos, p. 245 e 246

Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Sem Legenda
Data	??
Imagem	19



Imagem 19

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Localização: Mosteiro dos Jerónimos, p. 247
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Sem Legenda
Data	??
Imagem	20



Imagem 20

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	CARVALHO, Artur Marques de (1990). <i>Do Mosteiro dos Jerónimos</i> , Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Localização: Mosteiro dos Jerónimos, p. 247
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Sem Legenda
Data	??
Imagem	21



Imagem 21

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	Casa Pia de Lisboa – em comemoração do centenário da independência do Brasil 1822-1922 Localização: Casa Pia de Lisboa

Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	Um curso de habilitação para professores de surdos-mudos.
Data	??
Imagem	22



Imagem 22

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Fonte Bibliográfica	Casa Pia de Lisboa – em comemoração do centenário da independência do Brasil 1822-1922 Localização: Casa Pia de Lisboa
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	??
Informação de Legenda(s)	“Exercícios de ginastica no claustro dos Jerónimos.”
Data	??
Imagem	23



Imagem 23

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-GEO (Gabinete de Estudos Olisiponenses)
Informação de Legenda (s)	Claustro em Belém: Mosteiro dos Jerónimos. Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista do interior de uma ala do piso térreo do claustro e das suas arcadas. Em segundo plano, vista de uma porta.
Data	??
Imagem	46

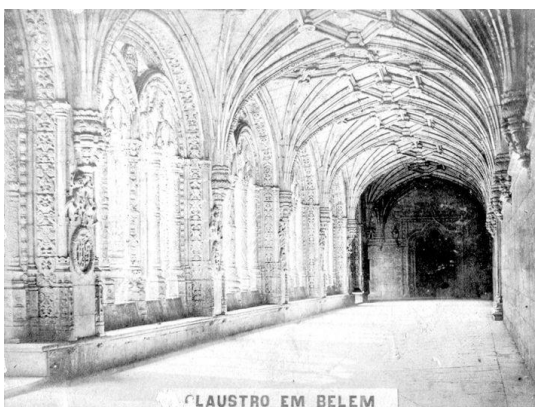


Imagem 46

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	DGLAB-ANTT
Informação de Legenda (s)	??
Data	??
Imagem	47

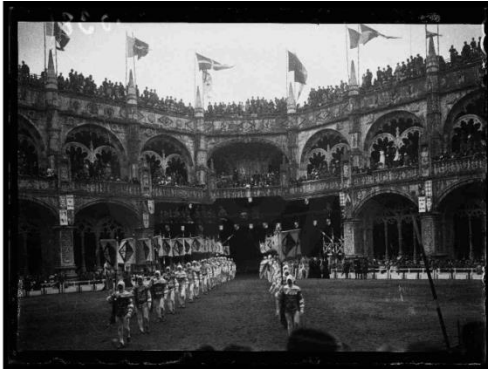


Imagem 47

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU-SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico) -
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista parcial de arcadas de uma ala dos dois pisos do claustro. Vista parcial do jardim que se encontra com relvado e um pequeno repuxo.
Data	??
Imagem	52



Imagem 52

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU-SIPA
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista ampla do claustro e do jardim. O

	jardim encontra-se muito decorado e com várias formas circulares
Data	??
Imagem	53



Imagem 53

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU-SIPA
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista ampla do claustro e do jardim. O jardim encontra-se muito decorado com várias formas e com pequenas árvores. Nota-se a sujidade da fachada do claustro. A fotografia está reproduzida em postal. O postal possui uma legenda "Belem. Pateo e gallerias do Claustro dos Jeronimos".
Data	??
Imagem	54

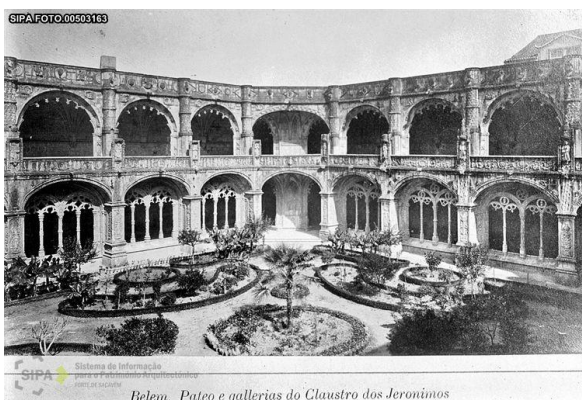


Imagem 54

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU-SIPA
Informação de Legenda (s)	Vista do interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista parcial de uma ala do claustro e do jardim que se encontra com relvado e pequenas árvores.
Data	??
Imagem	55



Imagem 55

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU-SIPA
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista ampla do claustro e do jardim muito decorado com várias formas simétricas e pequenas árvores. Nota-se a sujidade da fachada do claustro.
Data	??
Imagem	56



Imagem 56

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU-SIPA
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista ampla do claustro e do jardim decorado. Perspectiva a partir do ângulo entre a ala sul e ala nascente do piso térreo do claustro. Em segundo plano, vista da Fonte do Leão.
Data	??
Imagem	57



Imagem 57

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU-SIPA
Informação de Legenda (s)	Vista do interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista parcial de uma arcada de uma ala do piso térreo do claustro. Vista

	parcial do jardim que se encontra com relvado. Em segundo plano, vista de uma ala paralela do claustro.
Data	??
Imagem	58



Imagem 58

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	IHRU-SIPA
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista ampla do claustro. Perspectiva a partir do ângulo entre a ala sul e ala nascente do piso térreo do claustro. O espaço do jardim encontra-se vazio.
Data	??
Imagem	59



Imagem 59

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
------------------------	----------------------

Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista parcial das arcadas de uma ala dos claustros. Vista parcial do jardim que se apresenta com relva e decorado com algumas formas circulares. Em segundo plano, a torre sineira da Igreja de Santa Maria de Belém.
Data	??
Imagem	60

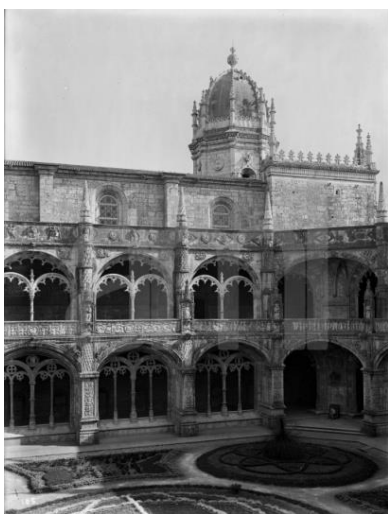


Imagem 60

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-AMLF Espólio Eduardo Portugal
Informação de Legenda (s)	Vista interior do Mosteiro dos Jerónimos. Vista ampla de duas alas dos claustros. Perspectiva a partir do jardim. Em primeiro plano, vista do jardim que se encontra com algumas formas circulares e com grandes árvores. Nota-se uma grande árvore no centro do jardim, que atinge a altura do claustro superior.
Data	??
Imagem	70

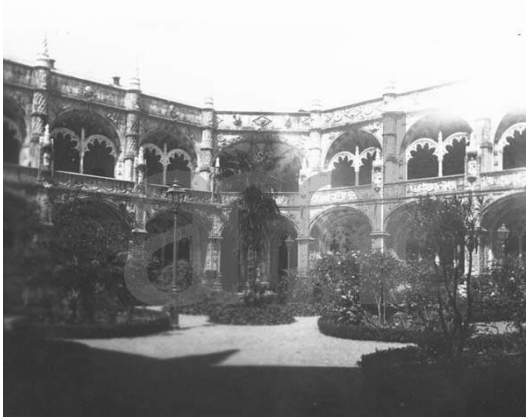


Imagem 70

Tema/Designação	Claustro do Mosteiro
Identificação da Fonte Iconográfica	Fotografia
Localização	CML-ML
Informação de Legenda (s)	Vista dos claustros do Mosteiro dos Jerónimos.
Data	??
Imagem	75

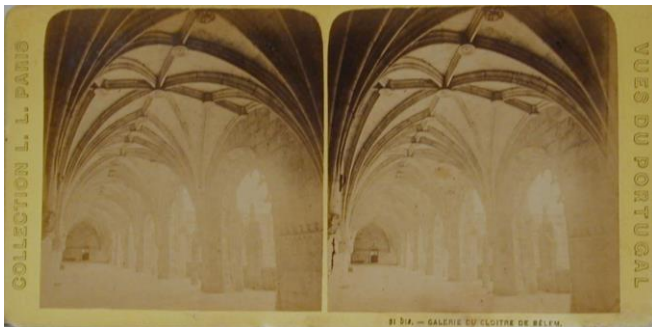


Imagem 75

Anexo 5 - Ofício enviado pelo Padre Manuel António Guerreiro do Rosário à direção dos Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém a 30 de setembro de 2020.



COMISSÃO DIOCESANA
DE ARTE SACRA
DIOCESE DE BEJA

Beja, 30 de Setembro de 2020

Ex.ma Senhora

Doutora Dalila Rodrigues

Direção Geral do Património Cultural

Mosteiro dos Jerónimos

Faço votos de que se encontre bem. Na sequência da conversa telefónica que mantivemos esta tarde, passo a discriminar a lista das peças que se encontram na Igreja Matriz de Santiago do Cacém e que confirmámos nos dias 22 e 27 de Julho de 2020, respectivamente. Há um grupo de peças descritas como “*Depósito da Real Sociedade Arqueológica Lusitana*.” Não sabemos como interpretar esta designação, nomeadamente, quanto à sua pertença.

Vou enviar algumas fotografias para facilitar a identificação das peças.

Esta Igreja possui um conjunto de salas pelas quais se encontrava espalhado (sob diferentes designações) um acervo que incluía centenas de peças de arte sacra provenientes de toda a Diocese de Beja. As que conseguimos identificar, procedemos de imediato à sua entrega às paróquias e demais instituições a que pertenciam.

Temos informações segundo as quais existem peças levadas das paróquias (pelo Departamento do Património Histórico e Artístico da Diocese, extinto em 2017) e ainda não entregues. Estamos empenhados na sua localização e posterior entrega aos seus legítimos proprietários.

Agradecemos a sua atenção e manifestamos a nossa total disponibilidade para colaborar.

Segue a discriminação das peças:

Sala 2

1. Atril. Trabalho inglês. Madeira. Século XV. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana

Sala 3

2. *Calvário*. Mestre da Tourega. Óleo sobre madeira. Século XVI. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana



COMISSÃO DIOCESANA
DE ARTE SACRA
DIOCESE DE BEJA

3. Arca. Trabalho inglês. Madeira. Século XV. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana

Sala 4

4. Arca. Trabalho inglês. Madeira. Século XVI. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana

5. Banco. Trabalho inglês. Madeira. Século XV. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana

6. Genuflexório. Trabalho inglês. Madeira. Século XV. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana

7. Ara a Esculápio. Pedra. Época romana. Depósito da Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

8. Pedra de armas. Escola Portuguesa. Pedra. Século XIV. Depósito da Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

9. Fragmentos de arco ogival (três). Escola Portuguesa. Pedra. Século XIV. Depósito da Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

10. Friso. Trabalho português. Pedra. Século XVI. Depósito da Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

11. Fecho de abóboda. Escola portuguesa. Pedra. Século XVI. Depósito da Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

12. Tocheiro. Trabalho flamengo (?). Bronze. Século XVI. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

13. Tocheiro. Trabalho flamengo (?). Bronze. Século XVI. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

14. Tocheiro. Trabalho flamengo (?). Bronze. Século XVI. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

15. Tocheiro. Trabalho flamengo (?). Bronze. Século XVI. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.



COMISSÃO DIOCESANA
DE ARTE SACRA
DIOCESE DE BEJA

16. Tocheiro. Trabalho flamengo (?). Bronze. Século XVI. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

Coro Alto

17. Mesa. Trabalho inglês. Madeira. Século XV. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

18. Banco. Trabalho inglês. Madeira. Século XX. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

19. Arca. Trabalho inglês. Madeira. Século XV. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

20. Arca. Trabalho inglês. Madeira. Século XV. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

21. Arca. Trabalho inglês. Madeira. Século XV. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

22. Arca. Trabalho inglês. Madeira. Século XV. Depósito do Instituto Português dos Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

Acesso à torre sineira

23. Cabeceira de sepultura. Pedra. Escola portuguesa. Século XV. Depósito da Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

24. Banco. Madeira. Século XX. Depósito da Real Sociedade Arqueológica Lusitana.

Com os mais respeitosos cumprimentos.

Pela Comissão Diocesana de Arte Sacra

Pe. Manuel António Guerreiro do Rosário

RELATÓRIO

PEÇAS DA TORRE DE BELÉM LOCALIZADAS NA IGREJA MATRIZ DE SANTIAGO DO CACÉM

A informação relativa à existência de peças de mobiliário pertencentes à Torre de Belém, atualmente localizadas na Igreja Matriz de Santiago do Cacém, deu origem a um conjunto de averiguações, a uma deslocação a Santiago do Cacém e a pesquisas documentais, realizadas em Setembro-Outubro de 2020, cujo resultado se apresenta neste relatório.

Na sequência da informação do Senhor Subdiretor Geral da DGPC, Dr. Rui Santos, e dos contactos telefónicos estabelecidos com a Senhora Dr. Maria de Jesus Monge e com o Senhor Pe. Doutor Manuel António Guerreiro do Rosário, Presidente da Comissão Diocesana de Arte Sacra de Beja, fui informada da existência, na mencionada Igreja, de “um grupo de peças descritas como provenientes de Depósito do Instituto Português de Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana”, acerca das quais não existe informação além da que consta no ofício que me foi enviado pelo Pe. Manuel António Guerreiro do Rosário, a 30 de Setembro de 2020, que inclui uma lista de peças. Saliente-se que, nesta lista, surgem peças identificadas como “Depósito da Real Sociedade Arqueológica Lusitana”, sem qualquer menção ao Instituto Português de Museus. **Ver ANEXO I**

Saliente-se que as peças identificadas na lista que me foi enviada pelo Senhor Pe. Manuel António Guerreiro do Rosário são de diversa tipologia. Com a menção a Depósito do Instituto Português de Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana, as peças que se devem reincorporar, são as seguintes:

- 11 Peças de mobiliário, dos séculos XV, XVI e XX, adquiridas em 1958 para a Torre de Belém, para as Comemorações Henriquinas de 1960 (adquiridas pela Fundação Ricardo Espírito Santo, em antiquários de Madrid e Londres, pagas pela Administração-Geral do Porto de Lisboa, que tutelava a Torre de Belém)
- 5 Castiçais de bronze, século XVI, adquiridos em 1958, tal como as peças de mobiliário, para a Torre de Belém
- 1 Pintura com o tema *Calvário*, óleo sobre madeira, século XVI, de proveniência incerta

DESLOCAÇÃO

Com a finalidade de averiguar e identificar as mencionadas peças, desloquei-me à Igreja de Santiago do Cacém, no dia 16.10.2020, tendo sido recebida, com memorável amabilidade, pelos Senhores Padres Manuel António Guerreiro do Rosário, na qualidade de Presidente da Comissão Diocesana de Arte Sacra de Beja, e do Pároco de Santiago do Cacém, Paulo Jorge Condeça do Carmo. Ambos manifestaram o desejo de procederem à devolução, com a maior celeridade possível, das peças ali localizadas que não pertencem à Diocese, e que apenas surgem mencionadas, sumariamente, num relatório não datado e não assinado, de onde foi extraída a menção ao **Depósito do Instituto Português de Museus na Real Sociedade Arqueológica Lusitana**.

As peças que pude observar, acima referidas, deverão dividir-se em dois grupos, tendo como critério o seu estado de conservação, assim:

Peças em bom estado de conservação, denunciando uma intervenção de conservação e restauro recente, localizadas em dependências anexas da Igreja Matriz, sala 2, sala 3 e sala 4, do núcleo museológico:

- 1- Atril ou estante de rosca (sala 2), século XV - TB
- 1- Arca comprida – escabelo (sala 3), século XVI - TB
- 1- Arca com tampa abaulada (sala 4), século XVI - TB
- 1- Banco de genuflexório (sala 4), século XV - TB
- 1- Genuflexório (sala 4), século XV - TB

5- Castiçais em bronze (sala 4), século XVI - TB

1- Pintura, Calvário (sala 3), século XVI - Proveniência desconhecida

Peças em mau estado de conservação, armazenadas no coro alto da Igreja Matriz:

1- Arca, século XV - TB

1- Arca, século XV - TB

1- Arca, século XV - TB

1- Arca, século XV - TB

1- Mesa (2 pernas duplas e tampo de mesa separados), século XV - TB

1- banco, século XX – (?)

Total: 11 peças de mobiliário, 5 castiçais, 1 pintura

PESQUISA DOCUMENTAL

Na pesquisa documental empreendida, identificámos diversos documentos relativos às peças de mobiliário e a um conjunto de tocheiros da Torre de Belém. Em síntese, as informações mais relevantes são as seguintes:

1. Trata-se de peças de mobiliário originais, dos séculos XV e XVI, adquiridas em 1958 pela Fundação Ricardo Espírito Santo (Dr. Guilherme Possolo), entidade responsável pela decoração da Torre de Belém para as Comemorações Henriquinas (1960), a expensas da Administração Geral do Porto de Lisboa, entidade que tutelava a Torre de Belém, em antiquários de Madrid e Londres (eventualmente, foi adquirida uma mesa em Paris).

2. A Administração-Geral do Porto de Lisboa pagou, em Fevereiro de 1958, a quantia de 294.477\$40 por “mobiliário e acessórios”, descritos numa lista com valores discriminados por peças e conjuntos de peças. Nesta lista, constituída por 21 peças, correspondendo uma ao conjunto de 5 pares de castiçais (de que restam atualmente, apenas, 5 exemplares), faz-se menção a peças entretanto desaparecidas, tais como “cadeira de braços” e “cadeira de espaldar alto”.

Documentos relativos às peças de mobiliário e castiçais da Torre de Belém*

- **1957.12.09** - Parecer favorável do Dr. João Couto, Diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, relativo à oportunidade de a Fundação Ricardo Espírito Santo adquirir peças de mobiliário originais em antiquários de Londres para a Torre de Belém (com interessantes críticas à museologia de reconstituição de época apresentada pela Fundação Ricardo Espírito Santo).
- **1957.23.11** - Ofício do Diretor-Geral da DGEMN ao Presidente do Conselho de Administração Geral do Porto de Lisboa a comunicar que os pareceres favoráveis e as homologações superiores resolviam “o problema da aquisição do mobiliário destinado à Torre de Belém”, citando e anexando o parecer do Dr. João Couto. Nesta data, a Fundação Ricardo Espírito Santo havia já adquirido alguns móveis antigos em Madrid. Por serem insuficientes, pedia autorização para negociar outras aquisições com a Casa W. Wolsey, de Londres, e adquirir “ainda uma bonita mesa em Paris”. Foi necessária a autorização dos Ministros da Fazenda e das Obras Públicas, dada a quantia a despendar.
- **1982.13.12** - “Cópia do inventário de mobiliário e peças existentes na Torre de Belém que devem ser retiradas com a maior brevidade possível”. NOTA: pela descrição das peças, embora sumária, regista-se a correspondência com algumas peças localizadas na Igreja Matriz de Santiago do Cacém.
- **1994.01.05** - Ofício do Presidente do Conselho de Administração do Porto de Lisboa, Albano de Figueiredo e Sousa, à Presidente do Conselho Directivo da Fundação Espírito Santo, a solicitar colaboração para a identificação de peças de mobiliário, de que a APL é proprietária, com o objetivo de “estudar o interesse sobre a eventual beneficiação geral das peças em causa”. Anexa ao **ofício lista original das peças incorporadas (Fevereiro de 1958)**, identificando e separando os bens adquiridos na Casa Wolsey, de Londres, e os adquiridos em Paris. Neste inventário identificam-se 21 peças, incluindo sob o número 21, a indicação de 5 pares de castiçais góticos.
- **2004.07.02** - Ofício da Fundação Ricardo Espírito Santo à Directora do Mosteiro dos Jerónimos e Torre de Belém, a enviar cópia do processo acima mencionado, incluindo a lista original das peças. Não consta no dossier de arquivo qualquer informação e/ou diligência que tenha sido efetuada pela Dr.^a **Isabel Cruz de Almeida**.

* Cópias dos documentos disponíveis no Mosteiro dos Jerónimos.

LISTA DE OBRAS A INCORPORAR NO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS, ATUALMENTE LOCALIZADAS NA IGREJA MATRIZ DE SANTIAGO DO CACÉM*

- 1- Atril ou estante de rosca, século XV, Torre de Belém
- 1- Arca comprida – escabelo, século XVI, Torre de Belém
- 1- Arca com tampa abaulada, século XVI, Torre de Belém
- 1- Banco de genuflexório , século XV, Torre de Belém
- 1- Genuflexório, século XV, Torre de Belém
- 5- Castiçais em bronze, século XVI, Torre de Belém
- 1- Pintura, Calvário, século XVI, Proveniência desconhecida
- 1- Arca, século XV, Torre de Belém
- 1- Arca, século XV, Torre de Belém
- 1- Arca, século XV, Torre de Belém
- 1- Arca, século XV, Torre de Belém
- 1- Mesa (2 pernas duplas e tampo separado), século XV, Torre de Belém
- 1- Banco, século XX, Torre de Belém

* Fichas de inventário com fotografia disponíveis

Total: 11 peças de mobiliário, 5 castiçais, 1 pintura

Lisboa, 24 de Outubro de 2020

Dalila Rodrigues

Anexo 7 - Resumo do processo: “Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém” (1954-1970)

Resumo do processo: “Estudo, projecto, construção e decoração de uma exposição sobre a Torre de Belém” (1954-1970)

<https://www.arquivoportolisboasetubalsesimbra.pt/arquivo/details?id=61850>

1-7: **01/06/1954** - O Diretor-Geral da AGPL José Bragança sugere que se instale na Torre de Belém o Museu do Porto de Lisboa. O plano de exposição era o seguinte, piso inferior: peças de artilharia do século XVI; 1º piso: documentação do século XVI sobre a história da Torre; 2º piso: documentação do século XVII; 3º piso: documentação do século XVIII; 4º piso: documentação do século XIX; no terraço exposição do sextante de Gago Coutinho. Por todos os pisos, exposição de peças como astrolábios, bússolas, cartas náuticas, desenhos, gravuras, etc.

8-11: **02/05/1955** - O Chefe de Serviço de Publicidade e Turismo António Cyrne responde à sugestão referindo que a proposta “é digna de carinhosa aceitação”, no entanto, apenas concorda com a decoração do piso inferior, pois todo o resto “ficaria apagado, submerso, sob a pressão de tantos materiais acumulados”.

12-13: **07/01/1956** - António Cyrne escreve ao Presidente do Conselho de Administração da AGPL acerca dos “estudos para se fixar o plano a adotar na decoração dos outros pisos”. O plano foi discutido por “qualificadas personalidades entre as quais os Senhores Dr. António Luís Gomes, Diretor Geral da Fazenda Pública, Dr. João de Almeida, Diretor Geral do Ensino Superior e de Belas Artes, Dr. João Couto, Diretor do Museu de Arte Antiga, D. Julieta Ferrão, Conservadora do Museu Municipal de Lisboa e Dr. Guilherme Possolo, Diretor da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva”. Ficou então decidido que a decoração dos pisos superiores seria feita com a instalação de mobiliário “de adequado estilo e perfeita execução, disposta com tão escrupulosa sobriedade que de modo algum possa afetar o ambiente e o valor arquitetónico do histórico monumento”. O estudo e execução do referido mobiliário fica ao cargo da FRESS.

14: **27/02/1956** - O Diretor-Geral da Fazenda Pública homologa a decoração da Torre de Belém com mobília, mas que a FRESS deve apresentar “estudos desenhados antes de proceder à sua execução”.

15-18: **09/05/1956** - A FRESS comunica à AGPL que as peças deverão ser autênticas e contemporâneas ao edifício e que já iniciaram as pesquisas em antiquários estrangeiros, sobretudo holandeses pedindo a indicação de mobiliário do século XVI e respetivos preços.

19-22: **26/06/1956** - A FRESS informa a AGPL que encontraram no mercado de antiquários em Madrid móveis de preço acessível que cumprem o fim em vista, sendo

eles: “3 arcas do século XVI, com características góticas, duas inteiramente de carvalho e uma revestida de chapa de ferro, recortada e vasada, formando arabescos deste mesmo estilo”. As duas primeiras com um custo de 15 mil pesetas e a última 7 mil. Foi ainda encontrada outra arca mais rica com o custo de 35 mil pesetas. Adquiriram por sua conta e risco na Holanda à Casa Fa. F. J. Peters de Tilburg uma mesa do século XVI e um armário gótico, baixo pelo preço de 3 mil florins. A FRESS pede ainda alguma verba ao AGPL para comprar outras peças que possam encontrar.

24: **14/07/1956** - A AGPL pede por escrito ao Senhor Ministro das Comunicações a autorização para despende de 150.000\$00 para a aquisição de móveis.

25: **27/07/1956** - É autorizada pela Direção-Geral da Fazenda Pública a despesa dos custos acima mencionados e solicitado que após as aquisições lhes seja enviado uma “relação discriminativa dos móveis adquiridos e das divisas utilizadas”.

26: **30/08/1956** - O Engenheiro-Diretor Geral da DGMEN, Henrique Gomes da Silva, concordando que a Torre de Belém deva deixar de apresentar o seu interior vazio, solicita à AGPL que lhes seja apresentado o programa e as peças de mobiliário a fim de se emitir um parecer.

34: **26/11/1956** - O Chefe do Serviço de Publicidade e Turismo, António Cyrne, comunica à AGPL que para ser feita a entrega das peças de mobiliário seja nomeada uma comissão de vistoria e receção.

35: **10/12/1956** - A Direção-Geral da Fazenda Pública informa a AGPL que a FRESS solicita a elaboração de planos definitivos para a decoração da Torre de Belém. É mencionado que a FRESS adquiriu mesas e arcas do século XVI e um armário do século XV.

37-38: **29/12/1956** - António Cyrne informa o Ministério das Comunicações e a AGPL, que se reuniu a Comissão constituída pelo primeiro e pelo Arquiteto Chefe do Serviço de Arquitetura, na presença do Sr. Dr. Guilherme Possolo (Diretor-Delegado da FRESS) para a vistoria e receção das peças fornecidas pela FRESS, que são as seguintes:

- “Mesa de carvalho proveniente da coleção do Barão de Cassel (século XVI). Nas gavetas motivo decorativo representando pergaminho desenrolado. Mede 1,13 x 0,79 x 0,725 (Casa Fa. F. J. Peters de Tilburg);

- Armário baixo, estilo gótico, de carvalho, com duas portas e o painel central vasado – recortando-se em cada uma daquelas uma janela ogival e no painel do centro uma rosácea. Possivelmente de fabrico inglês. Fins do século XV. Mede 1,24 x 0,88 x 0,46 (Casa Fa. F. J. Peters de Tilburg);

- Arca renascença, de carvalho, com fechadura (trabalho flamengo), tampo abaulado, painéis esculpidos com motivos adequados ao estilo: no painel central folhagem, volutas e uma corça, nos laterais folhagem, volutas e um grotesco. Século XVI. Mede 1,30 x 1,00 x 0,70 (Casa Antiquália, Lisboa);

- Arca de carvalho, estilo gótico, com 4 painéis esculpidos, representando pergaminho desenrolado, três fechaduras, existindo apenas uma e medindo 1,69 x 0,68 x 0,59. Princípios do século XVI (Casa Los Toledanos, Ribera de Curtidores, 29, Madrid);

- Arca de estilo gótico, de nogueira, pintada de vermelho (a pintura foi tirada no processo de restauro), cinco painéis, com uma fechadura. Nos painéis, decoração representando pergaminho desenrolado. Frente, constituída de uma só peça em que se modelam os painéis, sendo o do centro mais pequeno. Assenta sobre duas travessas moldadas que lhe servem de base. Mede 1,46 x 0,67 x 0,57 (Casa Los Toledanos, Ribera de Curtidores, 29, Madrid);

- Arca de carvalho, estilo gótico, com quatro painéis e fechadura. Nos painéis, decoração representando pergaminho desenrolado. Princípio do século XVI. Mede 1,88 x 0,69 x 0,62.” (Casa Los Toledanos, Ribera de Curtidores, 29, Madrid)”

39: **31/01/1957** - O Chefe de Serviço de Publicidade e Turismo, Eduardo Frias sugere à AGPL que as peças deveriam ser submetidas a uma ação de restauro feita pela FRESS.

40-43: **08/03/1957** - O Dr. Guilherme Possolo envia à AGPL os custos das peças e o respetivo transporte (fretes, embalagens e seguros), que deu um total de 67.000\$00. É ainda solicitado à DGEMN que se sejam feitos alguns arranjos no interior da Torre de Belém, de forma a dar-lhe um aspeto mais próximo do primitivo possível. Sugere-se que se substituam as janelas, portas e portadas por outras que sejam do estilo da Torre.

44-45: **26/03/1957** - O Chefe de Publicidade e Turismo Eduardo Frias informa a AGPL que a FRESS já conclui os trabalhos de beneficiação das peças de mobiliário e que ainda continua em curso a aquisição de mais mobiliário. As peças vão permanecer na FRESS e não nos armazéns da AGPL devido à falta de condições de conservação da segunda. A entrega de todo o mobiliário será feita quando o mesmo estiver em condições para tal e os trabalhos no interior da Torre estiverem concluídos.

47-49: **3/07/1957** - O Dr. Guilherme Possolo informa a AGPL que gastou apenas 67 contos da verba recebida de 150 para a aquisição de mobiliário. É mencionado que a Casa W. Wolsey de Londres ofereceu 3 arcas, 1 cadeira de braços, uma banquetta, dois bancos, um pequeno cofre e um tocheiro de parede de ferro forjado (finais do século XV, inícios do século XVI) pelo preço aproximado de 126 contos. O Dr. Possolo refere que com mais 400 contos “se poderá concluir o pretendido arranjo da Torre” e que com mais 300 pagariam as peças acima referidas e outras que se encontrem.

55-56: **16/11/1957** – A Direção-Geral da Fazenda Pública escreve à AGPL, dando o seu parecer para que se adquiram os móveis da Casa W. Wolsey, pois são de muito boa qualidade e muito necessários ao país.

57-58: **22/11/1957** – A AGPL solicita ao Ministro das Obras Públicas (DGEMN) o despacho de homologação já autorizado pelo Ministro das Finanças e pelo Ministro das Comunicações para o dispêndio de 300 contos.

61: **31/12/1957** – A AGPL informa o Conselho de Administração que foi elaborado um projeto de decoração para o 1º, 2º e 3º pisos da Torre de Belém pelo Sr. Arquiteto Luís Possolo para ser apresentado à Junta Nacional da Educação e que se deverá pagar a importância de 4.000\$00 ao arquiteto pelo trabalho.

62-63: **8/01/1958** – A AGPL comunica que o processo de autorizar a segunda aquisição de mobiliário já não foi rececionado a tempo de receber o “visto” do Tribunal. É feita uma listagem dos móveis adquiridos e respetivos preços:

- Pequena arca: 8.901\$00
- Arca com motivos góticos: 10.924\$20
- Pequeno cofre com ferragem: 9.710\$00
- Pequena arca: 6.878\$20
- Banqueta Tudor: 30.749\$60
- Banco Tudor: 20.230\$00
- Banco Tudor: 10.924\$20
- Cadeira de braços: 19.420\$80
- Braço de ferro forjado para 3 velas: 2.670\$40
- Armário sobre o comprido: 44.506\$00
- Cadeira de espaldar alto com braços: 23.062\$20
- Genuflexório: 17.802\$40

A transportar: 205.779\$60

- Estante rotativa para livros: 21.443\$80
- Banco entalhado: 18.207\$80
- Pequena arca: 6.069\$00
- Mesa de refeitório: 10.519\$60
- Castiçais góticos (5 pares): 22.657\$60

Impostos, embalagens, seguro, transporte e despacho: 14.421\$20

Comissão do agente Dr. George Duff: 5.265\$00

Perito da Alfândega, Professor Armando Lucena 569\$50

Abertura de crédito pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e juros correspondentes: 4.758\$10

Encargo total: 309.690\$40

Desconto da firma fornecedora Wolsey, Ltd, Buckingham gate, London: 15\$21300

Encargo líquido total: 294.477\$40

65-66: **03/02/1958** – É feita a vistoria e receção das peças de mobiliário pelo Presidente do Conselho de Administração, pelo Arquitecto Chefe do Serviço de Arquitectura, Chefe de Serviço de Publicidade e Turismo e redator do mesmo serviço e ainda o Dr. Guilherme Possolo.

67-68: **06/02/1958**: A FRESS pede à AGPL autorização para algumas das peças inglesas adquiridas para a exposição da Torre de Belém figurarem na Exposição de Arte Decorativa Inglesa a realizar nas salas do museu da FRESS de 20/02/1958 a 15/03/1958.

69: **17/02/1958** – A autorização é dada pelo Chefe de Publicidade e Turismo.

71-72: **02/08/1958** – A FRESS informa a AGPL que ainda estão “por liquidar despesas da aquisição de um armário gótico comprado em França (26.259\$40) e despesas referentes à embalagem, transporte, seguro e alfândega da 2ª remessa de móveis vindos de Inglaterra” que dão um total de 59.875\$30. A FRESS pede também que seja disponibilizada uma verba de 100.000\$00 “para reembolsar os encargos já liquidados e para pagar aquisições que venham a ser feitas”.

78: **25/10/1958** – A DGEMN solicita ao Capitão do Porto de Lisboa (Alberto de Campos) a permissão para se iluminar a Torre de Belém exteriormente durante a noite.

79: **12/11/1958** – A Capitania do Porto de Lisboa concede a autorização e acrescenta que até traz “vantagens como ponto de referência para a navegação”.

80: **06/12/1958** – A FRESS comunica à AGPL que o armário gótico adquirido em França não foi cedido para a decoração da Torre de Belém e, por isso, as despesas ficaram reduzidas a 30.226\$60.

81: **16/12/1958** – A FRESS informa a AGPL que a importância a pagar pela Administração Geral é de 28.660\$30 e não de 30.226\$60, devido a um equívoco na contagem dos juros bancários.

102: **26/03/1959** – O Diretor do MNAA, João Couto, envia à AGPL os números de inventário das estátuas do museu escolhidas para integrarem na exposição da Torre.

103: **04/04/1959** – A AGPL pede ao Diretor do MNAA o empréstimo de outras esculturas de pedra ou de madeira e peças de estanho “sem interesse expositivo, existentes nesse Museu”.

82-96: **21/04/1959** – “Ação da Administração-Geral do Porto de Lisboa na valorização histórica, artística, cultural e turística da Torre de Belém” (resumo de todo o processo)

100-101: **05/08/1959** – O Ministério das Comunicações e a AGPL fazem o “Auto de receção do mobiliário artístico da Torre de Belém, a seguir indicado, cedido por empréstimo da Administração-Geral do Porto de Lisboa ao Secretariado Nacional de Informação”. Através do Auto ficou confirmado o estado das seguintes peças:

“- Da **1ª sala** mobilada (2.º piso da Torre)

a) Baú alto que se encontra colocado na parede Norte

b) Arca da parede poente

- c) Arca da parede nascente
 - Da **2ª sala** mobilada (3.º piso da Torre)
- d) Móvel da casa de jantar que se encontra numa das paredes do lado nascente
- e) Quatro bancos
 - Da **3ª sala** mobilada (4.º piso da Torre)
- f) Móvel de casa de jantar que se encontra na parede sul
- g) Estante
- h) Arca que se encontra na parede do lado Norte
- i) Cofre que se encontra sobre esta última arca
- j) Cadeira grande (num dos remates, falta um bocado)
- l) *Prie-Dieu*
- m) Banco pequeno

104: **06/04/1961** – A Casa Antiquália envia a António Cyrne e à AGPL uma lista de peças e respetivas fotografias (não estão presentes neste processo) que estão para venda e poderão interessar para a decoração da Torre de Belém

105: **27/04/1961** – António Cyrne responde que “não interessa a esta Administração-Geral, de momento, a aquisição proposta”.

106: **11/05/1961** – A Casa de Antiguidades e Objetos de Arte António Costa menciona também duas peças que poderão ser do interesse da Administração-Geral, mas também sem efeito (107: **14/06/1961**)

108-109: 15/11/1962 – António Cyrne solicita ao Diretor dos Serviços Financeiros que seja concedido um cabimento provisório para a compra de velas para os castiçais que se encontram assim distribuídos:

“Na Sala Régia (2.º piso):

- 2 castiçais com o diâmetro de 0,090

Na Sala das Receções (3.º piso):

- 2 castiçais com o diâmetro de 0,110
- 1 com o diâmetro de 0,070 e
- 1 com o diâmetro de 0,075

Na Capela (4.º piso)

- 4 castiçais com o diâmetro de 0,095”

113-114: **26/08/1963** – A Casa de Decorações Joachim Mitnizky envia a António Cyrne, a pedido do Dr. George Duff, uma fotografia de um cadeirão confessional do

século XVI que propõe para aquisição para o mobiliário da Torre de Belém com o preço de 30000\$00.

23/12/2020

Ana Almeida

Anexo 8 - Ofício de 1994 com a lista original das 21 peças incorporadas em 1958, que separa os bens adquiridos em Londres e os adquiridos em Madrid.



ADMINISTRAÇÃO DO PORTO DE LISBOA

Exmo Senhor
 Presidente do Conselho Directivo da
 Fundação Ricardo Espírito Santo Silva
 Rua de S. Tomé, 90
 1100 LISBOA

V.
 A. Senhor Dr. Eduardo
 Coelho para falarmos
 sobre este assunto
 L, 10.1.94

Vl Ref.* De N.º Ref.* 4/94 Lisboa, 94.01.05

Assunto: Mobiliário de estilo

E.t.: fazer inventário em documentos
 juntos para a Sr. Dr. Eduardo
 Coelho revistos c. a Senhora D.
 Fernando C. Freire para tratarmos
 deste assunto.
 L, 10.1.94

No seu espólio inventariado para Museu, a Administração do Porto de Lisboa possui um conjunto de mobiliário de estilo, entre o qual se destacam algumas peças Renascença e Tudor, tendo o mesmo sido adquirido à Fundação Ricardo Espírito Santo Silva no período compreendido entre 1956 e 1958, e fim de figurar na exposição histórica da Torre de Belém por ocasião das Comemorações Henriquinas (listagem em anexo).

A proveniência dos móveis bem como a sua autenticidade não se encontra esclarecida por falta de elementos de informação, havendo apenas notícia de terem sido adquiridos à Fundação que V. Exa dirige e ainda acerca do correspondente valor de compra (documento em anexo).

Com o objectivo de se estudar o interesse sobre a eventual beneficiação geral das peças em causa, solicita-se a melhor colaboração dessa Fundação no sentido de vir a apoiar a APL no processo de identificação que se impõe efectuar.

Com os melhores cumprimentos

F. R. E. S. S.	
Recebido em	1994, 1, 194
Enviado a	
N.º	22
Devolvido em	/ /
Arquivado em	/ /

Albano de Figueiredo e Sousa
 Presidente do Conselho de Administração

V.
 A. SCD para mais
 car revistos no livro
 com as senhas
 Dr. Fernando Coelho
 Freire, Dr. Eduardo
 Coelho e Mestre Abel
 para a fim de se
 poder proceder a
 identificação e ver
 ificar do estado d
 conservação das
 peças
 L, 18.1.94

Móveis adquiridos na Casa W. Welsey, de Londres:

- 7 - Pequena arca
- 8 - Arca com motivos góticos
- 9 - Banqueta Tudor
- 10 - Banco Tudor
- 11 - Banco Tudor
- 12 - Cadeira de braços
- 13 - Braço de ferro forjado para 3 velas
- 14 - Armário sobre o comprido
- 15 - Cadeira de espalder alto com braços
- 16 - Genuflexório
- 17 - Estante rotativa para livros
- 18 - Banco entalhado
- 19 - Pequena arca
- 20 - Mesa de refatório
- 21 - 5 pares de castiçais góticos

(Tudo do final do século XV, começo do século XVI)

RELAÇÃO DAS FOTOGRAFIAS DO MOBILIÁRIO

DA TORRE DE BELÉM

Móveis adquiridos em Madrid:

- 1 - Mesa de carvalho - proveniente da coleção do Barão de Cassel (século XVI). Nas gavetas, motivo decorativo representando pergaminho desenrolado. Mede 1,13 x 0,79 x 0,725.
- 2 - Armário baixo - estilo gótico, de carvalho, com duas portas + estas e o painel central vazados - recortando-se em cada uma daquelas uma janela ogival e, no painel do centro, uma rosácea. Possivelmente de fabrico inglês. Fina do século XV. Mede 1,24 x 0,88 x 0,46.
- 3 - Arca Renascença - de carvalho, com fechadura (trabalho flamengo), tampo abanado, painéis esculpidos com motivos adequados ao estilo; no painel central folhagem, volutas e uma corça, nos laterais folhagem, volutas e um grotesco. Século XVI. Mede 1,30 x 1,00 x 0,70.
- 4 - Arca de carvalho - estilo gótico, com quatro painéis esculpidos, representando pergaminho desenrolado, três fechaduras, existindo apenas uma, medindo 1,69 x 0,68 x 0,59. Princípios do século XVI.
- 5 - Arca de nogueira - estilo gótico, pintada a vermelho, cinco painéis com uma fechadura. Nos painéis, decoração representando pergaminho desenrolado. Frente, constituída de uma só peça em que se modelam os painéis, sendo o do centro mais pequeno. Assenta sobre duas travessas moldadas que lhe servem de base. Mede 1,46 x 0,67 x 0,57.
- 6 - Arca de carvalho - estilo gótico, com quatro painéis e fechaduras. Nos painéis, decoração representando pergaminho desenrolado. Princípio do século XVI. Mede 1,88 x 0,69 x 0,62.

.../...

FUNDAÇÃO RICARDO DO ESPÍRITO SANTO SILVA
MUSEU-ESCOLA DE ARTES DECORATIVAS
INSTITUTO DE UTILIDADE PÚBLICA
D. L. 39190 DE 27/4/93

Exmº Senhor
Dr. Albano de Figueiredo e Sousa
Digmº Presidente do Conselho de Administração
do Porto de Lisboa

78/94

28 de Janeiro de 1994

Exmº Senhor,

Na sequência do pedido expresso no vosso ofício refº 4/94, datado de 5/1/94, venho informá-lo da deslocação que fizemos ao armazém da A.P.L. para identificação dos móveis que estiveram em exposição permanente na Torre de Belém.

Fui acompanhada pela nossa Consultora de Mobiliário Drª Fernanda Castro Freire e pelo Encarregado Geral das Oficinas e do Restauro Sr. Manuel Abrantes Nunes. Constatámos que os móveis são todos originais, na sua maioria de proveniência inglesa, (final do séc. XV e princípio do XVI) góticos, alguns já apresentando indícios Renascentistas.

Estes móveis foram comprados no estrangeiro pelo Dr. Ricardo Espírito Santo Silva a pedido do Governo português, com o fim de decorar a Torre de Belém, recriando um ambiente da época. Estiveram em depósito nesta Fundação, onde alguns beneficiaram de pequenas intervenções de Restauro.

Já depois da morte do Dr. Ricardo Espírito Santo Silva transitaram finalmente para a Torre. Foi então que a Administração do Porto de Lisboa efectuou o seu pagamento à Fundação.

FUNDAÇÃO RICARDO DO ESPÍRITO SANTO SILVA
MUSEU-ESCOLA DE ARTES DECORATIVAS
INSTITUTO DE UTILIDADE PÚBLICA
D. L. 39180 DE 27/4/53

As peças de mobiliário encontram-se actualmente em adiantado grau de degradação, pelo que se imporia uma urgente intervenção de restauro, antes que a situação se torne irreparável - o que seria uma pena dado o seu valor: móveis desta época são raros em qualquer parte do mundo.

Com os nossos melhores cumprimentos.

A Directora Delegada



(Maria João Espírito Santo Bustorff Silva)

*Anexo 9 - Inventário de 1982 realizado na Torre de Belém pelo comissário técnico,
Sebastião Formosinho Sanchez.*


13 DEZ. 82- 2086

Exm^o Senhor
Eng^o Carneiro Pires
Direcção dos Serviços de Obras
da A.G.P.L.
R. da Junqueira, 94
1300 LISBOA

Junto enviamos cópia do inventário do mobiliário e peças existentes na Torre de Belém que, conforme nossa conversa telefónica, devem ser retiradas com a maior brevidade possível.

Com os melhores cumprimentos.

O COMISSÁRIO TÉCNICO


(S. Formosinho Sanchez)

Anexo: "Inventário do Mobiliário e Peças
Existentes na T.B. até ao dia 25.11.82"

TORRE DE BELÉM

INVENTÁRIO DO MOBILIÁRIO E PEÇAS DE ILUMINAÇÃO EXISTENTES NA TORRE DE BELÉM ATÉ AO DIA 25 DE NOVEMBRO DE 1982

1ª SALA

- 1 - Banco comprido rústico.
- 1 - Banco comprido com pés e ilhargas recortadas.
- 1 - Arca pequena e estreita com frente esculpida faltando a fechadura.
- 1 - Arca alta em carvalho com painéis esculpidos com flores e animais, tampo abaulado. Falta parte da fechadura.

2ª SALA

- 1 - Arcaz em madeira de carvalho. Faltam as portas e a grelha do painel central.
- 1 - Arca pequena muito danificada, em carvalho rústico com tampo em pança.

3ª SALA

- 1 - Escabelo rústico em carvalho, ilhargas e pés recortados.
- 1 - Escabelo com ilhargas esculpidas ao gosto da renascença. Madeira de carvalho.
- 1 - Arca apainelada com nervurados, fechando com 3 fechaduras, faltando 2.

... / ...

.. 2/..

- 1 - Mesa rústica.
- 1 - Arca com frente apainelada, com fechadura, madeira de carvalho, faltando um dos 4 pés.
- 1 - Escabelo com pés e ilhargas recortadas e perfuradas.

4ª SALA - CAPELA.

- 1 - Cadeira de espaldar alto estilo gótico em madeira de carvalho.
- 1 - Arca em estilo gótico faltando uma régua do tampo, esculpida nas três faces.
- 1 - Genuflectório com porta e estante em estilo gótico em madeira de carvalho.
- 1 - Estante de leitura com rosca, estilo rústico gótico em carvalho.
- 1 - Arca com frente esculpida em apainelado, respectivas ferragens, repousando sobre pés transversais, madeira de carvalho. Tampo muito danificado.
- 1 - Mesa gótico / renascentista com gaveta esculpida em nervurados. 4 pés com capiteis em talha baixa.
- 1 - Grande arca em estilo gótico com 3 portas e painéis esculpidos. Madeira de carvalho.
- 1 - Cadeira pequena em estilo gótico com baixos relevos nos capiteis e nervurados nos pés e ilhargas, faltando parte do espaldar. Madeira de carvalho.

... / ...

CAVE

- 9 - Castiçais em latão
- 1 - Meia lanterna
- 1 - Banco partido
- 1 - Estátua de gesso - retrato de D. Manuel com S. Jerónimo
- 3 - Lanternas grandes
- 4 - Lanternas pequenas

NAVE

- 2 - Lanternas colocadas
- 1 - meia lanterna colocada
- 13 - Canhões com respectivos carros.

LAVABOS

- 2 - Lavatórios com respectivas torneiras
- 2 - Sanitas com respectivos autoclismos.

ESCADA

- 2 - meias lanternas

... / ...

Anexo 10 - Protocolo de 2005 celebrado entre a APL e o IPM (Instituto Português de Museus).

PROCOLO 01/SG/2005

Handwritten initials and marks: "H", "9", and a signature.

Entre:

APL-Administração do Porto de Lisboa, S. A., pessoa colectiva n.º 501 202 021, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 7913, com sede na Rua da Junqueira, 94 1349-026 Lisboa, representada por Dr. Manuel Alcindo Antunes Frasquilho e por Dr.ª Sandra Raquel Ribeiro de Magalhães Vilhena Ayres, na qualidade, respectivamente, de Presidente e Vogal do Conselho de Administração, adiante designada simplesmente por APL;

Instituto Português de Museus, contribuinte n.º 502 648 732, com sede no Palácio Nacional da Ajuda, Ala Sul, 4.º Andar 1349-021 Lisboa, representada por Dr. Manuel Bairrão Oleiro, na qualidade de Director, adiante designado simplesmente por IPM;

Considerando que:

- A. A APL é uma sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos, cujos estatutos foram aprovados pelo Decreto-Lei n.º 336/98, de 3 de Novembro, sendo a continuadora de outros organismos públicos a quem o Governo confiou desde 1907 a gestão do porto de Lisboa;
- B. A importância do porto de Lisboa nos diversos domínios, institucional, económico e social, gerou um valioso património artístico, museológico e documental, que importa preservar e desenvolver;

- 71 /
- C. O IPM é um organismo de âmbito nacional subordinado ao Ministério da Cultura, cujo estatuto orgânico consta do Decreto-Lei n.º 398/99, de 13 de Outubro, tendo por atribuições, entre outras, a de promover o estudo, a salvaguarda, a valorização e a divulgação do património cultural móvel nacional, enquanto fundamento da memória colectiva e individual, factor de identidade nacional, fonte de investigação científica e de fruição estética e simbólica;
 - D. Em Janeiro de 1994 encontravam-se em depósito nos armazéns da APL diversos móveis que estiveram em exposição permanente na Torre de Belém, ao tempo da sua gestão pela APL.
 - E. A Fundação Ricardo Espírito Santo, solicitada a avaliar aquele mobiliário, veio a informar (s/ Carta 78/94) que se tratava de peças originais dos séc. XV e princípios do XVI, de estilo Gótico, mas apresentando um adiantado grau de degradação.
 - F. Em 07-07-94, o Director Adjunto da APL Dr. Manuel Abecassis, dirige-se (s/carta 77 /ACA) à Directora do IPM, comunicando-lhe: "Autoriza-me o Sr. Presidente do Conselho de Administração da APL, a pôr o referido conjunto (de móveis) à disposição de V. Exa., para que lhe seja dado o destino que melhor entender".
 - G. Se suscitou a questão de saber a quem pertence a propriedade dos referidos móveis após a sua entrega ao IPM, a coberto da autorização referida no "considerando" F, questão que mediante este protocolo ficará assente;
 - H. Existem à data actual reclamações do IPM sobre a titularidade e eventuais direitos de uso privativo de uma parcela de terreno contíguo ao Museu de Arte Popular em Belém, questão que mediante este protocolo ficará assente;
 - I. É do interesse comum de ambos os outorgantes estreitar as suas relações de cooperação, resolvendo por negociação as questões supracitadas e alargando a assistência recíproca a outras áreas de actuação;

71 -

celebram entre si o presente protocolo, nas condições fixadas nas cláusulas seguintes:

1.ª

Objecto do protocolo

O presente protocolo tem por objecto estabelecer as bases e compromissos de ambas as partes, com vista à criação de condições que favoreçam a resolução amigável de conflitos e a assistência recíproca, nas respectivas áreas de actuação de cada um dos outorgantes.

2.ª

Princípios orientadores

1. A celebração deste protocolo é determinada pela necessidade de criar sinergias positivas que permitam alcançar o objectivo enunciado nos Considerandos.
2. As partes não são determinadas na sua actuação por objectivos de lucro, mas pautam-se por critérios de racionalidade económica, pelos princípios da boa fé, da transparência e da prossecução do interesse público no âmbito das respectivas competências.

3.ª

Títulos jurídicos

O presente protocolo consubstancia a plataforma de entendimento entre as partes outorgantes, e não dispensa os instrumentos jurídicos adequados para titular os direitos, responsabilidades e obrigações de cada uma das partes, sempre que se trate de situações que careçam de um título contratual específico, ou de aprovação tutelar.

4.^a

Obrigações da APL

A APL assume as seguintes obrigações:

- a) Transmite a propriedade de 12 peças de mobiliário gótico, conforme relação constante do mapa em anexo (anexo I), que entregou em 1994 ao IPM em avançado estado de degradação e que estiveram anteriormente em exposição permanente na Torre de Belém.
- b) Providencia a publicação no Diário da República da transferência da propriedade de quatro peças classificadas, adquiridas à Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e constantes do mapa em anexo (anexo II).

5.^a

Obrigações do IPM

O IPM assume as seguintes obrigações:

- a) Disponibilizará ocasional e temporariamente a favor da APL, a título de empréstimo, as peças do mobiliário gótico, para exposição nas suas instalações, ficando esta responsável pela sua guarda e conservação e com a obrigação de as restituir nas mesmas condições que as recebeu. Tal disponibilização ocorrerá por prazo a definir e apenas quando as referidas peças não estiverem a ser utilizadas ou emprestadas a outras entidades.
- b) Visando a ideia de lançar as bases de um projecto de museu ligado ao Porto de Lisboa, e no quadro de uma futura adesão desse museu à Rede Portuguesa de Museus, presta apoio técnico na orientação de questões como o inventário e outras que se relacionam com a conservação, preservação e valorização da

colecção de peças museológicas, memória e património identificativos da instituição, mas também com a dimensão e o significado de património nacional.

- c) Recebe para acções de formação, de reciclagem e aperfeiçoamento o pessoal da APL com responsabilidades nas áreas de actuação do IPM, no sentido de partilhar os custos e os esforços para uma utilização mais eficaz do património museológico da APL.
- d) Colabora na organização, com base numa ampla consulta, de um projecto de guia prático (no sentido da concepção e avaliação) de utilização do território ribeirinho do estuário do Tejo, constituindo itinerários turísticos-culturais de núcleos históricos, exemplos da arqueologia industrial e portuária.

6.ª

Revogação de protocolos anteriores

As partes acordam declarar extinto o acordo assinado em 24 de Maio de 1995, comprometendo-se reciprocamente a providenciar a resolução de quaisquer contenciosos relacionados com a instalação do Museu das Crianças naquela parcela de domínio público afecta à APL, não reclamando mais o IPM qualquer direito sobre a referida parcela.

7.ª

Disposição final

As partes declaram que entre elas não existem actualmente outros aspectos a resolver e que se obrigam a negociar e resolver amigavelmente qualquer dúvida ou dificuldade decorrente do presente protocolo.

Feito em Lisboa em duplicado, aos 24 dias do mês de Outubro de 2005, ficando um exemplar para cada parte

APL – Administração do Porto de Lisboa, S.A.



Andréia Henriques

Instituto Português de Museus



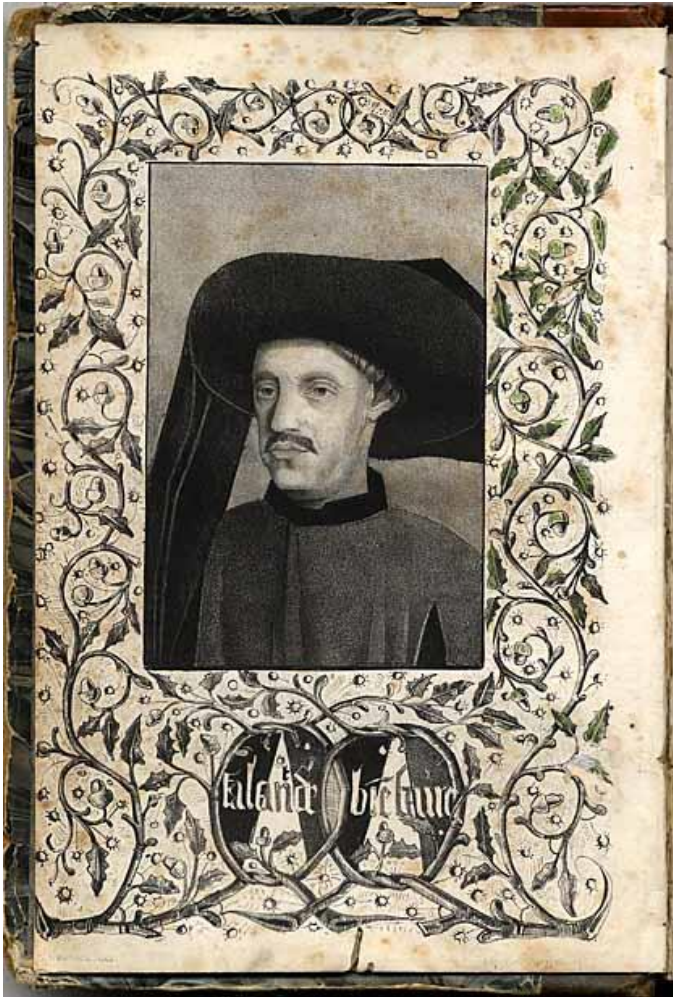
Lista das 12 peças de mobiliário e castiçais doados ao IPM

- Arca de carvalho, estilo renascença com fechadura (trabalho flamengo), mede 1,30x1x0,70
- Arca de carvalho, estilo gótico, três fechaduras, existindo apenas uma, mede 1,69x0,68x0,59
- Arca de nogueira, estilo gótico, cinco painéis, mede 1,46x0,67x0,57
- Arca de carvalho, estilo gótico, com quatro painéis e fechadura, mede 1,88x0,69x0,62
- Uma mesa em carvalho;
- Duas pequenas arcas;
- Um cofre com ferragens;
- Um banco Tudor;
- Um genuflexório;
- Uma estante rotativa para livros;
- Um banco entalhado;
- Cinco pares de castiçais góticos;

Lista de peças classificadas, propriedade da APL

- Uma arca pequena abaulada
- Uma cadeira de braços, tipo estadela
- Um banco corrido, com trabalho de talha
- Um armário sobre o comprimento

Figura 1 - Infante D. Henrique na iluminura do códice *Crónica dos Feitos de Guiné*, na edição de 1841 dada a conhecer pelo Visconde de Santarém. Retirada da Biblioteca Nacional de Portugal.



Fonte:

<https://catalogo.bnportugal.gov.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bn&source=~!bnp&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!425375~!2&ri=1&aspect=subtab13&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=lus%C3%83%C2%ADadas&index=.TW&uiindex=&aspect=subtab13&menu=search&ri=1>

Figura 2 - Painel do Infante, da autoria de Nuno Gonçalves, localizado atualmente no Museu Nacional de Arte Antiga.



Fonte: *Matriznet*.

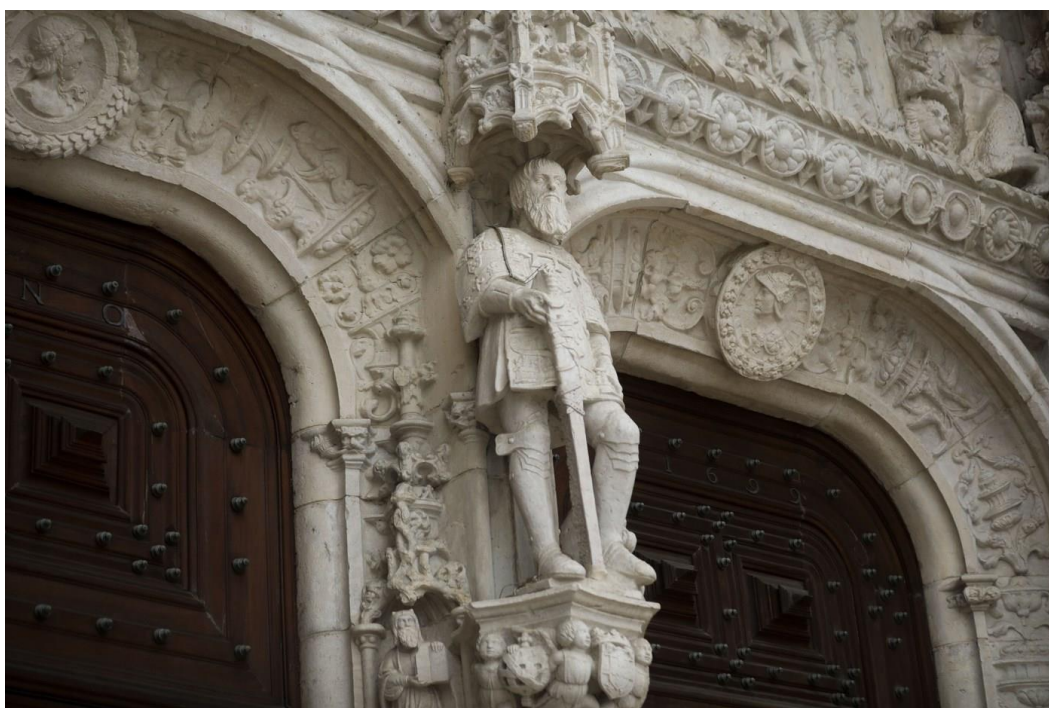
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=252075>

Figura 3 - Túmulo do Infante D. Henrique no Mosteiro da Batalha.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/51203007059/in/photolist-drG8jH-6j5Bhz-8xfj56-FS4XZ-o5NmDU-onhnbL-dabf8y-2kPYhSk-5d7rfV-2kNZa7D-2m1CN7x>

Figura 4 - Infante D. Henrique no portal sul do Mosteiro dos Jerónimos.



Fonte: <https://www.publico.pt/culturaipsilon/paineis-sao-vicente/quem-e-quem-nos-paines>

Figura 5 - Infante D. Henrique no coruchéu da Igreja do Convento de Cristo.



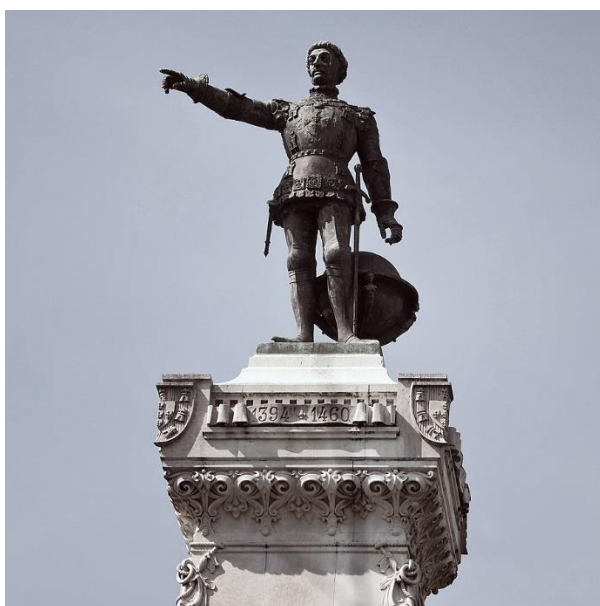
Fonte: <https://viajarconelarte.blogspot.com/2014/10/el-convento-de-cristo-de-tomar-i-su.html>

Figura 6 - Infante D. Henrique na fachada do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro.



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:2018_Rio_de_Janeiro_-_Fachada_do_Real_Gabinete_Portugu%C3%AAs_de_Leitura_-_Infante_Dom_Henrique.jpg

Figura 7 - Estátua do Infante D. Henrique, na Praça do Infante D. Henrique, Porto.



Fonte:

[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Est%C3%A1tua_do_Infante_D._Henrique,_Porto_\(17782365305\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Est%C3%A1tua_do_Infante_D._Henrique,_Porto_(17782365305).jpg)

Figura 8 - Estátua do Infante na Exposição Colonial de Vincennes, em Paris, 1931.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/36205704564/in/photostream/>

Figura 9 - Estátua do Infante D. Henrique, da autoria do escultor Simões de Almeida (sobrinho) em Vila Franca do Campo, São Miguel, Açores.



Fonte: <http://www.icpd.pt/arquivo/ver.php?id=1421>

Figura 10 - Pintura O Sonho do Infante (1905) de José Malhoa, no Museu Militar.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/biblarte/25092922867/in/photolist-EenMKa>

Figura 11 - Estátua do Infante D. Henrique, da autoria de Salvador Barata Foyo, na Praça Portugal, Brasília.



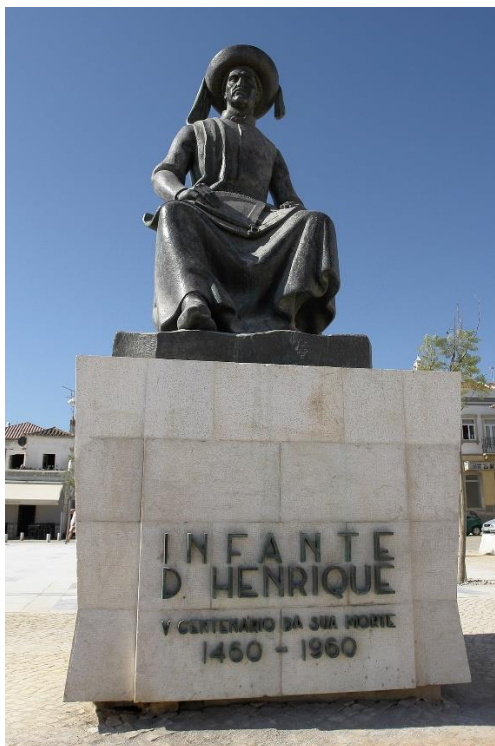
Fonte: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/03/07/comeca-nesta-terca-10-projeto-de-revitalizacao-da-praca-portugal/>

Figura 12 - Pormenor do Infante D. Henrique, no Padrão dos Descobrimentos.



Fonte: <https://arquivomunicipal3.com-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1303753&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

Figura 13 - Estátua do Infante D. Henrique em Lagos, da autoria de Leopoldo de Almeida.



Fonte: <https://fototeca.cm-lagos.pt/monumentos-e-patrimonio/estatua-infante-d-henrique>

Figura 14 - Estátua do Infante D. Henrique, em Viseu, da autoria de Joaquim Martins Correia.



Fonte: <https://www.culturacentro.gov.pt/pt/museus/museu-virtual-de-arte-publica/viseu/viseu/infante-d-henrique/>

Figura 15 - Estátua do Infante D. Henrique, em Tomar, da autoria de Henrique Moreira.



Fonte: <https://www.e-cultura.pt/artigo/19347>

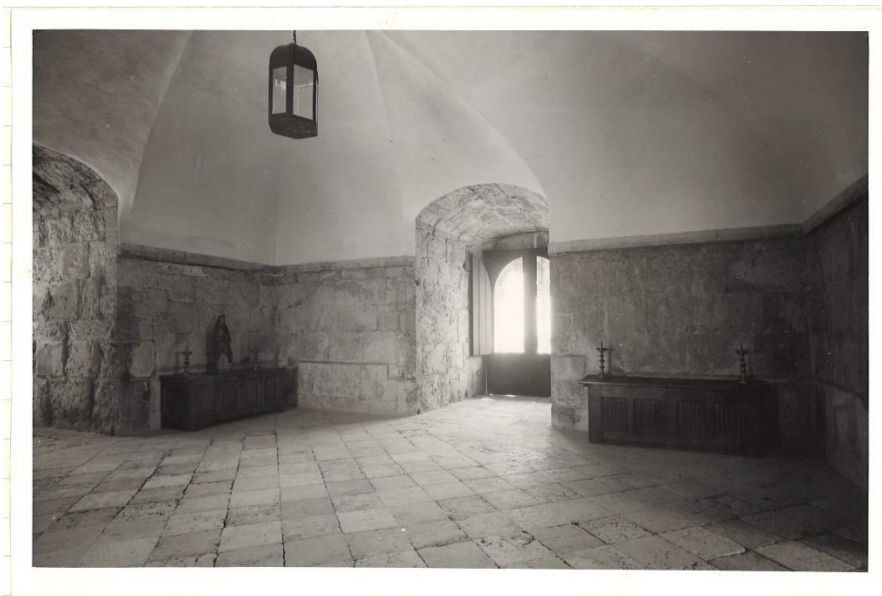
Fotografia 1 - *Aspeto da Exposição Histórica na Torre de Belém (sala do Governador - 1º piso), 1960.*



Fonte: Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra.

<https://www.arquivoportoslisboasetubalsesimbra.pt/arquivo/details?id=56462>

Fotografia 2 – *Interior da Torre de Belém - sala do 2º piso (sala Régia).*



Fonte: Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra.

<https://www.arquivoportoslisboasetubalsesimbra.pt/arquivo/details?id=56462>

Fotografia 3 - Interior da Torre de Belém - sala do 2º piso (sala Régia).



Fonte: Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra.

<https://www.arquivoportoslisboasetubalsesimbra.pt/arquivo/details?id=56463>

Fotografia 4 - Interior da Torre de Belém - sala das Audiências (3º piso).



Fonte: Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra.

<https://www.arquivoportoslisboasetubalsesimbra.pt/arquivo/details?id=56464>

Fotografia 5 - Interior da Torre de Belém - sala das Audiências (3º piso).



Fonte: Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra.

<https://www.arquivoportoslisboasetubalsesimbra.pt/arquivo/details?id=56465>

Fotografia 6 - Interior da Torre de Belém - sala do Oratório 4º piso.



Fonte: Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra.

<https://www.arquivoportoslisboasetubalsesimbra.pt/arquivo/details?id=56466>

Fotografia 7 - Interior da Torre de Belém - sala do Oratório 4º piso.



Fonte: Arquivo dos Portos de Lisboa, Setúbal e Sesimbra.

<https://www.arquipoportolisboasetubalsesimbra.pt/arquivo/details?id=56467>

Fotografia 8 - Arca renascença com tampo abaulado, trabalho flamengo do século XVI.



Fotografia 9 - Possíveis arcas, sendo que duas destas poderão ser as mencionadas na “Relação das fotografias do Mobiliário da Torre de Belém” – 1958.



Fotografia 10 - Possíveis arcas, sendo que duas destas poderão ser as mencionadas na “Relação das fotografias do Mobiliário da Torre de Belém” – 1958.



Fotografia 11 - “Arca de estilo gótico, de nogueira, pintada de vermelho (a pintura foi tirada no processo de restauro), cinco painéis, com uma fechadura” - “Relação das fotografias do Mobiliário da Torre de Belém” – 1958. Mencionada como “escabelo” no relatório redigido pela Diretora Dalila Rodrigues.



Fotografia 12 - Genuflexório “com porta e estante em estilo gótico em madeira de carvalho” e banco Tudor de genuflexório.



Fotografia 13 - “Estante de leitura com rosca, estilo rústico gótico em carvalho”.



Fotografia 14 - Tampo e pés duplos separados da mesa de refeitório.

